

Protestos Sociais em Marrocos

Hugo Miguel Maia da Silva Pereira

Dissertação de Mestrado em Antropologia

Maio de 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários

à obtenção do grau de Mestre em Antropologia,

realizada sob a orientação científica de

Prof. Doutora Maria Carneira da Silva



Imagem de uma manifestação do Movimento 20 de Fevereiro em Rabat, realizada no dia 21 de fevereiro de 2012, celebrando o primeiro aniversário deste movimento. No cartaz lê-se: “O regime quer a queda do povo” (Fotografia do autor desta dissertação).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a Prof. Dra. Maria Cardeira da Silva, pelos conselhos, correções e sugestões bibliográficas.

À minha amiga e colega Raquel Carvalheira pelas conversas académicas, sugestões e amizade.

Ao Youness Belghazi pela disponibilidade em se encontrar tantas vezes comigo, por todas as explicações sobre o M20F, pelos ensinamentos sobre a língua marroquina, pelas trocas de ideias, pela amizade, pela visita guiada a Salé, pela paciência em traduzir comigo duas canções de Lhaqed e pelos contactos que me facultou.

À Virginia pelos contactos que me facultou e pelas conferências onde me levou.

Ao Prof. Dr. Abdeljelil Larbi, por todas as conversas que tivemos sobre a Tunísia e pela amizade.

À minha amiga e colega investigadora, Hayat al-Hani, com quem me cruzei em Rabat durante o seu trabalho de campo sobre o M20F. Pela troca de ideias, informações e material bibliográfico.

Ao Karim e à Hasnae pela amizade, os comentários sobre a sociedade marroquina e os ensinamentos sobre a língua marroquina. Yellins Mahtat, pelas mesmas razões e pelo acesso à biblioteca do Nimar – Insitituto Neerlandês de Marrocos, fora do horário de abertura.

Ao diretor do Nimar – Insitituto Neerlandês de Marrocos, Jan Hoogland, por me disponibilizado os seus registos audiovisuais de conferências no Nimar.

A todas as pessoas que entrevistei e a todos os ativistas com quem conversei, sem os quais nunca teria conseguido fazer esta dissertação.

A todas as pessoas que eu possa ter-me esquecido de mencionar e que foram importantes.

À Diana pelas enormes ajudas e, sobretudo, pelo amor.

Aos meus pais pelo auxílio e pela paciência em me aturarem nas minhas breves estadias em Lisboa.

Protestos Sociais em Marrocos

Autor: Hugo Miguel Maia da Silva Pereira

RESUMO

Esta dissertação debruça-se sobre o impacto da chamada primavera árabe em Marrocos, onde por influência dos vários protestos sociais noutros países a partir de dezembro de 2010, nomeadamente na Tunísia, Egito, Iémen, Líbia e Síria, se formou o Movimento 20 de Fevereiro (M20F), um movimento de jovens que pretende não ter líderes e que adota como slogan principal “liberdade, dignidade e justiça social”. Desde a sua criação, que este movimento reclama uma maior democratização da sociedade e protesta contra o autoritarismo, a falta de transparência, a má governação e a corrupção, exigindo mais respeito pelos direitos humanos, apesar de se compor de várias tendências sobre estas questões, que por vezes entraram em conflito. Este movimento é visto do ponto de vista histórico em relação não apenas aos outros movimentos similares nos outros países árabes mas também a outros movimentos que o precederam desde a independência de Marrocos em 1956 até ao período imediato que antecedeu a sua criação, traçando uma genealogia do atual M20F, contrariando a ideia generalizada de um certo adormecimento político e social reinante nos países árabes em todo o período contemporâneo que antecedeu a primavera árabe, assim como a ideia de que apenas os movimentos islamistas são os únicos capazes de dinamizar protestos sociais nestes contextos. O primeiro impacto do M20F ao nível institucional, foi a rápida resposta do rei de Marrocos prometendo uma reforma constitucional com maiores garantias ao nível da democratização. Tendo em conta que o acesso generalizado à Internet potenciou o funcionamento de estruturas em rede a nível global e regional, será analisada a importância dos blogues e novos média na renovação do espaço público e o impacto das redes sociais online na mobilização e organização dos movimentos sociais. Os recentes protestos sociais serão ainda sujeitos à análise através dos seus slogans e performances de rua, nomeadamente as manifestações, bem como as expressões artísticas que lhe estão associadas.

PALAVRAS-CHAVE: democracia, direitos humanos, Marrocos, Movimento 20 de Fevereiro, movimentos sociais, primavera árabe, protestos

Social Protests in Morocco

Author: Hugo Miguel Maia da Silva Pereira

ABSTRACT

This dissertation focuses on the impact of the so-called Arab Spring on youth in Morocco, where, under the influence of various social protests in other countries such as Tunisia, Egypt, Yemen, Libya and Syria, the 20th February Movement (M20F) was created. This latter is a youth movement that alleges it does not have leaders and adopts "freedom, dignity and social justice" as its main slogan. Since its creation, the movement has called for a greater democratization of society and more human rights, while protesting against authoritarianism, lack of transparency, poor governance and corruption, despite the sometimes different or even conflicting views on these issues of the various trends this movement contains. From a historical point of view, this movement is related not only to other similar movements across other Arab countries, but also to other movements in Morocco that preceded it, since the Moroccan independence in 1956 until the period immediately before its creation. I argue that these movements shape a genealogy of the current M20F and contradict widespread ideas such as a reigning political and social numbness associated with the Arab countries throughout the contemporary period prior to the Arab Spring or the fact that Islamist movements are the only ones capable of articulating social protests in these contexts. At the institutional level, the first impact of the M20F was the rapid response of the king of Morocco who promised a constitutional reform granting bigger warranties when it comes to democratization. Given that widespread access to the Internet increased the efficiency of networks at both global and regional levels, I will analyze the role of blogs and new media in redefining the public space and the impact of online social networks in mobilizing and organizing social movements. The recent social protests will be primarily analyzed through their slogans and street performances, namely the demonstrations, followed by the artistic forms of expression associated with the movement.

KEYWORDS: democracy, human rights, Morocco, 20th February Movement, social movements, arabic spring, protests

ÍNDICE

Lista de abreviaturas	a
Notas sobre o sistema de transcrição de vocábulos árabes	c
Introdução	1
Metodologia e estrutura	7
Capítulo I — Marrocos, uma contextualização	
I. 1 — Contextualização	13
I. 2 — Alguns atores da sociedade civil e política	18
Capítulo II — Esboço histórico do Movimento 20 de Fevereiro	
II.1 — Os antecedentes	22
II.2 — Os primeiros passos	53
II.3 — 20 de fevereiro de 2011 — o primeiro dia nacional de protestos	65
II.4 — 9 de março de 2011 — a resposta do rei	71
II.5 — Os protestos continuam	73
Capítulo III — Blogues, novos média e redes sociais <i>online</i>	
III.1 — Blogues e média <i>online</i>	79
III.2 — Redes sociais <i>online</i>	90
Capítulo IV — Manifestações e expressões artísticas	
IV.1 — Os slogans	95
IV.2 — Performance dos protestos coletivos de rua	105
IV.3 — Expressões artísticas do M20F	107
Conclusão	112
Bibliografia/Videografia	116
Bibliografia complementar.....	120
Videografia.....	122

Apêndices	123
Apêndice A: Lista de slogans recolhidos utilizados pelo M20F	124
Apêndice B: Letras e tradução de duas canções de Lhaqed.....	138
Apêndice C: Primeiro comunicado do MLEDM (27/1/2011).....	142

LISTA DE ABREVIATURAS

OBSERVAÇÃO: Quando os acrónimos em francês coincidem com o português, apresenta-se a tradução. Quando não coincidem mantém-se o francês. Quando não há acrónimos em francês, estes baseiam-se na transliteração do árabe.

AMDH	Associação Marroquina dos Direitos Humanos
ANDCM	<i>Association nationale des diplômés chômeurs du Maroc</i>
ar.	Árabe. Usado para a língua árabe em geral.
ar. mar.	Árabe marroquino
ATTAC	<i>Association pour la Taxation des Transactions financière et l'Aide aux Citoyen</i> . Na dissertação refere-se sempre à <i>ATTAC – Maroc</i> .
BM	Banco Mundial
CCDH	Conselho Consultivo dos Direitos Humanos
CDT	Confederação Democrática do Trabalho
CNAM20F	Conselho Nacional de Apoio ao Movimento 20 de Fevereiro
CNI	Congresso Nacional <i>Ittiḥādiyy</i>
FDT	Federação Democrático do Trabalho
FMI	Fundo Monetário Internacional
GAI	Gruopo <i>al-‘adl wa-l-Iḥsān</i>
IER	Instância para a Equidade e a Reconciliação
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgéneros
LTDH	Liga Tunisina dos Direitos Humanos
M20F	Movimento 20 de Fevereiro
MAP	<i>Maroc Presse</i>
MLEDM	<i>Mouvement pour la liberté et la démocratie maintenant</i>
MUR	Movimento Unidade e Reforma
OADP	Organização da Ação Democrática Popular
OCI	Organização da Cooperação Islâmica
ONG	Organização Não Governamental
PADS	<i>Parti de l'avant-garde démocratique et socialiste</i>

PCM	Partido Comunista Marroquino
PI	Partido <i>al-Istiqlāl</i>
PLS	Partido da Libertação e do Socialismo
PPS	Partido do Progresso e do Socialismo
PSD	Partido Socialista Dusturiano
PSU	Partido Socialista Unificado
RASD	República Árabe Sarauí Democrática
UGET	União Geral dos Estudantes da Tunísia
UGTM	União Geral dos Trabalhadores de Marrocos
UGTT	União Geral dos Trabalhadores da Tunísia
UMT	União Marroquina do Trabalho
UNEM	União Nacional dos Estudantes de Marrocos
UNFP	União Nacional das Forças Populares
USFP	União Socialista das Forças Populares
<i>var.</i>	variante. Usado quando se sugere uma alternativa de tradução.
VD	Partido A Via Democrática

Notas sobre o sistema de transcrição de vocábulos árabes

No que respeita aos vocábulos da língua árabe padrão, tanto na sua versão moderna como clássica, será utilizada a norma académica ALA-LC (American Library Association - Library of Congress)¹, pela sua frequência de uso em trabalhos académicos e de catalogação. Decidi não utilizar a versão de transliteração simplificada que José Pedro Machado utiliza no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa para o árabe*. Apesar da vantagem desta em utilizar letras mais próximas da norma ortográfica portuguesa — por exemplo o x em vez do sh — e da sua forma original de distinguir a *tā' marbūtah* como *â*, a diferenciação de certas letras por meio das versões minúsculas e maiúsculas torna-se contraproducente ao nível tipográfico.

Tabela de resumo da norma ALA-LC

ء - '	ر - r	غ - gh	ي - y
ب - b	ز - z	ف - f	ة - h / t
ت - t	س - s	ق - q	َ - a
ث - th	ش - sh	ك - k	ِ - i
ج - j	ص - ş	ل - l	ُ - u
ح - ħ	ض - ḍ	م - m	آ - ā
خ - kh	ط - ṭ	ن - n	آي - ī
د - d	ظ - ṣ	ه - h	و - ū
ذ - dh	ع - '	و - w	او - aw / آي - ay

No entanto, existem duas regras da norma ALA-LC que não serão seguidas. A regra 6a que estipula que a *alif maqṣūrah* seja grafada como “á” e a regra 17c relativa ao artigo *al*. No primeiro caso, a *alif maqṣūrah* será transcrita por *ā*, como acontece na nova edição da *Encyclopédie de l'Islam*. Esta opção teve em conta a facilidade com que em português o *á* seria confundido com um simples acento agudo marcando a sílaba tónica. Relativamente ao segundo caso, decidi seguir

¹ O manual de uso desta norma está disponível no sítio Web da Biblioteca do Congresso dos EUA na ligação <http://www.loc.gov/catdir/cpsa/romanization/arabic.pdf>, acedido em 2012/09/03.

também a norma de outros sistemas de transcrição, como a usada na nova edição da *Encyclopédie de l'Islam* e a norma ISO 233-2, que assimilam o artigo definido às letras solares. Assim, por exemplo, الشرق será transcrito por *ash-sharq* em vez de *al-sharq*.

Relativamente à transcrição de vocábulos do árabe marroquino, apesar de seguir grosso modo a mesma tabela do árabe padrão em cima reproduzida, irei adotar algumas normas usadas por linguistas especialistas nesta língua, nomeadamente Abderrahim Youssi², Dominique Caubet³ e Jordi Aguadé⁴. Assim, acrescentam-se algumas ênfases distintivas presentes na língua marroquina: *ḥ*, *ṣ*, *ḷ*, *ḡ*, *ṛ*. Mais importante será o uso da letra *ʾ* — referida como *shevah*, nome de um dos *niqqud* da ortografia hebraica. Um pouco à semelhança do hebraico, a *shevah* representa vários sons que podem oscilar entre um *e* muito curto quase próximo de uma ausência vocálica e um *a* muito curto. Não se deve confundir esta letra com uma ausência de vogal. Veja-se o caso entre *balgha* e *blāghī*; na primeira palavra a sheva serve como um apoio fonético pela impossibilidade de pronunciar duas consoantes seguidas sem vogal; na última palavra a primeira vogal longa eliminou a necessidade do apoio da *shevah* na primeira sílaba, começando a palavra com duas consoantes seguidas. Outras vogais que poderão eventualmente ser empregues são *ē* e *ō*. A consoante escrita por گ ou ك e por vezes كُ, será transcrita por *g*. Na transliteração de vocábulos marroquino, a *tā' marbūtah* não é assinalada com “h” ou “t” como na norma ALA-LC.

No caso da toponímia e alguma antroponímia marroquina optei pelo uso da norma portuguesa⁵ nos casos em que ela exista. No restantes casos, optei por transcrever segundo a transcrição francesa corrente em Marrocos e, por isso, não aparecerão em itálico, com o qual serão destacados os restantes termos árabes e marroquinos⁶.

As transliterações incluídas em citações serão mantidas no original.

Note-se ainda que em casos muito pontuais poderão aparecer transcrições abundantemente utilizadas pelos internautas para escreverem árabe com caracteres latinos,

² Youssi, A. (1992). *Grammaire et lexique de l'arabe marocain moderne*. [Edições] Wallada, Casablanca

³ CAUBET, D. (1993). *L'arabe marocain. Tome 1 : phonologie et morphosyntaxe. Tome 2 : syntaxe et catégories grammaticales, textes*, Éditions Peeters, [coleção] Études chamito-sémitiques — Langues et littératures orales, Paris-Louvain.

⁴ AGUADÉ, J. e Laila Benyahia (2005). *Diccionario árabe marroquí*, Quorum Editores, Cádiz.

⁵ Exemplo: Tetuão em vez de *Tiṭwān* (ar.) ou *Tétouan* (fr.), mas Kénitra (fr.) em vez de *Qəniṭra* (ar. mar.) ou *al-Qunayṭarah* (ar. padrão).

⁶ Por esta razão e a título de exemplo, irei utilizar Mohammed em vez de Muḥammad para me referir ao rei de Marrocos ou outras personagens marroquinas contemporâneas com o mesmo nome, mas irei utilizar Muḥammad para outras figuras mais históricas, como o profeta Muḥammad, consciente que esta opção possa revelar alguma incoerência académica. Nas monografias de Dale Eickelman, por exemplo, utiliza-se em todos os casos a versão Muḥammad, que academicamente seria mais correta e coerente. Note-se porém que em Marrocos, apesar do francês não ser língua oficial, os documentos nacionais de identificação são bilingues (árabe/francês) e transcrevem os nomes para a ortografia latina com base no francês, sendo estas transcrições consideradas oficialmente válidas e muitas pessoas assinam com a versão francesa dos seus nomes.

nomeadamente os seguintes números:

2	ء
3	ع
6	ط
7	ح
9	ق

INTRODUÇÃO

“Gostas da Tunísia?” perguntou-me em francês um desconhecido num café numa bela tarde de primavera em Ḥalq al-Wād, um subúrbio de Tunes. No Norte de África é frequente encetar conversa com desconhecidos em certos espaços de convívio social como os cafés. Na altura, nos anos de 2001 e 2012, encontrava-me na Tunísia a fazer um curso avançado de língua árabe padrão. “Sim, se não não estava aqui”, respondi eu. “Mas aqui na Tunísia não há uma verdadeira democracia, pois não?” continuou o meu interlocutor espontâneo a inquirir. Na realidade, não me lembro exatamente como começou a conversa, mas lembro-me muito bem como acabou, com a minha resposta evasiva e distraída de quem nem sequer tivesse compreendido a questão: “Aqui na Tunísia há praias muito bonitas, gosto muito”. Pela primeira vez, tinha percebido nitidamente como um certo medo reinante e omnipresente podia penetrar na forma de como uma pessoa interagir com os outros. A realidade social envolvente havia-me ensinado que certas conversas não eram, por prudência, passíveis de se desenrolarem, exceto com em quem se pudesse realmente confiar e mesmo assim... Nestas circunstâncias, a confiança é por sua vez é um fator ambíguo e difícil de avaliar. Algumas vezes ouvi a afirmação de que o ex-presidente da república Ben Ali havia dotado a Tunísia de um aparelho securitário onde haveria “um polícia por cada cidadão”¹. Um professor universitário que me relatava alguns episódios da sua vida de estudante e como se escondia com os seus colegas no cemitério para fugir da polícia, ao ser questionado sobre se alguma vez tinha sido preso, respondeu-me “claro que sim!... quero dizer, felizmente nunca estive numa *prisão pequena*, mas desde que nasci estou encarcerado numa *grande prisão* que se chama Tunísia”.

Esta dissertação não toma a Tunísia como um contexto de investigação, mas foi aí que tudo começou, dez anos depois dos episódios previamente relatados. Refiro-me ao fenómeno que ficou conhecido pelo nome “primavera árabe”, amplamente usado pelos média e oportunamente adotado pelo vocabulário de diversos políticos e até mesmo analistas. Em 14 de janeiro de 2011, o

1 A afirmação foi-me repetida por diferentes pessoas da Tunísia. A afirmação não é de forma alguma aqui apresentada com objetivo de usar um dado estatístico rigoroso, mas sobretudo para ilustrar o clima policial da Tunísia. Várias vezes observei que na categoria de “polícia” se engloba também uma rede de informadores e colaboradores, geralmente taxistas e comerciantes. Vincent Geisser, investigador do *Institut de recherches et d'études sur le monde arabe et musulman*, afirma numa entrevista publicada a 31/1/2011 na Internet que “La France compte 60 millions d'habitants, la Tunisie 9 millions. Pourtant les deux pays ont quasiment le même nombre de policiers : 135.000. C'est énorme ! La Tunisie est l'un des pays qui comptent le plus de policiers par habitant.” (<http://www.bastamag.net/article1401.html>, acedido em 5/9/2012).

então presidente da República da Tunísia foge para a Arábia Saudita, depois das revoltas populares que haviam começado um mês antes. Lembro-me ao ver as primeiras notícias na televisão nesse dia, que a minha primeira reação foi perguntar-me “será isto o fim do medo?”.

Nos dias seguintes, outros países ditos “árabes” também conheceram importantes movimentos sociais, aparentemente influenciados pelo exemplo tunisino, tais como o Egito, o Iêmene, a Líbia ou o Barém. Todos estes países, apesar de serem conhecidos geralmente pelo adjetivo “árabe” — existindo aliás uma organização internacional na qual são membros e que se denomina “Liga dos Estados Árabes” —, são governados por sistemas políticos muito diferentes uns dos outros, mesmo tendo em conta o elevado grau de autoritarismo reinante em muitos deles. As diferentes realidades sociais e culturais de cada um provocaram não só diferentes resultados políticos, como o próprio processo de contestação social seguiu caminhos diferentes em cada um deles. Uma redução significativa e coletiva do *medo* poderá ser um dos poucos fatores em comum entre os protestos sociais dos países em questão.

Marrocos é um destes países por onde passou a chamada “primavera árabe”. Também em Marrocos várias vezes ouvi a metáfora da pequena e da grande prisão. O meu objetivo nesta dissertação é investigar qual o impacto deste fenómeno transnacional de protestos sociais no contexto marroquino, nomeadamente através do movimento que ficou conhecido como “Movimento 20 de Fevereiro” (M20F) e analisar o protagonismo dos jovens neste movimento, visto que ele também se apresenta com o nome “Jovens do 20 de Fevereiro”². Apesar do M20F não se apresentar necessariamente como um movimento de jovens, mas como um movimento aberto a todos, os jovens adquiriram um protagonismo específico, nomeadamente na sua dinamização, mas sem monopolizar as suas performances públicas. O M20F pretende ser um movimento sem líderes, sem estrutura organizativa formal e que a partir de inícios de 2012 organizou diversas manifestações simultâneas em várias cidades, sem ter um organismo centralizado e hierarquizado ao nível nacional.

Charles Titty (1994: 7) define movimento social como a *“sustained challenge to powerholders in the name of a population living under the jurisdiction of those powerholders by means of repeated public displays of that population's numbers, commitment, unity, and*

2 Respetivamente: *ḥarakat 'ishrīn fibrāyir / shabāb 'ishrīn fibrāyir*. Prefiro traduzir o termo árabe *shabāb* não pelo seu sentido literal de “juventude”, mas por “jovens” apesar do termo retro-correspondente em árabe ser *shubbān*. Note-se que em árabe marroquino usa-se muito *shabāb* como plural de “jovem” e as próprias faixas do M20F exibem em francês a expressão “Jeunes du 20 Février”, daí a minha escolha. No entanto, este movimento será referido ao longo desta dissertação sobretudo pela abreviatura M20F.

*worthiness*³. Os movimentos sociais constituem-se como uma das formas de política contenciosa ou contestatária (*contentious politics*), tais como as revoluções ou as greves. McAdam, Tarrow & Tilly (2001: 5) definem *contentious politics* como “episodic, public, collective interaction among makers of claims and their objects when (a) at least one government is a claimant, an object of claims, or a party to the claims and (b) the claims would, if realized, affect the interests of at least one of the claimants”. Nesta definição, estes autores excluem a continuidade de certos eventos, como as eleições parlamentares, assim como a afirmação de reivindicações (*claim making*) que ocorrem “entirely within well-bounded organizations, including churches or firms” (McAdam, Tarrow & Tilly 2001: 5). Partindo desta definição, Tilly (2004: 3) considera que os movimentos sociais são contestatários (*contentious*) “in the sense that social movements involve collective making of claims that, if realized, would conflict with someone else's interests” e que são políticos “in the sense that governments of one sort or another figure somehow in the claim making, whether as claimants, objects of claims, allies of the objects, or monitors of the contention”.

Apesar de uma boa generalidade da literatura académica sobre movimentos sociais não se debruçar sobre esta problemática em contextos árabes e islâmicos, certos autores, como os acima citados, acabaram por se revelarem mais úteis do que outros que elegeram estes contextos para as suas investigações, tendo dado uma certa primazia à questão da religião islâmica como fator preponderante na estruturação de movimentos sociais (Eickelman e Piscatori 2004 [1996], Eickelman e Salvatore 2006, Mahmood 2006, Wiktorowitz 2004)⁴. Por outro lado, autores como Asef Bayat mostraram-se essenciais para compreender fenómenos de rebelião não organizada e de redes informais nesses contextos, que apesar de geralmente não se constituem em movimentos sociais, podem em certas condições assumir essa forma (Bayat 1997), tendo esses fenómenos jogado a sua importância nas recentes revoltas em contextos árabes e islâmicos (Buttler 2011).

Não deixo de observar que penso que a expressão “contextos árabes e islâmicos” comporta de certa maneira o perigo de se reduzir o contexto da investigação à categoria de “árabe” e/ou “islâmico”. Em Marrocos, como em outros países vizinhos ditos árabes, uma boa parte da população não se reclama da ideia de ser árabe, mas identifica-se como sendo amazighe. Do ponto

3 Sublinhado no original.

4 Ao longo desta dissertação irei recorrer a diversos textos que são exceção a este fator. Apesar das suas referências bibliográficas serem oportunamente mencionadas, não deixo de aqui indicar que alguns destes ensaios são extraídos de várias obras coletivas, nomeadamente LIAUZU, C. et al. (1985). *Enjeux urbains au Maghreb: crises, pouvoirs et mouvements sociaux*, L'Harmattan, Paris; ROWN, Kenneth et al. (ed.) (1989). *État, ville et mouvements sociaux au Maghreb et au Moyen-Orient*, L'Harmattan, Paris; Le SAOUT, Didier & Marguerite ROLLINDE (dir.), (1999). *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb*, Karthala, Paris; BENNANI-CHRAÏBI, Mounia e FILLIEULE, Olivier (dir.) (2003), *Résistances et protestations dans les sociétés musulmanes*, Presses de Sciences Po, Paris.

de vista histórico, a presença de populações amazighes é muito mais antiga do que a conquista dos árabes do Norte de África a partir do século VII, havendo vários grupos que se reclamam da amaghidade como bandeira política⁵. No que diz respeito à aplicação da categoria “islâmico”, esta implica reduzir todas as formas de protesto social a um discurso que teria como idioma único a religião, pondo-se de parte “a wide variety of movements – ethnic, feminist and young peoples – that might or might not, be mobilised by religion” (Cardeira da Silva 2006: 74). Quando se fala de movimentos sociais em contextos árabes e islâmicos há que ter em conta que nem sempre eles são árabes ou islâmicos. O conceito é aqui usado, mais por tradição académica do que outra razão, para fazer referência a um vasto conjunto de redes de relações sociais onde ser árabe ou muçulmano poderá eventualmente ter alguma importância mas não necessariamente. Isto não significa que eu tente negar a importância do fator “árabe” e/ou “islâmico” na composição do puzzle identitário nestes contextos, mas que em termos analíticos estes fatores não podem ser essencializados ou generalizados. Como exemplo ao nível do indivíduo atomizado, um marroquino pode não ser árabe e alguém que tenha nascido num país onde o islão é religião oficial ou fortemente predominante pode, por nascimento ou escolha, ser crente de outra religião, não ter de forma alguma uma crença religiosa ou simplesmente não elaborar um discurso político baseado na religião islâmica ou outra.

Por outro lado, falar mais especificamente de “protestos sociais em Marrocos” implica ter em conta a transnacionalidade do fenómeno na medida em que a) existe um grande número de migrantes marroquinos espalhados por vários países⁶ e que também organizaram ações de protesto nos seus países de residência, e b) os protestos sociais observados em Marrocos com o M20F não podem ser desligados do conjunto geral do protesto social em outros países, nomeadamente, mas *não só*, através do fenómeno que ficou conhecido como “primavera árabe”, e c) por sua vez as revoltas no mundo árabe não parecem ter passado despercebidas ao desenvolvimento das dinâmicas contestatárias em outros locais do planeta, veja-se por exemplo, as campanhas contras as políticas de austeridade em diversos países da Europa ou o movimento *Occupy Wall Street* (OWS) nos EUA.

Relativamente à reificação de determinados aspetos destas sociedades na investigação dos

5 No capítulo 1 farei uma descrição destas componentes da sociedade marroquina.

6 Segundo números divulgados na página Web do ministério encarregado dos marroquinos residentes no estrangeiro, são cerca de 3,2 milhões de marroquinos residentes fora do país de origem. As estatísticas apenas têm em conta os marroquinos inscritos nos consulados marroquinos. Disponível em <http://www.marocainsdumonde.gov.ma/minist%C3%A8re-des-mre/mre-en-chiffres.aspx>, acedido em 20/9.

seus movimentos sociais, Bennani-Chraïbi argumenta que os estudos neste domínio não devem constituir um capítulo à parte na teoria dos movimentos sociais, mencionando existirem três obstáculos que impedem a dessingularização destes estudos: “l'idée d'une différence ontologique entre sociétés démocratiques et non démocratiques ; le mythe d'une spécificité culturelle et religieuse irréductible de ces sociétés ; la focalisation enfin sur l'«islamisme» au détriment de toutes autres modalités de protestation” (Bennani-Chraïbi 2003: 23).

Nesta lógica de investigação não procurarei reduzir o discurso de protesto social em Marrocos à esfera da especificidade religiosa e cultural desta sociedade, que apesar de não se poder descurar, não parece ser a matriz a matriz mais importante. Irei centrar-me num movimento (o M20F) que apesar de — *ou* sobretudo por — integrar pessoas com visões diferentes desde os mais laicos aos islamistas, comporta entre uma das suas muitas características o facto da mobilização com recurso ao discurso religioso estar aparentemente ausente, pelo menos na sua primeira fase. As várias tentativas de “islamizar” este movimento por parte de certos grupos, acabaram por resultar em cisões que reduziram significativamente o número de participantes em protestos de rua. Não irei no entanto descurar o facto que várias reivindicações sociais em Marrocos, demonstradas por exemplo em alguns slogans usados, refletem significados culturais adquiridos, que por sua vez variam bastante tendo em conta a referida composição muito heterogénea dos seus atores. Irei expandir esta questão nos capítulos II e IV.

Os movimentos sociais criam novos significados e trazem novas discussões para o espaço público, que podem ou não contribuir para a democratização da sociedade. Charles Tilly (1994: 1) define o espaço público como “social settings, separate both from governing institutions and from organizations devoted to production or reproduction, in which consequential deliberation over public affairs takes place”. Por sua vez, Castells (2009: 301) define-o como sendo “the space of societal, meaningful interaction where ideas and values are formed, conveyed, supported, and resisted; space that ultimately becomes a training ground for action and reaction”.

Para Tilly, os movimentos sociais podem contribuir também para a realização de transferências de poder. “Public space and transfers of power then *supposedly* promote democracy, at least *under some conditions*” (Tilly 1994: 1, sublinhados meus). Ao avaliar o impacto de um determinado movimento social, não se pode partir do princípio que este necessariamente promova a democratização. Castells (2009: 301) observa que “the collective drive to establish a

theocracy is as much a social movement as the struggle for the emancipation of the women". Tilly relembra que a ascensão ao poder de ditadores fascistas na Europa e noutros países teve o apoio de fortes movimentos sociais e que "not even democratic movements inevitably promote democracy" (1994: 19). Também Melucci & Lyyra (1998: 218) alertam para o facto de que os movimentos sociais "do not necessarily produce results that fall in line with our wishes regarding their direction".

Apesar do conceito "democratização" (ar. *damqrata*) estar patente nos discursos do M20F, assim como de outros movimentos contestatários dentro do contexto da chamada "primavera árabe", os seus diversos atores, incluindo adeptos e rivais da contestação, usam-no, como seria de esperar, sob diferentes primas. Também me parece ser necessário ter em conta que os discursos destes atores promovem não só as suas ideias políticas, mas também são uma forma de aquisição de estatuto pessoal, carisma, e até mesmo, em certos casos, posição social e enriquecimento, nomeadamente quando elementos desses discursos são incorporados pelas instituições políticas, permitindo o profissionalização do ativismo, através de, por exemplo, ONG's que trabalhem no campo dos direitos humanos ou de ativistas que se convertem em funcionários de instituições governamentais, através das quais ambicionam, ou não, tentar implantar algumas das ideias que defendiam como ativistas. Esta profissionalização do ativismo decorre geralmente através de dinâmicas de incorporação e de transferência de poderes (Giugni 1998: xiv-xv).

Para além dos contornos problemáticos na definição de "democratização", a proximidade temporal com que se iniciou um reportório de performances contestatárias com a assinatura do M20F, influenciado pelos acontecimentos em outros países ditos árabes como a Tunísia e o Egipto, constitui outra das dificuldades em perceber o impacto do M20F numa eventual democratização da sociedade, tanto do ponto de vista das reivindicações em jogo, como da incorporação destas no discurso oficial das instituições políticas. No primeiro caso há que ter em atenção o facto do M20F integrar correntes políticas muito diferentes e até opostas umas das outras, que partilham noções diferentes sobre democracia e que, para algumas, nem é tomada como objetivo da mobilização; no que diz respeito à influência nas políticas oficiais, não deixa de ser útil lembrar que noutros países tocados pela dita "primavera árabe" os movimentos sociais resultaram naquilo que, dependendo do ponto de vista, pode ser referido por "revolução" ou "golpe de Estado", cujo simbolismo máximo consiste na destituição por fuga, desistência voluntária, detenção ou morte do líder político, usual e consensualmente apelidados de "ditador" (ar. *diktātūr* ou *mustabidd*, esta

última mais usada com o sentido de déspota ou autocrata). Na Tunísia, o presidente Ben Ali fugiu para a Árabia Saudita a 14 de janeiro de 2011, cerca de um mês depois do início das revoltas sociais; Hosni Mubarak, presidente do Egito, cedeu no mês seguinte tendo sido detido e posteriormente julgado; em outubro do mesmo ano na Líbia, Muammar Gaddafi foi morto durante uma guerra civil que se arrastou vários meses; no Iêmene, Ali Abdallah Salih acabaria por ceder o poder sob certas condições um ano depois do início das revoltas; na Síria, Bashar al-Assad continua no poder, mais de dois anos depois do início dos levantamentos populares, decorrendo atualmente uma sangrenta guerra civil que já terá feito mais de 70.000 mortos. Em Marrocos, menos de um mês depois do início dos protestos em nome do M20F, o rei anuncia uma reforma constitucional e a realização de eleições antecipadas após aprovação da futura nova Constituição, o que, apesar de não ter satisfeito plenamente vários setores da sociedade e do M20F — tanto no que diz respeito ao texto final dessa Constituição como à forma como foram escolhidos os seus redatores —, poderá ter contribuído para evitar uma maior adesão popular aos protestos desencadeados pelo M20F, que continuam até hoje, mesmo que em escala mais reduzida. Não deixa por isso de ser pertinente perceber se essa incorporação de reivindicações foi ou não, e como, acompanhada de transformações democratizantes. Da mesma maneira, talvez seja questionável se em outros países ditos “árabes”, onde analistas mais entusiastas não hesitam em falar de “queda do regime”, esteja em curso um processo de democratização ou de promoção de alterações radicais nas políticas económicas desses países que permitam resolver aquilo que parece ser, conforme será exposto em vários momentos desta dissertação, uma das problemáticas centrais no discurso reivindicativo destes movimentos sociais: a precariedade e/ou deterioração das condições de vida de parte significativa da população.

Metodologia e estrutura

Para analisar as complexas questões referidas no contexto marroquino, recorrerei à reflexão teórica que se revele pertinente para esta dissertação, dentro e fora da Antropologia, nomeadamente a existente em torno do contexto marroquino e, por outro lado, dos movimentos sociais, tanto a que baseia nos chamados contextos árabe e/ou islâmicos como aquela que se debruça sobre outros contextos, procurando ainda instrumentos analíticos pertinentes.

Ao longo da dissertação, irei também usar dados que recolhi através de trabalho de campo

exploratório com observação participante, assim como algumas entrevistas a ativistas e participantes do M20F, geralmente jovens entre os 18 e 30 anos, sobretudo das cidades de Rabat e Salé. Irei usar nomes falsos quando cito os meus entrevistados, exceto se mencionar o apelido também.

De forma a estar informado sobre as reivindicações sociais e políticas do contexto marroquino, realizei algumas entrevistas com figuras relevantes da sociedade civil em Marrocos, nomeadamente de uma associação de defesa dos direitos humanos. Isso permitiu o reconhecimento de algumas visões mais formais da parte destes atores sociais. Por se tratarem de figuras conhecidas e por consentimento os nomes que aqui aparecem são os verdadeiros. Para além disso, usei também algumas entrevistas dadas por ativistas à imprensa e publicadas em jornais, revistas e sítios Web.

Penso que tem alguma importância referir o facto de eu ser residente em Rabat de forma contínua desde janeiro de 2009, onde tenho exercido várias atividades profissionais fora do campo da Antropologia. Assim, uma parte da pesquisa bibliográfica e documental foi realizada em centros de investigação e bibliotecas em Marrocos, nomeadamente no que se refere a monografias diretamente relacionadas com o estudo da sociedade marroquina. Para este efeito, foram sobretudo utilizados o Centro Jacques Berque em Rabat, o Centro de Documentação La Source, recentemente transferido para a Biblioteca Nacional em Rabat, o Nederlands Instituut Marokko (NIMAR) em Rabat, assim com a biblioteca da Fundação Rei Abdulaziz Al Saoud para os Estudos Islâmicos e Ciências Sociais em Casablanca. Por outro lado, o facto de eu residir em Rabat permitiu-me que eu observasse desde o início várias manifestações do M20F e outros tipos de performances contestatárias de forma individual e espontânea, sobretudo nessa cidade. Isto facilitou também o meu encontro com vários ativistas e interessados nestas questões, o que me permitiu aceder a diversos pontos de vista e a trocar com esses atores conversas que apesar de informais ou ocasionais, isto é, fora do âmbito formal de uma entrevista, providenciaram-me dados pertinentes na compressão de certas dinâmicas e subjetividades. Por vezes, estas conversas informais mostraram-se mais úteis do que as entrevistas formais. No entanto, sempre tive o cuidado de mencionar a todos os meus interlocutores o facto de estar a fazer trabalho de campo e em que âmbito.

Relativamente ao fator linguístico, que tem uma certa importância no trabalho de campo

exploratório com observação participante, nas entrevistas, nas conversas informais, na análise bibliográfica ou de conteúdos dos média ou outros discursos, tive a possibilidade de recorrer aos meus próprios conhecimentos, previamente adquiridos, em árabe padrão moderno (língua oficial em Marrocos), língua que aprendi através de vários cursos, incluindo um curso anual de nível avançado no Instituto Bourguiba de Línguas Vivas da Universidade Tunes el Manar na Tunísia. Ao longo da minha estadia neste país adquiri também bons conhecimentos em árabe coloquial marroquino (língua da vida quotidiana). Geralmente esta última língua foi a que usei na maioria das entrevistas e contactos informais, enquanto a versão padrão e oficial foi sobretudo útil na leitura de jornais e outros materiais ou na compreensão de discursos formais (conferências, telejornais, etc). No que diz respeito à realidade linguística marroquina, como irei mencionar mais detalhadamente no primeiro capítulo e aqui descrevo de forma simplista, existem dois grupos de idiomas maternos, o árabe coloquial marroquino e o amazighe (que eu não sei falar ou escrever). A nível oficial e literário, a língua mais usada é o árabe padrão, estando o amazighe a dar os seus primeiros passos para marcar presença a este nível. O francês também é uma língua muito presente a todos os níveis, apesar de não ter estatuto oficial.

Com o intuito de analisar os discursos dos média em relação aos recentes protestos sociais — nomeadamente aqueles que se anunciam como organizados pelo M20F — num país onde as questões da liberdade de imprensa, quando não mesmo a sua existência, são amplamente discutidas, recorri também à leitura e recolha de artigos da imprensa arabófona e francófona marroquina. Estes conteúdos por mim usados são referenciados na “bibliografia suplementar”. Foi também contraposto o discurso dos média tradicionais às informações prestadas pelos novos média *online*, desde sítios Internet de informação noticiosa até a vídeos e filmes publicados por ativistas ou canais de televisão. Estes vídeos e filmes foram escolhidos segundo diversos critérios que justificassem a sua referência nesta investigação, nomeadamente:

- a) terem sido material de promoção (mas também de difamação em alguns casos) a ações do M20F, sobretudo campanhas de sensibilização com nítida amplitude de divulgação; esta amplitude não é necessariamente avaliada numericamente de forma rigorosa e comparativa mas tendo em conta 1) referências feitas por outros média ou 2) por ativistas dentro do M20F, 3) o facto de terem antecedido manifestações de grande adesão, 4) a sua circulação em redes sociais, avaliada sobretudo pela quantidade de cliques que os cibernautas fizeram em opções como “partilhar” e “gosto”; em suma, através de uma

análise qualitativa da sua visibilidade;

- b) a pertinência na compreensão da adesão a manifestações em várias cidades, assim como das diferentes performances praticadas nessas manifestações e em diversas outras ocupações organizadas do espaço público; hoje em dia a facilidade de acesso a meios de gravação audiovisual e a meios de divulgação *online* leva a que qualquer evento possa ter visibilidade pública através da Internet; terei em conta que a ótica das lentes dos aparelhos usados e a montagem permitem pontos de vista altamente subjetivos onde é possível, por exemplo, pequenas multidões parecerem de grande dimensão (e vice-versa);
- c) a veracidade, plausibilidade e autenticidade dos vídeos; nem sempre é possível discernir estes fatores de forma objetiva, mas no entanto procurei assegurar-me de uma certa oficialidade por parte da entidade que publicou determinado vídeo em linha, por exemplo, se se trata de um canal de vídeos cujo autor seja um coletivo conhecido de ativistas ou uma entidade oficial; no primeiro caso, por exemplo, os vídeos publicados pelo coletivo *Mamfakinch* no *YouTube*, referem-se a manifestações específicas que são datadas e localizadas, mas não deixei de ter em consideração que os pontos de vista dos seus divulgadores servem necessariamente os interesses das suas causas; o segundo caso refere-se sobretudo, por exemplo, aos canais de televisão, que também divulgam os seus noticiários nas suas páginas de Internet ou em canais de serviços como o *YouTube* ou *Vimeo*; a este nível são mais problemáticos os vídeos publicados por autores individuais e ocasionais, por isso eu não deixei de recorrer a um critério que apesar de evidentemente subjetivo, não me parece que seja ingénuo quando cruzado com outras fontes, e que se chama bom senso.

Por outro lado, estes vídeos também são considerados do ponto de vista do seu uso, seja na promoção do M20F, seja na sua difamação, porque são visionados e partilhados muitas vezes pelos cibernautas através de redes sociais *online*, sítio Internet e blogues. Por estas razões, justificou-se a inclusão de uma videografia. As referências à videografia são feitas nos mesmos moldes que as referências bibliográficas, com o nome de utilizador de quem publicou o vídeo em linha, sucedido do ano de publicação.

No primeiro capítulo desta investigação, traçarei alguns aspetos relevantes de Marrocos que sirvam para contextualizar esta investigação, na medida que o meu objeto de estudo principal

apesar de não ser redutível ao contexto marroquino, está a ele diretamente relacionado.

Para contrabalançar a ideia generalizada de uma certa passividade ou adormecimento político reinante nos países árabes em todo o período contemporâneo que antecedeu a primavera árabe, assim como a ideia que apenas os movimentos islamistas são os únicos capazes de dinamizar protestos sociais, o capítulo II começa por traçar resumidamente os movimentos de protesto social em Marrocos desde a independência (1956), retratando desde os protestos sociais de 1965, 1981, 1984, 1990 até aos protestos que antecederam imediatamente o M20F, entre 2006 e 2009, e que mobilizaram uma quantidade significativa de pessoas em manifestações. O capítulo II é um esboço histórico do M20F mas também faz referências a protestos recentes e menos recentes noutros países árabes, tendo em conta que este movimento em Marrocos inclui-se dentro de uma onda de protestos sociais que eclodiu no “mundo árabe”. O fenómeno que se celebrou como “primavera árabe” pode talvez ser visto como um “master frame” (Snow and Benford 1998) do M20F. Por outro lado, não se ignora também o facto de que, em Marrocos, o M20F não é o único movimento social a existir após a eclosão das revoltas populares em vários países árabes, nem é o único a organizar manifestações, apesar de ser aquele que reflete de forma mais evidente o fenómeno da “primavera árabe” em Marrocos. Para além do mais, existem outras formas de protesto social, como as greves organizadas por sindicatos, que não têm diretamente relação com o M20F.

O acesso generalizado à Internet potenciou o funcionamento de estruturas em rede a nível global e regional (Eickelman & Anderson 2003; Castells 2009). Em Marrocos, a diminuição considerável do nível de ciber-censura durante os recentes anos, assim como o aumento do acesso à Internet, deram um certo impulso à criação de sítios noticiosos alternativos e com maior independência face aos média tradicionais, assim como de sites e blogues de protesto político e análise social cuja tonalidade crítica não é usual nos jornais ou na televisão controlados pelo Estado, apesar de uma relativa e intermitente abertura recente destes. Por outro lado, ciber-instrumentos como o Facebook e o Twitter enforteceram redes sociais que foram determinantes na organização e mobilização das ações do M20F. O capítulo III pretende refletir a importância destes instrumentos e mostrar o seu papel no empoderamento de atores sociais.

O capítulo IV incidirá sobre a parte mais performativa do M20F, começando por analisar este movimento do ponto de vista dos slogans por este usados. O apêndice A consiste aliás na lista

de slogans recolhida ao longo da investigação, tanto por meio de jornais, sítios Internet ou fornecimento direto por ativistas. A forma como as manifestações se organizam e acontecem será também tratada neste capítulo, que finaliza com um parte dedicada à expressão artística do M20F e que se centra no cantor de rap Mouad Belghouat, mais conhecido por Lhaqed.

Por constrangimentos de assuntos que importava mencionar nesta dissertação, infelizmente não foi possível abordar questões como os direitos de minorias, LGBT, imigrantes subsarianos, minorias religiosas, ateus e outra. Infelizmente, na medida em que considero que o direito a ser diferente é uma elemento imprescindível na construção de uma sociedade democrática. Estes fenómenos poderão eventualmente serem considerados por largas fatias da população marroquina como típicos da “devassidão do mundo ocidental” ou no mínimo como antagónicos aos “valores da sociedade marroquina”. No entanto, existe um crescente interesse, mesmo que minoritário, pelos direitos LGBT, um assunto considerado muitas vezes tabu, assim como pelos direitos de foro sexual, num país onde duas pessoas de sexo diferente só podem legalmente pernoitar no mesmo quarto se forem casadas ou familiares diretos, podendo ser condenadas se apanhadas em flagrante delito. Também existe um certo interesse pela liberdade de consciência, com grupos de ativistas a defenderem a liberdade de mudarem para outra religião que não o islão ou a serem ateus, ambas as situações punidas criminalmente por lei — questão central para discutir a compatibilidade do islão com a «democracia» e que tem vindo a ser analisada tanto academicamente (Asad, Brown, Buttle & Mahmood: 2009) como até por certos grupos islâmicos.

CAPÍTULO I

Marrocos, uma contextualização

Contextualização

Este é um capítulo que serve só para contextualizar muito sucintamente alguns aspetos do contexto marroquino. A partir do século VII, os territórios atualmente conhecidos por Marrocos começaram a ser islamizados através das sucessivas incursões de exércitos provenientes do médio oriente. Diversas dinastias governaram diferentes partes destes territórios e as suas áreas de influência política sempre se foram modificando consideravelmente. Sucessivas dinastias, como por exemplo os idrissidas (séc. VIII-X), os almorávidas (séc. XI-XII), os almoádas (séc. XII-XIII), os merinídeos (séc. XIII-XV) ou os sadianos (séc. XVI-XVII), procuram unificar grandes extensões desses territórios. Mas as fronteiras de governação destas dinastias nunca corresponderam, nem de forma aproximada, às atuais, tendo convivido diversas vezes diferentes dinastias que controlavam várias partes do Norte de África. A partir do séc. XVII os alauítas, uma dinastia proveniente do Tafilalet, região no sul do atual Marrocos, expanda-se e controla uma grande porção de território que engloba o atual Marrocos, exercendo também uma grande influência económica e cultural, através do controle das rotas de comércio das caravanas transsarianas, que se estendia ao sul até ao rio Senegal e englobava algumas partes ocidentais da atual Argélia. Isto não significa que os sultões alauítas controlassem de facto o território atualmente conhecido com o nome de Marrocos, bastante pelo contrário. Diversas tribos e confrarias religiosas opunham-se ao poder do sultão, recusando-se a pagar os impostos. O sultão, por sua vez lançava campanhas militares (ar. mar. *ḥarka*), que geralmente não iam mais a sul do que a região do Sus, para obrigar as populações revoltosas a pagar os devidos tributos, oferecendo em troca proteção militar contra outras tribos. Estas zonas rebeldes eram denominadas *blād as-sība*, por oposição a *blād al-makhzan*, as zonas sob influência política direta do sultão. No entanto, as diversas populações gozavam de uma grande autonomia política e o sultão controlava de forma direta pouco mais do

que as principais cidades. Ainda hoje os termos *siba* e *makhzan* são usados. O primeiro para designar qualquer tipo de insubmissão, dissidência ou revolta contra o poder do *makhzan*. Este por sua vez designa os círculos de poder associados ao rei e ao palácio real. Nesta dissertação este último será muito utilizado.

A partir de finais do século XIX, a *siba* de diversas tribos e a crise financeira que o país atravessava levam o *makhzan* a contrair uma série de empréstimos, a diversos países europeus, cada vez mais elevados e custosos. Gradualmente estes países começaram a exercer a sua influência no território, e a partir de 1904 os portos marroquinos já eram controlados pelos franceses. Por sua vez, os espanhóis, a partir de 1909, tinham aumentado consideravelmente a sua influência no norte do país, de forma a controlar as suas minas de ferro. Em 1912 o sultão Mulai Abd al-Hafid vê-se constrangido a assinar a Convenção de Fez que institui o protetorado francês e, nesse mesmo ano, Espanha constitui o seu próprio protetorado na zona norte de Marrocos. Os territórios a sul, nomeadamente o atual Sara Ocidental e a zona de Sidi Ifni, também eram controlados pelos espanhóis.

O colonialismo, oficialmente considerado como protetorado, irá desencadear diversas desigualdades na sociedade, dando origem ao aparecimento de um movimento nacionalista que acaba por vir a reivindicar a independência de Marrocos. O sultão, apesar de ser a autoridade oficial, não tinha poder nenhum face ao Estado francês. Por outro lado, será durante esta fase que Marrocos se constitui como país unificado com as atuais fronteiras, tendo os exércitos franceses e espanhóis suprimido os últimos focos de *siba*, criando um Estado central dotado de uma aparelho administrativo e de um exército regular.

Em 1953, por causa das simpatias entre o sultão Sidi Mohammed ben Youssef e os nacionalistas, aquele é obrigado a exilar-se pelos franceses, instalando-se na Córsega e depois em Madagáscar, e sendo substituído por um parente, Mohammed ben Arfa, mais dócil à autoridade do regime de protetorado. Mas pouco tempo depois, em 1956, as diversas revoltas marroquinas obrigaram os franceses a negociar a independência de Marrocos com Sidi Mohammed ben Youssef, que regressa triunfalmente acolhido pela população marroquina, anunciando-se nesse ano a independência do país, primeiro da França e depois de Espanha. Em 1957, Sidi Mohammed ben Youssef toma o título de rei e reina com o nome Mohammed V, falecendo em 1961. O seu filho, Hassan II, ascende ao trono. Com a independência, o país tinha sido dotado de uma

parlamento e de eleições. Hassan II, por sua vez, governou o país com mão de ferro, dissolvendo várias vezes o parlamento e aumento progressivamente o seu poder, não hesitando em suprimir qualquer movimento de oposição. Com a morte deste monarca em 1999, Mohammed VI, filho de Hassan II, sobe ao trono, prometendo uma série de reformas políticas democratizantes — que de resto já haviam sido iniciadas pelo pai nos anos 90 —, num fenómeno que foi publicitado com o nome de “primavera de Rabat”.⁷

Em 2010, avalia-se que Marrocos tinha uma população total de quase 32 milhões, dos quais cerca de 19 milhões residentes em áreas urbanas e cerca de 13 milhões residentes em áreas rurais⁸. Marrocos é um país que exporta uma quantidade significativa de migrantes, a maioria instalados em países como a França ou a Espanha. Em 2006, estima-se que os migrantes marroquinos em todo o mundo seriam cerca de 3,3 milhões, o dobro do que em 1998⁹.

Etnicamente, a população marroquina é constituída pelos diversos povos que habitaram estes territórios. Antes da islamização pelos árabes a partir do século VII, houve a presença de fenícios, cartagineses, romanos, vândalos e bizantinos. Os amazigh, também conhecidos por berberes¹⁰, reivindicam serem o primeiro povo a habitar estes territórios. Apesar dessa reivindicação ser muito contestável, a sua permanência no Norte de África é indubitavelmente muito anterior às conquistas árabes. Por outro lado, as populações de Marrocos também se encontraram com outros povos, como os antigos colonizadores ou os escravos provenientes de outras regiões de África mais a sul.

Hoje em dia, Marrocos é sobretudo habitado por uma população que se assume como sendo amazighe e/ou árabe. Não existem estatísticas fiáveis que permitam dizer qual dos grupos está mais presente. Para além do mais, ao longo da história houve tribos árabes que adotaram idiomas amazigh e vice-versa.

Os dois grupos linguísticos mais presentes em Marrocos são o amazighe e o árabe marroquino. As línguas estrangeiras mais faladas são o francês — que apesar de não ser oficial

7 Esta síntese histórica muito sucinta baseia-se sobretudo em Abitbol (2009) e Vermeren (2006).

8 Cf. informações divulgado pelo Alto-Comissariado do Plano, entidade estatal responsável pelas estatísticas em Marrocos. Informação disponível em http://www.hcp.ma/Population-du-Maroc-par-annee-civile-en-milliers-et-au-milieu-de-l-annee-par-milieu-de-residence-1960-2050_a677.html, acedida em 31-5-2013.

9 Cf. informações divulgado pelo Alto-Comissariado do Plano. Informação disponível em http://www.hcp.ma/Effectif-des-Marocains-residant-a-l-etranger-MRE_a705.html, acedida em 31-5-2013.

10 Em Marrocos existe a tendência de considerar o termo “berber” como politicamente incorreto. “Amazighe” pronuncia-se “amazirre”, lendo os dois “r” conforme o dialeto lisboeta.

continua a ser muito utilizado no próprio aparelho administrativo, sendo habitual documentos oficiais serem bilingues árabe e francês —, o espanhol e o inglês, esta última em galopante expansão e cada vez mais falada, sobretudo pelas pessoas na faixa etária abaixo dos 30 anos de idade. Como línguas oficiais, a atual Constituição estipula serem o árabe padrão o amazighe.

Relativamente à língua árabe, é necessário ter em consideração que a diglossia é um fator incontornável da realidade linguística marroquina. O árabe oficial é a língua denominada por *al-‘arabiyya al-fuṣḥā*, que literalmente significa “a língua árabe mais eloquente” ou “árabe eloquentíssimo”. Apesar de ser referida por outros termos em outras línguas latinas, tais como “árabe clássico”, “árabe literal” ou “árabe literário”, hoje em dia os linguistas têm tendência a usar a expressão “árabe moderno padrão”, abreviada muita vez pela sigla inglesa MSA (*modern standard Arabic*), que se distingue do “árabe clássico” dos textos antigos — sobretudo pela introdução de novo vocabulário adaptado à realidade contemporânea, mas também por construções sintáticas mais simples e modernas, mas não existem diferenças substanciais em relação à ortografia. Apesar dos pouquíssimos registos escritos em árabe no período que antecede a revelação alcorânica — visto que os árabes antigamente usavam na escrita outras línguas como o aramaico, como no caso dos nabateus —, o estudo comparativo com outras línguas semitas, indicia que a língua árabe *fuṣḥā* possivelmente já era usada muitos séculos antes do aparecimento do islão. Esta língua não é, e provavelmente nunca foi, a língua nativa de ninguém. Divergindo os linguistas relativamente à sua origem, tudo indica que seria uma língua literária e de intercomunicação entre diversos falares árabes usada por poetas e comerciantes na antiga Arábia e região do crescente fértil e outras zonas para onde os árabes haviam migrado antes do islão. O Alcorão foi revelado ao profeta Muḥammad nesta língua e a expansão islâmica irá levá-la para diversas áreas geográficas, assim como os dialetos vivos que os árabes então falavam. Ao contrário do que popularmente se pensa — sobretudo no Norte de África e Médio Oriente —, os atuais dialetos ou línguas coloquiais não são corruptelas dessa língua clássica, mas descendem das línguas coloquiais que os árabes já falavam na altura. Em Marrocos, a língua coloquial usada chama-se árabe marroquino. Apesar de se dividir em diversos dialetos, existe uma tendência para a sua padronização através da televisão e da rádio. Ela diverge significativamente da língua padrão, apesar da fronteira nem sempre ser muito evidente, havendo muitas vezes fusão entre as duas línguas, seja na própria oralidade ou em estilos de poesia marroquina como o *malḥūn* ou o *zajal*, e os intelectuais e apresentadores de rádio e televisão têm tendência a misturar as duas, produzindo

aquilo que por vezes se chama *ad-dārijah ar-rāqyah*, traduzível por “dialeto de prestígio”. Por outro lado, o árabe marroquino também mistura muitas palavras provenientes de outras línguas, sobretudo do francês e do espanhol, sem esquecer o recurso ao *code-switching* — isto é, a enunciação de frases inteiras tanto em árabe como em francês, alternadamente, no mesmo discurso — fenómeno muito distinto do simples empréstimo ou estrangeirismo.

Todos os árabes falam versões coloquiais do árabe, distintas da língua padrão, podendo-se resumir esta questão de forma muito simplista, dizendo que falam uma língua que não escrevem e escrevem uma língua que não falam. Por isso não se deve considerar o árabe como uma língua mas sim como um conjunto de várias línguas ou uma multilíngua. O árabe padrão é usado nos textos escritos, pelos média e em circunstâncias oficiais. O árabe marroquino não é dotado oficialmente de uma escrita, sendo o ensino em Marrocos ministrado em árabe padrão e francês. Apesar disso, o uso de árabe marroquino na escrita, sobretudo em SMS e nas redes sociais tem vindo a aumentar, havendo alguns defensores da sua oficialização e normalização. Dado quanto antecede, ao longo desta dissertação é possível ver as mesmas palavras escritas em árabe marroquino com grafias diferentes, devido às divergências das fontes e à ausência de normalização¹¹. Não é claro até que ponto as pessoas iletradas podem compreender a língua padrão, mas geralmente considera-se que quem não sabe ler e escrever tem uma capacidade muito reduzida de a compreender. Por outro lado, a expansão dos média audiovisuais leva a que algumas pessoas adquiram conhecimentos razoáveis nesta língua. Por último, em Marrocos, no sul e no Sara, também se fala uma outra língua árabe coloquial, bastante diferente do árabe marroquino, a *ḥasaniyyah*, reconhecida pela Constituição atual como uma língua a preservar e promover, apesar de não ter qualquer estatuto oficial.

As línguas amazighes por sua vez dividem-se em três grupos principais: o rifenho ou *tarifit*, falado no norte na zona do Rif, o *tashelhit*, falado na zona do Sus e o *tamazight* falado na zona do Atlas. Este último termo também é usado em referência ao conjunto de todas as línguas amazighes, tanto em Marrocos como em outros países do Norte de África. A constitucionalização e oficialização desta língua estão a conduzir à sua padronização. Atualmente elas escreve-se com um alfabeto próprio chamado *tifinagh*.

Relativamente ao regime político, Marrocos considera-se uma monarquia parlamentar. Mas

11. Estas considerações sobre a língua árabe baseiam-se em Versteegh (1997) e Heath (1989). O termo “multilíngua” é porém da minha autoria.

ao contrário de outros regimes com este nome, onde o monarca tem um papel mais simbólico que real, como em Espanha, Holanda ou Reino Unido, em Marrocos, mesmo tendo em conta a última reforma constitucional, o rei ainda goza de muito poder e os políticos do governo tendem a seguir as diretivas do palácio real. A figura do rei não pode ser criticada nem o regime monárquico posto em causa. O rei é também o líder religioso máximo na forma de *amīr al-mu'minīn* (chefe dos crentes) e é considerado *sharīf*, isto é, descendente do profeta Muḥammad.

Alguns atores da sociedade civil e política

Começando por alguns partidos políticos, visto que vários serão referidos ao longo desta tese, o partido *Istiqlāl* (PI)¹², foi dos primeiros a surgirem em Marrocos, durante os anos 40, aglomerando as principais forças que lutavam pela independência de Marrocos. Apesar de monárquico e conservador, sendo membro da Internacional Democrática Centrista, várias vezes assumiu a posição de oposição a políticas do antigo rei Hassan II e promoveu uma série de políticas defensoras das liberdades individuais e dos direitos humanos. Nos anos 60, a ala de esquerda do partido, liderada por Mehdi ben Barka, separou-se do *Istiqlāl* e fundou a União Nacional das Forças Populares (UNFP). Em 1975, a secção de Rabat da UNFP criou um cisão e assumiu o nome de União Socialista das Forças Populares (USFP), e progressivamente a UNFP desapareceu do mapa político marroquino, apesar de oficialmente ainda existir. Em diversas situações, desde os anos 70, o PI, a USFP, juntamente com o Partido do Progresso e do Socialismo (PPS), apresentaram-se em eleições como em coligação com o nome “Bloco” (*al-kutlah*) e “Bloco Democrático” (*al-kutlah ad-dīmuqrāṭiyyah*). O PPS, criado em 1974, é o sucedâneo do Partido Comunista Marroquino (PCM) e do Partido da Libertação e do Socialismo (PLS), ambos extintos e ilegalizados.

Dentro daquilo que geralmente se considera o movimento marxista-leninista em Marrocos existem quatro partidos principais que serão mencionados nesta dissertação. O PADS (do acrónimo francês *Parti de l'avant-garde démocratique et socialiste*) foi criado em 1989 e resulta duma cisão com a USFP, depois de uma série de tensões internas neste partido entre 1983 e 1989, resultantes entre a adesão ou a recusa de aderir à ideia de “opção democrática” promovida por

¹² Em francês é sempre referido como “*Parti Istiqlal*” ou simplesmente “*l'istiqlal*”. Apesar de *Istiqlāl* significar “independência”, o termo raramente é traduzido.

Hassan II. O PADS aglomera os que se recusaram em cooperar com o monarca e boicotaram todas as eleições legislativas até 2007, ano em participaram na Aliança da Esquerda Democrática, formada por mais dois partidos ditos da esquerda radical: o Partido Socialista Unificado (PSU) e o Congresso Nacional Ittihadi¹³ (CNI). Outro partido dentro deste movimento é o partido Via Democrática (VD), fundando em 1995, mas legalizado só em 2004, é o sucedâneo do movimento “Ilal Amam”¹⁴ que será mencionado no capítulo seguinte.

Outro partido a referir é o Partido da Autenticidade e da Modernidade (PAM). Este é um partido que foi criado por Fouad al-Himma, antigo colega de escola e amigo pessoal do rei, ex-ministro delegado do Interior¹⁵, atualmente demissionado deste partido, desde que no verão de 2011 foi nomeado conselheiro do rei. É considerado por isso um partido próximo do *makhzan*. Foi criado em 2008 e é de tendência liberal.

Por último — mas chamando a atenção que estes partidos são aqui mencionados por serem os que serão referidos ao longo desta dissertação e não por causa da sua importância no panorama eleitoral marroquino —, o Partido da Justiça e do Desenvolvimento, de tendência islamista. O partido tem as suas origens em 1965, quando Hassan II declara o estado de exceção e Abdelkrim el Khatib, então um dos fundadores do Movimento Popular (MP) — um partido próximo do *makhzan* —, se recusa a integrar o governo. El Khatib havia sido um dos promotores da ideia de integrar a chefia religiosa do rei na primeira Constituição e mesmo depois dessa recusa, continua a ter relações cordiais com o palácio real. Em 1967, cria o Movimento Popular Democrático e Constitucional, que será um pequeno partido sem qualquer atividade. Nos anos 90 este partido irá integrar nas suas fileiras membros do Movimento Unidade e Reforma (MUR), que reagrupava por sua vez antigos militantes que haviam recusado os métodos violentos de ação política da Juventude Islâmica (*ash-Shabībah al-Islāmiyyah*), um movimento que nos anos 60 e 70 defendia o recurso à violência para os seus fins. Só em 1998 é que muda de nome para PJD e começa progressivamente a ganhar sucesso até se ter tornado o vencedor das últimas eleições legislativas em 2011. O PJD é conservador e pretende opor-se à ocidentalização dos costumes morais e reforçar a identidade marroquina, mas aceita o jogo político da democracia representativa e, apesar de defender a criação de bancos islâmicos, na prática a abordagem que

13 *Ittīhādīyy* é o adjetivo relativo de *ittīhād*, que significa “união”. O termo não tem tradução e “unionista” poderia criar confusão. Mesmo em francês é referenciado por *Congrès national ittīhadi*.

14 *إلى الأمام* (*Ilā-l-amām*) significa “Avante”. Era uma organização clandestina.

15 Em Marrocos o ministério do Interior é o equivalente em Portugal ao ministério da Administração Interna.

faz dos problemas económicos não é muito diferente das correntes neo-liberais. Naturalmente, o PJD opõem-se a qualquer tentativa de laicização do Estado. O discurso do seu secretário-geral e atualmente chefe de Estado, Abdelillah Benkirane, no último congresso da juventude do PJD, resume bem esta postura: “Lembrem-se de algumas coisas de forma a fazerem o bem ao vosso país: em primeiro, jamais abduquem das vossas referências islâmicas, lembrem o mundo que este é um país islâmico, que os princípios do Islão é que fizeram este país há mais de 12 séculos, e não as Nações Unidas ou o colonialismo; sejam tolerantes, moderados e modernos, mas dentro do quadro do islão”¹⁶.

Uma outra organização islamista, mas não partidária, é o Grupo *al-'adl wa-l-Ihsān*¹⁷ (GAI), movimento proibido mas hoje em dia tolerado. Defende uma república islâmica e coloca-se contra todos os rituais e práticas de veneração e obediência ao rei, considerando-as como anti-islâmicas, na medida que só deus único é passível de ser venerado e obedecido. Ao contrário do PJD, o GAI não aceita que o rei seja também o chefe religioso. Tem as suas origens nos anos 70, quando o seu fundador Abdessalam Yassine — ex-inspetor do ensino secundário e inicialmente um membro da *Zāwiyah Būtshishiyyah*, uma confraria *ṣūfī* — envia uma missiva ao rei Hassan II com o título “O Islão ou Dilúvio” onde aconselha o monarca a regressar à senda correta dos ensinamentos alcorânicos e se auto-propõe para líder religioso do país e para aconselhar o rei na forma correta para a sociedade marroquina abandonar a *jāhiliyyah* (idade das trevas, da ignorância) e regressar ao islão. Yassine fez várias cópias da longa carta que enviou para diferentes pessoas e o rei quando a recebeu mandou interná-lo no asilo psiquiátrico, depois numa prisão e mais tarde num asilo psiquiátrico. Só com a ascensão ao trono do atual rei, passou a ter liberdade total de movimentos. O movimento organizou-se no início como uma confraria religiosa, continuando aliás a ter traços marcantes desse género de organização. O movimento adquire o atual nome só em 1987 e recusa a violência como metodologia política.

Relativamente a associações dos direitos humanos, a única que irei referir é a Associação Marroquina dos Direitos Humanos (AMDH). Fundada em 1979, tem como o objetivo, segundo o preâmbulo dos seus estatutos, “a edificação em Marrocos de uma Estado de Direito e de uma sociedade de liberdade e justiça social, com cidadãos e cidadãs livres, gozando em toda a

16 O último congresso da Juventude do PJD realizou-se entre 26 a 28 de abril de 2013. O discurso, tradução minha, é citado no jornal *Akhbār al-Yawm* de 25 e 26 de maio de 2013.

17 *Jamā'at al-'adl wa-l-Ihsān*, pode ser traduzido por Grupo Justiça e Beneficência, no entanto a expressão não se costuma traduzir e mesmo em francês ele é referido como “Al Adl wal Ihsane”, por vezes também como a “Jamaa”. Recentemente os dirigentes terem usado a tradução “Justice and Spirituality” e esta tradução começa a impor-se. O termo árabe *Ihsān* é de facto usado como sinónimo de “caridade” ou “beneficência”, mas ele tem um sentido mais abrangente e significa “fazer o bem”, mas traduzi-lo por “espiritualidade” é um tanto forçado.

igualdade dos seus Direitos Humanos sem segregação nem exceção”. Trata-se provavelmente da mais importante e também considerada mais séria ONG de defesa do direitos humanos em Marrocos, apesar de ser criticada por alguns que consideram que os seus dirigentes não representam o povo marroquino, pelo facto de alguns destes militarem também em partidos ditos de “extrema esquerda” ou serem simpatizantes com estes. Na verdade a AMDH tem feito um grande trabalho, por exemplo, na defesa de prisioneiros políticos, independente das tendências políticas ou religiosas destes, não raras vezes diametralmente opostas aos ditos partidos de “extrema esquerda”, como no caso de alguns salafistas.

Para além da AMDH, existem também a Organização Marroquina dos Direitos Humanos (OMDH), próxima do PI, e a Liga Marroquina dos Direitos Humanos.

Esboço histórico do Movimento 20 de Fevereiro em Marrocos

Os antecedentes

Em finais de 2010, a Tunísia foi agitada por um enorme movimento social de contestação ao regime em vigor nesse país. Aparentemente o rastilho terá sido a auto-imolação do vendedor ambulante Mohamed Bouazizi, levada a cabo na manhã de 17 de dezembro, frente ao gabinete do governador de Sidi Bouzid, uma pequena cidade do interior, depois da confiscação por parte das autoridades municipais da carroça que utilizava para vender os seus produtos. Imediatamente — quase por magia e de forma espontânea como foi superficialmente relatado pelos médias —, começaram a surgir focos de protestos e manifestações de solidariedade com Bouazizi em várias cidades tunisinas, que atingiram pela primeira vez Tunes em 27 de dezembro. Nesse dia, a capital viu-se a braços com uma manifestação de cerca de um milhar de pessoas¹⁸, número que começou dia após dia a crescer. O contínuo crescendo destes protestos culminou na fuga de Zine el Abidine Ben Ali a 14 de janeiro de 2011, depois de ter governado como presidente da república desde 7 de novembro de 1987, data do golpe militar que o mesmo desencadeou contra o anterior presidente Habib Bourguiba, considerado o “pai da independência”. Estes acontecimentos recentes tiveram um significativo impacto em outros países. Em alguns meses, outros regimes consolidados colapsaram, como o Egito e Líbia, produzindo um fenómeno que os média e diversos analistas rapidamente denominaram de “primavera árabe” e que atingiu por “contágio”, de formas muito diferentes, países como o Iémene, o Barém, a Jordânia, a Síria e outros.

No caso de Marrocos, o movimento que impulsionou uma série de ações de contestação social ficou conhecido por Movimento 20 de Fevereiro (M20F), data da sua primeira saída para as ruas, sob forma de manifestações de significativa aderência em várias cidades. Apesar de sabermos que o caso tunisino teve um impacto muito significativo e essencial no espoletar do movimento de contestação marroquino, os protestos sociais têm em Marrocos, após a independência, importantes precedentes históricos. Diversos movimentos sociais antecederam o M20F, sendo possível que partilhem, por vezes e nomeadamente nos casos mais recentes, os

¹⁸ <http://www.aljazeera.com/video/africa/2010/12/20101228182021539319.html>, acedido em 1/6/2012

mesmos atores.

O próprio caso tunisino também não foi um “ano zero” e mágico da contestação. Por isso, torna-se pertinente fazer aqui um breve esboço das dinâmicas de protesto nesse país a seguir a independência (em 1955). No que diz respeito ao período de viragem da década de 60/70 do século passado, segundo Monastiri (1973: 429-432), a Tunísia conheceu importantes protestos estudantis, nomeadamente em dezembro 1966, junho 1967, janeiro-março 1968, fevereiro 1970 e fevereiro 1971, nas quais o *Groupe d'études et d'action socialiste* (GEAST), também conhecido por *Perspectives tunisiennes*, jogou um papel importante. As revoltas estudantis com maior amplitude foram no entanto as de janeiro-março de 1972. Estas desencadeiam-se depois da direção da UGET (*Union générale des étudiants de Tunisie*) ter sido substituída por membros ligados ou favoráveis ao PSD (*Parti socialiste destourien*), partido único no poder desde a independência, excluindo da direção todos os estudantes considerados dissidentes. Vários estudantes começam a organizar greves a partir de 21 de janeiro, exigindo a reintegração de Férid ben Chehida, que havia sido excluído da Faculdade de Ciências de Tunes. Denunciam o processo movido contra Ahmed ben Othman Simone ben Othman, militantes da extrema-esquerda, que haviam sido acusados de conspiração contra a segurança do Estado por terem publicado artigos sobre greves operárias e agitação social numa revista clandestina intitulada “Al-‘āmil at-Tūnisiyy” (*O Trabalhador Tunisino*). Este movimento de greves estudantis alastra-se da capital para outras cidades, tendo também aderido vários liceus em Tunes, Sfax, Cairuão e Kasserine. Na capital, em reuniões de estudantes acorda-se a realização de uma manifestação de solidariedade, para o dia 1 de fevereiro, em frente do Palácio de Justiça, onde decorre o julgamento do casal ben Othman, manifestação que é dispersa pela polícia. No dia seguinte, é lida a sentença dos acusados e também é organizado um grande encontro no campus universitário, onde se constituem comissões para preparar um congresso extraordinário da UGET. Mas no dia 5 de fevereiro a polícia invade a Faculdade de Direito, onde os estudantes estavam reunidos, fazendo vários feridos¹⁹. Durante os seguintes dias várias centenas de estudantes serão detidos e o governo decide fechar as universidades de Direito e de Letras em Tunes até inícios do próximo ano letivo em setembro, apesar de suspender esta decisão pouco tempo depois, voltado as duas universidade a abrir portas a 16 de abril, assim como serão libertados os estudantes detidos. Segundo a mesma fonte (Monastiri 1973: 430), o governo

19 Este dia ficou conhecido como o “sabádo negro”. Sobre este congresso extraordinário aqui referido e os eventos de 1972, veja-se também a entrevista feita pelo periódico tunisino *Le Temps* a Mohamed Lakhdar Ellala, membro do comité universitário desse congresso, publicada na Internet em http://www.letemps.com.tn/article.php?ID_art=38874 a 8-2-2010 e acedida a 25-4-2013, com o título *Mohamed Lakhdar Ellala, Membre du comité universitaire du congrès extraordinaire de Février 1972 raconte -le Samedi noir-*.

teria considerado estes eventos como uma tentativa de semear a “desordem” por parte de elementos esquerdistas “manipulados” do estrangeiro²⁰. Durante o mesmo ano, também não será de negligenciar as várias greves operárias que se realizam em várias cidades pouco tempo depois destes eventos, sobretudo em março do mesmo ano, englobando em especial os setores dos transportes e da indústria, segundo nos refere Monastiri (1973: 443). Por exemplo, no dia 21 de março, 1.200 mineiros das minas de fosfatos de Redeyf organizam uma greve, à margem dos sindicatos, para exigir melhores salários (segunda a mesma fonte).

No final dos anos 70, a Tunísia conhece uma série de protestos sociais que irão culminar na greve geral de 26 de janeiro de 1978, famosa pelo nome de Quinta-Feira Negra. Entre os fatores económicos preponderantes pode-se enumerar a subida dos preços das rendas de habitação e dos bens de primeira necessidade, numa conjuntura de grande inflação (Liauzu 1985: 118), onde só alguns serão beneficiados, alimentado o sentimento de decepção entre grande parte da população que se sente excluída (Rollinde 1999: 112). Segundo esta última fonte, o ano de 1977 conheceu um aumento significativo de greves, levando o governo a romper o “pacto social” acordado em janeiro desse ano com a principal central sindical, a UGTT, e responsabilizando esta assim como toda a classe operária pela crise económica. Para além disso, e segundo a mesma fonte, esse ano conhecerá também uma série de repressões ao nível político, com vários opositores, nomeadamente de esquerda, a serem julgados por atentarem à segurança do Estado, assim como serão interditos de encontros de cariz político promovidos por opositores. A greve geral de janeiro de 1978, a primeira desde a independência, é vista por Rollinde (*ibidem*: 113) como uma afirmação de vontade de autonomia face ao poder que tenta controlá-la. Depois da detenção do secretário-geral da secção regional de Sfax da UGTT no dia 24 de janeiro, o sindicalista Habib Achour faz um apelo à greve geral para dia 26 perante uma massa de apoiantes reunida na praça onde se situa a sede central da UGTT em Tunes. Algumas horas depois rebentam os primeiros confrontos físicos entre forças de ordem e manifestantes que tinham vindo apoiar Achour. No dia seguinte a sede da UGTT é cercada pela polícia, que impede a saída de cerca de duas centenas de delegados regionais. Enquanto o PSD (partido no poder) apela aos seus militantes para descerem às ruas para impedirem a realização de greves, a UGTT exorta os trabalhadores a ficarem em casa e a

20 O autor usa as palavras de um discurso de Hedi Nouira, então primeiro-ministro, na Assembleia Nacional e publicado pela imprensa tunisina a 9 de fevereiro do ano a que se referem estes acontecimentos. Segundo Nouira, a influência estrangeira seria proveniente de um país bathista do Médio Oriente. A mesma fonte cita ainda um artigo de opinião assinado por Mohamed Sayah (então ministro das Obras públicas), publicado pelo jornal francês “Le Monde” a 6 de fevereiro, que afirma que esta proveniência estrangeira teria contornos sionistas “comme cela avait été le cas en France en mai 1968 avec un autre juif, Cohn-Bendit” (!). Monastiri (1973: 430), em nota de rodapé, relembra que Simone ben Othman, nascida com o apelido Lellouch, pertencia a uma família de confissão juiva.

evitarem concentrações para não responderem a provocações. No entanto, a UGTT perde o controle da situação quando os militantes mais jovens descem às ruas e juntamente com outras pessoas descontentes começam a queimar carros e a pilhar estabelecimentos comerciais. Será o exército que restabelecerá a ordem com uma repressão violenta que resultará em várias dezenas de mortos e centenas de feridos. Nesse dia o estado de emergência é declarado em todo o país e perdurará até 25 de fevereiro, exceto em Tunes e subúrbios que se prolonga até 20 de março. Os processos judiciais que se seguirão e que resultarão em várias condenações irão abranger exclusivamente dirigentes sindicais. Este ataque do governo à UGTT, apesar da nítida desmarcação dos atos de violência por parte desta central sindical, serve sobretudo como pano de fundo para justificar um congresso extraordinário onde a direção da UGTT será substituída por correntes lealistas ao governo (*idem, ibidem: 112-117*).

Apesar de no início dos anos 80 dar-se uma certa abertura política do regime tunisino, tendo o Partido Comunista Tunisino e o Movimento dos Democratas Socialistas sido oficialmente reconhecidos, o contexto de crise económica leva o governo a aderir aos planos de ajustamento estrutural do FMI, que irão produzir aumentos bem significativos nos bens de primeira necessidade, nomeadamente no pão, que estiveram na origem das chamadas “revoltas do pão” em janeiro de 1984. Como observa Rollinde (*ibidem: 117-118*), ao contrário da greve geral de 1976 cujos acontecimentos mais significativos produziram-se na capital e de certa maneira resultara de uma crise entre o governo e a UGTT, as “revoltas do pão” tiveram uma dimensão regional e começaram no sul antes de chegarem à capital. Para este autor (*ibidem: 118*), estas revoltas são “avant tout l'expression d'un refus du système qui exclut toute une partie de la société, et en particulier les jeunes chômeurs mais aussi tous ceux qui ont de plus en plus de mal à survivre grâce à des activités informelles voire clandestines et qui vont rejoindre la masse des exclus sociaux”. Estas populações contestatárias “ne se reconnaissent plus nécessairement dans les canaux traditionnels des partis et des syndicats”. O governo levará a cabo a detenção massiva não só de vários dos participantes nas revoltas, mas ainda de vários sindicalistas, militantes de esquerda e islamistas. Alguns estudantes universitários, serão conduzidos diretamente para o serviço militar sem finalizarem os seus estudos, como medida punitiva de disciplinação. O final dos anos 70 e início dos 80 na Tunísia é ainda marcado pelo crescimento das correntes ditas “islamistas” nas universidades (*idem, ibidem: 120-122*), mas também pela criação reconhecimento oficial da Liga Tunisina dos Direitos do Homem e pelas ações praticadas por um grupo informal de mulheres

independentes dos partidos e sindicatos que ficaram conhecidas por “Mulheres Democratas”(idem, *ibidem*: 124).

As “revoltas do pão” também se reproduziram em outros países vizinhos, também em consequência da subida dos preços derivada dos planos estruturais do FMI e que afetarão drasticamente os setores mais desfavorecidos das populações. A título de exemplo, no Egito ocorreram em 1977 e em Marrocos, como irei expor um pouco mais à frente, em 1981. Nos três casos²¹, estes acontecimentos ficaram conhecidos por “revoltas do pão”²².

Depois do golpe de Estado do general Zine el Abidine ben Ali em 1987, onde este se substituiu a Bourguiba como presidente da república até 14 de janeiro de 2011, a Tunísia conhecerá, em comparação a outros países vizinhos, um amortecimento significativo da contestação social, que Rollin (1999: 124-126) justificará por um lado pelo “consenso da classe política e intelectual em torno de Ben Ali como único travão face ao islamismo e como promotor de uma Tunísia moderna”²³ e, por outro lado, pelo regime de caráter policial instalado pelo novo presidente, que de resto tinha feito carreira no ministério do Interior e é considerado pelos sindicalistas como o responsável da repressão da Quinta-Feira Negra. No entanto, como nota o mesmo autor (*ibidem*, *loc. cit.*), isto não significa uma supressão completa da contestação. Ela seguirá o seu rumo por vários canais, seja, por exemplo, através do papel da LTDH e de certos advogados na defesa das vítimas da repressão política de diferentes correntes e ideologias, seja através dos estudantes que organizam vários protestos, como as várias manifestações e greves de grande adesão em 1998, que tiveram como pano de fundo diversas circunstâncias, como questões económicas e de acesso ao mundo do trabalho, ou em protesto contra o embargo decretado ao Iraque. Irei mais à frente regressar à época que antecedeu a queda do presidente Ben Ali.

No que diz respeito a Marrocos, as décadas que sucederam a sua independência, este país pautou-se por importantes protestos sociais, nomeadamente em 1965, 1981, 1984 e 1990 (Bouaziz 1999, Bennani-Chraïbi 1999), que serão aqui brevemente tratados e enquadrados²⁴. O

21 Por sua vez, estes três casos não serão necessariamente os únicos conhecidos pelo mesmo nome e circunstâncias. Simplesmente nesta dissertação preferi concentrar-me no caso marroquino, por ser o mais importante para o meu objeto de estudo, assim como no caso tunisino por ter sido o local onde começaram os protestos conhecidos pelo nome “primavera árabe”. Irei também fazer algumas referências ao Egito.

22 Em francês cada um destes acontecimentos é geralmente referido por “révolte du pain” ou, mais habitualmente, “émeutes du pain”. Em árabe, *Intifādat al-khubz*, significa literalmente “levantamento do pão”.

23 Tradução minha do francês.

24 Para além da bibliografia citada, foi importante para estabelecer um resumo destes acontecimentos a entrevista realizada (9/8/2012) com Fouad Abdelmoumni, ativista dos direitos humanos em Marrocos. Nascido em 1958, participou ativamente a partir dos anos 70 nos movimentos estudantis, sindicais e políticos, sem no entanto ter afiliação política. Devido às suas atividades políticas no meio estudantil esteve preso durante dois anos entre 1977 e 1980 e entre 13 de janeiro de 1983 e 21 de dezembro de 1984, a primeira vez no enquadramento legal de

período que vai desde os anos 60 até aos 90 ficou conhecido na história de Marrocos como “os anos de chumbo”, devido à mão de ferro com que o rei Hassan II, entronizado em 1961, governou o país. Em 1962, Hassan II faz adotar em referendo uma Constituição. São realizadas eleições e o posto de primeiro-ministro restabelecido em 1963. A Constituição outorgava para o rei os principais poderes de governação política do país, estando este acima de qualquer outra autoridade e religiosamente legitimado como Chefe dos Crentes (*Amīr al-Mu'minīn*). O ano de 1963 assistiu a uma vaga generalizada de repressão política, que já havia começado em 1959, e que culminou com a detenção de vários dirigentes da União Nacional das Forças Populares (UNFP) e de militantes comunistas.

Na origem da crise de 1965 está a circular, assinada em março desse ano, pelo ministro marroquino da Educação Nacional, Youssef bel Abbès, que interdita o acesso dos alunos com mais de 17 anos ao segundo ciclo de ensino secundário (El Ayadi 1999 e Kadiri 2005). Em 1965, a administração pública já contava com dez vezes mais funcionários do que à data da independência, encontrando-se numa situação de prática saturação (Kadiri 2005), facto que fundamentou essa interdição. No entanto, esta decisão irá espoletar uma forte contestação estudantil, visto que está em jogo uma das conquistas da independência: o ensino gratuito e generalizado. Como observa Abdeslam Kadiri (2005), na difícil conjuntura de então,

as famílias sobre-investem na promoção através da escola para os seus filhos. A entrada de mais de 200 000 jovens na administração desde 1956, para substituírem os europeus que partiam, mostrou aos pais que a escola era um meio de ascensão social. “Nessa época, a escola era um cavalo de batalha para os nacionalistas. O problema do ensino era central. A escola era vista como um meio para sair da precariedade social”, sublinha o historiador Mostefa Bouaziz. (tradução minha)

A 21 de março de 1965, em Casablanca, os estudantes saem para as ruas, não hesitando em partir montras de lojas e em incendiar carros e autocarros. No dia seguinte, iniciam uma greve. Operários e jovens desempregados juntam-se aos estudantes e vários locais de trabalho são pilhados e destruídos. Os confrontos alastram a outras cidades, tais como a capital — Rabat — e a Fez. No dia 23, o reenvio obrigatório dos estudantes com 17 anos ou mais para o ensino técnico

“prisão preventiva”, sem julgamento, e a segunda vez naquilo que ele qualifica de “raptos com paradeiro desconhecido e sem contacto com o exterior” (اختطاف ومجهول المسير دون أي اتصال بالعالم الخارجي), uma forma então corrente de detenção de opositores políticos. Este tipo de detenções são definidas pelos ativistas (ainda hoje) como sendo “raptos” (ar. *ikhtitāfāt*) que servem objetivo de aterrorizar os oponentes políticos. Um “raptos” dá geralmente lugar à condição de “desaparecido”. Os “desaparecidos” podiam também ser executados ou morrer em consequência de torturas e maus tratos. Não eram acusados formalmente e o seu paradeiro desconhecido oficialmente, não assumindo as autoridades a sua detenção ou falecimento. Quando morriam, eram enterrados secretamente (IER 2005). Abdelmoumni considera que 1965 marca o início de toda uma série de lutas após a independência de Marrocos.

coincide com uma onda generalizada de protestos sociais, em várias cidades de grande e média dimensão, que junta estudantes, professores, pais, trabalhadores, desempregados e ainda habitantes dos bairros de lata revoltados com o aumento do custo de vida.

Os estudantes do liceu saem para as ruas. De início, desfilam ordenadamente, gritando palavras de ordem como “não querem que os pobres se instruem”. As vitrinas de lojas mais luxuosas começam a voar em estilhaços. A polícia intervém e a manifestação vira em motim. À tarde, os habitantes dos bairros de lata juntam-se aos estudantes. Casablanca está incontrolável. São montadas barricadas. Os pais saem para a rua exigindo a libertação dos filhos detidos, os desempregados para reclamar trabalho, os estudantes com bolsas e outros gritam simplesmente a sua cólera. Os combates de ruas opõem manifestantes e forças de ordem. O acontecimento transforma-se em terramoto quando se contagia a Settat, Khouribga, Mequinez et Kénitra. (Kadiri 2005, tradução minha)

Simon Lévi²⁵, antigo militante comunista e sindicalista, que combateu pela independência de Marrocos, descreve a escalada das manifestações:

No dia 22 eram calmas, dia 23 endureceram consideravelmente, dia 24 ouvi catorze balas zumbirem nos meus ouvidos. As manifestações refletiam profundamente as esperanças desiludidas da independência, sobretudo as dos professores. Na noite de 24 de março, os dirigentes da Federação do Ensino são detidos. Nessa tarde, as brigadas especiais haviam entrado em ação e aí nós compreendemos que tudo havia acabado. (Kadiri 2005, tradução minha)

Estas manifestações resultaram, após a violenta repressão policial, em várias centenas de mortos, atingindo provavelmente os 1.500, mas nunca foi possível fazer uma avaliação fiável da quantidade de vítimas.

Nos dias que se seguiram o grupo parlamentar de oposição socialista, a UNFP, ainda tentou constituir uma comissão de inquérito aos acontecimentos, mas o governo não autorizou a iniciativa. Vários jornais foram proibidos. Houve detenções e julgamentos em massa. A UMT ainda tentou convocar uma greve geral para 28 de março, mas sem sucesso devido às ordens restritas do governo de proibição de qualquer tipo de manifestações ou greves. No dia 29, o país assiste ao discurso do rei transmitido pela televisão, onde este, com palavras paternalistas e numa lógica de compreensão-condenação, reconhece os problemas do ensino e da crise económica, confessando que o “o futuro não é próspero a curto prazo” (citado em Kadiri 2005, traduzido por mim) e

25 Simon Lévi (Fez 1934 – Casablanca 2011) era também professor universitário, secretário-geral da Fundação do Património Judaico-Marroquino, secretário-geral da Comunidade Judaica de Casablanca e fundador do Museu do Judaísmo em Casablanca, considerado o único do género existente no mundo árabe.

atribuindo responsabilidades e condenando vários grupos de pessoas. Nesse discurso (El Ayadi²⁶ 1999: 202), do ponto de vista sintático, pode dizer-se que o rei geralmente se invoca a si mesmo, na primeira pessoa do singular, dialogando com o povo ao qual se dirige na segunda pessoa do plural, e que a sua fusão com o povo é consubstanciada no pronome “nós” e no possessivo “nossos”. Hassan II lembra que a questão da educação é muito sensível, sendo também ele mesmo pai de família. Mas isso não o impede de atribuir a culpa aos pais por “pousser nos enfants dans la rue, et de les inciter à ne pas aller à l'école.”, concluindo que “il n'est pas point logique que la première des choses que nous leur inculquions soit l'anarchie” (citado em El Ayadi, *ibidem*: 202).

Dirigindo-se aos professores, culpados em termos suficientemente eloquentes por explorarem os estudantes, o rei relembra que

il est de l'habitude des hommes et des intellectuels en particulier, d'avoir assez de courage pour exprimer leurs idées et non pas pour exploiter les élèves et se cacher derrière des enfants. Ils devraient par contre être des hommes dignes de cette définition et assumer leur part de responsabilité. [...] Permettez-moi de vous dire qu'il n'y a pas de danger aussi grave pour l'État que celui d'un prétendu intellectuel. Il aurait mieux valu que vous soyez des illettrés. (citado em El Ayadi, *ibidem*: 202)

As últimas duas frases são ainda hoje citadas por vários marroquinos de todas as gerações para invocar o desprezo de Hassan II pelos intelectuais, nomeadamente os professores, e a marginalização da importância do ensino público até aos dias de hoje inclusive.

Relativamente aos “descontentes, desempregados e desesperados”²⁷, o rei percebe a gravidade do facto de uma fábrica de açúcar ser obrigada a despedir 900 trabalhadores e alega saber que 10.000 trabalhadores já perderam o emprego devido à crise económica.

Je sais aussi qu'on s'attendait, si tels incidents se produisent, à ce que les désespérés ayant également la responsabilité de garantir la subsistance à leurs enfants, grossissent les rangs des manifestants et donnent les rangs des manifestants et donnent un caractère beaucoup plus violent à ces manifestations qu'à celles des élèves. (citado em El Ayadi, *ibidem*: 202)

O rei não deixa ainda de se dirigir aos deputados, por quem também sempre alimentou um certo desprezo, e de os lembrar que o responsável não é quem fez a Constituição (o rei) nem quem a adotou (o povo através de referendo), mas quem a aplica (os deputados e os políticos).

26 El Ayadi (1999: 202) cita vários excertos do discurso do rei de 29 de março de 1965 reproduzidos no corpo oficial das traduções para francês dos discursos do rei in HASSAN II, *Le Maroc en marche. Discours de Sa Majesté Hassan II*, Rabat, ministério da Informação (a data de publicação não é referida por El Ayadi).

27 “des mécontents, des chômeurs et des désespérés”.

Eickelman (1985: 169) menciona a importância popular do ensino público no período após a independência, observando porém que “quando se tornou evidente que a ligação entre oportunidade socioeconómica e educação havia enfraquecido, o entusiasmo popular pela educação moderna decresceu precipitadamente” (tradução minha do inglês), mas não clarifica em que momento esse declínio se tornou evidente ou se o mesmo fenómeno se repercutiu ou não em simultâneo no meio rural e urbano. Por outro lado, refere ainda que a partir de finais dos anos 60, a educação islâmica tradicional, que havia sido negligenciada desde a independência, ganha oficialmente um novo vigor (Eickelman 1985: 170), isto é, no período que sucede a crise de 1965. A reabilitação do ensino nos *māsīd's* — equivalente marroquino da *madrassa* —, desprovido de instrumentos de crítica intelectual (Eickelman 1985: 57-65), pode ter sido uma das técnicas usadas para compensar o ensino público, após a pouca popularidade das medidas de reorientação forçada de alunos para o ensino técnico. Tendo em conta a fúria do rei Hassan II contra os intelectuais, nomeadamente os professores a quem atribuí a responsabilidade pelas revoltas, como patente no discurso acima referido, parece-me que a diversificação do ensino, através do recurso a formas de pedagogia alternativa, poderá ter sido uma das estratégias políticas do anterior rei para mitigar uma certa oposição política, que o regime não conseguia enquadrar e que estava muito presente nas escolas e universidades²⁸.

A má qualidade do atual sistema educativo é, nos dias de hoje, um tema comum vulgarmente abordado nos média, nas redes sociais e em conversas informais. Não me parece exagerado afirmar que largos setores da sociedade marroquina partilham uma visão muito negativa do ensino público. Como veremos mais à frente, uma das reivindicações do M20F é precisamente um ensino público de “qualidade”. Vários ativistas que entrevistei, como Youness Belghazi, Ahmed, Driss ou Salma²⁹, consideram que o atual sistema de ensino se pauta, entre outros problemas, por uma ausência da promoção de uma visão crítica e analítica.

28 Um artigo publicado pela revista mensal marroquina *Zamane* — *L'Histoire du Maroc*, n.º 28 de março de 2013, intitulado “Haro sur les intellectuels” (pp. 6-10) e assinado por Maâti Monjib, contem depoimentos extremamente interessantes de Mohamed Chafik, antigo diretor do Colégio Real, sobre a generalização do ensino tradicional em Marrocos, administrado no *māsīd* (ou *m'sid* na transliteração corrente em Marrocos). Segundo o testemunho de Chafik, este terá sido chamado em 1968 pelo diretor geral do gabinete real para se encontrar com o rei Hassan II e debater o estado do ensino no país. Chafik insistiu com o diretor geral para este transmitir ao rei que ele era considerado por toda a cidade de Rabat como um homem de esquerda e dotado de mau feitio, ao que o rei terá respondido que ele seria autorizado a conservar as suas ideias e mau feitio. Chafik redigiu então um relatório para o rei sobre o estado geral do ensino e pelo qual foi felicitado. O rei encomenda então um novo relatório, desta vez sobre o conteúdo e impacto pedagógicos do ensino professado nas mesquitas e *m'sids*. Citando de memória, Chafik afirma ter escrito nesse relatório que “l'enseignement dans les m'sids est l'une des causes principales de notre retard civilisationnel”. Uma semana depois do relatório ser entregue ao rei, Chafik foi recebido por este. Chafik relata esse encontro da seguinte forma: “Une fois dans son bureau, il éclate de rire et m'annonce qu'on m'ordonne d'envoyer une lettre au ministre de l'Éducation nationale pour lui demander de généraliser l'usage des m'sids et de les répandre sur le territoire. C'est l'année où nous sommes allés créer des écoles coraniques dans tous les recoins des quartiers”.

29 Entrevistei Youness Belghazi a primeira vez durante o mês de junho ou julho de 2012, e voltei-me a encontrar com ele diversas vezes até ao presente momento. Ahmed, Driss e Salma em 10 de maio de 2013.

A crise de 1965 abre caminho à proclamação do estado de exceção em junho, que perdurará em vigor oficialmente por cinco anos, mas que na prática se prolongará até 1974. O parlamento é dissolvido e a Constituição suspensa, permitindo ao rei exercer a sua autoridade sem qualquer restrição e de forma direta. Em finais de outubro, um dos grandes opositores políticos, Mehdi Ben Barka (UNFP), desaparece sem deixar traços enquanto se encontrava em Paris. A oposição não hesita em atribuir responsabilidades ao *makhzan* pelo rapto e assassinio de Ben Barka³⁰.

O ambiente político da época era sobretudo marcado por dois discursos opostos e concorrentes sobre a sociedade:

L'un exaltait l'identité nationale, l'authenticité historique, la continuité de l'État, l'islam comme fondement principal de l'État et de la société, la pluralité politique et syndicale, la liberté d'entreprendre et la suprématie, voire même la sacralisation de l'institution royale. L'autre sacralisait le peuple et la nation, glorifiait les martyrs de la nation, stigmatisait les traîtres et les collaborateurs, énumérait les valeurs d'une économie planifiée, réclamait la démocratisation des rapports sociaux et l'institutionnalisation du fonctionnement de l'État notamment par la formation d'une assemblée constituante. Ce deuxième discours rencontrait par sa dimension populaire et égalitaire, les aspirations des couches moyennes, et des mouvements des jeunes scolarisés. (Bouaziz 1999: 70)

A segunda tendência representa-se no parlamento sobretudo pela UNFP³¹. No entanto, 1965 marcará o nascimento de novas correntes políticas, que partem da juventude escolarizada e que rompem com as gerações mais velhas (El Ayadi, *ibidem*: 203) e que utilizarão a UNEM (União Nacional dos Estudantes de Marrocos) como o seu quadro legal e institucional.

O denominado “movimento 23 de março³²”, cisão estudantil da UNFP, juntamente com o movimento “Ilal Amam³³” de Abraham Serfaty e d'Abdellatif Laâbi, por sua vez cisão estudantil do

30 Ainda hoje o caso continua a ser um mistério, apesar das várias investigações realizadas tanto em França como em Marrocos. O caso continua vivo nos média, que com alguma frequência fazem novas reportagens sobre o assunto. Após os golpes de estado falhados do General Oufkir em 1971 e 1972, Rabat atribui a responsabilidade exclusiva a este general, que oficialmente se suicidou em 72, apesar das fortes suspeitas de que foi assassinado. Hoje em dia é mais ou menos correntemente aceite que Ben Barka foi uma vítima direta dos “anos de chumbo” de Hassan II e este o responsável direto. Corroborando estas teorias, um juiz francês reabre o dossiê em 2001, após novos dados, sendo emitidos mandatos de captura contra cinco funcionários marroquinos em 2007, incluindo um general (Hosni Benslimane), suspeitos de envolvimento na morte de Ben Barka, mas esses mandatos serão suspensos em 2009. Considerado hoje como um mártir, o seu nome é usado para nome de avenidas e ruas em várias cidades. O seu livro póstumo de 1966, *Option révolutionnaire au Maroc : écrits politiques*, é ainda hoje uma referência política.

31 A UNFP (União Nacional das Forças Populares) será o principal partido de oposição e de esquerda. Em 1975 a sua secção de Rabat cinde-se e cria a USFP (União Socialista das Forças Populares), que progressivamente se substitui à UNFP em termos de protagonismo político. Hoje em dia, apesar da UNFP continuar oficialmente a existir é na prática um partido mudo.

32 Dará origem à OADP em 1983, que mais tarde, em 2005, se juntará com outros três partidos e formará o PSU.

33 إلى الأمام (*Ilā-l-amām*) significa “Avante”. Era uma organização clandestina. Mais tarde, em 1995, dará origem ao partido Via Democrática (VD), que se legalizará 2004.

PLS³⁴, serão atores políticos importantes da oposição clandestina nos dez anos que sucedem a crise de 1965. A UNEM, o principal sindicato estudantil, será usado como o seu quadro legal e institucional. A UNEM desde a sua criação sempre se posicionou ao lado de uma esquerda muito crítica da monarquia e favorável ao projeto de um Estado Moderno, oposto à ideia de um *makhzan* renovado defendido pelo PI (Partido al-Istiqlāl) (El Ayadi, *ibidem*: 205-208). O seu VIII congresso realizado em 1963 “déclare solennellement que l'abolition du régime est la condition préalable pour sortir le pays de la crise ouverte ou latente dans laquelle il ne cesse de se débattre depuis l'indépendance” (citado em El Ayadi, *ibidem*: 207).

Segundo El Ayadi (*ibidem*: 208-212), esta juventude estudantil, tanto nos liceus como nas universidades, aliava-se às forças políticas socialistas e democráticas da época, adotando as ideologias então disponíveis, como o nacionalismo árabe, o socialismo ou o marxismo, rejeitando a religião como ideologia política, considerando-a uma das formas de legitimação do poder monárquico e uma das bases do conservadorismo do PI, que adotava um tradicionalismo apoiado na defesa da especificidade marroquina. Em contrapartida, na medida que para esta juventude politizada a mudança política teria de ser acompanhada de uma mudança intelectual e cultural, o interesse pela religião dava-se sobretudo ao nível sociológico, com o objetivo de conseguir a adesão das massas crentes aos processos de mudança política e modernização. Durante esse período, a universidade foi palco de várias experimentações, que incluíam por exemplo a participação dos estudantes universitários de todos os anos na elaboração dos programas em comissões mistas com os professores. Foi neste contexto que se propagou toda uma cultura de novos intelectuais. A nível político tinha havido uma rutura com os anciãos da esquerda, tanto com a UNFP — que devido às várias vagas de repressão não ousava contestar seriamente a monarquia —, como com o comunistas de obediência soviética — considerados autoritários e burocráticos —, sendo o maoísmo uma das alternativa preferidas. Estes jovens também eram permeáveis de pensamento que atravessam os movimentos estudantis a nível mundial, nomeadamente os de França em 1968. O Centro Cultural Russo e residências de estudantes chineses em Rabat, eram palco de diversas atividades culturais e forma de acesso a publicações de todo o género. As cinematecas do Centro Cultural Russo e de outros centros culturais de alguns países ditos ocidentais, assim como as programações do cineclubes de Rabat, que decorriam uma vez por semana no cinema Royal no centro da cidade, foram responsáveis pela divulgação dos filmes de Eisenstein, Godard, Abou Sif, Youssef Chahine e outros filmes ditos “políticos”. As projeções eram

34 Partido da Libertação e do Socialismo, ex-PCM (Partido Comunista Marroquino), que mais tarde virá a ser o PPS.

geralmente seguidas de debates. Autores como Marcuse, Althusser, Reich, Gramsci, Barthes, Lacan ou Foucault eram familiares nas conversas, debates e leituras. As revistas em francês *Lamalif*, *Souffles* e a revista em árabe أنفاس³⁵ transpareciam este clima cultural.

Este clima marcado por intensos debates marcaram sobretudo o ambiente universitário da época. Como observa Rollinde (2002: 159), “à partir de la marginalisation des partis politiques et de la rupture de mars 1965 entre deux générations, celle du mouvement national issue des luttes de l'indépendance et celle qui s'est formée dans la rue en mars 65, va s'ouvrir une période de débat, qui toutefois, à de notables exceptions près, reste limité à l'université et ne s'ouvre pas sur la société”.

A partir de 1972, irá desencadear-se uma vaga de repressão contras estas novas organizações políticas, com uma série processos em série que levaram à detenção sobretudo de estudantes dos liceus e universidades, assim como alguns jovens professores. A UNEM é interdita pelo governo em inícios de 1973 (El Ayadi, *ibidem*: 213 & 218). A partir dos anos 80, as tendências islamistas começam também a ganhar terreno e a expandir a sua influência consideravelmente. Os estudantes de orientação islamista irão progressivamente dominar o pensamento político das estruturas sindicais estudantis, incluindo a UNEM.

Os “anos de chumbo” serão pois repletos de detenções — com e sem julgamento —, raptos e mesmo assassinatos, de figuras da oposição política de todos os quadrantes políticos. Haverá ainda duas tentativas de golpe de Estado pelo General Oufkir em 1971 e 1972, sucedidos pela grande manobra de recuperação política de Hassan II, a Marcha Verde de 1975, uma marcha pacífica de cidadãos marroquinos em direção ao sul para “libertar” os territórios do Sara Ocidental, denominado também Sara Marroquino. Considerado à luz do direito internacional como territórios ocupados, perdura até aos dias de hoje a disputa por esta zona entre o governo de Marrocos e a denominada República Árabe Sarauí Democrática (RASD).

A década de 80 irá ser marcada por uma crise económica com fortes repercussões, com origens no aumento dos combustíveis — devido à crise petrolífera de 1979 —, o aumento dos bens da alimentação ao longo da década de 70 sem acompanhamento de aumento salariais

35 *Anfās*. Significa em árabe o mesmo que *souffles*. Relativamente à revista *Lamalif*, o seu nome é acrónimo da palavra *lā*, formada pelas letras *lam* e *alif*, que significa “não” em árabe. Segundo Rollinde (2002: 148) foi publicada entre 1966 e 1988 e apesar dos artigos politicamente críticos publicados, a gota de água que levou ao encerramento da revista foi um artigo sobre o costume dos atrasos longuíssimos do rei quando recebia convidados, desde subordinados até outros chefes de Estado, que eram assim obrigados a esperar pelo rei por vezes durante várias horas. Já a revista *Souffles* foi publicada entre 1966 e 1971, tendo durante este último ano sido publicada também a sua congénere em árabe, *Anfās* (Rollinde *ibidem*, 152).

proporcionais, o fracasso do plano quinquenal de 1974-1978, durante o qual se fizeram grandes investimentos que acabaram por não ter financiamento ou lucro, a seca intensa de 1980-1984, uma balança comercial extremamente negativa e uma acentuada dívida externa. Estes factos levaram o FMI e o BM a pressionarem Marrocos, no âmbito de uma futura adoção por parte deste de um programa de ajustamento estrutural, a reduzir em metade o apoio estatal aos bens de primeira necessidade, nomeadamente farinha, açúcar, azeite e leite³⁶, o que levou a uma escala vertiginosa dos preços destes produtos.

Os sindicatos, nomeadamente a CDT e a UMT, assim como os partidos de oposição representados no parlamento, tomam posição e exigem a anulação imediata da subida dos preços, anunciada no dia 28 de maio. Para além destes factos económicos de grande impacto social, outros de dimensão mais política contribuem também para o braço de ferro aguerrido entre os principais partidos da oposição, nomeadamente a USFP, e o *makhzan*. O rei havia partido para Nairobi para aceitar o princípio de realização de um referendo no Sara Ocidental, de forma a apurar a vontade deste território ser independente. Ora, para esses partidos isso constituía uma traição do princípio da “integralidade territorial” e da “marroquinidade do Sara” (Mounfiq 1999: 256-7).

Imediatamente a seguir ao anúncio da subida abrupta³⁷ dos bens alimentares, nomeadamente do pão, os principais sindicatos convocaram greves. A CDT, à qual se junta a UGTM, convoca uma greve geral a nível nacional para o dia 20 de junho. Por sua vez, a UMT, que ainda hoje é o principal sindicato, lança uma greve geral para o dia 18 de junho, mas apenas na região de Casablanca e arredores, com apenas o setor dos transportes públicos a fazer greve a nível nacional. A primeira greve contou com uma grande adesão, tendo a própria CDT alinhado também, ao mesmo tempo que manteve a greve geral e nacional marcada para o dia 20. Esta contou sobretudo com a participação dos setores onde a CDT estava mais presente, nomeadamente o ensino, os correios, a saúde, assim como os pequenos e médios comerciantes, cuja grande maioria aderiu, tendo fechado as suas lojas durante dois dias, facto extremamente importante porque constituiu o “prolongement de l'action syndicale dans les quartiers et dans les foyers populaires” (Mounfiq 1999: 257).

36 Este sistema de financiamento público de bens de primeira necessidade perdura até hoje e é conhecido como Caixa de Compensação Nacional. Para além dos bens mencionados, os combustíveis e o gás são também subvencionados.

37 Cf. Mounfiq 1999: 256, a subida anual dos preços não costumava ultrapassar os 5%.

Mas a segunda greve será marcada por grandes tumultos que se prolongam até ao dia seguinte, sobretudo nos bairros populares de Casablanca mas não só, naquilo que ficou conhecido como a “revolta do pão”.

Durante esses dois dias³⁸, Casablanca esteve em estado de sítio. As ruas preencheram-se de grupos de manifestantes grevistas. De manhã cedo ainda circularam alguns autocarros para transportar trabalhadores. Como não havia condutores, a polícia obrigou alguns a trabalhar, mas houve casos de elementos das forças de segurança a conduzirem eles mesmos os autocarros, que por vezes eram apedrejados por piquetes de greve. Logo durante a manhã do primeiro dia, as forças de segurança já investiam sobre os manifestantes e os piquetes de greve, disparando balas reais. Bairros inteiros foram cercados pelo exército. Havia blindados por todo o lado. Vários bancos e viaturas foram vandalizados (Vermeren 2006: 77). Era impossível a deslocação de um bairro a outro, não só pela ausência de transportes públicos mas também devido à polícia e militares que atacavam qualquer transeunte. Abdelmoumni para realçar a ideia do perigo reinante, menciona que “se alguém abrisse a janela a polícia atirava” (tradução minha do árabe³⁹), ideia corroborada por Mounfiq 1999: 258, que refere que mesmo no segundo dia, em que o clima era menos tenso e havia pessoas a circularem, as pessoas mantinham as janelas fechadas.

Durante este dias, houve quem fosse detido só por circular nas ruas, por estar no momento errado à hora errada. No segundo dia continua a haver vítimas e “raptos”⁴⁰ entre os manifestantes. Fala-se que polícias à civil vasculham vários bairros à procura de pessoas específicas. Fouad Abdelmoumni, que entrevistei, refere que as autoridades juntaram um grande grupo de detidos que foram transportados para o centro de detenção Guarda Real em Aïn Harroua, onde faleceram. Os feridos que se dirigiram aos hospitais foram presos. Ao terceiro dia, a vida voltava progressivamente ao normal. Os meses seguintes serão acompanhados de uma série de detenções sobretudo de quadros sindicais e estudantis (Vermeren 2006).

Os milhares de pessoas que nesses dias se manifestaram contra o aumento vertiginoso dos bens essenciais decidido pelo governo marroquino, nomeadamente do pão, foram brutalmente reprimidas e, oficialmente, houve 65 mortos, apesar das estimativas dos meios militantes que

38 É difícil fazer um relato fidedigno do que se passou nem é a minha intenção fazê-lo. Aqui apenas se tenta fazer uma descrição do cenário geral, tendo em conta os relatos de dois participantes, Abdelmoumni, por mim entrevistado, (ver nota 24) e Mounfiq 1999: 257-262.

39 "إلا غير شي حد فتح النافذة دياله كيتيريو فيه".

40 Ver nota 24.

avançam com um número bastante superior, entre 600 e 1000⁴¹. Corre ainda informação não comprovada sobre a existência de uma vala comum perto de um cemitério em Casablanca (Mounfiq 1999: 260-261).

Para Liauzu (1985: 120-121), as destruições levadas a cabo pelas populações em Casablanca nesse ano e em Tunes em 1984 (as revoltas do pão) “font ressortir deux enjeux particulièrement importants :les organismes d'une société de consommation dont la masse est exclue et le pouvoir”, atribuindo uma carga simbólica muito importante aos locais atacados e vandalizados pelas massas descontentes e providenciando um recenseamento dessas destruições, dividido em dois tipos de alvo: os organismos da vida urbana moderna, onde se contam sobretudo supermercados, lojas de luxo, ourivesarias, estações de gasolina, farmácias e bancos, entre outros, e as sedes de poder, que englobam, no caso tunisino, locais da televisão e rádio, do PSD, assim como a estátua equestre de Bourguiba⁴² e, no caso marroquino, postos de polícia e correios. O mesmo autor (*ibidem*: 131) observa ainda que nos protestos em Casablanca em 1965 e 1981, “l'intrusion des déshérités a révéle les profonds clivages entre émeutiers et forces sociales organisées”. Estes “déshérités” são a grande massa de pessoas que não têm emprego ou recorrem a atividades do mercado paralelo (ou clandestino) para sobreviverem, situação semelhante na Tunísia como já mencionei, e que escapa completamente à influência dos sindicatos que abrangem só os assalariados.

Depois dos eventos de 1981 em Marrocos, o governo fez marcha atrás na decisão do corte das subvenções a produtos alimentares. No entanto, a economia de Marrocos vai-se agravando

41 Vermeren 2006: 77. Mounfiq 1999: 260 observa que o número de 637 “foi citado segundo fontes concordantes provenientes da morgue de Casablanca e do centro de bombeiros desta cidade. [...] Estes números são inverificáveis, nomeadamente porque a as autoridades terão suprimido fichas de estado civil que continham registos de óbito e porque as famílias escondiam os seus feridos, visto que os hospitais estavam sob controlo da polícia” (tradução minha). Na mesma fonte, uma nota da redação (NDLR) constata que em outubro de 1998 o CCDH publicou uma lista oficial de desaparecidos com 112 nomes, apesar da Amnistia Internacional em junho de 1998 ter submetido à CCDH 500 casos de desaparecimentos.

Em 2004 o rei Mohammed V cria a Instância Equidade e Reconciliação (IER), com o objetivo de apurar verdades sobre os “anos de chumbo” de forma a reconciliar as vítimas com o passado. Dentro do quadro da IER, serão feitas exumações e descobertos corpos de vítimas da “revolta do pão”.

Em novembro de 2005 a IER publica uma “Synthèse du rapport final (résumé)” (IER 2005), que afirma que “Les investigations de l’IER ont permis de déterminer que 325 personnes, considérées pour certaines comme faisant partie de la catégorie des disparus, sont en réalité décédées lors des émeutes urbaines de 1965, 1981, 1984 et 1990, du fait d’un usage disproportionné de la force publique lors de ces événements. Ce chiffre global se décompose ainsi : [...] 114 durant les événements de 1981 à Casablanca [...]. Une source médicale a indiqué à l’IER que le chiffre global des victimes à Casablanca en 1981 est de 142. Cette information reste à vérifier. [...] A Casablanca en 1981, le rituel religieux n’a pas été observé et les victimes ont été enterrées dans deux fosses communes.”

Em dezembro de 2005, Mansour 2005 relata a descoberta, em inícios de dezembro, de tumbas destas vítimas pela mão da ativista dos DH Khadija Rouissi, no âmbito das investigações da IER, mas sem indicar números. Não consegui apurar qual o estado atual e exato destas investigações.

V. também Perrault 1990, capítulo XIX “Casablanca dans l’émeute”.

42 Esta estátua localizava-se no centro de Tunes, na Avenida Habib Bourguiba, na mesma praça onde hoje existe uma torre relógio construída no tempo de Ben Ali, que depois de ter subido ao poder mandou colocar a estátua de Bourguiba em Halq al-Wād, um subúrbio de Tunes.

cada vez mais. Por um lado devido a fatores da conjuntura económica mundial, tais como por exemplo a subida do dólar e a descida dos preços dos fosfatos, cuja exploração Hassan II depositava esperanças que viesse a ser o “petróleo branco” de Marrocos. Por outro lado, no plano interno, destacam-se fatores como a já mencionada seca de 1980-84 ou a dívida que não parava de aumentar: estima-se que em agosto de 1983 as reservas monetárias do país não eram suficientes para mais de duas semanas de importações. Nesse mesmo ano, Marrocos é constrangido a iniciar um plano de ajustamento estrutural proposto pelo FMI e o BM, que irá levar a uma série de medidas impopulares, tais como o congelamento dos ordenados (com a curiosa exceção dos professores universitários) e uma redução acentuada dos subsídios aos bens alimentares básicos. A 19 de janeiro de 1984 rebentam novamente revoltas em várias cidades. Só em Tetuão e Nador, no norte, terá havido uma centena de mortos (Vermeren 2006: 77-78)⁴³. As revoltas já haviam começado ao sul em Marraquexe, com os estudantes a manifestarem-se contra a subida das taxas de inscrição escolar. A realização da IV conferência da Organização da Cooperação Islâmica (OCI) em Casablanca de 16 a 19 de janeiro desse ano — que havia sido boicotada pelo Irão, estando o Egito e o Afeganistão suspensos⁴⁴ —, foi uma oportunidade para diferentes grupos, por razões diferentes, não só se oporem publicamente à conferência, mas também para darem um protagonismo mais internacional às suas reivindicações. Tanto grupos da oposição de esquerda secular como grupos islamistas — estes últimos em grande ascensão de popularidade —, distribuíram cada um os seus próprios panfletos nas ruas de Casablanca contra o regime e a conferência. Não é por acaso que o discurso de Hassan II a seguir a estas revoltas, atribuí a sua responsabilidade aos “comunistas e aos discípulos de Ayatullah Khomeini”⁴⁵.

No caso da cidade de Nador, contribuiu ainda para os protestos uma das medidas para combater o tráfico ilegal entre as cidades de Nador e a cidade de Melilha, enclave espanhol a poucos quilómetros, no âmbito das pressões do FMI/BM para acabar com um dos grandes buracos da economia marroquina, insolúvel até aos dias de hoje. A medida, que consistia em cobrar direitos de passagem entre as duas cidades, revoltou os habitantes que vivem significativamente dos lucros desse comércio ilegal e que assim se viam encurralados sem

43 Os últimos números oficiais são, mais uma vez, muito aquém destas estimativas propostas sobretudo por várias ONG's. Assim, IER 2005 faz o seguinte quadro global das consequências fatais das revoltas de 1984: “Pour les événements de 1984, l'IER a abouti au chiffre global de 49 victimes réparties comme suit : 13 victimes décédées à Tétouan, 4 à Ksar El Kébir, 1 à Tanger, 12 à Al Hoceïma, 16 à Nador et les localités avoisinantes, 1 à Zaïo et 2 à Berkane”.

44 A suspensão do Egito, que seria em breve revogada, devia-se à animosidade entre o presidente egípcio Jamal Abdennasser, que considera a OCI uma forma de impedir as políticas dos países árabes progressistas. O Afeganistão nessa altura estava ocupado pelo soviéticos.

45 Citado em “Décembre 1983: Début d'une crise au Maroc”. Artigo redigido pela equipa do sítio *Perspective Monde*, sem data, Universidade de Sherbrooke. Disponível em linha e acedido a 1/9/2012 em <http://perspective.usherbrooke.ca/bilan/servlet/BMEve?codeEve=931>.

alternativas de subsistência económica.

Hassan II, que já havia reformulado o governo a seguir às revoltas de 1981, volta a fazer o mesmo em 1983, dissolvendo novamente o parlamento, ainda antes das revoltas de 1984. Novas eleições ocorrem em setembro de 1984. Estas eleições resultam numa vitória confortável para os chamados “partidos da administração”, caracterizados por serem a voz do palácio real na política parlamentar e governamental. Waltz resume da seguinte forma a relação de Hassan II com o novo parlamento eleito:

(...) following the 1984 legislative election, Hassan II invited the newly elected deputies to fulfill their function as "council" to the sovereign, issuing the patrimonial charge, "You are all my ministers." (1995: 114)

Vermeren, considera que os anos 80 são uma época em que

(...) la vie politique est agrémentée par une succession des coups politiques du souverain. L'opposition de gauche est subjuguée par le pouvoir (PPS), réduite au silence (extrême gauche, UNEM) ou tenue en respect (USFP). (2006: 81)

No entanto, 1983 será também um ano em que

(...) une partie de l'extrême gauche tente d'émerger sur la scène politique officielle. Les héritiers du mouvement 23 mars créent l'Organisation de l'action démocratique populaire (OADP), autour de la figure du vieux résistant de l'AML⁴⁶ Mohammed Bensaid (élu aux législatives de 1984). L'USFP elle-même connaît une scission en mai 1983 (création du Parti de l'avant-garde démocratique socialiste⁴⁷ [PADS]). (Vermeren 2006: 81)

Em 1990, a greve geral de 14 de dezembro, acompanhada de manifestações de rua em diversas cidades, resultou em novos confrontos com as autoridades. Terá havido dezenas de mortos e 713 pessoas compareceram nos tribunais (Bennani-Chraïbi 1999). Estas mobilizações

46 Trata-se com certeza de uma gralha. O autor refere-se à ALM (Armée de libération marocaine), que aparece em 1951 e que irá após a independência de Marrocos em 1956 deslocar as suas atividades para o sul, nos territórios hoje designados como Sara Ocidental. Mohammed Ben Saïd, defensor da marroquinidade do Sara Ocidental, combate com os sarauís contra o ocupante espanhol, mas as atividades da ALM no Sara Ocidental acabam precipitadamente em 1958 com a operação *Écouvillon*, através da qual as forças conjuntas de Espanha e França, com o apoio de Marrocos, irão lançar uma severa campanha militar que erradicará a ALM. O forte apoio a nível de inteligência e de logística prestado pelo então príncipe herdeiro Hassan, futuro Hassan II, que receava na ALM um futuro concorrente, terá um forte impacto entre os sarauís e a frente Polisário. Criada pouco tempo depois, a Polisário irá reivindicar a auto-determinação total do Sara Ocidental face aos espanhóis e depois face aos marroquinos. Só a partir dos anos 70, Hassan II defenderá a marroquinidade do Sara, nomeadamente através da chamada Marcha Verde. Três fatores irão ser preponderantes para esta nova estratégia: 1) a retirada unilateral das tropas espanholas do Sara Ocidental, 2) a descoberta recente de minas de fosfatos com enorme potencial e 3) a neutralização da oposição política, que por sua vez sempre havia defendido a marroquinidade do Sara e o projeto do Grande Marrocos que se estenderia até ao Rio Senegal (sem ter em conta as aspirações dos seus habitantes, acrescente-se). Não deixa de ser importante referir ainda um outro fator de natureza geopolítica, a Polisário tinha-se aliado com a Argélia e ambos tinha relações cordiais com a então URSS, o que não acontecia com Hassan II, que terá visto que essa aliança poderia aumentar um cerco geográfico dos seus inimigos e, sobretudo, permitir à Argélia um corredor de acesso direto ao Atlântico. Este último motivo continua ainda hoje a ser usado como o grande argumento por aqueles que veem a Polisário como um utensílio político da Argélia.

47 O original grafa “Parti de l'action démocratique socialiste”. Trata-se obviamente de uma gralha ortográfica. Por outro lado, o PADS será oficializado só em 1989 e irá boicotar todas as eleições até 2007.

estenderam-se durante janeiro e fevereiro de 1991.

Mas a década de noventa será marcada, sobretudo nos seus finais, por uma abertura progressiva do regime. Abdelmoumni frisa que a queda da URSS terá contribuído de certa maneira para pressionar internacionalmente Hassan II a uma abertura política, na medida que o “ocidente” iria começar a criticar a ausência de direitos humanos em países ditatoriais que antes apoiava pelas suas posições anti-comunistas.

Em 1997, o rei Hassan II, contrariando os resultados das eleições legislativas decide escolher para primeiro-ministro Abderrahman Youssoufi, da USFP, integrando desta forma a oposição histórica no governo, numa decisão que apesar de tudo foi bem vinda, tendo sido dado a este período o nome de “alternância consensual” (التناوب التوافقي). Apesar de muitas das reformas democratizantes defendidas por este partido não terem sido realizadas ou terem sido executadas em soluções de compromisso com o palácio real, este período conheceu uma forte dinamização do meio associativo, mesmo tendo em conta que estas novas associações foram de certa maneira instrumentalizadas pelo *makhzan* (Hibou 2012).

No entanto, é possível dizer que o período da alternância consensual foi o primeiro motor de uma série de reformas em áreas tais como os direitos humanos, a liberdade de expressão, a boa governação, os direitos das mulheres e os direitos dos trabalhadores. Apesar disso, só em 2004, já com o rei Mohammed VI (entronizado em 1999), foi aprovada uma reforma ao Código da Família⁴⁸ marroquino, que permitiu responder a várias reivindicações reclamadas por associações dos direitos humanos e das mulheres, mesmo que de forma não inteiramente satisfatória para muitos ativistas envolvidos, como aconteceu, por exemplo, com as diferentes formas, conflituosas entre si, de encarar a questão da poligamia. Uma parte significativa da sociedade civil reclama o fim da poligamia, visão contrariada, por vários movimentos que invocam uma interpretação mais literal do Alcorão e da Sunna, segundo a qual o homem tem direito a casar-se com uma, “duas, três ou quatro mulheres”⁴⁹, desde que disponha de recursos económicos e as trate por igual⁵⁰. O novo

48 O Código da família (Mudawwanat al-'usrā) também é conhecido pelo nome genérico de Mudawwanah (moudawana na transcrição francófona mais corrente). No contexto jurídico marroquino, esta palavra significa Código e é aplicável a qualquer Código de leis na legislação marroquina. Assim, por exemplo, o novo Código da Estrada (Mudawwanat as-Sayr) aprovado em 2011, foi algumas vezes também referenciado pela imprensa marroquina, abreviadamente, como a nova Moudawana. Para evitar qualquer confusão com outro Código de leis marroquino, optei por utilizar o termo longo, Código da Família, em vez do termo curto em árabe. A título de curiosidade esta é a mesma palavra usada em árabe para “blogue” assim como se usa “mudawwin” para blogger. O sentido original da palavra remete para “anotação”, “registro”, “escrito” ou “registado pela escrita” ou ainda “recolha (de poemas)”. Dentro da mesma raiz, existe ainda *dīwān* que significa “cancioneiro”, “recolha de poemas”.

49 Alcorão, IV, 3.

50 A impossibilidade de as tratar por igual é um argumento invocado por várias pessoas que se reclamam do islão, para rejeitar a poligamia.

Código de Família desencadeou várias manifestações de rua, entre aqueles que defendiam uma versão dita mais laica (com a proibição total da poligamia e do casamento com menores) e aqueles que defendiam uma versão mais de acordo com a sua interpretação dos princípios de direito islâmico (*sharī'ah*). Esta movimentação na opinião pública que vinha já dos anos 90, culminou com duas gigantescas manifestações em 12 março de 2000, uma em Rabat defendendo a reforma do Código de Família de forma a pôr fim à poligamia e aos casamentos com menores e outra em Casablanca contra a reforma — ou pelo menos contra o tipo de reforma que então se discutia —, e que terá contado com uma participação consideravelmente maior que a outra. O resultado desse debate no texto do novo Código de Família anunciado pelo rei em 2004, foi uma solução de compromisso em que a poligamia passou a ser só permitida nos casos em que a primeira mulher mencione explicitamente, de sua livre e própria vontade, num anexo ao contrato de casamento, que consente que o futuro marido disponha de mais do que um cônjuge. Neste novo conjunto de leis, foi também colocada uma barreira legal à idade mínima para casamento, nos 16 anos. No entanto, os casamentos com menores dessa idade continuam a ser praticados, estando previsto que são exequíveis em caso de autorização excepcional emitida por juiz de um tribunal de família.

Estes dois exemplos podem levar a crer que no seio da sociedade civil existem duas grandes tendências: por um lado os grupos e ativistas que defendem uma versão laica da política e da sociedade e, por outro lado, aqueles que se reclamam de uma interpretação mais rígida do islão. Na verdade, tal afirmação constitui um erro de análise grosseiro e simplista, pois não se trata de uma clivagem simples e binária, existindo uma vasta escala de cinzentos e ecletismos que circulam. A título de exemplo, as posições sobre a questão da poligamia na corrente representada pela ORCOFE (Organização para a Renovação da Consciência Feminina, que é um coletivo do Partido da Justiça e Desenvolvimento, atualmente no governo) divergem consideravelmente das do coletivo *Insaf* (ala feminina do Grupo *al-'adl wa-l-Ihsān*, organização não partidária de grande adesão, ilegal, apesar de tolerada). No primeiro caso existe aceitação plena da poligamia como prescrição alcorânica e faz-se a apologia do modelo de família extensa, associado ao que é “tradicional” por oposição à família nuclear que é considerada uma importação cultural do ocidente e um indicador de decadência. No segundo caso, apesar da poligamia não ser totalmente rejeitada, ela é um recurso aplicável só em situações específicas, quando realmente necessário e no quadro da *sharī'ah*. (Ramírez 2006).

Outro movimento que irá marcar presença no espaço público sobretudo através de

manifestações de rua será o movimento dos licenciado desempregados. Criada em 1991, a ANDCM⁵¹ é a primeira organização “rassemblant des titulaires de diplômes allant du baccalauréat jusqu’au doctorat en situation de chômage et poursuivant l’objectif d’intégrer ses adhérents à la fonction publique” (Emperador 2007). Apesar do seu principal objetivo ser a integração dos seus membros na função pública, sendo esta a única forma de emprego reivindicado, os seus cadernos reivindicativos têm-se desdobrado também em “sujets disparates tels que le renchérissement des transports et des services de première nécessité, le respect des droits de l’Homme ou le détournement de l’argent public” (*idem, ibidem*). Atualmente existem diversas organizações que agem com os mesmo objetivos e que englobam situações mais específicas dos desempregados licenciados, como os engenheiro de terceiro ciclo ou os diplomados com deficiências. Estas organizações elaboram listas de atribuição de pontos aos seus membros. Por cada ação em que participam são atribuídos pontos em função da duração e risco das ações contestatárias. Em caso de negociação com as autoridades, são os membros que têm mais pontos acumulados os primeiros a arranjam emprego na função pública⁵². Estes movimentos têm uma grande visibilidade em cidades como Rabat, onde quase diariamente uma ou várias destas associações organizaram concentrações e marchas no centro da cidade, em frente a ministérios específicos ou em bairros periféricos⁵³. Quem se senta na esplanada do Hotel Balima, em pleno centro da cidade de Rabat em frente ao Parlamento, poderá observar estas manifestações, assim como o jogo do “rato e do gato” entre os seus participantes e as forças de segurança. A atuação destas varia entre a tolerância e a repressão, sendo o método mais utilizado a bastonada. Quando a repressão é muito feroz e resulta em feridos não é fora de normal que por vezes seja denunciada, ou pelo menos referida, na imprensa diária escrita, por vezes com fotografias. Geralmente os manifestantes usam uns coletes coloridos, semelhantes aos coletes retrorrefletores usados para sinalização rodoviária, com o nome e a cor da associação a que pertencem.

Estas associações também participaram de forma intermitente em manifestações de rua organizadas em nome do M20F. No entanto, pareceu-me que vários ativistas do M20F têm um

51 Do acrónimo em francês *Association nationale des diplômés chômeurs du Maroc*.

52 Estas listas são referidas por Emperador 2007, no entanto arriscou-me a dizer que a sua existência é um dado do senso comum, pelo menos em Rabat, pois todas as pessoas com quem falei sobre este assunto, sejam ativistas ou não, mencionaram-me estas listas, assim como a exigência de emprego que é feita por estes movimentos abrange *exclusivamente* um cargo na função pública.

53 No verão de 2012, em data que não registei, tive oportunidade de assistir por coincidência a uma marcha de licenciados desempregados na Av. de Madagascar no bairro Al-Muḥīt (também conhecido pelo nome francês *L’Océan*) em Rabat. Segundo um participante com quem brevemente dialoguei a marcha tinha começado no bairro Akkari e dirigia-se a Bab el Had, porta de acesso à cidade antiga de Rabat. Tentei fazer uma contagem “a olho” do número dos participantes e concluí, consciente da imprecisão deste tipo de contagens, que a marcha englobaria entre 700 a 1300 participantes.

postura algo crítica em relação às associações de desempregados licenciados, nomeadamente ao facto de concentrarem as suas exigências na obtenção de um emprego na função pública. Como me foi comentado por Yasser, numa manifestação na avenida principal de Rabat, organizada em nome do M20F no dia 20 de fevereiro de 2013, enquanto conversávamos sobre outra manifestação a decorrer a 200 metros organizada por desempregados licenciados e sobre as razões destes não se juntarem à manifestação do M20F, enquanto “nós [M20F] lutamos contra o *makhzan*, eles [apontando para a manifestação dos desempregados licenciados] lutam para fazer parte do *makhzan*”.

Para além dos protestos organizados pelos licenciados desempregados e que já haviam começado no início dos anos 90, mais recentemente o reino do Mohammed VI tem conhecido várias ações de protesto, não só no período que antecedeu a denominada “primavera árabe”, como também durante e depois, tais como “greves e manifestações do movimento sindical, protestos contra o encarecimento da vida, movimentos de mulheres pelo acesso à terra e direitos específicos, protestos contra os concessionários de transportes públicos” (Hibou 2012) e dos serviços de saneamento. No que toca ao sistema de transportes, em finais de 2009 a multinacional francesa Veolia Environnement S.A. assinou dois acordos com as autoridades marroquinas com o objetivo de gerirem o sistema de transportes públicos da zona urbana (*wilāya*) de Rabat-Salé-Zemmour-Zaër. Até então, os transportes públicos nesta área eram assegurados por diversas pequenas companhias particulares. Apesar de um dos acordos referidos prever a contratação de 3.200 pessoas⁵⁴, a realidade é que a nova companhia reduziu drasticamente o número de condutores. Esta iminência e concretização de despedimentos resultou numa série de greves em finais de 2009 e inícios de 2010, que deixaram Rabat semi-paralisada. Por outro lado, a companhia substituiu parte significativa da frota de autocarros disponíveis e que se encontravam em muito mau estado, por “novos” autocarros⁵⁵. Começaram então a surgir alguns acidentes, que jamais foram assumidos por nenhum grupo ou indivíduo numa dinâmica explícita de protesto social, mas cujo acontecimento não se afigura ser uma simples coincidência. Durante este período, deflagraram vários incêndios em autocarros que, ato contínuo, ficaram completamente destruídos⁵⁶.

54 <http://www.veolia-transport.com/en/solutions/key-locations/rabat.htm>, acedido em 23/5/2012.

55 Na realidade, apesar da companhia ter adquirido vários novos autocarros provenientes da China, também introduziu uma série de autocarros comprados em segunda mão aos Países Baixos e à França, tendo sido alvo de críticas nos média que acusavam-na de gastar o dinheiro para comprar o ferro velho da Europa. Ainda hoje circulam alguns autocarros em Rabat cujas matrículas originais desses países ainda não foram mudadas.

56 Os média locais relatam diversos acontecimentos nestes termos. Eu próprio tive ocasião de assistir, numa das artérias principais da cidade, a um

Outro grupo que tem organizado ocasionalmente diversas ações de protesto é o Grupo Nacional Independente dos Cegos Desempregados⁵⁷. Um dos protestos mais célebres realizou-se durante o primeiro trimestre de 2007, em data que não foi possível apurar com exatidão, em frente do Parlamento em Rabat. Durante este *sit-in* um grupo de cegos amarrou-se uns aos outros e ingeriram veneno para ratos, começando literalmente a morrer em frente do parlamento, dos transeuntes, das câmaras de televisão⁵⁸ e dos bombeiros que tentavam socorrer aqueles que ainda estavam vivos. As imagens da notícia transmitida pelo canal de televisão Aljazeera são particularmente sensíveis, não porque mostrem corpos de defuntos, mas sim porque os cegos estavam em vias de morrer, espasmando-se e espumando-se da boca, frente às televisões que captavam o acontecimento.

A partir de 2005, desenvolve-se em Marrocos um movimento social com o nome de “Coordenadoras contra o aumento dos preços e a deterioração dos serviços públicos”⁵⁹, também referido como “Coordenadoras contra o aumento dos preços” ou por “tansiqyat”⁶⁰. Na perspetiva de Youssef Rissouni⁶¹, ao contrário de outros movimentos precedentes mais centralizados e que emanavam sobretudo das grandes cidades como Casablanca e Rabat, durante um curto espaço de tempo de alguns dias, as coordenadoras são um movimento descentralizado que aparece em várias cidades e aldeias, não sendo dotado de nenhum organismo oficial central, e que esteve ativo alguns anos. Apesar de se terem organizado encontros nacionais destas coordenadoras onde a questão de uma organização centralizada foi debatida e defendida por alguns, os seus diversos participantes sempre recusaram a adoção de um mecanismo centralizado de coordenação. Ao todo, durante o período das suas atividades que durou sensivelmente entre 2005 e 2009, existiram cerca de quase uma centena de coordenadoras, espalhadas um pouco por todo o país desde pequenas aldeias a grandes cidades, apesar de só cerca de 15 a 20, segundo Raissouni, tivessem sido realmente ativas durante todo esse período. Estas coordenadoras organizavam-se localmente

destes incêndios de autocarro, que deflagravam sem ninguém reivindicar uma ação de sabotagem.

57 المجموعة الوطنية المستقلة للمكفوفين المعطلين

58 Bougarn 2007 reproduz uma reportagem televisiva da Aljazeera sobre esta tentativa de suicídio coletivo de cegos. Imil2007 2011 reproduz um vídeo registado em telemóvel onde se pode ver a polícia a intervir violentamente para dispersar uma outra manifestação de cegos realizada mais recentemente em Rabat a 5/7/2011.

A utilização da palavra “cego” reflete a palavra usada em árabe (makfūfin) pelos próprios.

59 Tradução minha do árabe “تنسيقيات مناهضة الغلاء وتدهور الخدمات العمومية”.

60 Do árabe “tansiqiyāt”, isto é, “coordenadoras”. Chamo a atenção que devido ao carácter descentralizado deste movimento, diferentes coordenadoras podem ter assumido nomes ligeiramente diferentes.

61 Youssef Rissouni é o presidente da secção de Rabat e membro do conselho administrativo da AMDH, associação que apoiou os protestos das coordenadoras. Entrevistado em 8 de maio de 2013.

para dinamizar protestos contra o aumento vertiginoso de preços que Marrocos conheceu no período em questão e imediatamente anterior, sobretudo a partir de 2000, nomeadamente em bens essenciais como a água e a eletricidade. Relativamente a estes aumentos, note-se que a partir da altura mencionada algumas municipalidades concederam a exploração de água, eletricidade e serviços de saneamento a empresas privadas, normalmente multinacionais estrangeiras, como a já referida Veolia. Estas companhias privadas, como se pode verificar na primeira parte do capítulo IV, serão um dos alvos dos slogans usados pelo M20F, já que são responsabilizadas pelo aumento das faturas de consumos domésticos.

As coordenadoras, seguindo a explicação de Youssef Rissouni, resultaram em alguns casos de um “movimento espontâneo de protesto” que só *a posteriori* se organizou como coordenadora ou pelo contrário foram constituídas depois de encontros entre várias “organizações políticas e sindicais”, assim como associações e ONG's, com o objetivo de formarem um “movimento de luta contra o aumento dos preços”⁶². Entre os organismos que se envolveram no movimento das coordenadoras contam-se quatro partidos (PSU, CNI, PADS e VD), três sindicatos (CDT, UMT, FDT) e associações como a AMDH, ANDCM, ATTAC entre outras. Estes mesmos organismos estarão também presentes no M20F, juntamente com outros que irei oportunamente referir⁶³, nomeadamente nas chamadas “assembleias de apoio”⁶⁴ do M20F. De resto, as coordenadoras e o M20F apresentam diversas semelhanças na forma como se organizam e pelo facto de se apresentarem como movimentos descentralizados.

Entre alguns dos protestos mais conhecidos no âmbito destas coordenadoras, podem-se mencionar os de Bouarfa, na parte oriental de Marrocos próximo da Argélia. O fecho das explorações mineiras que antigamente constituíam um dos recursos económicos principais ou as sucessivas secas que põem em causa a exploração de outros recursos, como a recolha de trufas que costumavam ser exportadas até terem desaparecido em 2005, têm posto seriamente em perigo a economia local. A partir de maio de 2006, e durante um espaço significativo de tempo que não me foi possível apurar objetivamente, a população consegue a gratuitidade da água, através de manifestações que chegaram a reunir metade da população local e através de um boicote massivo contra a ONEP, a empresa estatal marroquina de águas⁶⁵.

62 Entre aspas traduções minhas do árabe. No original (gravado em áudio): حركة مناهضة للغلاء / تنظيمات سياسية ونقابية / حركة عفوية احتجاجية .

63 Na quinta parte deste capítulo.

64 Tradução do árabe “majālis ad-da'm”.

65 Para além dos eventos de Bouarfa terem-se sido referenciados por Rissouni e por dois ativistas, baseio-me também em informações relatadas

A ideia de organizar manifestações em simultâneo em várias cidades de Marrocos, que será uma das características do M20F, parece também ter sido desenvolvida durante a época das coordenadoras. Um exemplo desta dinâmica, foram as manifestações do dia 17-10-2006, assinalado como o “Dia internacional pela erradicação da pobreza”⁶⁶, e que me foram referidas por Raissouni e Hamid como tendo tido uma significativa taxa de adesão.

Outra cidade que conheceu grandes protestos durante a mesma época foi Sidi Ifni. Em abril de 2005 é criado um Secretariado que agrupa partidos políticos (PJD, USFP, PI, GSU), associações e sindicatos de professores, taxistas, empregados municipais e outros. Este organismo irá apelar a uma manifestação contra “l’exclusion sociale et la marginalisation de leur région, la mauvaise gestion municipale, la non-transparence dans les opérations relatives aux marchés publics, etc.” (Rachik 2010). Segundo a mesma fonte, no dia 22 de maio 7.000 manifestantes⁶⁷ provenientes da cidade e da região de Aït Ba Amrane marcham nas ruas principais do centro da cidade. Novas manifestações repetem-se nos meses seguintes, saldadas quer pelo diálogo com instituições governamentais quer pela repressão policial, ou ainda por uma simples tolerância das autoridades para evitar uma escalada de confrontos. Em junho de 2007 a cidade volta a conhecer novos protestos significativos quando “une centaine de jeunes diplômés chômeurs ont occupé la route en obligeant les autorités locales à fermer les principaux sièges administratifs. L’ensemble de ces protestations étaient encadrées par Le comité de coordination, baptisé Secrétariat local de Sidi Ifni-Aït Baamrane (SLSIA) qui a appelé à la grève générale le 30 juin et au boycott des élections législatives de septembre 2007” (*idem, ibidem*). No ano seguinte, os protestos escalam ao rubro a partir de 30 de maio de 2008, quando um grupo de manifestantes decide fazer um *sit-in* constituído por três tendas e barricadas bloqueando a entrada do porto da cidade durante uma semana, 24 sobre 24 horas, em protesto contra a falta de oportunidades de emprego, apoiados por centenas de pessoas da cidade e arredores. A repressão policial de 7 de junho será bastante desproporcionada e violenta com a mobilização de cerca de 3.000 elementos de diferentes forças de segurança auxiliadas por um helicóptero, tendo resultado em dezenas de feridos e em cerca de uma centena de detenções, tendo o diálogo entre contestatários e autoridades locais ficado sem algum efeito (*idem, ibidem*). Estes eventos de Sidi Ifni foram bastantes mediatizados dentro e fora

por uma leitora do sítio *Mamfakinch.com*, num artigo relativo às detenções de ativistas e manifestantes que ocorreram na mesma cidade em 2011. Artigo disponível em <https://www.mamfakinch.com/10-militants-associatifs-et-syndicaux-condamnes-a-peines-de-3-ans-de-prison-l'autre-visage-de-la-revision-constitutionnelle-au-maroc/> e acedido em 9-5-2013.

66 Esta celebração foi reconhecida pela ONU em 1992, cf. <http://www.un.org/en/events/povertyday/background.shtml>, acedido em 9-5-2013.

67 Rafik menciona que só a cidade de Sidi Ifni tem uma população de “20.000 habitants selon le recensement de la population et de l’habitat de 2004”.

de Marrocos. Também a pequena cidade no sul de Marrocos, Tata, conheceu entre março e junho de 2005 uma série de protestos organizados pela “Instância de defesa da qualidade e gratuidade dos serviços médicos”⁶⁸, que agrupava mais de 30 quadros pertencentes a partidos políticos, sindicatos e associações. A mobilização massiva da população resultou na concessão das autoridades locais a algumas das reivindicações, nomeadamente a gratuidade dos cuidados médicos para os mais desfavorecidos e supressão da taxa moderadora nos serviços de saúde (*idem, ibidem*).

Estes são apenas alguns dos protestos mais significativos deste período de 2005 a 2009 em Marrocos que engloba as “coordenadoras contra o aumento dos preços” e outros grupos locais com nomes diferentes, que atestam dinâmicas de protesto bem ativas antes da chamada “primavera árabe”. Apesar de eu anteriormente ter estabelecido alguns paralelos entre as coordenadoras e o M20F, no que diz respeito às suas formas de organização apresentadas como “descentralizadas” e ocupação do espaço público, através do exemplo referido de manifestações simultâneas em várias cidades de Marrocos, chamo a atenção que se os protestos das coordenadoras e estruturas similares concentravam-se sobretudo em reivindicações de carácter económico e social, o M20F irá popularizar as reivindicações de conteúdo manifestamente político e as críticas abertas ao regime político e ao *makhzan*.

Também não posso deixar aqui de referir, mesmo que muito sucintamente, algumas dinâmicas contestatárias em outros países árabes durante o período imediatamente anterior à denominada “primavera árabe”. O Egipto conheceu um movimento em 2004 com o nome *Kifāyah* (Basta) que através de petições e manifestos contra o presidente Mubārak teve um certo impacto na sociedade, mesmo que a sua manifestação mais conhecida tenha reunido, no Cairo a 12 de dezembro de 2004, só cerca de um milhar de pessoas que protestaram em silêncio com autocolantes na boca com a palavra *Kifāyah*, exigindo a demissão de Mubārak. A cidade industrial de Al Maḥalla al Kubrā conheceu sérias atividades de contestação ao regime a partir de 2006, nomeadamente em 2008 depois das eleições em que Mubārak é reeleito, tendo os manifestantes lançado acusações de fraude eleitoral. As greves nesse ano terão mobilizado uma quantidade muito significativa de trabalhadores, tendo sido apoiados por um movimento então surgido nessa cidade e que utilizava o Facebook e o Twitter como instrumentos de comunicação e divulgação, o

68 Em francês e em transliteração simplificada do árabe no original (Rachik 2010), respetivamente: “Instance de défense de la qualité et de la gratuité des services médicaux” e “Hayaate addifaa ane jawdate wa majaniyate al khadamate assihiya” [هيئة الدفاع عن جودة ومجانبة الخدمات الصحية].

“Movimento da Juventude 6 de Abril”. As manifestações que aí decorreram, com imagens a serem transmitidas nos canais internacionais via satélite mostrando manifestantes a arrancar cartazes como a imagem de Mubārak, tiveram com certeza um certo impacto para os egípcios.

A Tunísia também não era um país mergulhado numa espécie de letargia, onde de repente as pessoas saíram para a rua para exigir a demissão de Ben Ali em finais de 2010. A campanha “Yizzi Fok”⁶⁹ que circulou através dos internautas (Yousfi 2013en) ou a dinamização feita pelo “Coletivo 18 de outubro para os direitos e liberdades”⁷⁰, ambas em 2007, são exemplos de atividades da sociedade civil em defesa da democratização. Também as greves de fome lançadas por diversas personalidades políticas e defensores dos direitos humanos para chamar a atenção da ausência destes no regime de Ben Ali e que precederam a realização em Tunes da Cimeira Mundial sobre a Sociedade de Informação em 2005⁷¹, assim como as críticas abertas de vários intervenientes durante e depois desta cimeira⁷², obrigaram o governo a conceder alguma margem de manobra, nomeadamente na imprensa.

Ao nível das lutas sócio-económicas na Tunísia, é preciso ter em conta uma longa história de lutas operárias, nomeadamente no sul do país. As revoltas na bacia mineira de fosfatos de Gafsa, nomeadamente a nível recente as greves e concentrações que perduraram durante todo o primeiro semestre de 2008 na cidade de Redeyf são disso um exemplo. Segundo Gatin & Seddik (2008), tudo parece ter começado com a publicação dos resultados, considerados fraudulentos, do concurso de recrutamento da Companhia de Fosfatos de Gafsa, o principal fornecedor de emprego na região, onde o desemprego da população ativa atinge os 30%. A sede local da UGTT é ocupada nesse dia, a 5 de janeiro de 2008, por jovens desempregados, aos quais rapidamente se juntaram as viúvas dos mineiros e suas famílias, operários, desempregados ex-operários, estudantes do secundário e habitantes. À parte um emprego nas minas, cujo pessoal efetivo foi reduzido em 75%

69 “Yizzī fōq” (transliteração académica) significa “vai-te embora”. O sujeito da frase era o presidente Ben Ali (“Ben ‘alī, yizzī fōq”).

70 Este coletivo resultou de uma série de reuniões e fóruns organizadas por membros da sociedade civil e que juntaram seculares e islamistas em defesa de alguns eixos, como a exigência de uma amnistia geral para os detidos políticos, liberdade de expressão e informação, liberdade de associação e organização e igualdade de géneros. Alguns documentos produzidos por este coletivo podem ser consultados em <http://www.tunisienumerique.com/collectif-du-18-octobre-pour-les-droits-et-les-libertes/85369>, acedido em 25-4-2013.

71 Sobre estas greves de fome: <http://www.internationalistes13.org/article-1072992.html>, datado de 21-10-2005 e acedido em 25-4-2013.

72 Durante esta conferência o regime tunisino foi alvo de críticas e pressões relativas ao controle e censura exercidos sobre a imprensa nacional e estrangeira. A conferência foi transmitida em direto na televisão mas a sua emissão misteriosamente suspensa aquando as intervenções da Suíça e do prémio Nobel Shirin Ebadi, que foram muito críticas em relação ao regime tunisino e às suas restrições de liberdade de expressão nos média. Os EUA não se coibiram de fazer uma declaração pública onde revelavam a sua “deceção com o governo da Tunísia que não soube aproveitar esta importante oportunidade para demonstrar o seu compromisso com a liberdade de expressão e reunião na Tunísia”. V. <http://www.edri.org/edrigram/number3.23/Tunisia>, acedido em 3/5/2012. Também a UE demonstrou publicamente repúdio pela falta de liberdades na Tunísia, fator em contradição com o espírito da cimeira. V. <http://www.guardian.co.uk/technology/2005/nov/16/news.eu>, datado de 16-11-2005 e acedido em 25-4-2013.

nos últimos anos, poucas são as hipóteses de emprego na região, vivendo a população através de pequenos comércios, ou migrando para os bairros pobres dos subúrbios das grandes cidades costeiras ou arriscando uma travessia pelo mediterrâneo. A ocupação da sede local da UGTT é vista por Gatin & Seddik (*ibidem*) como consequência desta se ter tornado “le centre d'une oligarchie qui ne fait plus bénéficiaire que ses amis et parents directs des miettes de la rente phosphatière. Elle est le représentant local le plus puissant de ce que les habitants ne voient plus que comme un pouvoir « étranger » injuste”. Após as primeiras detenções, as mães e cônjuges⁷³ dos detidos juntam-se aos protestos e a população convoca uma greve que afetará todas as atividades da cidade, incluindo o pequeno comércio. A violência do Estado face aos revoltosos, marcada pela utilização de balas reais, presença de tanques do exército, operações de procura de fugidios nas montanhas em redor, raptos e detenções para interrogatório e tortura, resultou em dois mortos e dezenas de feridos e detidos, que serão acusados e condenados por delitos graves. Várias comunidades de tunisinos migrantes, nomeadamente provenientes de Redayef e não só em cidades como Nantes, Paris e Milão tentam desbloquear e divulgar informação sobre este movimento de Redayef, facto que demonstra a importância de redes transnacionais em movimentos sociais, nomeadamente através de canais de migração. Relativamente ao reportório de reivindicações, este movimento “réclame la fin de la répression et l'ouverture de vraies négociations pour une sortie de crise honorable. Il demande l'annulation des résultats du concours de recrutement jugé frauduleux, un programme d'embauche des diplômés sans emploi, l'implication de l'État dans la création de grands projets industriels, le respect des normes internationales relatives à l'environnement, des services publics accessibles aux plus pauvres, par

73 Apesar de infelizmente não desenvolver este assunto nesta dissertação, trata-se de um fator extremamente interessante na história dos movimentos sociais no mundo árabe, o facto de as mães e as mulheres de detidos terem desenvolvido uma certa tradição em protestarem em público contra essas detenções ou exigindo melhores condições, transferência para outros estabelecimentos prisionais, aumento do tempo de visita dos familiares nas prisões, etc. No caso específico de Marrocos, Rollinde (2002: 215-218) menciona o aparecimento espontâneo nos anos 70 de um “movimento de familiares” desenvolvido por mulheres, devido às vagas de detenções que ocorreram nesse período, nomeadamente de militantes de movimentos radicais de esquerda. Estas mulheres familiares de detidos políticos irão redigir comunicados, exigir encontros com o ministro da Justiça, organizar *sit-ins*, participar em marchas como as do 1º de maio, entre outras ações. Geralmente mães, cônjuges ou irmãs desses detidos, começaram por encontrarem-se primeiro de forma informal antes de organizarem ações. Algumas eram estudantes e professoras, outras seriam mulheres, geralmente mães dos detidos que não haviam frequentado a escola e tinham vindo diretamente do campo para a cidade para defender os seus familiares. Ao contrário dos familiares detidos, a maioria não tinha qualquer conhecimento ou experiência em questões de política, ativismo ou militância. A resolução destas mães é firme ao ponto de muitas desafiarem as interdições de levarem a cabo qualquer ação por parte dos seus próprios familiares detidos, como aconteceu a primeira vez que participaram numa marcha do 1º de Maio com uma faixa onde se lia “Famílias dos detidos políticos”. Será desta forma que muitas irão tomar consciência das questões políticas pelas quais militam os seus filhos e pelas quais foram enviados para a prisão. A partir de 1975 várias faculdades e escolas começam a organizar a chamada “semana do prisioneiro político” onde estas familiares costumam discursar. Em 1979, com a criação da AMDH elas são consideradas por esta associação membros de pleno direito, e a AMDH torna-se um quadro legal para agirem. As vagas de detenções entre estudantes em 1981 e 1983 (*idem, ibidem*: 242-245) levaram também a uma nova mobilização das familiares desses detidos “dans toutes les villes marocaines où se déroulent des procès : envoi de lettres à la presse, présence permanente devants les commissariats pour obtenir des nouvelles de leurs enfants arrêtés, envoi de communiqués aux organisations internationales à l'étranger et pressions sur les partis politiques et sur les syndicats pour qu'ils apportent leur solidarité, participation au défilé du 1er mai à Casablanca” (*idem, ibidem*: 244).

Mais recentemente em Marrocos, pude observar nas manifestações feitas em nome do M20F, que existe sempre um grupo de mulheres familiares de detidos com cartazes com fotografias destes e com slogans escritos exigindo a sua libertação.

exemple pour l'électricité, l'eau courante, l'éducation, la santé... La devise qu'il s'est choisie : « détermination et dignité. »” (*idem, ibidem*). Como irei debruçar-me na primeira parte do capítulo IV, “dignidade” será uma das palavras chave dos movimentos sociais da chamada “primavera árabe”.

No entanto, apesar da UGTT na Tunísia se ter comprometido com o regime em diversas ocasiões, levando os trabalhadores a convocarem greves e protestos à margem desta, é preciso ver que esta central sindical também tentou autonomizar-se relativamente a um regime que tudo fazia para a controlar. Não deixa de ser a UGTT que organizou a primeira greve geral nacional em 1978, como já mencionei. Para Hèla Yousfi (2012)⁷⁴ a UGTT teve mesmo um papel muito importante nos protestos que levaram à queda de Ben Ali. Como já descrevi anteriormente no que diz respeito ao caso marroquino das “Coordenadoras contra o aumento do custo de vida e a deterioração dos serviços públicos” em Marrocos, os sindicatos tiveram um papel dinamizador. Irei ainda voltar a este assunto mais tarde para descrever o grau de envolvimento dos sindicatos no M20F.

Por último, não posso deixar ainda de mencionar as manifestações realizadas em solidariedade com questões ligadas a outros países árabes. Mais exatamente as que ocorreram nos anos 90 contra o embargo e guerra do Iraque, assim como já neste século, contra a invasão e ocupação do Iraque e Afeganistão. Também a segunda *intifāda* palestina a partir de outubro de 2000 originou diversas manifestações de solidariedade. Todas estas ocorreram em diversos países, incluindo Marrocos, Tunísia e Egito.

Não irei no entanto entrar em pormenores sobre cada caso, mas é importante reter aqui que muitas destas manifestações servem também de palco a protestos contra os governos de cada país, não só nos casos em que estes optaram por cooperar com os países invasores, mas também pelo facto da chamada causa palestina e da questão Iraque/Afeganistão serem temas aos quais uma esmagadora maioria da população é sensível, levando as autoridades a serem mais tolerantes com a sua ocorrência. A lista de slogans usados em manifestações em Marrocos contra a invasão do Iraque em 1990 e recolhida por Bennani-Chraïbi (1994: 309-316) apresenta exemplos que, para além da questão iraquiana e da crítica ao envio de tropas por parte do governo marroquino para integrarem a aliança liderada pelos EUA, abrangem também temas internos como o desemprego, a corrupção governamental, as detenções políticas, entre outros.

⁷⁴ Segundo nota de rodapé do mesmo artigo, estaria previsto para janeiro de 2013 em Sfax, Tunísia, a publicação da monografia da mesma autora com o título “L’UGTT au cœur de la révolution tunisienne”.

Para além destas manifestações servirem de pretexto a críticas aos governos, parece-me mais importante o facto de elas serem um fenómeno estruturante de aquisição de experiência na organização de movimentos sociais e de fortalecimento nas redes de contactos de diversos movimentos com outro tipo de causas. Sobre o caso marroquino, Bennani-Chraïbi (1994: 229-254 & 1999) debruça-se sobre os protestos contra a guerra do Iraque em janeiro de 1990 e ensaia estabelecer ligações com os outros protestos, nomeadamente a greve geral de 14 de dezembro e as várias manifestações desse mês em Marrocos. Esta autora observa que “Une série d'enquêtes réalisées en 1997 et en 1998 montre que ces événements, notamment ceux en rapport avec la guerre du Golfe, ont constitué un moment fondateur pour toute une génération de jeunes qui étaient alors soit au collège, soit au lycée, soit à l'université” (1999: 134). Porque nessas manifestações participam um maior número de pessoas de diversas tendências políticas, o convívio que elas proporcionam permite que pessoas partilhem ideias e se conheçam melhor, formando por vezes grupos cujos autores estarão presentes em outros protestos com outras reivindicações.

Durante o mês de ramadão de 2009, o Movimento Alternativo pelas Liberdades Individuais, MALI⁷⁵), fez-se conhecer através de um protesto *sui generis*, que apesar de não ter reunido mais do que algumas poucas dezenas de indivíduos, deu muito que falar na opinião pública. Das mobilizações sociais em Marrocos, o MALI terá sido “peut-être la première à avoir profité à plein de la plateforme des réseaux sociaux sur internet (facebook, twitter), des sites de vidéos en ligne (*YouTube* et *Daylimotion*), ainsi que des blogs, et leur importante croissance respective au Maroc ces dernières années” (Baylocq & Granci 2012). O MALI, através das redes sociais, começa a apelar à quebra do jejum do mês de ramadão em locais públicos, algo que não só é moralmente reprovável pela maioria da população marroquina, como é condenado pelo Código Penal marroquino. Nesse âmbito é convocado um piquenique em pleno dia num bosque de Mohammedia (entre Rabat e Casablanca) para o dia 13 de setembro. O acontecimento não se chega a realizar, pois à chegada dos seus atores à estação ferroviária de Mohammedia a polícia estava à sua espera para impedir a ação (Vairel 2012). Os instigadores desta ação, que também serão ativos no M20F, serão postos em vigilância pela polícia e durante algum tempo interditos de viajar para fora de Marrocos (Baylocq & Granci 2012). Apesar da ação do MALI ser reprovada por uma parte significativa da opinião pública, ela não deixou de ter a sua importância devido aos debates que se desencadearam na altura. A revista marroquina francófona *Telquel*, que se poderia

75 Do acrónimo em francês, que também resulta em português, *Mouvement alternatif pour les libertés individuelles*.

situar politicamente como sendo de esquerda e liberal no que diz respeito aos costumes sociais, não hesitou em dedicar a capa inteira do número seguinte a esta tentativa de protesto, com o título bem destacado “Ils l'ont fait !” e o comentário “Les dé-jeuners de Mohammed ont déclenché une tempête politique et social. Et relancé le débat sur les libertés dans un contexte tendu, voire dangereux”⁷⁶.

Pareceu-me importante fazer este esboço histórico de outros movimentos que precederam o M20F e a dinâmica geral contestatária que ficou conhecida por “primavera árabe”. Isto não significa que eu considere que haja necessariamente uma continuidade e coerência históricas entre os movimentos dos anos 60/70 e os atuais e até mesmo uma ligação entre diferentes movimentos atuais. O M20F, por exemplo, é um movimento bem desmarcado dos licenciados desempregados, apesar de algumas vezes estes últimos terem participado em manifestações de rua daqueles. A título de exemplo, Vairel (2012) indica que “le 24 novembre à Rabat, alors que des manifestants appellent publiquement au boycott des élections législatives, les groupes de diplômés-chômeurs présents sur l’avenue Mohammed V forment des cordons pour empêcher tout échange entre les deux collectifs”. Outro exemplo ao qual eu assisti exatamente à mesma dinâmica foi a manifestação de 20 de fevereiro de 2013, celebrando o segundo aniversário do M20F. Curiosamente uns dias mais tarde, a 24 de fevereiro, os licenciados desempregados participam numa manifestação do M20F. Obviamente os movimentos sociais divergem uns com os outros no que diz respeito aos seus objetivos.

Não posso deixar de ter em consideração as advertências de Tilly relativas aos investigadores serem por vezes vítimas da auto mistificação dos movimentos sociais, fenómeno resultante de “repeated attempts by movement activists to portray themselves as a solidary group with a long shared experience and a powerful collective memory” (1994: 16), visto que “The illusion of the social movement as a group arises from the very effort of movement activists to portray it as numerous, committed, unitary, and worthy” (*loc. cit.*). Ainda assim penso que os ativistas obviamente adquirem experiência não só através da evolução de um movimento social, como da participação em diferentes movimentos. Por exemplo, movimentos recentes em Marrocos, como a recém aparecida UECSE⁷⁷, contam com a experiência dos ativistas do M20F. Por outro lado, os ativistas baseiam-se em exemplos concretos de outros movimentos como forma de

76 A imagem da capa está disponível em http://www.telquel-online.com/archives/391/index_391.shtml, acessado em 20-5-2013.

77 Do acrónimo em francês “Union des étudiants pour le changement du système éducatif”.

inspiração para as suas performances e estratégias. No que diz respeito aos diversos movimentos que ocorreram em Marrocos no período histórico que acabei de expor, por exemplo aqueles que têm linhas políticas mais demarcadas e ambicionam uma mudança radical na sociedade para que esta seja realmente democrática e a riqueza seja repartida mais equitativamente, parece-me haver transmissão de ideias e factos entre as gerações mais velhas e as mais novas. Não só pelo diálogo que existe entre elas, por ambas participarem em diversas atividades conjuntas, incluindo manifestações onde tive oportunidade de verificar amizades entre várias gerações, como devido ao fator família. Uma parte dos ativistas jovens que conheci em Marrocos descendem de famílias de ativistas com ideias vagamente similares. Um ativista referiu-me, por exemplo, a importância dos acampamentos de férias organizados pela AMDH, onde o pai o inscrevera, na formação das suas redes de amizade e o facto de ter conhecido outros atuais ativistas nesses acampamentos. Também várias vezes, contactei ativistas que quando se referiam a outros, acrescentavam a ideia, como para atestar um certo “pedigree”, de que o seu pai é, ou era, um conhecido ativista. Parece-me que a descendência familiar como capital simbólico tem a sua importância até para militantes de extrema-esquerda e anarquistas com ideias aparentemente vincadas sobre a função da família na sociedade.

A existência de antecedentes não só influencia as pessoas como serve de exemplo de formas de protesto, assim como podem eventualmente funcionar como desinibidores do medo de protestar no espaço público. Parece-me também ser indubitável, pelo menos do ponto de vista empírico, que um movimento de contestação política e social tem muito mais hipóteses de se desenvolver e até mesmo captar a simpatia de uma parte mais significativa da população, quando já existe experiência histórica no domínio. Assim, parece-me que a espontaneidade da “primavera árabe” como relatada pelos médias, assim como auto-proclamada pelos seus próprios atores, constitui-se como uma mistificação destes protestos sociais recentes no mundo árabe. Entre os principais promotores das manifestações de 20 de fevereiro contam-se jovens que não fazem a sua estreia no ativismo político, tendo passado por anteriormente e continuando alguns ainda a militar em diversos coletivos, como o PADS, a USFP, o MUR, a AMDH, a UNEM, a ATTAC, o MALI, a VD ou o PSU (Vairel 2012).

Os primeiros passos

A eclosão dos protestos na Tunísia irá captar a atenção de muitos jovens em Marrocos que acompanham os eventos na Tunísia minuto a minuto e começam a discutir sobre o assunto e a trocar opiniões políticas através das redes sociais da Internet. Foram os acontecimentos da Tunísia e, ligeiramente depois, do Egito, na opinião de um ativista do M20F, Najib Chaouki⁷⁸, que “incentivaram a juventude a pensar na criação de um modelo especialmente marroquino, não do ponto de vista tradicional, mas da brisa de liberdade que atravessa a região, numa lógica de interação com o que está a acontecer” (Chaouki 2011, tradução minha). Neste contexto, alguns jovens criam no Facebook o grupo *Os jovens querem dialogar com o rei*⁷⁹, onde se trocam ideias e opiniões sobre o que estava acontecer e o que poderia começar-se a fazer em Marrocos. Segundo Chaouki “os debates abordavam os poderes constitucionais e políticos que o rei usufruía e os jovens expressavam as suas opiniões sobre o monopólio da decisão política, financeira, económica e cultural exercido pela instituição real. [...] juntamente com os problemas sociais e culturais que a sociedade marroquina vive, tais como o desemprego, a saúde e o suborno⁸⁰”, sendo criticadas todas as instâncias do poder “desde o topo até à base, desde a cabeça do sistema político até ao almocadém e ao porteiro”⁸¹ (*idem, ibidem*, tradução minha⁸²). Para Chaouki (*ibidem*), este grupo teria aglomerado “jovens do Facebook”, nomeadamente “jovens independentes que já militaram em partidos mas que os abandonaram, ou que nunca militaram num partido, mas partilham um discurso que se aproxima do socialismo democrático e do liberalismo⁸³” (tradução minha).

Dois outros grupos no Facebook, confluentes nesta dinâmica, são também criados, o grupo

78 Foi também um dos fundadores do MALI, juntamente com Zineb El Rhazoui, Ibtissam Lachgar, e Aziz el Yaakoubi.

79 مغاربة يحاورون الملك. Não consegui averiguar a data certa da criação deste grupo, mas estimo que terá sido algures em janeiro de 2011. Um outro ativista que entrevistei, Hamid, referiu-me um outro grupo com nome de “marroquinos em diálogo direto com o rei” (مغاربة يتحاورون مع الملك). Tudo indica que independentemente do nome realmente correto, tratar-se-ia do mesmo grupo.

80 A prática do suborno é tão usual como mesmo indispensável para conseguir aceder a certos serviços públicos. Não é por acaso que um dos slogans usados pelo M20F é “em Marrocos tudo funciona bem... com suborno” (v. capítulo IV.1. e apêndice A).

81 O almocadém (transcrição corrente em francês: *mokadem*) é uma espécie de cargo para-oficial (não usufruem de ordenado real por exemplo, apesar de receberem algumas módicas compensações financeiras) em estreita ligação com o ministério do Interior e o *makhzan*, sendo o cargo mais baixo na hierarquia deste último. Geralmente, são uma espécie de representantes do *makhzan* organizados espacialmente por bairro, tribo ou *duwwār* (*douar* na transcrição francesa). Uma das funções que têm é a redação de relatórios sobre a situação da sua área de controle, para serem enviados para o ministério do Interior.

82 "وانصب النقاش حول سلطات الملك الدستورية والسياسية التي يتمتع بها، وأبدى الشباب آراءه حول احتكار القرار السياسي والقرار المالي والقرار الاقتصادي والثقافي من طرف المؤسسة الملكية. كانت هذه هي بوادر النقاش إضافة إلى مجموعة من المشاكل الاجتماعية والثقافية التي يعيشها المجتمع المغربي كالبطالة والصحة والرشوة.. فالأمور إذن بدأت من الفوق نزولا إلى التحت، أي من رأس النظام السياسي إلى «المقدم» أو إلى «الشاوش»".

83 "ف «مجموعة حركة ديمقراطية الآن» كانت تجمع شباب الفيسبوك شباب مستقل مارس العمل السياسي وغادره أو أنه لم يمارس العمل السياسي ولكن لديه خطاب قريب من الاشتراكية الديمقراطية أو الليبرالية".

Não deixo de observar ainda que a palavra “liberalismo” (*al-librāliyyah*) é muitas vezes usada, pelo menos em Marrocos, de uma forma algo vaga. Mais de que uma corrente económico-política específica, parece-me que é usada sobretudo para descrever de forma geral qualquer conjunto de ideias oposto a qualquer tipo de despotismo.

*o povo quer a mudança*⁸⁴, que segundo Chaouki (*ibidem*) seria composto por “uma mistura de islamistas, simpatizantes da causa amazighe, esquerdistas e jovens independentes” (tradução minha⁸⁵), e o grupo *o levantamento pela dignidade*⁸⁶, composto de “ativistas da esquerda radical e simpatizantes desta tendência” (*idem, ibidem*, tradução minha⁸⁷). Começam pois a surgir vozes aqui e ali que apelam à criação de uma dinâmica unificada de protesto em Marrocos, que tenha um verdadeiro impacto na sociedade.

Estes três grupos tiveram uma importância fulcral na dinamização inicial do que ficou conhecido como o “Movimento da Juventude 20 de Fevereiro”. Enquanto isso, o Egito começa, a partir do dia 25 de janeiro de 2011, a assistir a concentrações em massa de pessoas na rua em protesto frontal contra o regime liderado por Hosni Mubarak, nomeadamente no *Maydān at-Tahrīr* (Praça da Libertação) no Cairo, que irão resultar, a 11 de fevereiro desse ano, na destituição do presidente da república e de outras figuras chave do regime. Os três referidos grupos, que aglomeraram milhares de seguidores, decidem após o começo das revoltas no Egito organizar um dia nacional de protestos dentro de um mês, inicialmente previsto para o dia 27 de fevereiro de 2011. No entanto, à última da hora antes do anúncio público desta convocação decide-se mudar esta data para dia 20. A razão foi simples, por mera coincidência o dia 27 é o dia em que a Polisário celebra a criação da RASD em 1976. Os boatos que começavam a circular sobre um dia nacional de protestos para o dia 27 e as acusações de que os seus organizadores pertenceriam à Polisário, assim como o receio do impacto negativo desses boatos no nível de adesão dos marroquinos foram fatores determinantes para a reprogramação de data para 20 de fevereiro.

Dois dias depois do começo das revoltas no Egito, no dia 27/1/2011, o grupo *Os jovens querem dialogar com o rei* muda de nome para *Movimento Liberdade e Democracia Já*⁸⁸, publicando um comunicado em que anuncia que este movimento “tem como objetivo a organização de manifestações pacíficas em cidades marroquinas no dia 20 de fevereiro de 2012” (MLEDM 2011, tradução minha) e enuncia a seguinte base de reivindicações:

— *Anulação da atual Constituição e nomeação de uma comissão constituinte composta de pessoas competentes e imparciais, para criar uma*

84 الشعب يريد التغيير

85 “(...) تضم خليطا، فيها إسلاميون ومتعاطفون مع الحركة الأمازيغية ويساريون وشباب مستقلون (...)”

86 الانتفاضة من أجل الكرامة

87 “أما «مجموعة الانتفاضة» فكانت تضم شباب اليسار الراديكالي ومتعاطفين معه، وهم أيضا طرحوا أرضية للنقاش (...)”

88 حركة حرية وديمقراطية الآن . Este movimento usa a sigla MLEDM, do acrónimo em francês “Mouvement pour la liberté et la démocratie maintenant”.

nova Constituição que atribua à monarquia a sua dimensão natural;

— Dissolução do parlamento, do governo e dos partidos que contribuíram para o estabelecimento da corrupção política;

— Realização urgente de medidas reais e concretas para aligeirar o sofrimento do povo marroquino e criação imediata de um fundo de desemprego para os desempregados⁸⁹;

— Libertação de todos os presos políticos;

— Nomeação de um governo provisório de gestão provisória, enquanto não é criada uma [nova] Constituição e enquanto não existir concordância dos corpos e organismos imparciais de todas as componentes do povo relativamente à ações que devem ser executadas no âmbito de um novo contrato social entre a monarquia e a sociedade. (tradução minha)

Oussama Lakhlifi⁹⁰, um dos fundadores do MLEDM, divulga no *YouTube*, no dia 31 de janeiro de 2011, um vídeo caseiro com o título *مغربي يدعو إلى الاحتجاج (Um marroquino apela ao protesto [tradução minha])*, onde explica frente à câmara as principais razões da existência deste movimento e as suas reivindicações (Lakomechannel 2011).

No primeiro dia de fevereiro aparece a primeira página Facebook com o nome “Movimento 20 de Fevereiro”, criada por Said Benjebli, presidente da Associação de Bloggers Marroquinos e

⁸⁹ O Estado-Providência funciona sobretudo com base em três instâncias: a segurança social, a RAMED e a Caixa de Compensação. A primeira é assegurada pela CNSS (*Caisse nationale de la sécurité sociale*) e abrange o mercado formal do trabalho. A CNSS é responsável — através dos descontos feitos pela população sujeita ao regime de segurança social — pela reforma, ajudas familiares para quem tem filhos, indemnizações de maternidade, férias pós-parto e compensação após falecimento aos familiares diretos. *Em caso de desemprego não existe qualquer sistema de compensação ou ajuda financeira.* Para além disso, as pessoas sujeitas a este regime também descontam — exceto se dispõem de um seguro de saúde alternativo — para a AMO (*Assurance maladie obligatoire*), que visa pagar a totalidade ou uma parte dos custos médicos em caso de doença. Este sistema existe só desde 2005. A AMO também abrange reformados que usufruem de pensões iguais ou superiores a 500 MAD (equivalente a quase 50€), assegurados voluntários e marinheiros pescadores em regime associativo de companha (não consigo garantir se esta é a tradução correta de "Marins pêcheurs à la part / البحارة الصيادون بالخاصة").

No entanto, devido à proliferação do trabalho informal e do desemprego, uma camada significativa da população não está abrangida pela CNSS nem tem condições financeiras para descontar voluntariamente para a AMO. Desde março de 2012 entrou em vigor, a nível nacional, o RAMED (*Régime d'assistance médicale*), que abrange as categorias mais frágeis da população, assim como o setor informal, seja cerca de 28% da população marroquina. Apesar da ideia se falar, segundo parece, já desde os anos 90, só recentemente entrou finalmente em vigor, não sendo talvez uma coincidência que tal tenha acontecido pouco mais de um ano após o início dos protestos do M20F.

Por último, a Caixa de Compensação (*Caisse de compensation, Şundūq al-muqāṣah*) consiste no financiamento direto por parte do Estado aos bens essenciais de forma a estabilizar e reduzir os preços, nomeadamente farinha, açúcar, gás, chá e combustível, garantindo o poder de compra dos consumidores. A título de exemplo, uma botija de gás custa 42,8 MAD em vez de 108 (cerca de 40€ / 100€ respetivamente), que seria o preço de venda ao público sem a participação da Caixa de Compensação. Este organismo existe desde 1941 (seja, desde o tempo do protetorado francês).

Estas informações têm por base o sítio Internet da CNSS (<http://www.cnss.ma/>), do RAMED (<http://www.ramed.ma/>), uma notícia do Jeune Afrique (<http://www.jeuneafrique.com/Article/ARTJAWEB20120314091705/>) e o artigo da Wikipédia sobre a Caixa de Compensação (http://fr.wikipedia.org/wiki/Caisse_de_compensation). O sítio oficial desta última (<http://www.cdc.gov.ma/>) está contaminado com software malicioso e por isso resolvi não acedê-lo diretamente. Todos os acessos datam de 27-5-2013.

⁹⁰ Oussama Lakhlifi foi um ativista do M20F com muita visibilidade nos média, tendo dado várias entrevistas sobre este movimento (LAKHLIFI 2011) e sido considerado mesmo uma espécie de porta-voz, apesar do M20F geralmente recusar a ideia de ter um porta-voz oficial. No entanto aderiu em finais de março de 2012 ao Partido da Autenticidade e Modernidade (PAM, criado em 2008 por Fouad Ali al-Himma, amigo pessoal do rei, sendo por isso este partido considerado próximo do Palácio; al-Himma demitiu-se do partido quando foi nomeado conselheiro do rei no verão de 2011). Esta adesão foi notícia de manchete do jornal *al-Masā'* em 23-3-2012. Apesar do próprio na altura ter declarado que a sua adesão ao PAM não negava a sua pertença ao M20F, este movimento acabou por o excluir, facto que se explica pela animosidade de todos as correntes existentes no M20F face ao PAM. Lakhlifi foi-me várias vezes referido por outros ativistas como alguém que se aproveitou do M20F para se tornar famoso.

ativista conhecido pelas suas posições de tendência islamista (Salih 2013). Mais tarde, os grupos *o povo quer a mudança* e *o levantamento pela dignidade* acima referidos adicionam ao início dos seus nomes a expressão “Jovens do 20 de Fevereiro”⁹¹ e aos poucos começam a surgir diversos grupos, uns nacionais e outros locais, que usam os mesmos epítetos e reproduzem as mesmas bases de reivindicações.

Em solidariedade com os manifestantes do Egito e Tunísia, alguns grupos de jovens ativistas marroquinos e de militantes da AMDH e de alguns partidos políticos começam a organizar *sit-ins*, nomeadamente em Rabat frente à embaixada do Egito, como as que decorreram a 30 de janeiro e 8 e 11 de fevereiro. Estes encontros irão contribuir significativamente para o fortalecimento de uma rede de ativistas que constitui um dos vários embriões do M20F na cidade de Rabat. A Internet será um dos instrumentos chave desta rede, nomeadamente através de blogues e redes sociais como o Twitter e o Facebook. No entanto, um dos ativistas que entrevistei, Youness, não hesita em desmentir a importância atribuída pelas médias ao fator *online* das recentes revoltas no mundo árabe. Para Youness, as redes de ativistas são menos o resultado direto das potencialidades que a Internet oferece, e são na realidade os contactos físicos que estão na origem da constituição destas redes, sendo a Internet apenas um instrumento, como qualquer outro, usado ao seu serviço. Ao longo de meu trabalho de campo, pareceu-me evidente que os diversos “core group” deste movimento conheciam-se previamente e reuniam-se frente a frente, tendo sido a Internet uma das suas formas de espalhar uma mensagem. Para explicar este fenómeno, Lenie Brouwer (2012), na sua investigação em curso sobre o M20F, distingue duas componentes em complementaridade: *offline* e *online*. Muitas vezes estas componentes processam-se simultaneamente, como no exemplo de alguém que participa numa manifestação e ao mesmo tempo está a filmá-la e a publicar esse conteúdo *online*. Por outro lado, a dimensão *offline* parece também adquirir uma maior importância para vários ativistas, através por exemplo de ações de divulgação do M20F, como a distribuição de panfletos em diversos bairros, nomeadamente nos bairros ditos “populares” (*al-ahyā’ ash-sha’biyya*) ou o contacto direto com a população local, organizando mesmo pequenas palestras para explicar os objetivos do M20F. Este assunto será novamente abordado no capítulo seguinte.

Será nestas manifestações que diversos membros dos grupos Facebook acima referidos se irão encontrar com diversas entidades que irão constituir mais tarde o “Conselho Nacional de

91 Ver nota 2 relativamente à co-existência de dois nomes usado pelo M20F e à sua tradução.

Apoio ao Movimento 20 de Fevereiro⁹² (CNAM20F), tais como por exemplo a AMDH. Apesar de no início a AMDH ter-se mostrado disponível só para efetuar um papel de observador e prestar apoio legal aos manifestantes, após várias negociações decide participar ativamente. No dia 10 de fevereiro decorre o primeiro encontro de preparação e coordenação na sede da AMDH. Simultaneamente deco rrem negociações com o GAI (Grupo *al-'adl wa-l-Ihsān*) para a participação deste nas manifestações. Os ativistas do M20F impõem como condições que o GAI não exiba nenhum cartaz com referências a si mesmo, que não se apresente como grupo à parte ou discrimine outros manifestantes e que não use slogans religiosos, condições que serão aceites, tendo o GAI integrado o CNAM20F (Salih 2013⁹³). A adesão do GAI foi deveras importante, pois esta organização consegue mobilizar um quantidade muito grande de pessoas. No entanto, se por essa razão alguns ativistas defendiam a adesão do GAI ao M20F, outros opunham-se receosos que o GAI acabasse por controlar o movimento. Por outro lado, o GAI terá recebido garantias que não seriam usados slogans que pusessem em causa importância da religião islâmica na sociedade marroquina. Os receios do GAI não são infundados, visto que muitos dos promotores dos protestos do 20 de fevereiro fazem parte de coletivos, como por exemplo o MALI e a ATTAC, conhecidos pelo ateísmo dos seus membros.

Durante este período foram também encetadas negociações com o PJD (Partido Justiça e Desenvolvimento, islamista) e a sua Juventude no mesmo sentido, tendo a Juventude do partido chegado mesmo a publicar um comunicado onde anunciava a sua participação, mas Abdelilah Benkirane, secretário geral do partido obrigou a organização juvenil a recuar na sua posição e proibiu a participação do PJD no M20F. Ainda assim, vários membros de destaque do PJD participaram não só na marcha de 20 de fevereiro como em outras organizadas posteriormente em nome do M20F. A própria organização juvenil do partido cria no Facebook o grupo “Movimento da Juventude contra a corrupção e o despotismo⁹⁴”, abreviado pelo nome “Baraka”, que significa *basta* em árabe marroquino, e que será um dos grupos presentes nas marchas e *sit-ins* do M20F.

No dia 13 de fevereiro, começa a circular *online* um filme de dois minutos, realizado com uma câmara profissional pelo estudante de cinema e ativista Montasser Drissi, composto de declarações proferidas por diversos cidadãos marroquinos, sobretudo jovens, frente à câmara,

92 Tradução minha. Em árabe: المجلس الوطني لدعم حركة 20 فبراير. Em francês: *Conseil National de Soutien du Mouvement du 20 Février*.

93 Salih refere ainda que o nome original do CNAM20F seria “Conselho Democrática Nacional de Apoio ao Movimento 20 de Fevereiro”, mas a presença do GAI teria levado à queda da palavra “democrática” aquando do anúncio oficial de existência desta instância. Não consegui confirmar com outras fontes a veracidade desta observação.

94 Tradução minha. Em árabe: حركة شباب ضد الفساد والاستبداد .

revelando a sua face sem problemas. Apesar de lançado com o título “Campagne 20 février 20 نداء فبراير”, ficou mais conhecido pelo nome “Sou marroquino e dia 20 de fevereiro vou sair para a rua”, frase que inicia o discurso de todos os seus intervenientes e que antecede as razões que estes invocam para se manifestarem nesse dia (Mouvement20fevrier 2011). Os intervenientes exprimem-se sobretudo em árabe marroquino mas também em amazighe, são jovens mulheres e homens, sendo a última interveniente, uma cidadã da terceira idade. São invocadas várias razões para justificar a presença na manifestação marcada, tais como para que “Marrocos pertença a todos os marroquinos, sem humilhações e sem discriminação”, “para todos os marroquinos gozarem os mesmos direitos”, “para encontrar trabalho sem ter de subornar alguém”, pelo “acesso gratuito à saúde”, pela “constitucionalização da língua amazighe como língua nacional” ou ainda pelo “fim dos abusos policiais”, entre outras razões invocadas⁹⁵. O vídeo será um *meme* que se reproduzirá pela Internet a um ritmo surpreendente.

Estes primeiros apelos terão uma enorme repercussão no debate público, que será marcado pela oposição entre aqueles que defendem uma saída em massa para as ruas no dia D e aqueles que se lhe opõem. Os últimos lançam uma contra-campanha denegridora do M20F utilizando várias técnicas que passavam por acusações de que potências estrangeiras estariam por detrás do M20F, que os seus membros seriam simpatizantes da Polisário e defenderiam a

95 Transcreve-se aqui a legendagem integral em francês, passível de ser extraída diretamente do vídeo original publicado via *YouTube* (Mouvement20fevrier 2011):

Je suis marocaine, je sors le 20 février, pour un Maroc qui appartient à tous les marocains, sans Hogra et sans discrimination.

Je suis marocain, je sors le 20 février, pour que tous les marocains jouissent des même Droits.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que j'aie un travail sans pot-de-vin.

Je suis marocaine, je sors le 20 février parce que je veux un enseignement de qualité pour tous, pas que pour ceux qui peuvent se le permettre.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que les personnes malades puissent accéder aux hôpitaux gratuitement et sans relations particulières..

Je suis marocaine, je sors le 20 février, je veux que la langue amazigh soit enseignée et qu'elle soit égale à la langue arabe.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que les Droits des ouvriers soient respectés et qu'il n'y ait plus d'exploitation.

Je suis marocain, je sors le 20 février qu'il y ait la liberté et la sécurité dans mon pays.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que personne n'habite les bidonvilles.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que la police cesse de nous humilier.

Je suis marocaine, je sors le 20 février pour que cesse la corruption.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que nous poursuivions les responsables de la destruction du pays.

Je suis marocain, je sors le 20 février pour que nous poursuivions les responsables de la destruction du pays.

Je suis marocain, moi aussi je sors le 20 février, parce qu'on veut une constitution populaire démocratique.

Je sors le 20 février, je vais protester, protester et protester encore. Parce que la cherté de la vie m'étouffe, et quand je me manifeste avec une coordination de lutte contre la vie chère, on m'opprime: je ne sais pas pourquoi! Être opprimé dans son propre pays? Je sors dans une manifestation pacifique et on m'opprime! Je suis déjà opprimée par la cherté et la misère, et on m'opprime encore plus. C'EST TROP.

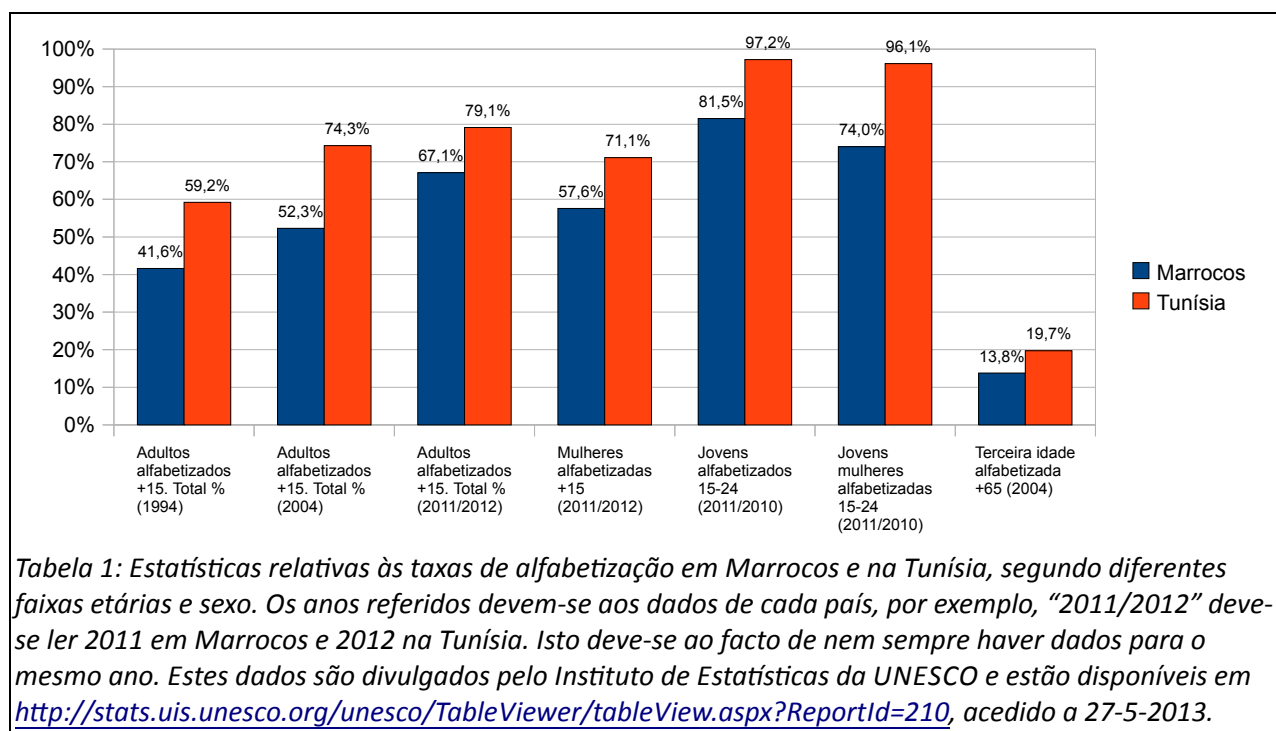
"20 février: démocratie, liberté, dignité." [escrito em árabe e amazighe]

normalização das relações com Israel, tendo sido mesmo espalhado o rumor que as manifestações tinham sido canceladas, juntamente com uma série de outros boatos. Esta contra-campanha invocou também o argumento da “exceção marroquina”, um termo produzido pelo *makhzan* para se diferenciar de outros países árabes com ditaduras mais rígidas, visto que se considera que Marrocos começou muito antes da Tunísia e do Egito a encetar importantes reformas a vários níveis, nomeadamente com o novo período que se iniciou durante o governo de “alternância consensual”. A título de exemplo, essa argumentação pode ter fundamento se compararmos a imprensa da Tunísia de Ben Ali com a imprensa marroquina, dado que é notória uma certa, mas contida, liberdade de expressão desta última. Pode-se constatar que mais ou menos tudo pode ser dito com três exceções: 1) criticar diretamente o Rei (apesar das críticas à sua *entourage* e ao *makhzan* serem comuns); 2) colocar em causa a “unidade territorial de Marrocos”, o que também engloba qualquer posição favorável à independência do Sara Ocidental, apesar de não serem incomuns as críticas à gestão marroquina desses territórios; e 3) ofender a religião islâmica ou fazer proselitismo a outra religião ou a outra interpretação da religião islâmica que não seja a oficial, isto é, a corrente sunita da escola de jurisprudência maliquita. Na imprensa, as críticas ao governo ou às atuações repressivas da polícia, por exemplo, não são raras. Note-se no entanto, que a televisão e a rádio são muito mais controladas e o espaço consagrado à crítica é muito menor ou quase inexistente, apesar da realização ocasional de debate sobre temas mais ou menos sensíveis⁹⁶. No caso da Tunísia, toda a crítica estava simplesmente banida da imprensa e o retrato de Ben Ali omnipresente nas primeiras páginas de todos os jornais, algo que em Marrocos só acontece em alguns periódicos “para-oficiais”. Alguns jornalistas tunisinos conseguiam porém fazer algumas críticas discretas nas páginas dedicadas ao desporto. A própria Internet, muito ao contrário de Marrocos, era bastante controlada pelas autoridades de Ben Ali e o acesso a sites críticos e sobretudo com artigos críticos relativos à Tunísia simplesmente inacessíveis. Em Marrocos, até os sítios Web da Polisário, inimiga por excelência da unidade territorial, são acessíveis. Ao nível da imprensa escrita tunisina, uma das poucas exceções terá sido a publicação intermitente do semanário fundado em 1984, *al-Mawqif*, vendido apenas nalguns quiosques de forma discreta. Por outro lado, costuma-se dizer que a Tunísia sempre foi o país árabe mais

96 A título de exemplo, alguns jovens do M20F participaram num debate sobre este movimento em 2011 num dos canais de TV estatais marroquinos, em data que não me foi possível apurar. Esse debate foi-me referido por Youness, mas eu nunca consegui visualizá-lo. Segundo este ativista terá havido uma jovem que fez comentários muito ousados sobre os problemas políticos e económicos de Marrocos durante a emissão do programa. Apesar de não serem comuns debates sobre questões sensíveis em que os seus participantes emitem opiniões demasiado críticas em relação ao regime político marroquino, estes não são inexistentes. No entanto a maioria dos debates políticos a que assisti nos canais marroquinos de televisão e rádio parecem-me que se concentram, de resto como na generalidade dos outros países, em questões demasiado específicas e setoriais, e não em questões relativas ao âmago do regime em vigor.

pioneiro na questão dos direitos das mulheres, o que não me parece incorreto.

Tanto em Marrocos como na Tunísia, existe ainda uma quantidade significativa de população não alfabetizada, apesar das evidentes melhorias a esse nível nas últimas duas décadas. A discrepância entre os dois países tem vindo a diminuir também (ver tabela 1), apesar de em Marrocos só 74% de jovens mulheres entre os 15 e os 24 anos de idade serem alfabetizadas, contra 96,1% na Tunísia. Este fator pode indicar que em Marrocos mais de um quarto da população não pode compreender, pelo menos diretamente, os textos críticos produzidos pela imprensa e outros média alternativos.



Para o *makhzan*, o que interessa é defender custe o que custar que Marrocos é abençoado pela sua excecionalidade relativa aos outros países da região, que se encontra no bom caminho, progressivamente a democratizar-se, que não faz sentido nenhum haver uma grande agitação de massas ou mesmo uma dita revolução, que apenas serviria os interesses estrangeiros e poderia arruinar a soberania nacional. O regime monárquico nos atuais moldes seria, nesta visão, o motor mesmo das reformas políticas lançadas por Hassan II e ampliadas pelo atual rei. Nesta lógica, seria então descabido por em causa a monarquia, algo que de resto se pode considerar que o M20F não fez, apesar de ter havido alguns membros que tentaram ter uma postura mais radical e menos consensual em relação a esta questão. Irei regressar a esta questão na primeira parte do capítulo IV, no que diz respeito às diversas reações ao slogan "o povo quer a queda do regime".

Durante estes dias que antecederam a convocação de manifestações em várias cidades de Marrocos para o dia 20 de fevereiro de 2011, os ataques lançados pelos média locais não são raros. Por exemplo, no dia 3 de fevereiro o jornal *al-Masā'* acusa os jovens deste novo movimento de estarem a trabalhar para os serviços secretos argelinos e para a Frente Polisário (MLEDM 2011b). Alguns jornalistas, que mais tarde irão publicamente simpatizar com o M20F, como Rachid Niny⁹⁷, não hesitam em atacar aquilo que consideram ser o radicalismo do movimento, como no caso do artigo intitulado *باسم الشعب* (em nome do povo)⁹⁸, publicado durante os dias imediatamente anteriores às manifestações de 20 de fevereiro de 2011. Durante este período, são também criadas no Facebook novas páginas contra o M20F. Não deixa de ser relevante referir aqui o conjunto de imagens que começou a circular na Internet e que atacavam diretamente alguns dos ativistas mais visíveis. Oussama Lakhlifi aparece em várias imagens a beber álcool, uma forma muito eficaz de difamar uma pessoa em Marrocos, visto que uma parte significativa da população considera a ingestão de bebidas alcoólicas uma ato vergonhoso e indigno⁹⁹. Outro jovem que participou no acima referido vídeo “sou marroquino e dia 20 de fevereiro vou sair para a rua”, é fotografado dentro de uma igreja e acusado de proselitismo cristão¹⁰⁰. Uma das jovens que participou também nesse vídeo aparece numa fotografia a abraçar Mohamed Abdelaziz, o secretário-geral quase eterno da Polisário e presidente desde 1976 da República Árabe Sarauí Democrática. Estas imagens, certamente fotomontagens ou imagens privadas usurpadas dos computadores pessoais ou imagens que por descuido foram colocadas no perfil público do Facebook, ainda circulam na Internet num vídeo publicado no *YouTube* a 17 de fevereiro de 2011

97 Rachid Niny é um conhecido jornalista marroquino e fundador do diário *al-Masā'*, líder de tiragens diárias e considerado o mais lido em Marrocos, onde publicava diariamente uma coluna de opinião com críticas abertas à política e à situação económico-social do país. Este periódico considera-se “independente” e como outros jornais ditos “independentes”, se me é permitido utilizar uma expressão popular, “dá uma no cravo e outra na ferradura”, sendo difícil destrinçar uma orientação política óbvia. Apesar dos ataques lançados contra o M20F nos dias imediatamente anteriores às manifestações de 20 de fevereiro de 2011, note-se que este jornal irá dar grande cobertura e destaque às várias manifestações do M20F e até mostrar uma certa simpatia pelo M20F, exceto quando este se apresenta de forma mais radical.

Por causa de um destes artigos de Niny, onde este desafiava o diretor dos serviços de informação marroquinos sobre a existência de um campo secreto de detenção e tortura localizado em Temara, este jornalista foi preso no dia 28 de abril e condenado a uma pena efetiva de um ano de prisão, acusado de comprometer uma decisão judicial, tentativa de influenciar a magistratura e divulgação de falsas ofensas criminais (Ismaili 2011 e AFP 2011). Apesar de eventualmente os artigos de Niny revelarem pouco profissionalismo e possivelmente basearem-se em boatos, a detenção deste jornalista e os detalhes do processo judicial servem de indícios de que a liberdade de imprensa ainda tem sérias restrições em Marrocos. Depois de Niny ser detido e condenado, os jornalistas afetos a este periódico, em solidariedade com Niny, começam então a comparecer publicamente, com faixas que os identificam como “jornalistas do *al-Masā'*”, em diversas marchas do M20F.

98 Irei debruçar-me sobre este artigo na primeira parte do capítulo IV, para analisar as diversas reações ao slogan “o povo quer a queda do regime”.

99 Isto não equivale a dizer que em Marrocos não é frequente consumir bebidas alcoólicas. O diário *Akhbār al Yawm* de dia 9/6/2012 indica que as estatísticas oficiais (mas que cuja fonte porém não é providenciada) apontam que em Marrocos se consome *diariamente* um milhão de garrafas de cerveja, 120.000 garrafas de vinho, 10.400 garrafas de whisky, 4.500 garrafas de vodka, 1.500 garrafas de gin, 1.800 garrafas de *māhya* e 1.000 garrafas de vinho espumante. A população de Marrocos ronda os 32 milhões. Não deixa de ser curioso que também não é a primeira vez, nem a segunda, que encontro num jornal marroquino estatísticas relativas a este assunto. Apesar da aparente objetividade do redator destas notícias, o uso de pontos de exclamação e os títulos algo sensacionalistas, indiciam que estas informações visam denunciar uma certa corrupção dos costumes morais na sociedade.

100 Em Marrocos, o proselitismo de outras religiões que não o islão ou a tentativa de converter muçulmanos a outras religiões é punível por lei de acordo com a *sharīah*.

(Sahtoutee 2011). Meses mais tarde, outra ativista será difamada através de imagens onde aparece em poses de avanço sexual com um homem com quem partilha uma garrafa de vinho. A sua “reputação” será no entanto salva quando se torna público que afinal o homem era o seu marido...

Não deixa de ser curioso que as estratégias usadas para difamar o M20F centram-se em questões relacionadas com a interpretação local dos bons costumes morais e da defesa do nacionalismo marroquino. No primeiro caso, sobretudo a questão do consumo de bebidas alcoólicas — moralmente reprovável e legalmente tolerado —, e do concubinato — moralmente reprovável e legalmente interdito, podendo os seus praticantes serem punidos com penas de prisão em caso de provas ou de flagrante delito. No segundo caso, as questões que atentam à pátria (*mass al-waṭan*), seja a questão da integridade territorial, nomeadamente qualquer aliança com a Polisário, negando a “marroquinidade do Sara” (*maghribiyyat aṣ-ṣaḥrā*), seja qualquer aliança com potências estrangeiras, desde o “inimigo sionista” (Israel) aos EUA, passando pela Argélia — com quem Marrocos ainda disputa traçados de fronteira e acusa de conduzir um conflito por procuração através da instrumentalização da Polisário —, o Irão — o perigo de trazer outra versão do islão, neste caso o xiismo duodecimano, para Marrocos — ou o Catar. Os valores nacionalistas são tão fortes, que nas assembleias gerais do M20F desde os seus primórdios se discutiram questões relacionadas. Por exemplo, se nas manifestações se deveriam usar bandeiras nacionais ou não. Salih menciona, apresentando a sua própria interpretação nacionalista da história do nascimento do M20F, que “após uma discussão sobre o assunto, foi rapidamente decidido” — como se essa fosse naturalmente a escolha mais natural — “usar as bandeiras nacionais, tal como aconteceu em Casablanca, mas ao contrário de outras cidades” que não menciona (*ibidem*, tradução minha¹⁰¹). Já Hamid, por mim entrevistado, afirma que estas discussões foram acompanhadas de fortes oposições, nomeadamente por parte da esquerda basista e dos anarquistas, que preferiam, como ele mesmo (militante do PADS), salientar o aspeto internacionalista dos protestos sociais, sendo o nacionalismo um conjunto de valores oposto aos ideais destas correntes políticas. Mas para Youness, apesar das suas ideias libertárias, considera ser mais estratégico usar o patriotismo, não como um conjunto de valores que ele próprio critica, mas como uma forma de criar uma identificação entre a população e os problemas específicos a

¹⁰¹“ومن القضايا ذات البعد الرمزي، والتي تثار النقاش حولها مسألة حمل الأعلام الوطنية أثناء المسيرات، وبعد نقاش لم يدم طويلا قرر النشطاء حمل الأعلام الوطنية، وهو ما تم بالفعل في مسيرة الدار البيضاء، بعكس ما كان عليه الأمر في مدن أخرى غابت عن مسيراتها الأعلام الوطنية.”

Marrocos, assim como por uma questão de pragmatismo, para atrair mais pessoas, visto que a população marroquina nunca alinharia com os protestos sociais em caso de qualquer suspeita de “interesses estrangeiros a Marrocos”. Esta também foi uma discussão prévia à elaboração do filme “Sou marroquino e dia 20 de fevereiro vou sair para a rua” e de outro filme que mencionarei de seguida.

No dia 17 de fevereiro, ativistas do M20F dão uma conferência de imprensa na sede da AMDH em Rabat, onde expõe os seus objetivos e reivindicações, nomeadamente de uma Constituição democrática. De forma a fazer frente a várias campanhas de difamação, o M20F publica um vídeo explicativo no dia 18 de fevereiro de 2011 intitulado “شكون حنا / Qui sommes-nous ?” (Mouvement20Fevrier 2011b), realizado novamente por Montasser Drissi, onde se reitera a mensagem que o M20F são jovens que amam o seu país e procuram a mudança e a dignidade, porque se recusam a serem desprezados e porque querem ver aqueles que saqueiam as riquezas do país serem condenados pela justiça, porque querem acabar com a corrupção. Por isso, exigem uma Constituição democrática, o fim da impunidade para os abusos de poder e um parlamento que sirva o povo. Salienta-se que não existem organizações políticas por detrás do movimento e que apenas as preocupações dos marroquinos e a responsabilidade de mudança os motivam. O vídeo, tecnicamente bem realizado e concebido, tem um esquema de apresentação muito semelhante ao anterior do mesmo autor. Os intervenientes falam diretamente para a câmara, isto é, para o público. Porém, é dividido em várias partes através de separadores de fundo negro onde se escreve uma questão em três línguas (árabe, amazighe e francês) a que cada interveniente responde¹⁰². Mulheres e homens alternam-se, assim como a língua árabe com a amazighe, o que

102 Reproduzem-se aqui integralmente as legendas originais em língua francesa do filme em questão, com as questões escritas precedidas de travessão:

— *Qui sommes-nous?*

Nous sommes des jeunes marocains qui aiment ce pays, nous appelons de nos vœux le changement et la dignité.

— *Pourquoi on descend dans la rue?*

C'est parce que nous voulons que beaucoup de choses changent dans ce pays que nous ne voulons plus être méprisés. Nous voulons que ceux qui pillent nos richesses soient sanctionnés. Nous voulons sortir pour dire : stop au pillage! Stop à la corruption.

— *Qu'est ce qu'on veut?*

Nous voulons une Constitution démocratique, la fin de l'impunité des responsables qui commettent des abus de pouvoir et qui profitent des richesses de ce pays. Nous voulons un gouvernement qui serve nos intérêts et un Parlement qui nous représente.

— *Et les rumeurs?*

Les rumeurs d'annulation des manifestations pacifiques du 20 février sont de fausses rumeurs, malgré ça on confirme qu'on va descendre dans la rue le 20 février.

— *Comment ça a commencé?*

Les manifestations ont toujours existé au Maroc, les révolutions tunisienne et égyptienne ont redonné espoir à la jeunesse marocaine et au Maroc tout entier.

— *Qui est derrière nous?*

também acontecia no outro vídeo já referido.

Por outro lado, algumas conhecidas figuras públicas, como por exemplo o artista cómico Bziz ou Hicham ben Abdallah el Alaoui¹⁰³, anunciam a sua simpatia pela ideia das manifestações convocadas para 20 de fevereiro, isto sem falar também de alguns conhecidos dirigentes de associações, sindicatos e partidos.

Os dois dias que antecederam as marchas nacionais do M20F serão vividos com muita atividade e nervosismo por parte dos ativistas. Por um lado, existem os trabalhos preparatórios, organizam-se comités com diversas tarefas, tais como contactar os média nacionais e internacionais, elaborar faixas, cartazes e listas de slogans, distribuir panfletos na ruas, etc. Por outro, os diversos receios que as coisas corresse mal. Existem relatos que a polícia foi a casa de diversos ativistas prevenir as suas famílias para que não os deixassem sair de casa no dia 20 de fevereiro. Conforme relatado por Salih (2013), no dia anterior aos protestos, alguns ativistas chegam mesmo a redigir os seus testamentos, receosos de perderem a vida, e gravam na sede da AMDH um apelo ao rei Mohammed VI para ser usado caso fossem presos, raptados ou desaparecidos. Nesse dia, várias páginas utilizando o nome “Movimento 20 de Fevereiro” são sabotadas e deixam de funcionar. Todos os cenários parecem possíveis: uma intervenção brutal da polícia, uma autêntica revolução ou a saída para a rua de só algumas dezenas de ativistas, sendo este último cenário o que parece mais provável de acontecer (Salih 2013) com a última cartada do *makhzan* para a despromoção dos protestos. Na noite de 19 de fevereiro, os média estatais marroquinos anunciam que as manifestações foram simplesmente canceladas. Najib Aantib, membro fundador do já mencionado MLEDM e um dos primeiros à apelar às manifestações de 20 de fevereiro, em declarações proferidas aos canais televisivos estatais marroquinos, e sem qualquer coordenação com os outros membros do MLEDM, afirma o seguinte:

A nossa retira da marcha de 20 de fevereiro está relacionada com informações, que nos chegaram de diversas fontes à última da hora, sobre as tentativas de algumas entidades em aproveitarem-se dos interesses da juventude marroquina, para expressarem as suas ideias que não são

Ce que tout le monde doit savoir, c'est qu'aucune organisation politique ne se cache derrière nous, notre unique souci c'est le changement et les revendications du peuple marocain.

— Et les détentions?

Nous n'avons plus peur des coups de matraque et des arrestations illégales, au contraire, cela nous donne plus de détermination et rend nos revendications plus légitimes.

¹⁰³ Mais conhecido por Moulay Hicham, é o primo do atual rei Mohammed V e escreve regularmente nos periódicos *Le Monde* e *Le Monde Diplomatique*, onde defende posições favoráveis a uma maior democratização do mundo árabe e de Marrocos em particular. Ver <http://www.alarabiya.net/articles/2011/01/31/135751.html>, acedido em 10/6/2012.

representativas do que querem os marroquinos, tais como movimentos islamistas radicais e movimentos de esquerda radical que defendem a utilização da violência [...]. São pessoas que na verdade desconhecem totalmente a realidade marroquina e que aparecem à última da hora imitando o discurso dos jovens. (2MInteractive 2011, tradução minha do árabe)

20 de fevereiro de 2011 — o primeiro dia nacional de protestos

Finalmente, chegou o dia D, constata-se que o M20F teve uma grande adesão. Os jornais são unânimes em considerar que nesse dia, em várias cidades de Marrocos, várias dezenas de milhares de pessoas desceram às ruas. Ao contrário do que alguns dos seus opositores haviam previamente alegado — que as manifestações iriam degenerar em pura violência —, estas pautaram-se sobretudo pelo comportamento “pacífico e civilizado”¹⁰⁴ dos seus participantes, com a exceção de alguns casos esporádicos de “vandalismo”.

Em Rabat, a manifestação estava marcada para as nove horas e meia da manhã, na praça de Bab el Had¹⁰⁵, localizada junto a uma das portas da cidade antiga. Segundo declarações prestadas em entrevista com um dos ativistas (Youness), que esteve presente no local da convocação desde muito cedo, havia uma grande nervosismo devido à aparente ausência de adesão popular, pois à hora da convocação a praça Bab el Had ainda se encontrava bastante vazia e estava uma manhã chuvosa. Segundo relatado por Salih (*ibidem*), Lakhlifi ao encontrar-se com alguns companheiros naquela manhã, comentou em tom de gozo: “Será que a natureza está aliada com o despotismo?” (tradução minha¹⁰⁶). No entanto, pouco mais tarde os ativistas aí presentes respiraram de grande alívio ao constatarem que afinal a praça tornou-se pequena para a forte afluência dos manifestantes, e começaram a receber telefonemas de ativistas de outras cidades marroquinas confirmando o enorme sucesso das marchas de protesto.

Não deixa de ser curioso mencionar a reportagem de abertura do telejornal das 12h45m do

104 Tradução da expressão árabe “مظاهرة سلمية وحضارية” (manifestação pacífica e civilizada), bastante utilizada pelos organizadores de manifestações em Marrocos, assim como pelos médias.

105 Como outras toponímias aqui referidas, recorre-se à transliteração mais corrente em Marrocos. A título de curiosidade, menciono que esta deve ser das expressões mais difíceis de transcrever academicamente do ponto de vista padrão da língua árabe. Pois se no que toca ao árabe marroquino a questão é fácil (*Bāb la-Ḥadd*), ninguém sabe exatamente qual a correspondência em árabe padrão, se é باب الأحد (*Bāb al-Aḥad*, isto é, “a porte de domingo”, onde no passado se realizaria um mercado aos domingos) ou se é باب الحد (*Bāb al-Ḥadd*, isto é, “a porta da fronteira/limite/extremidade”), visto que em árabe marroquino a palavra “ḥadd” equivale tanto ao sentido padrão de *ḥadd* como ao de *aḥad*.

106 Em árabe: “هل هي الطبيعة تتحالف مع الاستبداد”.

canal marroquino estatal 2M, que dedicou 10m40s às manifestações do M20F, com imagens e entrevistas recolhidas em várias cidades (2MInteractive 2011), sobre estes “jovens que querem mudanças ao nível social, económico e político” e “se manifestaram de forma pacífica e civilizada”. A reportagem começa com a cidade de Casablanca, onde um ativista do M20F (Abdelfetah Alaydi) refere que os marroquinos, “ao nível político, querem uma verdadeira representação do povo marroquino, uma Constituição democrática [...] e uma Justiça independente que englobe a dignidade dos cidadãos”. Uma outra ativista conhecida¹⁰⁷ (Ghizlane Benomar) é também entrevistada. Num dos cartazes filmados lê-se “o povo quer a mudança” e noutra “a Justiça é corrupta”. O locutor menciona que a “adesão ultrapassou todas as expectativas, mas que a iniciativa da juventude assistiu a uma grande aderência de vários grupos políticos, tais como o secretariado regional de Casablanca da USFP, o PSU, o PADS, a VD, a AMDH e o GAI, este último proibido” (traduções minhas). Foram também entrevistados alguns membros destacados destes partidos, associações e grupos. Esta menção, que se repete nos jornais impressos nos dias 21 e 22 de fevereiro, tem a sua significância. Dois ativistas, Youness e Hamid, declararam-me respetivamente o seguinte¹⁰⁸:

Os jornais dão sempre demasiada importância à presença dos partidos políticos em manifestações, pois é uma forma do makhzan desencorajar a adesão popular, visto que as pessoas têm um medo muito fortemente inculcado desde os anos de chumbo relativamente aos partidos políticos, nomeadamente aqueles que eles chamam de esquerda radical e que foram muito reprimidos no tempo do Hassan II, tendo muitos dos seus membros sido presos, raptados, torturados e desaparecidos, assim como um medo terrível de tudo o que seja rotulado de “político”.

Se uma manifestação for organizada contra, por exemplo, o aumento dos preços ou em prol de melhor habitação, a adesão popular é sempre maior do que se forem invocados motivos ditos políticos... É muito curioso, pois os motivos sociais e económicos também são políticos, mas simplesmente a generalidade dos marroquinos não percebe isso.

Voltando à reportagem do canal 2M, depois da cobertura de Casablanca, o locutor anuncia que “em Rabat, centenas de manifestantes participaram na manifestação de M20F, que foi criada na Internet por jovens que ambicionam mudanças e reformas para construir uma sociedade moderna e democrática” (tradução minha). Mais uma vez são entrevistadas algumas figuras de

107 Escrevo “conhecida” porque o seu nome foi várias vezes referenciado em situações diferentes, incluindo por outros ativistas. Já o primeiro ativista entrevistado nunca vi ou ouvi o seu nome referido em outro lugar.

108 Chamo a atenção que estas entrevistas, das primeiras que realizei, não foram gravadas, tendo-me limitado a tirar algumas notas no meu caderno. Por isso, estes dois discursos não são citados palavra a palavra, mas sim reconstruções feitas com base nos meus apontamentos e memória. A entrevista a Hamid foi realizada a 17 de julho de 2012. Entrevistei Youness durante o mês de junho ou julho de 2012, e voltei-me a encontrar com ele diversas vezes até ao presente momento.

destaque do M20F, como Najib Chaouki e Salma Maarouf, assim como um membro da AMDH e outro do PSU. A cobertura de Rabat termina com um grande plano de uma fotografia emoldurada de Hassan II empunhada por manifestante. Mais curioso é o destaque dado às declarações de Najib Aantib do dia anterior e em cima referidas e reproduzidas, apesar do sucesso evidente na própria versão relatada do telejornal “oficial” do regime. A reportagem continua, revelando diferentes níveis de adesão em outras cidades. Nas imagens de Marraquexe, entre outras imagens em que se vê o que aparenta ser algumas centenas de manifestantes, é dado destaque a um cartaz onde lê “liberdade imediata para todos os presos políticos”. Outras cidades são ainda mencionadas: Lâayoune, a cidade principal do Sara Ocidental / Sara Marroquino¹⁰⁹, que se pautou por uma pequena manifestação de apenas meia centena de pessoas, Tânger, Oujda, Agadir e Alhoceima (cerca 400 pessoas em cada uma). Para além de imagens destas cidades, o locutor menciona ainda que os mesmos slogans e reivindicações foram utilizados e todas as manifestações pautaram-se pelo “comportamento pacífico e civilizado” dos seus participantes.

Infelizmente, não consegui aceder a outros noticiários do mesmo dia, nomeadamente os da noite, visto que este que aqui relato foi emitido às 12h45, talvez ainda demasiado cedo para fazer grandes conclusões, nomeadamente no que respeita à versão da televisão estatal sobre a adesão. No entanto, é de referir que a imprensa escrita marroquina, nomeadamente a que se considera “independente”, dedicou várias páginas ao assunto e menciona uma maior adesão do que aquela referida no telejornal.

O diário *al-Masā'* do dia 21 de fevereiro dedicou 5 páginas, mais grande destaque na capa ocupando cerca de três quintos, no que propõe ser uma “cobertura da marcha de 20 de fevereiro” com a manchete “O povo exige reformas e a condenação dos corruptos”. As notícias dividem-se por cidade e dão um grande ênfase aos slogans entoados e à presença de grupos de “esquerda radical”. Por exemplo, na cidade de Fez alega-se mesmo que “os jovens do Facebook não apareceram e a esquerda radical dominou a manifestação”. Já em Marraquexe, onde “compareceram mais de dez mil manifestantes”, “o GAI teria-se retirado depois de vários elementos de grupos basistas de esquerda terem apedrejado a esquadra da polícia turística”, e em Agadir “alguns manifestantes retiraram-se depois de terem sido entoados slogans contra o regime”, nomeadamente o famoso “o povo quer a queda do regime”. Neste último caso e

¹⁰⁹ Os territórios do Sara Ocidental ou Marroquino, são disputados entre Marrocos e a Frente Polisário, apesar de serem controlados de facto pelo governo marroquino. Existindo ambas as designações e não sendo nenhuma delas suficientemente neutra, optei por utilizar “Sara Ocidental / Sara Marroquino”.

independentemente da sua veracidade, ao dar-se destaque a este relato, que merece uma notícia à parte com o título “Agadir: manifestantes retiram-se depois de serem entoados slogans contra o regime”, o periódico parece vincular a sua posição de defender estes protestos desde que não sejam demasiado radicais, como será óbvio nos vários artigos assinados pelo diretor de redação, Rachid Niny. Os vários artigos dedicados ao assunto no *al-Masā'* desse dia relatam as reivindicações expressas pelos manifestantes, tais como a monarquia parlamentar, a transparência nas eleições, a demissão imediata de várias figuras da política consideradas corruptas, incluindo o primeiro-ministro, a dissolução do atual parlamento e governo, uma nova Constituição assente nos princípios democráticos e da monarquia parlamentar, a boa governação, medidas no dossiê Direitos Humanos, especialmente no que diz respeito à aplicação dos conselhos da Instância de Equidade e Reconciliação, a libertação de todos os presos políticos, medidas para combater o alto custo de vida, o fim das companhias particulares que gerem o saneamento das principais cidades e que praticam preços demasiado altos, a integração total dos desempregados, a criação de Justiça realmente independente, o julgamento dos responsáveis pela corrupção, o fim da fuga à Justiça, habitação digna, o fim do medo. Três palavras dominam: “Liberdade, Justiça Social, Dignidade”. As bandeiras da Tunísia e do Egito também estão presentes em solidariedade com os levantamentos que ocorreram nesses países.

Em geral, menciona-se o comportamento pacífico dos seus participantes nas várias cidades, relatando-se também alguns episódios de violência, como em Tânger onde algumas viaturas e um multibanco foram vandalizados (duas fotografias ilustram os resultados).

A posição deste periódico — cujo logótipo comporta a menção “diário independente” e o slogan “a opinião livre e a informação de confiança¹¹⁰” e na altura liderava o número de vendas—, pode ser considerada ambígua. Como já foi atrás mencionado, o diretor da redação do jornal, Rachid Niny, havia escrito poucos dias antes duras palavras contra a organização destas manifestações, que não representariam senão as ideias de um grupo restrito de ativistas políticos.

Talvez por isso, a opinião geral dos ativistas por mim contactados no âmbito deste trabalho é unânime em considerar que a imprensa, mesmo aquela mais crítica, serve os interesses do *makhzan*. Na opinião de Youness, a presença nas manifestações do M20F, nomeadamente naquelas de maior dimensão, de cidadãos anónimos sem afiliações partidárias ou associativas é

evidente e o relativo silêncio da imprensa sobre este fator é uma prova da sua parcialidade. Para Youness, mesmo os jornalistas mais críticos trabalham associados a outros mais favoráveis ao *makhzan*, não permitindo essa amálgama melhores resultados. O cidadão comum tem muitas razões para se sentir revoltado, mas o medo de exprimir publicamente essas frustrações é patente. A chamada “primavera árabe” terá contribuído para evaporar esse medo. Na visão de Hamid, as várias manifestações terão contado com a participação ativa de cinco grupos distintos de pessoas, 1) os militantes de esquerda, nomeadamente do PADS, da VD e do PSU; 2) os ativistas de esquerda anti-partidária e anarquistas; 3) os ativistas dos direitos humanos, com destaque para a AMDH; 4) os islamistas do GAI e outros grupos, assim como os salafistas; 5) pessoas comuns que não se incluem em nenhum quadrante político definido. Também na opinião de Hamid este último grupo, que ele considera ter uma representação quantitativa extremamente significativa, é curiosamente obliterado do relato oficial da imprensa.

O jornal *al-Masā'* volta no dia 22 de fevereiro, pela segunda vez consecutiva, a dedicar praticamente toda a primeira página, mais sete páginas no interior, à manifestação que inaugurou o M20F. Desta vez, com especial destaque aos atos de vandalismo e violência que se fizeram sentir em algumas cidades. Na manchete lê-se “O resultado das manifestações de 20 de fevereiro: 5 mortos e 128 feridos incluindo membros das forças de segurança”. O título é acompanhado por uma grande fotografia de um carro da polícia capotado a ser vandalizado, juntamente com outro carro em vias de o ser, mais uma pequena imagem de um automóvel capotado a arder. Os incidentes mais graves acontecerem sobretudo em Alhoceima, onde foram encontrados cinco corpos carbonizados dentro de uma agência bancária incendiada. Este episódio fez correr a informação de que os corpos aí encontrados eram de ativistas que haviam sido torturados pela polícia e que esta mesmo havia hasteado o fogo, facto desmentido pelo ministério do Interior. Na ausência de possibilidade de averiguar seriamente a veracidade desta informação, é inegável que nessa cidade vários estabelecimentos fora vandalizados e saqueados, independentemente das motivações dos seus autores. Para além deste episódio houve também outros pequenos focos de violência, por vezes provocados por pequenos grupos em manifestações pacíficas. O jornal francófono *Le Matin* do dia 22 de fevereiro reproduz, citando a MAP, alguns extratos da conferência de imprensa do ministro do Interior sobre as ações de protesto do dia 20 de fevereiro (MAP 2011). Segundo este, registaram-se atos violentos em Tânger, Tetuão, Larache, Alhoceima, Sefrou, Marraquexe e Guelmim. Um total de 33 estabelecimentos e edifícios públicos, 24 agências

bancárias, 50 lojas de comércio e edifícios privados, 66 veículos e dois ciclomotores foram danificados, segundo o ministro, que precisou ainda que na cidade de Larache,

alguns desordeiros atacaram um edifício pertencente à Administração das alfândegas, tendo-se apoderados de várias quantidades de drogas e de bebidas alcoólicas apreendidas. (tradução minha do francês)

As forças de ordem detiveram neste contexto 120 pessoas que comparecerão perante a Justiça, tendo sido também detidos vários menores que foram entregues pela polícia aos seus tutores. Entre os 128 feridos já mencionados, contar-se-iam 115 às forças de ordem.

No entanto, o ministro do Interior Taieb Cherqaoui menciona, relativamente ao ambiente geral desse dia, que várias manifestações pacíficas ocorrem em várias cidades do Reino, ao nível de 53 prefeituras e províncias¹¹¹, com diferentes taxas de adesão, tendo sido a participação total de cerca de 37.000 pessoas. Por seu lado, Vairel (2012), sem citar a sua fonte, menciona também 53 cidades de Marrocos, mas totaliza cerca de 120.000 pessoas. Relativamente ao mesmo discurso do ministro Cherqaoui, este precisou ainda que as manifestações assumiram diferentes formas tais como *sit-ins*, marchas e concentrações, acrescentando que

graças ao clima de liberdade, à prática democrática sã e autêntica e ao direito à liberdade de expressão que conhece o nosso país, estas manifestações desenrolaram-se num clima pacífico marcado pela serenidade e a disciplina. (tradução minha)

Apesar da imagem muito negativa veiculada pelo destaque relativo aos atos de violência por certos jornais, tais como o *al-Masā'* de 22-2-2011, pode-se dizer que o próprio governo marroquino preferiu elogiar “a prática democrática sã e autêntica”, numa dinâmica muito frequente desde os anos 90 que privilegia a recuperação e assimilação dos descontentamentos populares, em vez da sua marginalização — ao invés de outros países árabes, como a Tunísia e o Egito —, numa atitude que culminará com o anúncio por parte do rei, a 9 de março de 2011, de uma nova Constituição, com o objetivo propagandeado de promover uma maior democratização de Marrocos. No entanto, a repressão policial contra várias manifestações pacíficas não deixará de ser uma constante.

111 Marrocos divide-se em 75 províncias e prefeituras, as primeiras correspondem a unidades territoriais urbanas e as últimas a unidades urbanas rurais. Cf. o Decreto n.º 2-09-319 de 17 de Jumādā II de 1470 (correspondente a 2 de junho de 2009), que modifica e complementa o Zahir n.º 1-59-351 de 1 de Jumādā de 1379 (2 de dezembro de 1959), relativo à divisão administrativa do Reino, publicado no Boletim Oficial do Reino de Marrocos, n.º 5744 de 18 de junho de 2009, pp. 1017-1018; versão em francês (tradução oficial) disponível no sítio de Internet do Secretariado Geral do Governo, em formato .pdf, através da ligação http://www.sgg.gov.ma/BO/bulletin/Fr/2009/BO_5744_Fr.pdf, acedida em 25 de agosto de 2012.

Dia 9 de março de 2011 — a resposta do rei

Ao contrário de outros países árabes em que durante o mesmo período desenvolveram-se rapidamente movimentos sociais cujos atores exprimiam, sobretudo através de manifestações, o seu descontentamento com o estado das coisas, em Marrocos a versão similar dos protestos não se encaminhou para um colapso do regime. Não houve, por exemplo, fuga, morte, deposição voluntária ou forçada do líder máximo ao nível nacional. O próprio movimento não adotou como um dos seus objetivos gerais e mais consensuais a queda do regime, neste caso de uma monarquia cuja figura máxima é o rei Mohammed VI. Isto não significa que o M20F não englobasse também diversas correntes que apelassem ao fim do regime, mas simplesmente que estas não eram as que se exprimiam com mais vigor e captavam maior adesão e unidade. Ao nível político as reivindicações mais consensuais centraram-se aparentemente na ideia de uma monarquia parlamentar onde os corpos políticos transparentemente eleitos teriam poder de governação *de facto* e ao rei caberia um papel de ordem mais simbólica, por outras palavras, aquilo que os média marroquinos denominam com alguma frequência de “democracia à espanhola”. Segundo a proposta do MLEDM, para isso seria necessário dissolver o “parlamento, o governo e os partidos que contribuíram para o estabelecimento da corrupção política” e nomear uma comissão para “criar uma nova Constituição que atribua à monarquia a sua dimensão natural” (MLEDM 2011, tradução minha). Para além da impossibilidade de criticar diretamente o rei¹¹², pode-se também dizer que existe uma certa conceção popular muito divulgada onde o rei ocupa uma posição de respeito ao contrário das elites políticas e da própria “entourage” do rei, como é patente no reportório de anedotas marroquinas tratado por Bennani-Chraïbi (1994: 191-7) e Ossman (1994: 132). Nesta perspetiva, o rei não tem culpa de estar rodeado de figuras duvidosas, que são os responsáveis pelo mau estado geral das coisas. Os alvos das críticas mais políticas são, talvez por isso, o *makhzan* e os políticos, mas sem deixar de reivindicar uma maior separação de poderes entre o palácio real e o governo, nomeadamente através de um alargamento de poder político a favor deste último e uma maior limitação de poderes do primeiro. Slogans como “o povo quer uma nova Constituição”, “o povo exige uma Constituição popular e democrática”, “o povo quer a queda do despotismo” ou mesmo “o povo quer a queda do *makhzan*”, são entoados e exibidos em paralelo com outros do género “um rei jovem gosta da juventude”. Como já referi atrás, um dos grupos criados no Facebook que antecedeu o M20F chamava-se “Os jovens querem dialogar com o rei”. O que parece estar em jogo não é o regime monárquico em si, mas a relação de poderes

112 Ver nota 191.

entre o rei, o *makhzan*, a Justiça e o governo.

Pouco mais de duas semanas depois das primeiras grandes manifestações, nomeadamente a 20/2, 27/2 e 6/3, o rei, evitando porventura uma maior radicalização dos protestos e causando uma certa surpresa geral, anuncia uma reforma constitucional através de um discurso emitido via televisão e rádio no dia 9 de março (Mohammed VI 2011). Dois eixos de reformas são conjugados, a) constitucionalizar o projeto de “regionalização avançada” do país que havia começado em inícios do ano anterior, 2010, de forma a alargar as competências políticas dos centros de poder regional, assegurando a democratização e o reforço da participação das mulheres na gestão dos assuntos regionais, b) redistribuição de poderes no sentido de democratizar as instituições políticas ao nível nacional, através de uma reforma constitucional global. Esta reforma tem como base certas premissas imutáveis baseadas na “unanimidade nacional” (Mohammed VI 2011), tais como “o Islão como religião de Estado, garante da liberdade de culto, assim como a chefia dos crentes¹¹³, o regime monárquico, a unidade nacional, a integralidade territorial e a escolha democrática” (Mohammed VI 2011, tradução minha). Ela assenta em sete fundamentos que se podem brevemente resumir da seguinte forma: 1) consagração constitucional à pluralidade da identidade marroquina, nomeadamente da amazighidade, 2) consolidação do Estado de Direito, alargamento e garantia de exercício das liberdades individuais e coletivas e “reforço dos direitos humanos em todas as suas dimensões, política, económica, social, cultural, ambiental e de desenvolvimento”, 3) independência da justiça, 4) separação e equilíbrio de poderes e aprofundamento da democratização, através de a) um parlamento emanado de eleições livres e transparentes e com competências alargadas, b) um governo eleito que tem a confiança da maioria dos deputados, c) consagração do princípio de nomeação do primeiro ministro no seio do partido que ganhou as eleições¹¹⁴, d) reforço dos poderes do primeiro ministro, e e) constitucionalização, definição e clarificação das competências do Conselho de governo, 5) reforço dos órgãos e instrumentos constitucionais de forma a assegurar o pluralismo político, o fortalecimento do estatuto da oposição parlamentar e o papel da sociedade civil, 6) moralização da vida pública e fiscalização das instituições públicas — no sentido de combater a corrupção e o desvio de fundos públicos, 7) constitucionalização de instâncias responsáveis pela boa governação,

113 Fr. *commanderie des croyants* / ar. إمارة المؤمنين . Todas as traduções e resumos deste discurso aqui presentes baseiam-se no texto original em árabe e na sua tradução oficial para francês.

114 Segundo a Constituição então em vigor o rei nomeava o primeiro ministro, independentemente da realização de eleições ou dos seus resultados podendo destituir-lo a qualquer momento (art.º 24 da revisão constitucional de 1996), apesar da prática recente mais recente já consistir em nomear o primeiro ministro entre o partido vencedor de eleições legislativas. Note-se no entanto que a nova Constituição estipula apenas que o rei eleja uma figura do partido vencedor, não necessariamente o presidente do partido ou cabeça de lista às eleições (art. 47 da Constituição de 2011).

direitos humanos e proteção das liberdades (Mohammed VI 2011, tradução resumida minha).

Para estes efeitos o rei nomeia neste discurso uma comissão responsável pela elaboração da nova Constituição, desfazendo as expectativas de diferentes gerações de ativistas políticos que desde 1965 defendiam a ideia de uma assembleia constituinte, eleita em sufrágio. Esta ideia que já havia sido também defendida por grandes partidos da oposição, como a UNFP e a USFP, volta a surgir no comunicado já mencionado do MLEDM (2011) — apesar de não se mencionar o processo em que seria nomeada uma “comissão constituinte” — e em vários discursos associados ao M20F. A presidência caberá a Abdeltif Mennouni e o rei apela a que a comissão recém criada se concerte com “os partidos políticos, sindicatos, organizações de jovens e atores associativos, culturais e científicos, de forma a recolher as suas conceções e pontos de vista” (Mohammed VI 2011, tradução minha). Após a aprovação da nova Constituição, realizar-se-ão novas eleições legislativas de acordo com o novo texto redigido. Este terá de ser apresentado durante o mês de junho desse ano, prazo que será cumprido, tendo sido aprovado em referendo popular a 1 de julho de 2011. O “sim” à nova Constituição ganhou com 97,58% de votos¹¹⁵.

Os protestos continuam

Os protestos que o M20F havia começado no dia 20 de fevereiro irão continuar e durante os períodos de maior dinamismo serão organizadas manifestações a um ritmo semanal. Durante a primeira fase que dura só até ao anúncio de 9 de março de uma reforma constitucional, as manifestações decorrem de forma geral pacificamente e sem intervenção policial. O discurso do rei de 9 de março irá ser uma surpresa. Segundo me relatou Hamid, que se encontrava na assembleia da coordenadora de Rabat do M20F que se havia reunido para escutar o anunciado discurso do Rei, uma parte dos que estavam presentes consideraram imediatamente que o M20F havia sido um sucesso, enquanto outra parte considera que não se pode confiar nos desígnios do *makhzan*. Um consenso é criado de que apesar de tudo é necessário continuar a fazer pressão nas ruas para que a futura nova Constituição seja democrática. Será no entanto a partir daqui que as marchas do

115 No dia seguinte ao referendo foram divulgados os primeiros resultados parciais que apontavam para uma vitória do sim de 98,5%. Os resultados finais serão divulgados só a 17 de julho. Os números estão disponíveis no Portal Nacional de Marrocos em <http://www.maroc.ma/PortailInst/Fr/Actualites/Le+Conseil+constitutionnel+annonce+officiellement+L+approbation+du+projet+de+Constitutio+n.htm>, acedido em 1/9/2012.

M20F começam a ser dispersas pela polícia, por exemplo como aconteceu logo a 13 de março, na manifestação de Casablanca. As forças de ordem continuarão a dispersar muitas das manifestações que ocorrem e várias pessoas, incluindo protagonistas conhecidos do M20F, serão gravemente feridas. Em Safim, Kamal Omari, morre a 2 de junho devido a ferimentos resultantes da ação policial, depois de uma manifestação onde havia participado uns dias antes, tendo sido a primeira vítima mortal dentro do M20F. Mas a repressão policial não é permanente. A denúncia das intervenções policiais através dos média, sejam os jornais ou sítios Web, assim como da parte de associações como a AMDH, talvez tenha contribuído como um certo travão, pois geralmente sempre que uma manifestação é dispersa pela violentamente pela polícia, esta abranda a sua atitude nas manifestações seguintes. Por outro lado, as manifestações irão ainda contar com a presença dos “balṭajiyah”, pessoas que se opõem ao M20F e que provocam os manifestantes. Para os ativistas estes “balṭajiyah” são pagos pelo *makhzan* para desempenharem esse papel. Um facto evidente é que a as forças policiais nunca intervêm e deixam os “balṭajiyah” livremente agredir os manifestantes. Um primeiro exemplo dos “balṭajiyah” dá-se logo no dia seguinte ao 20 de fevereiro, numa manifestação em solidariedade com o povo líbio, onde os conflitos entre os manifestantes e anti-manifestantes resultam em cinco feridos, tendo um deles sido Khadija Riadi, então presidente da AMDH¹¹⁶. No entanto, em diversas cidades de Marrocos, as manifestações prosseguem.

A terceira começa três meses depois do discurso do rei de 9 de março, com a publicação do novo projeto de Constituição para ser aprovado em referendo a 1 de julho. Rapidamente se gera a ideia dentro do M20F que o texto do projeto não satisfaz as reivindicações de partida. Durante a campanha do referendo, quarenta partidos e sindicatos apelam ao “sim” no voto. Ninguém faz apelo ao “não”. Por seu lado, o M20F opta pela posição de boicote ao referendo, assim como o PSU, o PADS, o CNI, a VD, o partido Al-Ummah, o GAI e a CDT, o único sindicato a defender o boicote (Vairel 2012), todos eles apoiantes do M20F.

Uma quarta fase inicia-se depois da esmagadora vitória do “sim” no referendo, marcada por um decréscimo do número de participantes nas marchas e concentrações. Esta fase culminará com a campanha de boicote às eleições legislativas de 25 de novembro de 2011. Mas o grande decréscimo do número de participantes, dar-se-á com a retirada do GAI das fileiras do M20F em dezembro, depois de uma série de lutas internas que opuseram sobretudo as duas grandes

116 Cf. <http://www.yabiladi.com/articles/details/4652/maroc-presidente-l-amdh-blessee-lors.html>, acedido em 20-5-2013.

tendências dentro do M20F, os islamistas e os esquerdistas, tendo mesmo nalgumas situações esporádicas ocorrido mesmo confrontos físicos nos comités de organização do M20F. Depois da retirada do GAI, o M20F passa a agrupar sobretudo as tendências de esquerda e anarquistas. Atualmente as manifestações com a assinatura do M20F reúnem só algumas dezenas de participantes, apesar de algumas exceções, como a marcha que se realizou em 24 de janeiro de 2013, em várias cidades, e que terá reunido cerca de 2.000 pessoas em Rabat — segundo uma estimativa aproximativa feita por mim mesmo no terreno.

Se como já referi anteriormente o PJD aparenta estar dividido na sua participação nos protestos do M20F, foi no entanto este partido que ficou a ganhar com a versão marroquina da denominada “primavera árabe”, pois foram os vencedores das eleições legislativas de novembro de 2011. Num total de 395 lugares da Câmara do Representantes, conseguem eleger 107 deputados, equivalente a 27,08% dos votos. O segundo partido, o PI — que liderava o governo cessante —, elege 60 deputados. Sendo uma maioria confortável mas não absoluta, o PJD coliga-se com outros três partidos: o PI, PPS (Partido do Progresso e do Socialismo, ex-comunista, 18 lugares) e o MP (Movimento Popular, 32 lugares). Trata-se de uma vitória histórica, sobretudo se tivermos em conta que nas eleições legislativas de 2007 o partido vencedor, o PI, tinha eleito só 52 deputados. Aliás a história parlamentar marroquina desde há várias décadas se caracteriza pela inexistência de partidos com maiorias significativas, sendo os governos formados por coligações de diversos partidos minoritários. A taxa de participação eleitoral também conheceu uma ligeira subida, 45,40%, depois da progressiva descida observada desde os anos 80 (67% em 1984, 62% em 1993, 58 % em 1997, 50% em 2002 e 37% em 2007)¹¹⁷.

Regressando ao M20F, como já referi anteriormente, este contou com o apoio de diversos coletivos, como partidos, sindicatos, associações da sociedade civil e grupos. Estes irão integrar o já referido Conselho Nacional de Apoio ao M20F (CNAM20F), que segundo Vairel terá sido criado a 23 de fevereiro de 2011, mas segundo Khadija Riadi¹¹⁸, apesar da ideia ter surgido logo no

117 Apesar de evitar recorrer aos artigos da Wikipédia, baseio-me nas informações deste sítio Web, porque me pareceram fidedignas em relação a este assunto, visto que as fontes que usam são sítios Web marroquinos governamentais e a imprensa marroquina. Consultei as ligações http://fr.wikipedia.org/wiki/Élections_législatives_marocaines_de_2011 e http://fr.wikipedia.org/wiki/Élections_législatives_marocaines_de_2007 em 28-5-2013.

Chamo aqui a atenção que a taxa de participação eleitoral de 45,50% tem em conta só os marroquinos eleitores recenseados. Algumas semanas antes das data das eleições, foi decido que qualquer cidadão marroquino maior de idade poderia votar com o cartão nacional de identidade, não sendo obrigatório o recenseamento eleitoral, o que, em princípio, aumenta o universo total de possíveis eleitores. Não consegui encontrar números que fossem mais fidedignos a essa realidade, mas penso existem razões para dizer que a verdadeira taxa de participação seria ainda mais baixa que a anunciada oficialmente.

118 Em entrevista realizada a 20 de maio de 2013. Foi presidente da AMDH entre maio de 2007 e maio de 2013. Também é militante da VD.

próprio dia 20 de fevereiro numa assembleia de reflexão sobre os protestos desse dia realizada na AMDH, a sua criação deu-se a 5 de março, aquando a primeira reunião dos seus membros. Em qualquer caso, aparece poucos dias depois da estreia do M20F nas ruas. Este organismo aparentemente não tem nenhum poder decisório e limita-se a dar apoio ao M20F de diversas formas. Entre os principais coletivos aderentes contam-se os partidos PSU, PADS, VD, CNI (de esquerda), Al-'Ummah (islamista), o GAI, os sindicatos UMT, CDT, associações como a AMDH, AMEJ (Associação Marroquina para a Educação da Juventude), UAF (União de Ação Feminina), a ATTAC, entre outras. Na opinião de Youness os membros deste Conselho pouco mais fazem do que “dar a cara” para os seus próprios interesses e ceder os seus espaços. Ainda assim, a cedência de espaços por parte de alguns membros do CNAM20F tem-se mostrado fulcral e é assim que, por exemplo, as instalações da AMDH e da UMT¹¹⁹ em Rabat ou do PSU em Casablanca funcionam como “quartéis-gerais” usados para assembleias gerais, produção política e pontos de partida de marchas e manifestações (Vairel, 2012), onde os ativistas criam e mantêm alguns dos materiais usados como bandeiras, faixas e cartazes. Os custos financeiros, nomeadamente compra de material para fabricação de cartazes, bandeiras, bonecos, impressão de folhetos, aluguer de pequenas carrinhas usadas para transporte de material de amplificação sonora usada nas marchas, entre outros custos, são geralmente pagos do bolso dos próprios ativistas.

O CNAM20F dividiu-se por sua vez em Conselhos Locais de Apoio ao M20F. É com estes conselhos que cada coordenadora local do M20F contacta. Tal como as coordenadoras contra o aumento dos preços, que antecederam o M20F, este também é um movimento que parte da iniciativa local, mesmo que se possa constatar que os primeiros promotores da ideia dos protestos de 20 de fevereiro tenham sido um grupo de jovens ativistas de Rabat e Casablanca. Rapidamente a ideia se alastrou e várias cidades e povoações irão criar as suas próprias coordenadoras (*tansīqiyyāt*) do M20F. Em cada cidade organizam-se assembleias gerais onde se articulam discursos sobre o estado das coisas, decidem-se ações de protesto e organizam-se comités (*lajnāt*) de bairro e operacionais. Os primeiros fazem o contacto e a coordenação com bairros específicos. Em Rabat, por exemplo, existem pelo menos três comités de bairro: Akkari, Yacoub el Mansour e Takaddoum. As marchas de protesto não se organizam só no centro da cidade, mas também nestes bairros ditos “populares” (*sha'biyyah*) e cuja população é mais vulnerável a um série de problemas económicos. As marchas em Yacoub el Mansour de 24 de abril e 11 de setembro de 2011, por

119 A sede regional da UMT em Rabat foi um local usado pelos ativistas do M20F até março de 2012, altura em que o local foi encerrado e a sua direção substituída por elementos sem simpatia com o M20F. Khadija Riadi e Youness são da opinião que a UMT sofreu pressões das autoridades para deixarem de apoiar o M20F.

apoio ser vago e se concretizar só na cidade de Rabat¹²³. Apesar das discussões sobre uma coordenação central ao nível nacional, optou-se pela continuação do modelo descentralizado do movimento.

123 De formas diferentes, outros ativistas que contactei também criticaram o CNAM20F.

CAPÍTULO III

Blogues, novos média e redes *online*

Blogues e média *online*

Apesar de ser um fenómeno recente, a crescente generalização do acesso à Internet tornou-se um ponto incontornável na análise dos movimentos sociais. A profusão de sítios Web e de blogues, assim como a popularização do uso de redes sociais *online*, contribuíram significativamente para a renovação do espaço público e também para a mobilização e organização de movimentos sociais.

Por um lado, os média ditos tradicionais, nomeadamente a imprensa e os canais de rádio e televisão que cobrem grandes territórios, adaptaram-se à Internet. Hoje em dia é possível aceder à informação desses meios de comunicação através da Internet, mesmo tendo em conta que alguns serviços são pagos. Por outro lado, a Internet favoreceu o crescimento e o acesso a médias alternativos, cujos conteúdos não são divulgados, ou pelo menos não são divulgados com o mesmo ângulo de visão, nos médias ditos *mainstream*, seja por motivos de censura ou por falta de adequação daqueles conteúdos às políticas editoriais destes últimos ou simplesmente pela especificidade e público-alvo em questão. Entre alguns fatores preponderantes deste fenómeno, destacam-se a facilidade e o baixo custo do acesso, assim como da criação de conteúdos, sem esquecer a amplitude de difusão que a Internet multiplica. Os potenciais da Internet fizeram-se sentir pelo forte interesse de grandes companhias multinacionais na área dos média e das novas tecnologias de informação, assim como pelos governos de diferentes países. O interesse destes deve-se não só à divulgação institucional de conteúdos, mas também ao controle de quem acede e de quem cria na Internet. Este controle varia significativamente entre as diversas áreas do globo.

Em Marrocos, o aparecimento do M20F veio aumentar ainda mais um fenómeno que já existia previamente, os sítios Web de informação e os blogues com visões críticas ao nível social, político, económico e cultural. Penso que, tendo em conta alguns dados apresentados em seguida, pode-se dizer que o período que antecedeu a eclosão do M20F assistiu a um certo *boom* no que

diz respeito a esta questão, que terá sido exponenciado durante o apogeu deste movimento social.

Não deixa de ser no entanto interessante, traçar um panorama geral de portais Web de informação, começando pelos mais genéricos e conhecidos. Os sítios aqui mencionados foram escolhidos para ilustrar dinâmicas de uso da Internet. Apesar de ter usado alguns dados para quantificar a sua popularidade, não foi minha intenção justificar a minha escolha por esses dados. Muitos dos sítios foram-me referenciados por vários cidadãos marroquinos com ou sem qualquer relação com movimentos sociais.

Por exemplo, o *yabiladi.com*¹²⁴, que existe desde 2005¹²⁵, não tem uma orientação política demarcada, divulga notícias sobre Marrocos de todos os géneros, incluindo também artigos de opinião com visões aparentemente mais críticas. O portal desdobra-se em quatro, uma versão árabe, uma em francês, outra em espanhol e ainda um portal dito para as mulheres, *yabiladies.com — le portail des ladies maghrébines*¹²⁶, reproduzindo o esquema mais ou menos habitual de certas revistas, nomeadamente das revistas femininas cujo *boom* se deu nos anos 90, com secções consagradas sobretudo à família, sociedade, saúde, casamento, amor, culinária e outras temáticas. É evidente a presença de temáticas importantes para a mulher muçulmana e moderna e nota-se uma certa primazia a questões ligadas ao casamento e à família, sem descurar os problemas sociais ou de foro sexual. Podem-se encontrar artigos sobre a ausência de direitos sociais das empregadas domésticas, a herança e as mulheres segundo o Alcorão ou como fazer dieta durante o Ramadão, entre muitos outros.

Com muito mais sucesso¹²⁷, destaca-se o portal *hespress.com*, que seguindo uma linha mais ou menos semelhante ao *yabiladi.com*, engloba também uma série de artigos com opiniões críticas demarcadas. Criado dois anos depois deste, em 2007, tem no seu logótipo a menção “Primeiro jornal eletrónico marroquino... Atualizado a cada hora”¹²⁸. Ambos os portais apostam também em conteúdo multimédia, apesar do *hespress.com* investir mais neste formato de conteúdos. Em inícios de 2013 o *hespress.com* lança também a revista semanário arabófono

124 Do árabe padrão *ya bilādi*, com o significado “ó meu país”.

125 A data de criação dos sítios Web indicada neste capítulo tem em conta o cruzamento de dados provenientes de diversas fontes: 1) a data do registo do nome de domínio que pode ser consultada em bases de dados do ICANN, a entidade responsável pela gestão dos nomes de domínio na Internet; neste caso, utilizei o sítio Web <http://cqcounter.com/whois/>, para aceder a essa informação. 2) menção à data de criação no próprio sítio Web. 3) a data do artigo mais antigo publicado, quando o sítio Web disponibiliza ferramentas que o permitam fazer.

126 Contração da expressão explicada na nota anterior com a palavra inglesa *ladies*.

127 Mais à frente (ver nota 148) mencionarei alguma informação quantitativa que justifica esta afirmação.

128 No original: “أول جريدة إلكترونية مغربية... تجدد كل ساعة”. Tradução minha.

*Hespress*¹²⁹, cujo lema é “A revista de todos os marroquinos”¹³⁰. À semelhança da versão eletrónica, esta revista pretende transmitir notícias que abrangem a generalidade dos interesses de todos setores da sociedade marroquina, desde o futebol à política, incluindo tanto as atividades reais, como as intervenções de diversos grupos políticos, seja o PJD atualmente no governo, o GAI ou o M20F. O número 14¹³¹, por exemplo, tem como notícia de manchete o título “10 razões que fazem os marroquinos sair à rua”¹³², com uma fotografia de uma manifestação do M20F em Rabat ocupando a capa por inteiro¹³³. Apesar de ser um canal de informações generalista, pretende dar voz às diferentes visões dos marroquinos. Note-se ainda que o portal Web está aberto a colaborações, para notícias ou artigos de opinião, de qualquer cidadão, não sendo fora do habitual encontrar artigos bastante críticos em relação a decisões políticas ou mesmo ao regime, havendo esforços deste sítio Web para se aproximar do que se chama “jornalismo cidadão” de que tratarei em seguida¹³⁴. Para além disto tudo, existem ainda as caricaturas diárias, assinadas por “Khālid”¹³⁵, que primam pela sua sátira com uma dimensão política e social. Não deixa ainda de ter a sua pertinência notar que apesar da única língua usada ser o árabe padrão, as questões amazighes têm um certo destaque, merendo mesmo uma secção denominada “tamazight”.

Apesar de não ser uma forma de avaliar especificamente a quantidade de acessos a um sítio de Internet, o Google Trends é uma ferramenta que permite quantificar a evolução relativa (sem números absolutos) do número de pesquisas feitas no motor de busca da Google durante um espaço de tempo, relativamente a uma ou várias palavras chave. Na tabela 2, pode-se ver a evolução da quantidade de vezes que a palavra “hespress”¹³⁶ foi pesquisada no referido motor de

129 Na medida que o nome da revista figura na capa exclusivamente em árabe (هسبريس), seria mais rigoroso usar a transliteração *Hisbrīs*, que por sua vez é a transliteração do nome em caracteres latinos *Hespress*, grafia que não só figura no endereço Web como no logótipo do sítio de Internet. Por essa razão, optei pelo uso simplificado da grafia *Hespress*.

130 No original: "مجلة كل المغاربة". Tradução minha.

131 Datado de 6 a 12 de abril de 2013.

132 "10 أسباب تُخرج المغاربة للاتجاج". Tradução literal minha.

133 Não deixa de ser interessante mencionar as dez razões apontadas pelos jornalistas: o desprezo ou opressão social (ar. mar. *hugra*), a vida em bairros de lata ou degradados, o desemprego, as questões morais, o futebol, a Palestina, as liberdades individuais, o aumento do custo de vida, a questão amazighe e a corrupção. Talvez seja importante esclarecer que a menção ao futebol tem sobretudo a ver com o escândalo “Éric Gerets”, nome do treinador belga da equipa nacional de futebol de Marrocos entre 2010 e 2012, acusado pelos maus resultados e por auferir um ordenado demasiado chorudo. Independentemente da veracidade dos factos e dos números, a notícia foi levada muito a sério pelos marroquinos e em manifestações aparecerem slogans a exigir a demissão do ex-treinador.

134 Entre algumas das condições para publicação de artigos, estipula-se que os artigos enviados têm de ter relação com Marrocos e com as questões de atualidade, que têm de ser escritos em língua árabe padrão sem erros ortográficos ou gramaticais, assim como que os artigos não podem ser anónimos ou conter pseudónimos. Cf. <http://hespress.com/publier.html>, acedido em 4-4-2013.

135 Trata-se de Khalid Gueddar, que na sua página Facebook adota o lema “Caricaturer les Rois et les Chefs d'états est un droit sacré”. (Ver <https://www.facebook.com/pages/Khalid-Gueddar/100531360090885>, acedido em 14-4-2013)

136 Note-se ainda que a palavra “hespress” é particular na medida que possivelmente não existem outras entidades fazendo uso dela. Não é por acaso que o Google Trends indica que quase 100% das pesquisas dessa palavra-chave foram feitas em Marrocos. Esta informação, assim como o gráfico aqui reproduzidos estão disponíveis em <http://www.google.com/trends/explore?hl=en-US#q=hespress>, acedido a 4 de abril de 2013. O nome deve-se a uma contração de “Hesperis”, lugar mítico da mitologia grega que segundo alguns se localizaria no Norte de África e

busca, representando o número 100 o pico dessa evolução. Constatase que houve um aumento considerável em finais de 2010 e inícios de 2011 que não parará de evoluir até atingir o pico máximo entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012. Apesar de não se poder tirar conclusões precipitadas deste fator, não deixa de ser curioso observar que o primeiro aumento considerável coincide com a eclosão e crescimento do M20F e que os picos coincidem com a formação e tomada de posse do novo governo PJD, que ganhou as primeiras eleições legislativas depois da entrada em vigor na nova Constituição de 2011. As eleições ocorreram em 25 de novembro de 2011 e a tomada de posse em janeiro de 2012 e entre as duas datas ocorreu a formação do governo, tendo havido um grande interesse pela opinião pública na questão da escolha de ministros para as diferentes pastas governamentais.



Em finais de 2010, aparecem dois novos portais de informação, o *goud.ma*¹³⁷ e o *lakome.ma*¹³⁸. O primeiro apesar de seguir uma linha generalista, assenta no princípio, segundo as palavras de apresentação¹³⁹, daquilo que se denomina de “jornalismo cidadão”¹⁴⁰ como forma de promover os valores da cidadania e da democracia, estando aberto a participações de jornalistas independentes e dos leitores. A ideia é fazer dos cidadãos não só os recetores da informação mas

reapropriado pelos movimentos amazighes. Como já mencionei apesar da língua do portal Web e da revista ser o árabe padrão, existe um grande destaque das questões amazighes.

137 Transcrição segundo a ortografia francesa da palavra *gūd*, escrita em árabe no original como *گود*, que em ár. mar. significa “conduz” (forma imperativa, do ár. *qūd*). O logótipo é encimado pela expressão “sempre em frente” (*dimā nishān*) e em baixo contem a menção “jornal eletrónico marroquino universal [no sentido aproximado de generalista]” (*jarīdah iliktrūniyyah maghribiyyah shāmīlah*). Possível ressonância fonética com a palavra inglesa *good*.

138 Transcrição segundo a ortografia francesa do ár. padrão *la-kum*, com o sentido “para vocês”.

139 Baseio-me no texto “Editorial” (*Iftāhiyya*), publicado em <http://www.goud.ma/?من-نحن-a74.html>, acedido em 1/11/2012.

140 *Ṣaḥāfat al-muwāṭin* no original em árabe, tradução do francês *journalisme citoyen*.

também os seus emissores. A língua usada é o árabe padrão, exceto a secção “opinião” que é desdobrada em duas, uma em árabe e outra em francês. Esta última reproduz também artigos de opinião do jornalista, comentador de rádio e blogger Omar Saghi, assim como de Karim Boukhari, o atual diretor da revista semanária *Telquel*. Esta última, fundada em 2001 e escrita em francês, é conhecida pelos artigos sobre temas sensíveis e tabus, como o sexo e a política. Posiciona-se sempre contra os islamistas, sendo possível situá-la no quadrante geral da esquerda ao nível político e liberal no que diz respeito aos costumes, havendo uma certa simpatia, nem sempre explícita, com as ideias de liberdade sexual e dos direitos LGBT. O grupo da *Telquel* publicava também uma versão em árabe marroquino com algum árabe padrão à mistura, a revista *Nichane* — palavra que significa “em frente”¹⁴¹ em ár. mar. —, mas por falta de patrocínio deixou de se publicar em 2010. Talvez não seja uma coincidência o facto do logótipo do *goud.ma* conter a menção “conduz [*goud*] sempre em frente [*nichane*]”¹⁴², pois vários jornalistas da *Nichane / Telquel* colaboram com o *goud.ma*.

Nesta linha posiciona-se também o *lakome.com*, cuja linha editorial realça a importância da liberdade de imprensa. Entre os vários objetivos definidos na “Linha editorial” figuram a defesa dos direitos dos cidadãos em aceder a informação séria e rigorosa, a defesa da liberdade de imprensa e dos direitos humanos, a promoção da democracia e dos caminhos para implementá-la, assim como o tratamento de notícias de forma responsável e racional, evitando a “neutralidade que conduz à superstição, à hipocrisia e ao populismo, e renunciando a todas as formas de discriminação baseadas na religião, raça, sexo, cor (...)”¹⁴³. O logótipo do portal é formado pelo seu nome acompanhado pelo lema “Aqui começa a liberdade”¹⁴⁴. Entre os vários temas cobertos pelas notícias que divulga contam-se artigos sobre a política e economia nacionais, muitas vezes contendo perspetivas críticas, situações de abuso de direitos humanos e denúncia de restrições à liberdade de opinião, como o caso já mencionado do jornalista Rachid Niny ou do cantor *rapper* Lhaqed que será mencionado mais à frente no capítulo IV. A denúncia da corrupção é também um tópico muito presente. Movimentos sociais e manifestações merecem também um certo destaque, mas o portal não deixa de ser definido como um canal genérico de informação cobrindo diversos

141 *Nishān*. Preferi grafar *Nichane* porque essa grafia é extremamente corrente em Marrocos. O nome pode ser um eventual eco da expressão “avante”, que em ár. padrão é *ilā al-amām*, mas não é de forma alguma uma tradução para ár. mar. da mesma. O mesmo em relação a “Goud” em vez da transliteração académica “Gūd”.

142 Ver nota anterior relativa ao nome e lema desta portal Web.

143 Tradução minha do árabe. O documento “Linha editorial [خط التحرير]” está disponível em <http://www.lakome.com/خط-التحرير.html>, acedido em 1/10/2012.

144 Em árabe no original: “من هنا تبدأ الحرية”. Tradução minha. A versão francesa usa um logo formado só com as letras do endereço Web (*lakome.com*).

temas e áreas. As secções temáticas que dividem a disposição visual de informação são as seguintes: “política, economia, cultura, desporto, regiões, opinião, média, Magrebe-Maxereque, internacional, sociedade, liberdades públicas, mulher, M20F, Wikileaks, artes, criatividade, diversos, correntes, saúde, novas tecnologias, mundo dos motores, gostos [moda]”¹⁴⁵, mais algumas secções que não aparecem no menu principal, tais como “imagens” e “vídeos”. A secção “desporto” consagra sobretudo o futebol, a secção “mídia” centra-se na situação destes sobretudo em Marrocos e nas questões da liberdade de imprensa e dos seus atropelos, enquanto a secção “direitos gerais” debruça-se sobre tudo o diga respeito aos direitos humanos de forma geral, nomeadamente a sua situação em Marrocos. O portal está aberto a participações e a secção “opinião” engloba sobretudo artigos submetidos pelos internautas. A secção Wikileaks concentra sobretudo informação relativa a Marrocos que foi divulgada pela Wikileaks, durante o episódio que ficou conhecido como o *cablegate*, quando em 2010 foram tornados públicos por aquele sítio Web milhares de telegramas provenientes de embaixadas dos EUA, incluindo Rabat, e destinados ao Departamento de Estado daquele país. O interesse por estes telegramas prende-se com o facto de vários diplomatas comentarem questões como o monopólio e domínio da economia por parte de empresas ligadas ao rei, a corrupção aos mais altos níveis, os direitos humanos, o sistema judicial, o Sara Ocidental, entre outras. Este portal teve também uma versão em francês, mas foi suspensa em 30 de setembro de 2011¹⁴⁶, tendo sido retomada em inícios de 2013.

Penso não ser exagero dizer que o *lakome.com* e o *goud.ma* tornaram-se duas das grandes referências em termos de portais Web de informação em Marrocos, sobretudo por parte de quem revela uma preocupação pela situação política, económica, social e dos direitos humanos, das mulheres e das minorias em Marrocos. Sem ter a pretensão de fazer nenhuma avaliação quantitativa, não deixo de referir que segundo a companhia de estatísticas de sítios Web *alexa.com*, durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2012, o *lakome.com* classifica-se em 49º lugar no ranking de sítios Web mais acedidos em Marrocos e o *goud.ma* em 42º lugar¹⁴⁷. Segundo a mesma companhia, os portais mais generalistas e aparentemente mais neutros *hespress.com* e *yabiladi.com* classificam-se em 5º e 164º lugar, respetivamente¹⁴⁸.

145 Pela ordem em que aparecem no menu horizontal em árabe. Tradução minha.

146 Informação prestada pelo próprio portal em fr.lakome.com, acedido em 1/11/2012.

147 Informação em <http://www.alexa.com/siteinfo/lakome.com>, acedido em 1/11/2012. Note-se no entanto que estas estatísticas não são inteiramente fiáveis, mas servem só para dar uma ideia aproximada. A classificação tem em conta os dados recolhidos pela empresa relativos aos três meses que antecedem a data de consulta.

148 Informação em <http://www.alexa.com/siteinfo/yabiladi.com> e <http://www.alexa.com/siteinfo/hespress.com>, acedido em 1/11/2012. Ver nota anterior. Note-se que segundo a mesma fonte o sítios mais acedidos em Marrocos à mesma data eram os seguintes: *facebook.com*, *google.com*, *youtube.com* e *google.co.ma*, fazendo do *hespress.com* o sítio marroquino de informação mais consultado em Marrocos. Dados consultados em

Para além destes portais Web que podem ser de alguma geral considerados generalistas, mesmo tendo em conta as especificidades do *lakome.com* e do *goud.ma* e até mesmo do *hespress.com*, o surgir do M20F trouxe novos portais na mesma linha do jornalismo participativo, assim como sítios Web explicitamente ligados ao M20F. No primeiro caso, cito o *febrayer.com*, que estreou em inícios de 2012. Apesar do nome se basear na palavra “fevereiro” (ar. *fibrāir*), como é dito na apresentação do sítio¹⁴⁹, o *febrayer.com* “não é um porta voz oficial do M20F, mas sim a voz de todos, a morada da verdade tal como ela é sem *retouches*, a opinião e a contra-opinião”¹⁵⁰. Este portal disponibiliza ainda um canal de rádio *online* e uma secção de vídeos, que inclui reportagens feitas pela própria equipa de redação ou enviados por leitores, assim como reprodução de vídeos de outros sítios Web. O seu lema é “a verdade tal como ela é”¹⁵¹. Recorrendo novamente aos dados fornecidos pela companhia de estatísticas de sítios Web *alexa.com*, o *febrayer.com* classifica-se em 174º lugar, aquém dos atrás mencionados.

Entre as páginas Web diretamente associadas ao M20F podemos contar por um lado com páginas em redes sociais como o Facebook e o Twitter, das quais tratarei no sub-capítulo seguinte, e sítios Web propriamente ditos como o *mamfakinch.com*, inaugurado aquando o começo das manifestações em nome do M20F. O seu nome baseia-se numa expressão usada pelo M20F como slogan e que pode ser traduzida por “não desistimos” ou “não fazemos concessões”¹⁵². A linha editorial, segundo o próprio coletivo redator, define-se da seguinte forma:

Mamfakinch.com est un site animé pat un collectif de blogueurs et militants marocains. Il a vu le jour à la marge de l'appel de jeunes marocains pour des manifestations, à travers le pays, appelant à de larges réformes politiques, économiques et sociales le 20 février 2011. Ce mouvement est connu sur les réseaux sociaux par le #Feb20.

Bien que nous soyons de sensibilités politiques différentes, nous partageons

<http://www.alexa.com/topsites/countries/MA>, acedido em 1/11/2012. Esta última informação, acedida em 4-4-2013, seja com os dados relativos ao primeiro trimestre de 2013, desce a pontuação do *hespress.com* para a 6ª posição, ultrapassado pelo *blogger.com*, continuando por isso a ser o sítio marroquino de informação mais consultado.

149 Baseio-me no texto “Quem somos? Porquê *febrayer.com*?” (من نحن؟ ولماذا "فبراير كم"؟), publicado em <http://www.febrayer.com/-ولماذا-من-نحن-؟-فبراير-كم->, acedido em 1/11/2012. Note-se que o nome de domínio de topo genérico *.com* é grafado no título em árabe como *kum* em vez de *kūm*, realçando a semelhança ortográfica entre o sufixo possessivo *kum* / *vosso(s)* e *.com*, fazendo com que *febrayer.com* possam ser lido literalmente como “o vosso fevereiro”. De mencionar que este jogo de palavras não é um originalidade deste sítio, tendo já sido usado sobretudo para efeitos de marketing em diversos casos, tanto no magrebe como no maxereque.

150 Tradução minha do original árabe: “الرأي والرأي الآخر. إنه عنوان الحقيقة كما هي بدون رتوش. فبراير كم ليس ناطقا رسميا لحركة 20 فبراير. إنه صوت الجميع. إنه عنوان الحقيقة كما هي بدون رتوش. الرأي والرأي الآخر”. O original emprega também a palavra francesa *retouches*, grafada em árabe como *ritūsh*. Note-se que a frase “a opinião e a contra-opinião” também pode ser traduzida mais literalmente como “a opinião e a outra opinião”, sendo o lema do canal de televisão pan-árabe al-Jazira.

151 No original: “الحقيقة كما هي”. Tradução minha.

152 *Mamfākinsh*, mas grafo *mamfakinch* por ser consensual o uso desta grafia em Marrocos. Não sendo necessariamente uma tradução oficial, note-se que o sítio Web *24.mamfakinch.com* usa no desenho gráfico do seu seu cabeçalho a tradução em inglês “no concessions”. Literalmente a tradução seria “não somos desmobilizáveis”, podendo a última palavra ser também traduzida como “desmanteláveis”, “desmontáveis” ou ainda “desfragmentáveis”, tendo em conta o sentido da raiz f-k-k tanto em ár. mar. como ar. padrão.

*tous les valeurs de démocratie, de liberté et de respect des Droits Humains.
Mamfakinch.com ne se prétend pas être un journal mais un média citoyen
qui croit au droit à l'accès à l'information. Information souvent ignorée
voire déformée par d'autres médias plus ou moins officiels.*¹⁵³

Este portal inclui artigos de opinião críticos sobre diferentes questões ligadas à situação marroquina, assim como notícias relativas a protestos sociais e manifestações, sendo estas últimas geralmente incluídas no sítio Web paralelo *24.mamfakinch.com*. As entradas usam geralmente as línguas árabe, inglês ou francês, por vezes sendo bilingues ou trilingues nos casos em que se providenciam-se traduções de um artigo. É possível visionar vídeos enviados por cidadãos marroquinos relativos às manifestações feitas em nome do M20F. Uma entrada intitulada “Video Mapping the Protests in Morocco #FEB20 (Cartographie vidéo)”¹⁵⁴, por exemplo, faz um levantamento vídeo de todas — ou quase todas — as manifestações que ocorreram no primeiro dia de protestos do M20F, recorrendo a um mapa interativo onde clicando numa localidade marroquina aparece um balão que menciona uma estimativa do número de participantes, um vídeo com imagens da manifestação de 20/2/2011 nessa localidade, assim como uma hiperligação para uma lista de vídeos relativos ao mesmo assunto. Todos os vídeos usam a plataforma de filmes *online YouTube*, que de resto é também utilizada pela grande maioria dos sítios Web já mencionados, que geralmente têm contas ou canais nesta plataforma. Note-se que o *mamfakinch.com* não é um sítio Web oficial do M20F, pois este movimento não tem nenhuma entidade oficial de representação, organizando-se por vários comités ou coordenadoras que agem a nível local, como irei melhor explicar no capítulo seguinte. Ao invés disso, penso que fará sentido caracterizá-lo como um sítio Web *associado* ou *associável* ao M20F.

Outra categoria de sítios Web que não poderei deixar de mencionar, mesmo que de forma muito sucinta, são os blogues, nomeadamente aqueles que se centram em questões em torno dos direitos humanos em Marrocos e das reivindicações políticas associáveis ao espírito do M20F. Também esta categoria conheceu um significativo vitalismo a partir de 2011, não tanto pelo seu crescimento, pois vários já existiam antes da dita “primavera árabe”, mas pela importância que foram adquirindo como meios alternativos de expressão política. Vários ativistas do M20F divulgam as suas ideias e visões através dos seus blogues, como é o caso do blogue em francês e árabe “Comme une bouteille jetée à la mer!” do ativista Larbi (*larbi.org*), em atividade desde 2004,

¹⁵³ No original o texto está em árabe acompanhado da versão em francês aqui reproduzida. Fonte: <https://www.mamfakinch.com/a-propos/>, acedido em 1/11/2012.

¹⁵⁴ <https://www.mamfakinch.com/video-mapping-the-protests-in-morocco-feb20-cartographie-video/>, acedido a 1/11/2012.

do blogue também em francês e árabe “Chroniques d'un pays en transition” do ativista Atourabi (*atourabi.com*) em atividade desde novembro de 2011 ou do “Blog de Omar El Hyani — In nihilismus veritas” (*elhyani.net*), em francês e em atividade desde dezembro de 2008. Este último, que no início era sobretudo um blogue dedicado ao software livre e aos sistemas operativos Linux, começa a partir de 2010 e sobretudo de 2011, a publicar temas mais evidentemente políticos e relativos aos direitos humanos, assim como artigos sobre o M20F. Outro blogger conhecido é Mohammed Sokrat, que se evidencia em comparação com outros por seguir uma linha de crítica ateísta e libertária ao nível de costumes. A língua que mais usa é o árabe. Entre 2008 e 2010 publicava no seu blogue *mc-sokrat.maktoobblog.com*. A partir de junho de 2010 começa a usar o Facebook¹⁵⁵ para as suas publicações, geralmente textos curtos mas contundentes e fotografias que assumem caráter provocatório em relação aos costumes morais da sociedade marroquina. No perfil público na sua página desta rede social define o seu emprego como “escritor de comentários e estatutos no Facebook e vendedor ambulante nos tempos livres”¹⁵⁶ e descreve-se a si mesmo como “rebelde contra o rebanho, depravado e imoral do ponto de vista do gado, ex-vadio de rua, atualmente escritor literário, pensador liberal e especialista em conflitos internacionais e regionais”¹⁵⁷. Juntamente com o seu irmão e pai, trabalha como vendedor ambulante e pertence a uma família com muitos poucos recursos económicos. Em maio de 2012, é detido pela polícia e acusado de posse de haxixe¹⁵⁸. Vários ativistas acusam as autoridade de se tratar de um caso de detenção política, tendo em conta as atividades do blogger na Internet, lembrando que:

*(1) Sokrat has always been defending and calling for individual liberties. (2) his declaration of his atheism has been provoking a sort of an uproar among conservative political actors. (3) he has always been critical to the Moroccan regime represented by King Mohamed V. (4) He has been criticizing different social institution such as religion in general and the deeply rooted traditions in the Moroccan society, which Sokrat considers as a sign of backwardness.*¹⁵⁹

Segundo a voz destes ativistas Sokrat terá sido detido juntamente com o irmão e o pai num

155 A página é <https://www.facebook.com/mohammed.sokrat>, mas como é característico nesta rede social nem todas as publicações são públicas.

156 Tradução minha do original em árabe: “كاتب تعليقات و ستاتوس فالفايسبوك و بائع متجول في أقوات الفراغ”. A palavra árabe *ta'liqāt* aqui traduzida como “comentários” tem o sentido em inglês de “post”.

157 Tradução minha do original em árabe: “متمرد على القطيع سافل و لا أخلاقي من منظور البهائم وشمكار سابقا و أديب و مفكر ليبييرالي حاليا و خبير في حل النزاعات الدولية و الاقليمية”.

158 Os dados aqui apresentados baseiam-se numa leitura cruzada de informações disponíveis em vários blogues sobre a sua detenção, nomeadamente <https://www.mamfakinch.com/free-mohammed-sokrat/>, <http://leonafricain.wordpress.com/2012/06/16/freesokrate-a-call-to-free-mohammed-sokrat/> e <http://www.larbi.org/post/2012/06/Pour-Mohamed-Sokrat%2C-blogueur-marocain-emprisonné>, acedidos em 10-11-2012.

159 <http://leonafricain.wordpress.com/2012/06/16/freesokrate-a-call-to-free-mohammed-sokrat/>, acedido em 10-11-2012.

mercado de roupas em segunda mão em Marraquexe e terá sido chantageado pela polícia para assinar o auto de detenção com o argumento de que se não o fizesse o seu pai e irmão também seriam detidos. Independentemente das razões reais da sua detenção e tendo em conta que não está ao meu alcance saber a verdade do que realmente se passou, não deixa de ser interessante reportar a voz destes ativistas¹⁶⁰ que mencionam a estranheza de alguém que estivesse na posse de 500g de haxixe, cujo valor de venda no mercado marroquino poderá atingir os 1.500 €, tenha tido necessidade de pedir à sua mãe 20 dirhams (menos de dois euros) mais ainda considerando que em causa está um produto ilegal mas extremamente fácil de escoar no mercado, sendo a sua procura elevada...

Os idiomas mais usados nestes blogues são o árabe, geralmente na sua versão padrão mas incluindo palavras e expressões marroquinas em várias situações, e o francês. Ao contrário dos portais Web anteriormente mencionados que têm um certa tendência, mesmo que nem sempre seja constante ou coerente e havendo várias exceções, de separar uma secção de conteúdos em árabe de outra em francês, estes blogues quando são multilingues geralmente publicam artigos tanto numa língua como noutra, raramente providenciando uma tradução. Um blogue em francês pode conter um artigo ou outro em árabe e vice-versa. Note-se que é observável na última década, não só em Marrocos como no Magrebe de forma geral, um crescimento significativo do uso da língua árabe na Internet e nos outros média, assim como uma maior presença das variantes coloquiais desse idioma. Para além destas línguas, o espanhol e o inglês são também recorrentes, sendo também observável um crescimento deste último idioma face ao francês, mesmo tendo em conta que esta continua a ser a língua estrangeira mais falada e compreendida em Marrocos. O blogger e ativista Zakaria Rmidi usa tanto o inglês como o árabe no seu blogue “Leo Africanus's Blog - مدونة ليون الإفريقي”¹⁶¹ (*leonafricain.wordpress.com*), existindo muito ocasionalmente traduções entre as duas línguas. Define-se como “a Moroccan blogger, secular activist, freelance journalist, a collaborator with a number of online publications, an Art lover and above all a Human looking forward to dignity, freedom, justice, equality and democracy in my country, Morocco”¹⁶².

Outro caso do uso da língua inglesa é a blogger Samia Errazzouki, que se assume como marroquino-americana. O seu blogue (*samiacharquauia.wordpress.com*) apesar de ter um título

160 Ver nota 158.

161 O título em árabe é o equivalente nesta língua do título em inglês.

162 Fonte: <http://leonafricain.wordpress.com/عن-المدون-والمدونة/>, acessido em 10-11-2012. O texto em inglês é acompanhado de uma versão em árabe do mesmo.

árabe, *الشرقية في الغرب*, que significa literalmente “a oriental no ocidente”, usa só o inglês como idioma de escrita. Errazzouki escreve também noutros blogues e portais como *mamfakinch.com* ou *talkmorocco.net*. Este último, cujas ligações ao M20F e suas reivindicações e temáticas são evidentes, é mais um exemplo de um sítio Web que usa o inglês. O seu lema “Enlighten & free discussion on what matters” evidencia o seu objetivo de funcionar como um fórum de debates que lança discussões sobre um tema proposto por um ou vários moderadores.

Os movimentos migratórios contribuem para o transnacionalismo e a transversalidade de questões como os direitos humanos. Como já referi anteriormente no segundo capítulo em relação ao M20F, não é só em Marrocos que ocorrem ações de protesto social, também em outros pontos do planeta, particularmente aqueles onde existem comunidades com ligações familiares a Marrocos, estes protestos fazem-se ouvir. Também na Internet, como por exemplo no caso da blogger Errazzouki, este fenómeno é visível.

Para além dos sítio Web e blogues especificamente marroquinos, não posso também deixar de mencionar a importância de portais pan-árabes na linha do jornalismo participativo e cidadão, como o *jadaliyya.com*¹⁶³, que publica artigos de análise política, social, económica e cultural relativos aos países do chamado “mundo árabe”, em línguas árabe, inglesa e francesa. Ou ainda de portais globais como o *globalvoices.org*, que agrega ativistas dos direitos humanos a nível global.

No que diz respeito aos blogues não deixo de mencionar que segundo os dados da *alexa.com* para o primeiro trimestre de 2013 colocam o *blogger.com*, uma das principais plataformas para criação de blogues, em 5º lugar entre os sítios Web mais acedidos em Marrocos¹⁶⁴.

Como já foi dito no capítulo I, existe em Marrocos uma imprensa que goza de uma certa independência e de uma relativa liberdade, com três linhas vermelhas que, contudo, são bem demarcadas. Apesar da televisão e da rádio serem mais controladas, alguns jornais contrastam com outros ao assumirem-se como independentes e ao divulgarem informação que não se restringe aquela que é fornecida pela MAP, a agência oficiosa de notícias, e publicando editoriais com opiniões bem demarcadas de crítica às instituições políticas ou relativas à falta de respeito pelos direitos humanos ou de transparência na governação em Marrocos. Estes jornais também

163 Do nome em árabe *jadaliyyah* (جدلية), que significa “dialética”.

164 Cf. <http://www.alexa.com/topsites/countries/MA>, acedido em 4-4-2013. Note-se que como foi dito anteriormente a 5ª posição no trimestre final de 2012 era ocupada pela *hespress.com*. Ver nota 148.

têm uma certa abertura à receção e publicação de artigos de opinião por parte dos leitores¹⁶⁵ ou de diferentes personalidade como sociólogos, economistas, escritores, ativistas, etc. A atitude dos ativistas do M20F em relação à imprensa escrita é muito variada, variando entre aqueles que dedicam tempo a ler alguns dos jornais ditos independentes e aqueles que acham que estes fazem o mesmo jogo do makhzan e só divulgam o que interessa para perpetuar as atuais relações de poder. Younes, um dos ativistas que entrevistei, afirma que apesar de muitos ativistas lerem o jornal *Akhhbār al-Yawm* e de o considerarem mesmo como um jornal simpatizante com o M20F, ele prefere ler as notícias na Internet em sítios como o *lakome.com* ou o *mamfakinch.com*, porque, segundo ele, são muito mais fidedignos em relação ao que diz respeito às lutas sociais a decorrer em Marrocos.

Os sítios Web em Marrocos gozam, de facto, de uma margem de liberdade maior do que a imprensa. Não só são menos controlados como dependem menos de grandes financiadores publicitários sem os quais a imprensa escrita não sobrevive. Estes fatores, apesar de não explicarem de forma alguma por si mesmos a eclosão do M20F, tiveram a sua importância para este movimento.

Redes online

A Internet potenciou a interação em rede a nível global, regional e local. Por rede (*network*) entende-se um conjunto de nódulos interconectados, cuja relevância poderá variar, sendo os mais importantes passíveis de se denominarem “centros” (Castells 2009: 19). A sociedade contemporânea em geral ou, mais particularmente, o universo da Internet não foram o palco de invenção desta forma de funcionamento. Castells (2009: 21) considera mesmo que as redes são o padrão fundamental de todos os tipos de vida e relembra que “the historical record shows the pervasiveness and relevance of networks as the backbone of societies, thousands of years ago, in the most advanced ancient civilizations in several zones of the planet”. Em vários períodos históricos, diferentes civilizações da antiguidade como os acádios, os sumérios, os gregos ou os romanos, entre outros, dependiam de redes que se estendiam por vastos territórios, muito para além dos níveis locais ou regionais, a uma escala que diríamos hoje em dia globalizada. Também o

¹⁶⁵ Não confundir com as típicas secções “Correio dos leitores”, que também existem nos jornais marroquinos, onde geralmente os leitores enviam comentários, normalmente sobre notícias publicadas, e publicados em pequenos espaços de texto. Geralmente os artigos de opinião ocupam entre 1/3 e 1/4 de página aproximadamente.

mesmo fenómeno acompanhou a história do mundo islâmico ou da Europa medieval e renascentista.

Se por um lado esta perspetiva das redes contraria o tradicional ênfase da História dado às estruturas verticais/hierárquicas de organização social, é também necessário considerar que em certas condições estas redes são “an extension of power concentrated at the top level of the vertical organizations that shaped the history of mankind: states, religious apparatuses, war lords, armies, bureaucracies, and their subordinates in charge of production, trade, and culture” (Castells 2009: 21). Estas condições, para Castells, são as limitações da “tecnologia de comunicação pré-eletrónica”.

A Internet potenciou não só o desenvolvimento da interação em rede, mas também facilitou a autonomia dos nódulos¹⁶⁶ de uma rede em relação a centros de poder. Novos instrumentos tecnológicos, como as *discussion lists* — que são *mailing-lists* que permitem o envio e receção de mensagens de qualquer e para todos os nódulos de uma rede —, a conferência por escrita ou por transmissão audio e/ou visual entre várias pessoas em simultâneo — antigo protocolo IRC que se transformou no que se chama hoje em dia de *chat* —, ou mais recentemente as redes sociais *online* — como o Facebook ou o Twitter —, fortaleceram a horizontalidade da interação em rede. Obviamente não estou a querer dizer que previamente à Internet não existissem redes horizontais ou que diversos movimentos sociais não se organizassem horizontalmente em rede, mas que estas redes eram muito limitadas pela tecnologia então existente. A eficácia, facilidade e cobertura geográfica e social de uma *discussion list* baseada nos sistemas postais clássicos é muito menor relativamente às potencialidades de usar o mesmo sistema via correio eletrónico para a distribuição coletiva de conteúdos e comentários.

Castells (2009: 47) argumenta que “resistance to power is achieved through the same two mechanisms that constitute power in the network society: the programs of the networks, and the switchers between networks”. Ao usarem certos programas para trocarem informação, ao aumentarem os pontos de contacto e cooperação estratégica entre diferentes redes, os ativistas aumentam o seu poder de resistência ao poder. Por outro lado, se a Internet favorece a organização horizontal de troca de informação, se ela permite que pessoas específicas possam organizar-se horizontalmente para diferentes fins, se ela pode ser, por exemplo, um instrumento

166 Do conceito de *nodes*, exposto em Castells 2009: 19-27 e 47-53.

usado na auto-gestão de um movimento social, se tudo isto por sua vez se deve à forma como a Internet se organiza e aos programas que são criados para fazer os seus nódulos interagirem, então isto pode sugerir que os internautas se tornam mais permeáveis à interiorização de sistemas horizontais de auto-gestão quando expostos a certos programas. No entanto, não me parece ser sustentável a ideia de que qualquer internauta pelo simples facto de usar uma rede social *online*, adote, como num passo de magia, uma atitude mais crítica, por exemplo, em relação à hierarquização da comunicação, mas parece-me evidente que novas formas de interação proporcionadas por novas tecnologias de comunicação alteram os indivíduos e a sua forma de olhar o mundo. Sistemas de comunicação caracterizáveis por princípios declaradamente hierárquicos também são passíveis de se processarem em redes sociais *online*, o que indica a importância do uso que delas fazem os internautas. Ainda assim, o facto de qualquer membro poder difundir conteúdo para todos os pontos da sua rede é um fator que não pode ser negligenciável.

Os internautas hoje em dia já não necessitam de ter conhecimentos avançados de programação para divulgarem conteúdo. Existem plataformas que permitem a construção de sítios Web por pessoas sem esses conhecimentos. Por outro lado, as redes sociais *online* — que mais não são do que programas instalados em servidores e que organizam e estruturam a forma como e quem difunde informação —, podem ser englobados entre os programas que favorecem a horizontalidade da troca de conteúdos referida no parágrafo anterior, dependendo também da forma como é usada pelos internautas. Um exemplo claro é o Twitter e o Facebook, que apesar de funcionarem com uma abundância incrível de lixo eletrónico, põe os ativistas marroquinos em contacto uns com os outros, seja através dos seus perfis e murais partilhados com amigos de rede e o público, ou através de grupos fechados, ou “secretos” como foi-me várias vezes mencionado, que permitem a discussão e a organização de ações reivindicativas ou a simples discussão de ideias. Estas redes sociais permitem ainda táticas de luta cibernética, como por exemplo a “hashtag attack”, que consiste na publicação de mensagens de forma coordenada, intensiva e em simultâneo — ou durante um certo período de tempo —, geralmente via Twitter, com uma *tag*¹⁶⁷ específica e pré-combinada, forçando a visibilidade de conteúdos associados a essa *hashtag* através do número massivo de mensagens publicadas. Por exemplo, campanhas lançadas na

167 Por ventura talvez não seja necessário aqui mencionar, mas não deixo de relembrar que *tags*, literalmente “etiquetas”, são palavras-chave que se associam a conteúdos e que permitem organizar e procurar informação de forma mais fácil e rápida. Também o cabeçalho desta dissertação engloba um resumo e um conjunto de palavras-chave. O nome *hashtag* deve-se ao uso do símbolo cardinal, em inglês *hash*, antes de uma etiqueta.

Internet apelando à libertação de presos políticos utilizaram esta tática com a *hashtag* #freekoulchi, mistura de inglês e árabe marroquino que significa “libertem todos [os presos políticos]”¹⁶⁸.

Como já referi na introdução desta dissertação, e voltarei a fazer mais detalhadamente no capítulo seguinte, o M20F apresenta-se como um movimento que pretende não ter líderes nem mesmo uma organização formal. As redes sociais apresentam-se como plataformas cuja forma de interação se adapta a movimentos descentralizados. Permitem ainda a divulgação rápida e em grande escala de conteúdos de sensibilização, assim como de notícias relativas a protestos de rua. Tanto num caso como no outro, não só textos e imagens são utilizados, como também vídeos¹⁶⁹. Recorrendo a um exemplo de Brouwer (2012), enquanto os manifestantes participam num evento *offline*, já estão simultaneamente, através de telemóveis equipados com câmaras de fotografar ou filmar e conexão à Internet, a divulgar *online* uma determinada ação de protesto, seja através de fotografias, vídeos ou mensagens de texto publicadas nas redes sociais. Ambas as componentes se fundem e a divulgação *online* torna-se por isso passível de ser feita em tempo real.

Apesar da importância inegável dos bloggers e das redes sociais nos recentes protestos no mundo árabe, a cobertura mediática a esta série de eventos apresentou uma narrativa pautada geralmente pela ideia de um movimento social espontâneo gerado à volta de bloggers e internautas do Twitter e do Facebook. Como observa Hèla Yousfi (2013en), em relação ao caso tunisino, “In using this lens, the causes and consequences of the revolt itself are glossed over. Moreover, the historical context is abandoned in favor of a de-politicized narrative that revolves around young bloggers triggering a spontaneous movement, managing to succeed in dragging a whole population out into the streets to revolt against a shameful dictator”. No mesmo texto, Hèla Yousfi observa ainda que o facto da maioria dos investigadores e jornalistas se centrarem sobretudo “on analyzing the continued persistence of the authoritarian structures of power within the Arab world, or the evolution of the Islamist movements [...] had the effect of making the

168 Esta *hashtag attack* ocorreu em finais de maio de 2012. Algumas mensagens públicas são visíveis em <https://twitter.com/search?q=%23freekoulchi>.

169 Relativamente ao primeiro caso, menciono os vídeos já aqui referidos no primeiro capítulo, nomeadamente Lakomechannel (2011) e Mouvement20fevrier (2011 & 2011b) ou ainda Anartiviste (2012) que é um vídeo de campanha contra a construção da linha TGV em Marrocos feito por um grupo de “artistas” e que irei referir novamente no capítulo seguinte pela sua pertinência na questão das expressões artísticas do M20F. No segundo caso, são incontáveis os exemplos que se podem dar, mas destaco a vídeo-cartografia que mapeia as manifestações de rua do dia 20 de fevereiro de 2011 (ver nota 154). Também se poderia aqui referir o papel da música, que geralmente adquire um papel importante na sensibilização social e política e sobretudo tem uma função significativa no fortalecimento da identidade de grupo. A música, assim com a poesia, tem um grande valor no mundo simbólico dos movimentos sociais. Voltarei a esta questão no capítulo seguinte com o exemplo do *rapper* Lhaqed e de outras expressões artísticas do M20F.

diverse forces of change that emerged in the past two decades invisible”¹⁷⁰.

Um dos ativistas do M20F que entrevistei, chamou-me à atenção sobre o excesso de destaque conferido pelos media ao fator Internet, enquanto que para ele a mobilização social através de contactos *offline*¹⁷¹ era igualmente importante. Durante a mesma entrevista, foi-me referido que muitos ativistas já se conheciam entre si previamente ao fenómeno que foi rapidamente rotulado de “primavera árabe” e que outros se vieram a conhecer durante as mobilizações sociais. Neste último caso, é preciso ter em conta que a mobilização para manifestações do M20F é feita não só *online*¹⁷², mas também *offline* através de, por exemplo, de campanhas de rua em vários bairros populares para sensibilização da população através da distribuição de panfletos, convocação direta de manifestações, e explicação das motivações para o apelo ao protesto social¹⁷³. Além do mais, os apelos a uma determinada manifestação também se espalham por outras redes de contactos *offline*, como por exemplo as que existem entre colegas de escola e universidade.

Por outro lado, esta recente onda de protestos sociais, que se teria iniciado na Tunísia e alastrado a outros países, não pode ser historicamente desenquadrada da realidade dos movimentos sociais e de outros grandes protestos coletivos que antecederam a chamada “primavera árabe” em cada país. Por isso, esta problemática foi refletida na primeira parte do capítulo II, onde tracei um esboço histórico destes movimentos sociais, nomeadamente no contexto marroquino pós-independência até hoje, e na última parte do mesmo capítulo onde analisei a importância dos “antecedentes” do M20F e como este, por sua vez, está em vias de influenciar outros movimentos sociais.

170 Nesta afirmação, a autora por sua vez baseia-se em Jocelyne Dakliya, *Tunisie le pays sans bruit*, Actes Sud, 2011.

171 O entrevistado estava a comentar as suas impressões ao binómio *online-offline* usado por Lenie Brouwer numa conferência em Rabat (Brouwer 2012). Ver também capítulo I, parte 2.

172 Já referi vários exemplos não só neste capítulo, mas também no capítulo I, nomeadamente na parte 2.

173 Além destas campanhas terem-me sido mencionadas por ativistas, eu próprio presenciei algumas nomeadamente nos bairros de Taqaddoum e Akkari em Rabat.

CAPÍTULO IV

Manifestações e expressões artísticas

Os slogans

*Não tenhas medo, a tua voz é uma kalashnikov*¹⁷⁴

Como já mencionei anteriormente, os dias que antecederam as marchas de 20 de fevereiro e que resultaram no movimento epónimo, foram acompanhados de uma série de polémicas relativas à essa iniciativa. Essa polémica foi também visível — e seguirá o M20F durante todo o seu período de atividade — através do famoso slogan “o povo quer a queda do regime” (الشعب يريد إسقاط النظام), um dos slogans mais brandidos no Egito e na Tunísia. Este slogan, que se tornou internacionalmente conhecido, parece ter origens no período que sucedeu a fuga de Zine Abidine ben Ali da Tunísia a 14 de janeiro de 2011. Três dias depois, foi anunciado nesse país um governo de unidade, que integrava vários membros do partido de Ben Ali. Este governo foi largamente contestado nas ruas e alguns dos seus membros demitiram-se logo nos primeiros dias, alegando que não tinham confiança num governo que integrava várias figuras do antigo regime¹⁷⁵. Nas ruas os manifestantes começam a gritar “o povo que a queda do governo”¹⁷⁶, tendo os egípcios reapropriado este slogan quando começaram os protestos a 25 de janeiro, transformando-o em “o povo quer a queda do regime”¹⁷⁷, o que provoca automaticamente um *meme* por muitos países árabes, incluindo a Tunísia, aonde rapidamente regressa em efeito de vaivém.

174 Slogan usado pelo M20F na manifestação de 24 de abril de 2011, em Rabat, no bairro Yacoub el Mansour. Tradução minha. Original: ما في خوف . ما في خوف، صوتك صار ككلاشينيكوف

175 Cf. notícia do The Guardian disponível em linha em <http://www.guardian.co.uk/world/2011/jan/18/tunisia-caretaker-government-ministers-quit> e acedida em 10/6/2012

176 O *YouTube* regista pelo menos dois vídeos de grandes manifestações na Tunísia onde este slogan é entoado, uma no dia 26/1 (Canadacanada19812 2011) e outra cujo dia não está descrito mas o vídeo respetivo foi posto em linha a 24/1 (9oul 2011).

177 A “viagem” e transformação destas palavras de ordem foi-me primeiro descrita em fevereiro de 2011 em conversa pessoal com o Prof. Abdeljalil Larbi (ILNOVA), que tem seguido atentamente os acontecimentos do seu país de origem. Por outro lado, uma busca por datas feita no motor de pesquisa Google indica que o vídeo do *YouTube* mais antigo com o slogan “o povo que a queda do regime” é precisamente a 25 de janeiro de 2011 na Praça da Libertação no Cairo. O Google também não encontra referências datadas anteriores a 25-1-2011 com este slogan, corroborando a versão do Prof. Larbi e contrariando algumas teses que circulam na Internet que este slogan será inteiramente originário da Tunísia, cf. http://mideast.foreignpolicy.com/posts/2011/02/24/reflections_on_the_revolutions_in_tunisia_and_egypt e http://ar.wikipedia.org/wiki/الشعب_يريد_إسقاط_النظام, acedidos em 10/6/2012.

Na sua coluna diária do jornal *al-Masā'* do dia 12/2/2011, Niny¹⁷⁸ assina um texto intitulado باسم الشعب (*em nome do povo*), onde evoca uma das manifestações de solidariedade com o Egito realizadas em frente da Embaixada desse país em Rabat. Imagens dessa manifestação foram emitidas pelo canal de televisão Aljazeera, onde, segundo o jornalista, se podiam ver militantes e dirigentes da AMDH, incluindo a sua presidente, e “partidos da esquerda radical” a gritarem em coro *o povo quer a queda do regime*. Niny refere ainda que o mesmo grupo de pessoas havia-se juntado no dia anterior a uma manifestação de licenciados desempregados na avenida principal de Rabat, onde se situa o parlamento, entoando novamente as mesmas palavras de ordem, estando igualmente prevista outra manifestação de solidariedade com o Egito no dia em que o artigo é publicado, estimando o autor que este protesto contará com a presença de “todos os componentes da esquerda radical e de bases, dos militantes da VD, dos representantes da Associação ATTAC e das coordenações de [luta contra a] subida dos preços, que são órbitas dos esquerdistas, assim como dos restantes movimentos comunistas, sendo muito provável que os manifestantes voltem a bradar “o slogan o povo quer a queda do regime”, sem indicarem, como seria natural, a que povo se estão a referir, tendo em conta também que todos sabem que os slogans revolucionários dos companheiros de Khadija Riadi e Mohamed Amin [dirigentes da AMDH] são dirigidos ao sistema monárquico marroquino” (Niny 2011a, tradução minha). Niny considera que este slogan não representa o povo, mas apenas os referidos grupos políticos e dirigentes da AMDH.

Este slogan, que fez furor em vários países árabes, despertou sempre uma grande polémica em Marrocos, tendo sido, propositadamente e talvez por razões também estratégicas e derivadas das conversações e acordos informais entre os diversos coletivos que integraram o M20F, praticamente banido das manifestações, mas recuperado em outras versões mais *soft*, tais como¹⁷⁹: “o povo quer a queda do despotismo” [19]; “...a queda do governo, do parlamento e dos conselhos regionais” [24]; “...a queda do governo” [31]; “...a queda da Lydec” [41]; “...a queda da Amendis” [44]; “...a queda da [atual] Constituição” [47]; “...a queda da corrupção” [50]; “...a queda da comissão do Mennouni” [106]; “...a queda do *makhzan*” [124], entre outras variantes. A entoação do famoso slogan no dia 20 de Fevereiro de 2011 na cidade de Inezgane levou, segundo o jornal *al-Masā'* de 21 de fevereiro de 2011, a maioria dos participantes a abandonar a marcha de

178 Ver nota 97.

179 Os números fazem referência à lista de slogans recolhida e reproduzida integralmente no apêndice A. Ver também nota 184. Os termos “Lydec” e “Amendis” referem-se a companhias multinacionais que fazem a gestão da água em várias cidades marroquinas. Abdeltif Mennouni foi o presidente da comissão encarregue de redigir a proposta de nova Constituição que seria votada em referendo a 1/7/2011

protesto. Em Al Hoceïma (*al-Husayma*), segundo o mesmo jornal, um grupo isolado terá utilizado o mesmo slogan escrito numa faixa no dia 24 de abril de 2011, dia em que Marrocos assistiu a diversas manifestações em várias cidades em nome do M20F. No mesmo dia em Fez, o slogan terá sido entoado numa manifestação (Fes00bladi 2011). Noutro dia de protesto nacional, na cidade de Tetuão, um grupo entoava ironicamente “o slogan que receiam, em breve vão ouvi-lo”. No mesmo registo irónico, na manifestação de 19 de fevereiro de 2012, que celebrava o primeiro aniversário do M20F, um participante que passeava sozinho entre os outros manifestantes erguia um cartaz onde se lia: “o regime quer a queda do povo”¹⁸⁰...

Segundo Salih, esta foi outra das discussões que antecederam a saída para as ruas, tendo-se decidido por unanimidade — segundo o que ele escreve e baseado nos ativistas que entrevistou — o uso de slogans defendendo a “monarquia parlamentar” e afastando a utilização do slogan “o povo quer a queda do regime” (*ibidem*, tradução minha¹⁸¹). Por outro lado, parece-me evidente, segundo os meus entrevistados e as minhas próprias observações de campo, que o slogan “que ninguém quer ouvir” foi usado diversas vezes, mesmo que de forma mais tímida ou isolada. Por exemplo, na manifestação mais recente de 24 de fevereiro de 2013, ele foi usado, mas enquanto na segunda parte uma parte dos manifestantes entoava “a queda do regime” outros entoavam “a queda do despotismo” ou do “*makhzan*”, tendo-se criado uma estranha cacofonia.

Os vários registos nos média marroquinos, nos dias que sucederam imediatamente os protestos de 20 de fevereiro, mencionam também uma certa expectativa ou mesmo nervosismo em relação ao famoso slogan. Um artigo de opinião, assinado por Driss Ganbouri, especialista em movimentos islâmicos, publicado na primeira página do *al-Masā'* a 22 de fevereiro (Ganbouri 2011), critica os jornalistas estrangeiros, nomeadamente os espanhóis do El País, por terem passado o tempo todo, durante a marcha em Rabat, à espera do momento em que os manifestantes ao começarem a entoar “o povo quer...” continuassem com “a queda do regime”, à semelhança de outros países como Tunísia, Egito, Lémene, Barém e Líbia. Para grande surpresa dos jornalistas, segundo o autor do artigo, a segunda parte havia sido alterada com outras formulações, tais como “uma monarquia parlamentar”, “a queda do parlamento” ou “a queda do governo”, entre outras. O autor, elogiando e apoiando as reivindicações que se fizeram ouvir na

180 Observação presencial. Alguns ativistas referiram-me que esta inversão terá sido primeiro utilizada pelos egípcios, mas não tive oportunidade de confirmar este facto.

181 “كما حسم النقاش أمر الشعارات التي سيتم رفعها، واتجهت جميعا في منحى المطالبة بنظام ملكية برلمانية، واستبعدت شعارات إسقاط النظام بشكل مطلق من النقاش ومن المسيرات.”

rua, rejeita a ideia de que esse slogan faça sentido para o “povo marroquino”. Na opinião deste jornalista e de muitos outros atores da praça pública, o povo sabe muito bem o que quer, e seguramente não quer a queda do regime.

A tese bastante difundida da “exceção marroquina”, argumenta que Marrocos não tem a mesma situação social-política dos seus vizinhos árabes, não sendo justificável reivindicar a queda do regime. A monarquia é garante da estabilidade e dos avanços democráticos. Para Said Benjebli, blogger e ativista, fundador de uma das páginas do M20F na rede social Facebook, “a monarquia parlamentar é a mínima e máxima reivindicação política que exigimos” (Benjebli 2011, tradução minha). Não nos deixamos de questionar se este limite reivindicativo, que sem dúvida foi raramente ultrapassado em protestos de maior dimensão associados ao M20F, também poderá em alguns casos ser assumido como uma linha que não convém ultrapassar por motivos estratégicos. A pessoa do rei ou o sistema monárquico não podem ser postos em causa, e caso os manifestantes se atrevam a fazê-lo correm o risco de serem agredidos pelas forças de ordem, detidos, julgados e condenados. Isto fortalece um certo sentimento de medo relativamente à expressão pública de opiniões contra o rei em particular ou ao *regime* da monarquia em geral.

Apesar de alguns dos exemplos que aqui se mencionaram de reações adversas provenientes de diferentes setores da sociedade civil, nomeadamente de alguns jornalistas e de manifestantes que se retiraram das manifestações após a entoação do slogan “o povo quer a queda do regime”, este foi, ainda assim, usado em vários protestos, mesmo que por pequenos grupos, assim como uma versão aparentada e largamente mais difundida de “o povo quer a queda do *makhzan*”. A imprensa marroquina tem tendência ao abordar os protestos do M20F a tomar uma posição a favor de uma pretensa unidade do povo marroquino em torno de reformas democráticas. Falando em nome do povo, elogia este nesses moldes e denuncia todas as tendências “mais radicais” como não sendo genuinamente emanadas da construção feita pelos média da ideia de “povo”. Se os “radicais” não representam as ambições do povo, como Niny e a imprensa marroquina de forma geral proclama, também é verdade que estes apresentam um versão unitária e ideologicamente construída do povo, promovendo as teorias oficiais da “exceção marroquina”.

O já artigo de opinião de Driss Ganbouri — que apareceu na primeira página do jornal *al-Masā'* cuja manchete era “O resultado das manifestações de 20 de fevereiro: 5 mortos e 128 feridos incluindo membros das forças de segurança” —, elogia os protestos desse dia valorizando a

abstenção dos manifestantes em gritar “o povo quer a queda do regime”:

O que verdadeiramente ficou patente na marcha foi que o povo marroquino é um povo civilizado e sabe o que quer. Desfizeram-se todas as expectativas e sonhos dos oportunistas¹⁸². De de hoje em diante a questão é que este povo não merece governos falhados, resultantes de eleições adulteradas. Será uma vergonha continuar a ser maltratado desta forma. Se os manifestantes saíram, gritaram, reivindicaram e voltaram às suas casas, então o Estado terá de saber responder da melhor maneira. O nosso povo é lindo e fabuloso. Merece o que quer porque quer o que merece e nada mais. (tradução minha¹⁸³)

Os slogans de um movimento podem não ser necessariamente retratos fiéis, mas indiciam uma dinâmica de exigências comuns entre os diversos coletivos que nele participam. Como já mencionei no capítulo II, no M20F existiu um espécie de acordo entre as tendências islamistas e esquerdistas relativamente ao não uso de slogans que apelassem à religião ou à laicidade, acordo que será respeitado pelo menos durante o início. A primeira exceção que consegui registar dá-se logo a 1 de março em Tânger, com slogans de carácter religioso atribuídos ao GAI. Da mesma forma, como acabei de mencionar o slogan “o povo que a queda do regime”, apesar de várias vezes acordada a sua não-utilização, não deixou de ser entoado.

Por isso, interessei-me pelos slogans e fiz uma recolha baseada em duas fontes distintas: por um lado a imprensa marroquina (e nalguns casos pontuais a imprensa arábófono internacional), nomeadamente durante o primeiro semestre de existência do M20F, e por outro lado duas listas de slogans que me foram enviadas via email por um ativista, que por sua vez as havia pedido ao comité de slogans do M20F¹⁸⁴.

São diversas as exigências patentes nestes slogans e eu destacaria as seguintes:

- uma nova Constituição assente em princípios democráticos (“O povo quer a mudança da Constituição” [4]; “O povo recusa a [atual] Constituição” [5]; “O povo quer uma nova constituição” [39]; “O povo exige uma Constituição popular e democrática” [84]; Não à Constituição dos escravos [125]);

182 Como já atrás foi mencionado, os “oportunistas” aqui em questão são sobretudo os jornalistas estrangeiros que ansiavam o momento onde se gritaria o célebre slogan “o povo quer a queda do regime”, mas também pode ser uma menção aos ditos “radicais”.

183 “ما أظهرته المسيرة حقا هو أن المغاربة شعب متحضر ويعرف ما يريد، أسقط جميع التوقعات وخيب أحلام الذين كانوا يريدون أن يأكلوا الثوم بغمه، والقضية بعد اليوم هي أن هذا الشعب لا يستحق حكومات فاشلة أفرزتها انتخابات مزورة، ومن العار أن يتم الاستمرار في التنكيل به بهذه الطريقة. وإذا كان المتظاهرون قد خرجوا وصرخوا وطالبوا وعادوا إلى بيوتهم، فلن على الدولة أن ترد التحية بأحسن منها أو بمثلها. لدينا شعب جميل ورائع، ويجب أن يستحق ما يريد، لأنه يريد ما يستحقه، لا أكثر”

184 Esta lista de slogans é reproduzida integralmente no apêndice A, sendo aqui utilizados aqueles que me pareceram mais relevantes para análise. No total, são cerca de 180 slogans, numerados, datados e localizados, reproduzidos na língua original e por mim traduzidos. Os números que utilizarei em diante referem-se a esta lista.

- uma monarquia parlamentar (“Monarquia parlamentar: o rei reina mas o povo é que governa a democracia” [55]);
- a demissão de diversos responsáveis políticos próximos do *makhzan*, tais como o primeiro-ministro Abbas al-Fassi, o secretário do rei Mounir al-Majidi ou o então dirigente do PAM e mais tarde conselheiro do rei, Fouad al-Himma¹⁸⁵ (“O trio da corrupção e da desgraça, al-Himma, al-Majidi, al-Fassi” [12]; “Não às fraudes da família al-Fassi” [28]; “Al-Himma vai à tua vida, Marraquexe não é tua” [29], “Al-Himma/al-Majidi/al-Amri vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [133-5]);
- a demissão do governo e as críticas a este (“O povo quer a queda do governo, do parlamento e dos conselhos regionais” [24]; “Ó governo: fora! Fora! Ó parlamento: fora! Fora!” [25]; “Põe-te em segurança (*amān*), não ao governo não ao parlamento (*barlamān*) [26]”; “O povo quer a queda do governo” [31]; “Não ao governo das famílias, queremos um governo de instituições” [86]; “O governo de Alfassi (*al-Fāsī*) é o governo das desgraças (*al-ma’āsī*)” [108]; “Os regimes árabes e o governo marroquino valem zero” [76]);
- o fim dos “ladrões do dinheiro público” e da má gestão deste (“Quem são os traidores? São eles, os ladrões [do dinheiro público]” [74]; “Denunciem os ladrões, denunciem os apostadores” [107]; “Ó ladrões, aqui estamos nós” [138]; “Marrocos meu amor, saíram-te só ladrões” [158]; “Chega de pilhar o dinheiro público” [35]; “Para onde foi o dinheiro do povo? Para o [festival] Mawāzīn e para as festas” [63]; “Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado na polícia e nas suas carrinhas”¹⁸⁶ [166]);
- o fim das multinacionais que gerem a água, a eletricidade e os resíduos urbanos, acusadas de praticas de preços demasiado altos e insurgindo-se de forma geral contra o aumento de preços (“O povo quer a queda da Lydec” [41]; “O povo quer a queda da Amendis” [44]);
- a criação de um sistema de Justiça independente e transparente (“Todos juntos por uma justiça transparente e independente” [33]; “Aqui está o tribunal, mas a justiça onde está ela?” [51]);

185 Sobre o PAM e al-Himma ver nota 90.

186 No original *stāfētāt*, pl. de *stāfēt*. Designa as carrinhas furgonetas usadas pela polícia e que servem para transporte das forças de ordem e dos detidos. Quando as manifestações em Marrocos se materializam em violência física, por vezes os manifestantes capotam-nas e incendeiam-nas. A palavra foi introduzida no árabe marroquino possivelmente devido ao facto de antigamente se usar o modelo da Renault com o nome “Estafette”, produzido entre 1959-1990.

- uma imprensa realmente independente (“Pela imprensa, luta / Pela liberdade, luta / Pela emancipação dos média, luta” [52]; “Por uma informação pública e democrática” [53]; “O dever da imprensa é falar, liberdade para Rachid Niny” [93]; “O dever da imprensa é falar, liberdade para a imprensa independente” [94]; “Não ao fim da imprensa independente” [103]);
- O fim da repressão policial, das detenções políticas e dos *balṭajiyah* (“Detenção [política] vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [137]; “Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado na polícia e nas suas carrinhas” [166]; “Chega de polícia, escolas para todos” [23]; “Com o terrorismo acusaram-nos, em Temara torturaram-nos” [78]; “O centro de detenção é um terror, praticam todo o tipo de torturas” [79]; “Pacífica! Pacífica! (*silmiyah*) Não ao bastão e aos esfaqueamentos (*janwīa*)” [110]; Em Marrocos há muitas bastonadas e poucas competências / Em Marrocos queremos competências e não bastonadas” [145]);
- o fim da corrupção e dos subornos (“O governo e o parlamento são corruptos, saúde e habitação só com subornos se consegue” [42]; O povo quer a queda da corrupção” [50]; “É com subornos que tudo funciona” [54]; “Escuta a voz do povo, queremos que Marrocos seja uma terra livre [ou nobre] e a corrupção se vá embora” [99]; “Não é possível ser neutro, a corrupção esvazia o país” [100]; “Tudo vai e vem com subornos, a educação... com subornos, a saúde... com suborno” [139]);
- a acessibilidade aos bens de consumo essenciais (“Porque viemos protestar? A comida está muito cara” [90]; Queremos pão e farinha¹⁸⁷, que vamos fazer com a Shakira? [73]);
- habitação digna (“Basta! Basta! (*bārakā*) De viver numa barraca (*barrākā*)” [71]; “Vergonha internacional: as barracas e o analfabetismo” [72]);
- Saúde e educação (“Em Marrocos, Deus nos valha, não há saúde nem educação” [3]; “Chega de polícia, escolas para todos” [23]).

Entre os slogans aqui referido, existem dois relativos ao festival *Mawāzīn*¹⁸⁸ e à cantora

187 A palavra marroquina *gūmīra* utiliza-se para um tipo específico de “pão”, mas traduzi por “farinha” para fazer uma rima interna com “Shakira”.

188 O festival *Mawāzīn – īqā’āt al-’ālam* é um dos maiores produzidos em Marrocos e realiza-se durante o verão em Rabat. *Mawāzīn* é o plural de *mīzān*, que significa “balança” ou “ritmo”. Pode-se traduzir por “equilíbrios”, por ser um festival de fusão que “equilibra” vários estilos musicais, oriundos de várias partes do mundo, ou por “ritmos”. *īqā’āt al-’ālam* significa “ritmos do mundo” (*Mawāzīn* e *īqā’āt* são sinónimos). Em francês denomina-se *Mawazine – rythmes du monde*.

Shakira — que participou na edição de 2011. Por um lado, todas as tendências políticas criticam este festival pelo “esbanjamento” e má utilização do dinheiro que ele implica. Esse dinheiro poderia ser utilizado para fins considerados mais pertinentes pelos atores dos protestos (“Custos do [festival] Mawāzīn: 36.380.000 dirhams, suficiente para ninguém viver em barracas em Marrocos” [82]) ou, segundo a opinião de Rachid, poderia ser usado para melhor promover a cultura musical em Marrocos. Por outro lado, existe uma crítica moralista à inadequação de certos artistas internacionais àquilo que alguns consideram serem os valores marroquinos ou islâmicos a conservar. Se no caso slogan n.º 73 (“Queremos pão e farinha, que vamos fazer com a Shakira?”), a sua utilização — pois foi um slogan muito utilizado em muitos protestos — possa ser atribuída à sonoridade eficaz da rima (*gūmīra/shakira*), as críticas ferozes do PJD — anteriores à existência do M20F — relativas à participação de Elton John na edição de 2010, pelo simples facto deste artista ser gay, denotam o estilo de abordagem moralista a que me refiro.

Outros dos slogans também usados, são aqueles que fazem referência ou apelo ao rei, é o caso dos seguintes: “Um rei jovem gosta da juventude” [1]; “Ó rei, nós amamos-te e estas são as nossas reivindicações” [2]; “O nosso rei é só um: Mohammed VI [32]; “Pela repartição justa da riqueza / Monarquia parlamentar: o rei reina mas o povo é que governa a democracia” [55, escrito em faixa]; “Ó Mennouni¹⁸⁹, diz ao teu senhor [=rei] que deitamos no lixo as Constituições permitidas e sagradas” [130]; “O rei no palácio nomeia os ministros e o exército em Taza executa uma chacina [175]”. Apesar dos últimos poderem assumir uma postura, mesmo que indiretamente (n.º 130), mais crítica ao rei, estes slogans apresentam uma atitude de aceitação da monarquia, mas de crítica ao excesso de poder do rei, assim como da sua riqueza. Neste último caso, não deixa de ser curioso que o slogan n.º 55 misture “repartição justa da riqueza” com “monarquia parlamentar”, pois o monarca marroquino é considerado um dos mais ricos do mundo, sobretudo através de uma série de monopólios, ao mesmo tempo que é apelidado de “rei dos pobres”¹⁹⁰.

O impulso que os protestos sociais da Tunísia e do Egito provocaram na criação do M20F são patentes em alguns slogans, como por exemplo: “Não estamos longe uns dos outros, Casablanca, Rabat e Sidi Buzid” [147]; “Ó Tunísia revolucionária (*thā'irah*), ó Egito vitorioso (*qāhirah*¹⁹¹), quem é o próximo (*dā'irah*)?” [148]; “Um... dois... quem é o próximo?” [149]; “Viva a

189 Ver nota 179 e sub-capítulo “Dia 9 de março de 2011 — a resposta do rei” do capítulo II.

190 A revista *Forbes* considera que o rei de Marrocos em 2007 era o 7º monarca mais rico do mundo, com uma fortuna avaliada pela revista em dois mil milhões de dólares. Cf. <http://www.forbes.com/forbes/2007/0917/054.html>, acessado em 28-5-2013.

191 Jogo de palavras, pois *al-Qāhirah* é o nome em árabe da cidade do Cairo.

revolução egípcia, viva a revolução tunisina, queremos uma [revolução] marroquina” [150]. Estes slogans evidenciam um certo desejo de provocar um colapso do regime, sem utilizar o slogan “que tanto se receia ouvir” em Marrocos.

Entre os diversos slogans, é possível distinguir alguns que se poderiam classificar de “macro slogans”. Em primeiro lugar, aquele que aparece permanentemente nas ações do M20F, entoada oralmente como slogan ou escrito em faixas, e nos materiais de divulgação, como panfletos a convocar marchas e páginas de Internet: “liberdade, dignidade, justiça social” (*ḥurriyyah, karāmah, ‘adālah ijtimā’iyyah*)¹⁹². Para além deste, classifico como macro slogans expressões comuns que aparecem em diversos slogans. Um caso já abordado é “o povo quer...”. Outro caso, também usado em outros países árabes, é a expressão “*irḥal*”, passível de se traduzir por “vai-te embora”. Apesar da recolha de slogans feita para esta dissertação registar um só exemplo (“Vai-te embora, vai-te embora ó *makhzan* [...]” [178]), ele é utilizado muito utilizado, sobretudo para exprimir desaprovação em relação a certos políticos ou instituições em particular. Foi muito utilizado no Egito, como no slogan “vai-te embora ó Mubarak”, e no Lémene onde os manifestantes o pintavam na mão na sua versão mais simples: “vai-te embora”. Na Tunísia, assim como em Marrocos, também foi muito utilizado na sua versão francesa: *dégage* — quando o slogan é escrito em vez de oralmente entoado, tanto é grafado com letras latinas como letras árabes (ديكاج). Em Marrocos, foi mais utilizada, em vez da versão em árabe padrão “*irḥal*”, a expressão equivalente em árabe marroquino: “*bərrā*”, como por exemplo: “Ó governo: vai-te embora! Ó parlamento: vai-te embora!” [25]; “Narjisse vai-te embora, Marraquexe é terra livre” [56]; “Jazuli vai-te embora, Marraquexe é terra livre” [57]; “Escuta a voz do povo, queremos que Marrocos seja uma terra livre e a corrupção se vá embora” [99]; “Al-Himma vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [133]; “Al-Majidi vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [134]; “Al-Amri vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [135]; “*makhzan* vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [136]; “Detenção [política] vai-te embora, Marrocos é uma terra livre” [137]. Os slogans que usam a expressão “trio”, como por exemplo, “O trio da corrupção e da desgraça, al-Himma, al-Majidi, al-Fassi” (n.º 12), são também macro slogans, neste caso baseados no corpus das expressões populares marroquinas. Ben ‘abd Allāh (1996: 545) — naquela que porventura é a grande referência em termos de recolha de provérbios marroquinos e que, infelizmente, apesar dos seus três volumes, nunca ficou completa devido ao falecimento do autor — cita cinco provérbios com

192 Penso que não será exagero dizer que não existe nenhuma ação do M20F onde este slogan não esteja presente. Por essa razão, não aparece na lista de slogans em anexo.

esta fórmula, sendo o mais curioso o seguinte: “O trio do perigo: o mar, o *makhzan* e o tempo” (tradução minha)¹⁹³. Este é um exemplo que pode ser visto à luz do conceito de “*sība* interior”, usado por Bennani-Chraïbi para analisar anedotas marroquinas que, segundo ela, seriam por excelência a forma de manifestação do inconsciente político no contexto marroquino (1994: 191) — um conceito por sua vez baseado na ideia de *hidden transcript* de James C. Scott (1990). Quando a expressão popular se transforma em slogan entoado em coro por um multidão, dá-se um ponto de viragem marcado pela consciência política, pela enunciação explícita e pública de conteúdo político.

Outro exemplo de macro slogan muito usado, tanto na escrita como oralmente, é o “Escuta¹⁹⁴ a voz do povo”, como no caso do n.º 99: “Escuta a voz do povo, queremos que Marrocos seja uma terra livre e a corrupção se vá embora”. Também este macro slogan é comumente utilizado, dando origem a um sem fim de variações na segunda parte. Por último, refiro aquele que talvez seja o mais importante macro slogan, a seguir a “liberdade, dignidade, justiça social”: *mamfakinsh*¹⁹⁵, expressão que em árabe marroquino se poderia traduzir por “não fazemos concessões” ou “não desistimos”¹⁹⁶.

Quando entoados oralmente, os slogans não são unidades isoladas, pois nas marchas e concentrações existe a tendência de fazer longas sequências de slogans atrás de slogans, que podem por vezes durar cerca de quinze minutos. Os slogans orais são geralmente divididos em duas partes e entoados com os mesmos compassos rítmicos, fortalecidos por esquemas de rima. Por vezes, quem faz a condução da entoação de slogans através de um megafone, enuncia só a primeira parte, e os manifestantes respondem em coro com a segunda parte.

A tabela 3 contém uma seleção de palavras extraídas dos slogans e classificadas segundo a sua conotação positiva ou negativa.

193 " ثلاثة ما فيهم أمان البحر (الواد - العافية) والخزن والزمان ". O autor apresenta também duas versões alternativas em que “mar” é substituído por “rio” (*wād*) e “fogo” (*āfya*). Note-se que em árabe a palavra “tempo” (*zamān*) tem também, sobretudo ao nível lírico, o sentido de “destino”, com uma carga negativa de “má sorte”, muito à semelhança da palavra portuguesa “fado”. Um outro livro em formato mais popular, mas que reúne cerca de 8.000 provérbios populares marroquinos, intitulado *Zayn al-Kalām* (Zayn al-Kalām) e da autoria de Hicham Lamghari (4ª edição, 2009, publicado por دار الآفاق المغربية للنشر والتوزيع, Casablanca), contém 12 exemplos de provérbios que começam com esta fórmula, como por exemplo, " ثلاثة يفرقو الصحاب المال والموت والنسا " (“O trio que separa os amigos: o dinheiro, a morte e as mulheres”, tradução minha) ou " ثلاثة من الهبال اللي تمشي للسوق بلا مال واللي تمشي للبير بلا حبال والجالس ف الجماعة وما راد الببال " (“O trio dos idiotas: aquele que vai ao mercado sem dinheiro, o que vai ao poço sem corda e o que se junta à conversa sem prestar atenção a quem o acompanha”, tradução minha).

194 Apesar da opção em traduzir literalmente “*smā*” no singular, em alternativa podia-se traduzir pelo plural “escutem”.

195 *Mamfākinsh* segundo a transcrição académica aqui usada, mas grafo *mamfakinsh* por ser consensual o uso desta grafia em Marrocos. Na escrita é mais comum porém usar a grafia árabe: مامفاكينش .

196 Literalmente a tradução seria “não somos desmobilizáveis”, podendo a última palavra ser também traduzida como “desmanteláveis”, “desmontáveis” ou ainda “desfragmentáveis”, tendo em conta o sentido da raiz *f-k-k* tanto em ár. mar. como ar. padrão.

Conotação positiva	Conotação negativa
Monarquia parlamentar, juventude, Marrocos, rei, povo, Constituição [democrática], mudança, destituições, julgamentos [dos corruptos], eleições, promessas, dignidade, liberdade, justiça, escolas, educação, governo, parlamento, transparência, democracia, amazighe, saúde, habitação, aumento dos salários, Deus, imprensa livre, repartição justa da riqueza, facebook, aljazeera, cidadania, pão e farinha, direitos, trabalhador, estudante, agricultor, luta, combate, resistência, revolta, manifestação pacífica, mártir...	Makhazan, patronagem, sacralização [do rei], beija-mão, [atual] Constituição, corrupção, opressão, humilhação, aumento [dos preços], fraudes, subornos, despotismo, riqueza, autoridade, polícia, famílias [das elites governadoras], pilhagem [do dinheiro público], ladrões [do dinheiro público], detenções políticas, centros de detenção, Deuxième [canal estatal], televisão pública, festas e festivais, Shakira, barracas, analfabetismo, medo, repressão, exploração, tiranos, opressores, bastões, esfaqueamentos, cassetetes, escravos, escravatura, deputados...

Tabela 3: Seleção de palavras extraídas dos slogans e classificadas segundo a sua conotação positiva ou negativa

Performance dos protestos coletivos de rua

As ações do M20F consistem sobretudo em marchas ou concentrações (*sit-ins*), realizadas geralmente no centro das cidades ou em localidades de menor dimensão, mas também em bairros populares (*al-ahyā' ash-sha'biyyah*) das grandes cidades. Em Rabat, como já foi mencionado no capítulo II, houve marchas significativas nos bairros Akkari, Yacoub el Mansour e Takaddoum. Na capital, geralmente o percurso das marchas é feito desde Bab el Had — umas das portas da cidade antiga (*al-madīnah al-'atīqah*) —, até à Avenida Mohammed V, onde se localiza o parlamento, que é o local de paragem e reunião das marchas. Os *sit-ins* podem-se realizar em diversos locais, como por exemplo ministérios, mas os mais importantes costumam ser no centro das localidades e, no caso de Rabat, em frente ao parlamento.

Nestas marchas e *sit-ins*, apesar de não haver nenhuma organização formal, nota-se a existência de diferentes grupos através das suas faixas e bandeiras. Apesar de não ser uma regra, a esquerda e os anarquistas têm tendência a usar faixas e bandeiras, respetivamente, vermelhas e negras. Os grupos dos salafistas costumam comportar uma certa separação entre homens e mulheres, apesar de não ser rígida. As faixas usadas por estes geralmente referem-se aos detidos políticos, pois muitos deles são salafistas, que foram na maioria dos casos condenados depois dos atentados de bombistas suicidas perpetrados em Casablanca a 16 de maio de 2003 e que vitimaram 45 pessoas, incluindo 12 bombistas ligados a grupos salafistas. Segundos eles mesmos e a AMDH estas pessoas foram detidas sem provas de qualquer ligação a estes atentados, por meros

delitos de opinião. Apesar de recentemente algumas figuras mais conhecidas dentro do salafismo em Marrocos terem sido perdoadas pelo rei, muitos ainda continuam presos. Os escritos nas faixas também refletem pois as diversas tendências, como seria natural de esperar. O grupo dos licenciados desempregados também empunha às suas faixas, que obviamente refletem as suas reivindicações de obtenção de empregos na função pública. Os sindicatos também estão presentes.

Em Rabat, geralmente as marchas são encabeçadas por uma pequena carrinha que transporta um sistema de som, onde diversos ativistas, tanto homens como mulheres, lideram a entoação de slogans, que como já referi anteriormente costumam ser propostos por uma “comité de slogans”. Por vezes, este sistema de som é transportado numa pequena carroça com rodas de bicicleta ou usa-se simplesmente um megafone de mão. Para além das carrinhas transportarem os “maestros” de slogans, também alguns fotógrafos e operadores de câmara a ela recorrem para obterem melhores planos das multidões. Os aparelhos de captação visual e audiovisual estão constantemente presentes nas manifestações, seja por parte de jornalistas, de ativistas e manifestantes, e até do público curioso que ladeia as marchas, mas não participa nela diretamente, sem esquecer os elementos das forças de ordem vestidos à civil sempre presentes em qualquer tipo de manifestação pública. Quando as marchas são grandes e integram diversos coletivos, é normal que alguns destes tenham os seus próprios megafones e usem outros slogans que não os entoados por aquilo que se pode chamar o “núcleo duro” do M20F que geralmente encabeça as marchas.

Quando a marcha chega ao ponto de destino, transforma-se em *sit-in*. Nestes casos é normal abrir-se um círculo de espaço, cuja circunferência é preenchida pelas diversas faixas de diferentes grupos, empunhadas pelos manifestantes que fecham o círculo ou colocadas no chão. No centro deslocam-se os “maestros” dos slogans e os fotógrafos e operadores de câmara, iniciando-se uma espécie de dança onde estes se esforçam para obter as melhores imagens, atropelando-se uns aos outros se for necessário, nomeadamente no caso dos jornalistas mais ambiciosos. Por sua vez, os manifestantes esforçam-se por fazer as melhores poses de forma a mostrar a determinação da sua luta. Tanto no “círculo” como nas marchas, não é raro alguns manifestantes pararem para posar expressamente para algum repórter de imagem. À primeira vista, estes círculos parecem assembleias espontâneas onde os manifestantes que assim o desejem se exprimem. No entanto, Youness numa das entrevistas realizadas, mencionou que estes

“mestres de cerimónias” são previamente propostos nas assembleias de preparação. Youness vai mais longe e critica mesmo o facto de não se fazerem assembleias do M20F em público durante estas manifestações, de forma a dotar o movimento de um instrumento mais transparente e popular.

O recurso à máscara e à teatralização também é comum. Por exemplo, numa das primeiras manifestações do M20F em Casablanca, os manifestantes levaram um burro, montado por três bonecos que representavam o trio da corrupção anteriormente referido no slogan n.º 12, encenando a forma como antigamente os criminosos eram exibidos em público. Numa manifestação em Beni Mellal a 25 de setembro de 2012, dois indivíduos representavam a relação entre o makhzan e o povo marroquino. O que fazia o papel do primeiro, vestia uma *jallaba* onde se lia *المفترس* (“o predador”) e *المخزن المغربي* (“o makhzan marroquino”); numa mão tinha uma vara de bater e na outra puxava o segundo indivíduo com um pano negro que vedava os olhos deste, que por sua vez vestia algo semelhante a um saco de batatas, onde estava escrito em árabe “povo marroquino” e que tinha ainda uma corrente de ferro à volta do pescoço.

Expressões artísticas do M20F

A música também está presente nas manifestações do M20F, sendo os instrumentos de percussão os mais usados, assim como se recorre à canção. Existem canções que foram criadas em nome do M20F, assim como outras mais antigas oriundas dos movimentos de esquerda, sendo o cantor libanês Marcel Khalifa uma das referências. Um dos poemas transformados em canção muito entoados foi o célebre “Se um dia o povo quiser viver, o destino consentirá, / a noite dissipar-se-á e as correntes quebrar-se-ão [...]”, do poeta tunisino Abulcássime Xabbi (*Abū-l-Qāsim ash-Shābbiyy*), poeta do romantismo árabe, nascido em 1909 e que morreu ainda jovem em 1934, e a sua obra mais conhecida é um longo cancionero de poemas intitulado “As Canções da Vida” (*Aghānī al-Hayāt*). Apesar do poema ter sido usado nas revoltas da Tunísia de 2010/2011 — assim como alguns versos fazerem parte do próprio hino nacional da Tunísia — ela já era usado em Marrocos previamente, aparecendo na lista de slogans recolhida por Bennani-Charaïbi (1994: 312).

Alguns ativistas tem mostrado um interesse em outras formas de protesto, nomeadamente naquilo que tem vindo a ser referido como *artivismo*. Youness, numa das entrevistas, indicou que

durante um *flasmob* feito com manifestante do M20F, em data que não soube indicar, tinha ficado um pouco chocado com o facto de no momento de congelamento dos movimentos, a maioria dos participantes terem escolhido a posição de punho no ar, a típica posição de militante, o que revela uma falta de inspiração corporal e performativa. O Festival de Resistências e Alternativas¹⁹⁷, cuja primeira edição ocorreu em fevereiro de 2012 e a segunda em fevereiro de 2013¹⁹⁸, tem procurado alternativas às formas mais convencionais de protesto. O programa da segunda edição¹⁹⁹ integrou diversos ateliês como, por exemplo, conversas temáticas — “marroquinos irreligiosos” ou “vegetarianismo”, por exemplo —, ateliês de música — “Songs of Freedom” —, teatro e filmes. A UECSE (*Union des étudiants pour le changement du système éducatif*²⁰⁰) representou uma peça de teatro onde se ilustrava os problemas do sistema educativo e se criticava os métodos de ensino baseados na humilhação e no autoritarismo. De um dos ateliês de teatro, resultou uma ação de rua original e interessante, com o nome “*Occupy LBAYT LABYAD*”. A “casa branca” (*lbayt labyad*) aqui referida é um edifício abandonado no centro da cidade, onde antigamente funcionava o ministério da educação. Apesar do nome da ação, não se tratou de uma ocupação do edifício²⁰¹, mas sim de uma performance teatral realizada à porta deste edifício, onde se situa um jardim-praça. No dia 17 de fevereiro de 2013, exatamente às 16h em ponto, cerca de meia centena de ativistas, previamente muito bem coordenados, chegaram à referida praça e sentaram-se em círculo a ler livros e com cartazes onde se lia “queremos estudar”²⁰². Alguns minutos depois, começaram a sua performance teatral. Os transeuntes aglomeraram-se à volta para assistir ao que se passava, enchendo a praça. A polícia nem teve tempo de intervir, pois quando as carrinhas de intervenção chegaram, já os ativistas se tinham dispersado em diversas direções. A ação terá durado pouco mais de quinze minutos. Os ativistas aí presentes reuniram-se mais tarde nesse dia, num dos locais habituais, para discutir a ação levada a cabo.

197 Referido em árabe por "مهرجان المقاومة والبدائل" e em francês por *Festival de Résistance et d'Alternatives*.

198 A primeira edição realizou-se na sede da UMT em Rabat, que depois deixou de ser um espaço acessível aos ativistas do M20F (ver nota 119). A segunda edição realizou-se em diferentes locais: CDT, AMDH, PSU, AMEJ (*Association marocaine pour l'éducation de la jeunesse*), VD, UAF (*Union d'action féminine*), ATTAC. Todos estes coletivos integram o CNAM20F.

199 Baseio-me na observação presencial do festival. O programa completo está disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=509757205731987&set=a.330275367013506.73725.328988513808858&type=1&theater>, acedido a 28-5-2013.

200 A UECSE, também abreviada por UX, segundo Ahmed, um dos fundadores e que entrevistei em 10 de maio de 2013, é um coletivo que nasceu no verão de 2012. A sua primeira iniciativa consistiu em manifestações realizadas a 6 de agosto de 2012 em 17 cidades, defendendo a facilidade de acesso ao ensino superior e a melhoria da sua qualidade, que Ahmed considera “catastrófica”. Em Rabat, esta manifestação reuniu cerca de 50 a 100 estudantes no campus universitário. Os seus objetivos consistem em promover a gratuidade e a acessibilidade de acesso a todos os níveis da educação. Ahmed indica ainda que a UECSE pretende preencher o espaço vazio das lutas políticas nas universidades, cujas organizações estudantis, como a UNEM, são controladas pelos islamistas. Por sua vez, os grupos de esquerda perdem demasiado tempo em lutas internas ou com os islamistas. A UECSE pretende elaborar proximamente uma carta de orientação e objetivos.

201 No programa, o nome em árabe, "نتلاقوا ف البيت الأبيض", tem um significado diferente: “encontramos-nos na casa branca”.

202 *Bghīnā nqrāwu*. Em ar. mar. o verbo “*qṛā*” significa “estudar” ou “ler”. Trata-se de um dos slogans usados pela UECSE.

O M20F também é dotado de alguns artistas que se tornaram bastante conhecidos dentro do movimento. Talvez o caso mais emblemático seja o *rapper* Mouad Belghouat, mais conhecido por Lhaqed²⁰³, que conheceu um sucesso estrondoso. Habitante do bairro popular Okacha em Casablanca, operário, proveniente de uma família com muitos poucos recursos económicos, as suas letras criticam o poder político, a corrupção e a injustiça. Ativista do M20F, esteve preso duas vezes. A primeira vez foi em setembro de 2011, depois de uma altercação com um *balṭajjiyy* que o terá provocado, tendo sido acusado de agressão. Ativistas do M20F e a AMDH condenaram esta detenção que consideraram política, tendo em conta que em Marrocos não é normal ser-se condenado neste tipo de delitos leves. Depois de uma campanha muito ativa da sociedade civil e um processo judicial muito polémico, Lhaqed foi condenado a quatro meses de prisão, mas sendo esse o tempo em que havia estado detido, foi libertado no dia de leitura da sentença. Dois meses depois, em março de 2012, volta a ser detido, desta vez acusado de “insultar a polícia”, devido a um tele-disco²⁰⁴ que começou a circular no *YouTube* com uma música sua intitulada “*Klāb ad-dawlah*” (“Os Cães do Estado”), onde denuncia a corrupção e os abusos da polícia. Note-se que esta música já circula na Internet desde 2009, enquanto o tele-disco em questão foi colocado por um anónimo e nunca ficou provado em tribunal que a sua autoria era de Lhaqed, que por sua vez alega não saber editar vídeos, mas apesar da falta de provas foi condenado a um ano de prisão. Lhaqed tem um espírito anti-comercial e *underground*, nunca tendo publicado um álbum através duma editora. As suas canções circulam através da Internet e de CD's caseiros. Por outro lado, não utiliza linguagem grosseira, apesar de ser direto e frontal. Também não insulta a religião islâmica, sendo aliás um simpatizante do GAI. As suas letras²⁰⁵ revelam nas entre-linhas uma revolta pela imoralidade da sociedade que traiu os seus valores islâmicos e, simultaneamente, denotam um espírito algo libertário. Lhaqed sempre contou com o apoio, solidariedade e admiração dos diversos coletivos de esquerda e da AMDH — que foram sempre os primeiros a apoiá-lo nos problemas judiciais —, assim como de todos os ativistas de todas as tendências do M20F e dos habitantes do seu bairro. Dotado de grande popularidade, sempre participou, enquanto não estava preso, nas manifestações do M20F do seu bairro e da sua cidade, onde costuma cantar as suas canções ao vivo e recitar poemas²⁰⁶. Lhaqed faz muito lembrar os mutantes que Bennani-

203 Academicamente transliterado por *Lā-Hāqad*, o seu nome aparece com diversas grafias. O próprio começou por usar L7a9d, mas geralmente a mais usual é L7a9ed ou Lhaqed, e por vezes Lehaqed ou ainda El-Haqed. Para efeitos de facilitação será usada só a grafia Lhaqed. O seu nome artístico pode ser traduzido por “O Enraivecido” ou “O Vingativo”.

204 Este tele-disco deixou de estar disponível. Existe uma outra versão mais *soft* a circular neste momento acessível em <http://youtu.be/54TjXFC2Wb8>, acedido em 30-5-2013.

205 Duas traduções de canções de Lhaqed figuram no apêndice B, a título de curiosidade.

206 A título de exemplo veja-se o vídeo da performance de Lhaqed na manifestação de 20 de fevereiro de 2012, comemorativa do primeiro

Charaïbi (1994) menciona, jovens que cruzam referências culturais locais e reapropriam valores ditos “ocidentais”, aparentemente antagônicos, criando — para utilizar uma descrição feita por um marroquino sobre o seu país quando o visitei a primeira vez em 1998 — uma “salada mista” muito rica. Note-se que Lhaqed não é o único *rapper* a criticar a polícia, também Don Bigg — que é o *rapper* comercial marroquino mais conhecido — tem uma canção intitulada “*Būlīs*” (“Polícia”), circulando na Internet via *YouTube* um vídeo²⁰⁷ que também poderia ser considerado insultuoso às forças policiais. Talvez a diferença é que, ao contrário de Lhaqed, Don Bigg sempre se pronunciou em público contra o M20F.

Por último, é ainda de referir a utilização dos audiovisuais feita por diversos ativistas. Dois exemplos, já foram mencionado no capítulo II, parte 2 (“Os primeiros passos”), que são os vídeos realizados por Montassir Drissi. Dois filmes documentário da autoria de Nadir Bouhmouch, “*My Makhzen and Me*” (43 min.) e “*475*” (63 min.), foram produzidos com outros ativistas do M20F, que criaram o coletivo *Guerrilla Cinema*, que se concentra no que geralmente se chama cinema *engagé*. O primeiro filme é precisamente sobre o M20F e a situação de Marrocos, vista pelo ângulo da pobreza e da falta de direitos humanos, que são alguns dos fatores que tiveram na origem dos protestos. O segundo, que deriva o nome do artigo 475º do código penal marroquino, retrata o caso de Amina Filali, rapariga de 16 anos que, em virtude da interpretação feita por um juiz de família do referido artigo 475º, vê-se estrangida a casar com um homem, depois deste a ter violado. Amina Filali, pouco tempo depois do casamento, suicida-se, espoletando uma série de protestos contra este tipo de situações, que comprovam que o casamento com menores continua a ser praticado, em situações que muitos consideram chocantes, assim como a violação continuar a ser um problema que afeta muitas mulheres. Nadir Bouhmouch encontra-se nos EUA a terminar uma licenciatura em Televisão, Filme e Novos Média e outra em Segurança Internacional / Resolução de Conflitos. Outros dois filmes produzidos pelo coletivo *Guerrilla Cinema*, realizados por outro dos seus co-fundadores, Youness Belghazi, têm os nomes “*Basta*” e “*L'Mask*”. O primeiro, co-realizado com Hamza Mahfoudi, é sobre os problemas de produção de filmes em Marrocos e as impossibilidade para realizadores independentes realizarem filmes neste país, devido à obrigatoriedade de uma licença para rodagem, que só pode ser pedida através de produtoras legais. O filme critica o estado decadente do cinema em Marrocos e estrito controle levado a cabo pelo makhzan para constranger as produções cinematográficas ao seus critérios. O

aniversário do M20F, em Casablanca, disponível em <http://youtu.be/5aFm5BydH64>, acessido em 30-5-2013.

207 Cf. <http://youtu.be/UFo3yuzYj08>, acessido em 30-5-2013.

segundo filme é uma homenagem a Driss Boutarda, militante do M20F do bairro Akkari em Rabat, conhecido pelo nome de “Máscara” (*al-muqanna*) que foi preso e condenado a um ano de prisão por posse de haxixe, num caso semelhante ao já mencionado no anterior capítulo relativamente a Mohammed Sokrat. A razão da sua alcunha é precisamente por se apresentar nas manifestações mascarado de rei de Marrocos, em forma de paródia. A sua detenção deu-se exatamente alguns dias após uma das suas performances, em finais de 2012, em que apareceu de bengala, imitando o rei que nesses dias apareceu na televisão a caminhar auxiliado por uma bengala.

Conclusão

I don't care about what is said in the Moroccan media, because important personalities from those who speak on the radio and the TV advocating human rights and minority group's rights are the same ones who come to me to clean their shoes without paying for it.

(Declarações de um engraxador de sapatos com 34 anos de experiência em Casablanca à estação de rádio *Chada FM*)²⁰⁸

Lhaqed é filho dos pobres e não do alcaide

(Lhaqed, canção “Os Cães do Estado”)

*Ó meu país, não fales de política
senão partem-te os dentes*

(Lhaqed, canção “Ó Meu País”)

Alguns dias antes do referendo constitucional de 1 de julho de 2011, lembro-me de estar a ler o editorial de um daqueles jornais gratuitos que distribuem na rua e de ter ficado espantado com os comentários do autor relativamente ao texto do projeto de Constituição que seria submetido a aprovação popular. Observava o autor — cujo artigo infelizmente não guardei mas ficou-me na memória — que o primeiro artigo do que viria a ser a nova Constituição, começava por formular que “Le Maroc est une monarchie constitutionnelle, démocratique, parlementaire et sociale”, ao que o autor perguntava de imediato “et pourquoi pas distributeur des pizzas?”. Ao longo da minha estadia em Marrocos, tive muitas ocasiões de observar a enorme eloquência com que em tantos discursos públicos — metaforicamente falando — se chama “cebola” ao “alho”, “oceano” à “barragem” ou “Mercedes” à “mula de carga”. Dei por mim a pensar, que afinal também é exatamente assim pelo mundo fora, mas dava-se só o caso de em Marrocos isto parecer muito mais flagrante, ao ponto de se ter tornado impossível para mim assistir aos noticiários dos

²⁰⁸ Trata-se de declarações feitas no âmbito de uma parceria entre a referida estação de rádio marroquina e o *Media Diversity Institute*. O projeto intitula-se “*audio vignettes*” e que pretende dar voz à pessoas e às suas visões sobre os média em Marrocos e se estes os representam o não. Infelizmente nunca houve a possibilidade de gravar e transcrever esta declaração, cujo original é em árabe marroquino. Por existir uma tradução em inglês desta “audio vignette” em particular, optei por não fazer uma tradução da tradução. Cf. http://media-diversity.org/en/index.php?option=com_content&view=article&id=2452:leading-moroccan-radio-station-to-visit-uk-&catid=15:mdi-news&Itemid=33, acedido em 31-5-2013.

canais estatais e aos discursos dos políticos sem uma grande dose de humor, como se tivesse a assistir à mais pura representação teatral de uma pungente comédia. O riso sarcástico com que muitos amigos meus — incluindo aqueles sem quaisquer pretensões políticas —, comentavam alguns eventos políticos, risos aos quais nem o rei escapava — incluindo por parte daqueles que se dizem defensores de uma monarquia e proclamam que gostam do seu rei —, fez-me lembrar aquilo que Bayat (1997) chama de “un-civil society”. Bayat refere-se sobretudo aos habitantes de bairros informais e clandestinos, que se instalaram nas periferias das cidades, a maioria vindos do mundo rural, e que agem à margem do sistema, desviando clandestinamente eletricidade e água, construindo as suas próprias casas, vivendo de biscates e do comércio informal. Estas pessoas, que não encontram forma de se encaixarem na sociedade e esta por sua vez falha na resolução dos seus problemas, recorrem às suas próprias estratégias para adquirirem dignidade, autonomizando-se das estruturas burocráticas da sociedade. Os protestos do M20F trouxeram para as ruas massas de pessoas destes bairros. Não se tratou exatamente de um movimento promovido por meia dúzia de jovens bloggers e intelectuais da classe média, ao qual o resto dos seus semelhantes simpatizaram e aderiram. Bastante pelo contrário, nos primeiros meses, pareceu evidente que quem encheu as ruas foram as pessoas a que Bayat se refere, provenientes de bairros como aquele onde o cantor Lhaqed — e o qual foi referido no último capítulo — cresceu. As contradições evidentes do regime levam a grandes níveis de descrença. Os poucos que nele acreditam, mesmo que com certas reticências, parecem ser precisamente os membros da classe média, que parecem nutrir mais medo do M20F do que simpatia. Não posso deixar de manifestar que, apesar de muitas exceções, fiquei impressionado com o carácter extremamente popular de muitos dos ativistas. Digo ativistas e não simples participantes.

Também é verdade que alguns milionários conhecidos participaram em marchas do M20F, tais como Miloud Chaâbi ou Karim Tazi. Como relatou Youness, numa das entrevistas feitas no âmbito desta dissertação, o primeiro acabou mesmo por ser convidado a sair, pois alguns ativistas não gostaram que este se aproveitasse da ocasião para fazer publicidade aos seus produtos, distribuindo-os gratuitamente para mostrar a sua generosidade ao povo.

Um dos pontos de partida desta dissertação foi mostrar que nem só os movimentos islamistas dinamizam as ruas. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente o GAI contribuiu significativamente para mobilizar muitas pessoas. Só que a maioria dos manifestantes, através dos slogans entoados e escritos, pareciam mais preocupados com questões sociais, políticas e

económicas, do que em acusar o regime de ser “descrente”, apesar desta atitude também ter existido. “Dignidade” parece ter sido a palavra chave. É verdade que no capítulo II foi descrito como foi importante o ativismo de diversas pessoas de tendências políticas diferentes, nomeadamente da esquerda dita “radical” mas também de alguns islamistas. Mas o M20F não se mobilizou graças ao grupos islamistas, pelo contrário parece que foram estes que apanharam o movimento a reboque. Os próprios discursos destes modificaram-se para serem acomodados às novas exigências populares²⁰⁹.

Por outro lado, contradizendo estas considerações, a retirada oficial do GAI terá produzido um *grade* decréscimo de manifestantes. Na realidade, este decréscimo já era bem significativo antes desse facto. Manifestações recentes, como a de 24 de fevereiro de 2013, mostraram que o M20F ainda consegue mobilizar quantidades significativas de pessoas sem o GAI, mesmo que incomparáveis à primeira fase. A questão que se poderia colocar, e de difícil resposta, é qual dos dois fatores poderá ter mais contribuído para o referido decréscimo: a retirada do GAI ou a descrença nos discursos reivindicativos a partir do momento em que estes foram integrados e defendidos pelo próprio regime? De repente, todos os discursos políticos oficiais e para-oficiais incorporaram o mesmo vocabulário de democracia, liberdade e direitos humanos usado pelo M20F. Poderá isto ter contribuído para a desconfiança nesse discurso? Como pode o engraxador de sapatos em Casablanca aqui referido ter confiança nesses atores políticos?

Também ficou patente neste investigação, que os recentes protestos no mundo árabe não se devem só à Internet. A campanha levada a cabo por essa via para promover uma “revolução” no dia 13 de janeiro de 2013, e que foi muito comentada na opinião pública por ninguém saber quem estava por detrás dela, revelou-se um fracasso. Nesse dia chuvoso, no ponto convocado na cidade de Rabat, encontravam-se exclusivamente alguns jornalistas estrangeiros desejosos de filmar a “revolução” e uma dezena de carrinhas da polícia. É verdade também, que ao contrário de 20 de fevereiro de 2011, já não havia o “gatilho” dos outros protestos na Tunísia, Egito, etc. Mas também é verdade que não houve nenhum tipo de preparação e organização *offline*.

Se houve realmente conquistas é um pouco difícil de dizer, depende muito da perspetiva. Nas entrevistas realizadas a Khadija Riadi e Youssef Rissouni ambos consideram que houve

209 A título de exemplo, veja-se os discursos do GAI reproduzidos numa notícia do sítio *lakome.fr* de dia 25 de março de 2011 e guardada em cache pela Wikipédia em <http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http://fr.lakome.com/politique/42-actualites-politique/241-al-adl-wal-ihssane-plaide-un-qetat-civilq.html&title=http%3A%2F%2Ffr.lakome.com%2Fpolitique%2F42-actualites-politique%2F241-al-adl-wal-ihssane-plaide-un-qetat-civilq.html>, acedido a 30-5-2013.

conquistas, mas não de forma suficiente e que Marrocos se encontra em marcha atrás em muitos domínios dos direitos humanos. Opinião também reproduzida pelos ativistas do M20F entrevistados. A nova Constituição é um pouco melhor do que a anterior, mas muito aquém das expectativas. Quase todos falam da queda do medo.

Em dezembro de 2012, durante a sessão mensal de debate com o chefe de governo na câmara dos conselheiros do parlamento marroquino, divulgou-se que, de janeiro a novembro de 2012, registaram-se 17.186 manifestações de protesto, a uma média de 52 por dia, totalizando 921.000 manifestantes, seja 2.790 manifestantes todos os dias²¹⁰. Claro que nem todas estas manifestações são do M20F. Talvez pelo contrário, pois o exemplo do M20F encorajou muitos outros protestos de cariz sócio-económico, mas que mantêm distâncias em relação ao M20F. Veja-se, por exemplo, o caso dos protestos que começaram logo a 21 de fevereiro de 2011 em Khouribga, onde se localiza um dos principais centros mineiros de extração de fosfatos, exigindo empregos na indústria mineira local. Os manifestantes acamparam diversas vezes e durante várias semanas em frente dos escritórios locais do *Office Chérifien des Phosphates* (OCP), interrompidos a 15 de março de 2011 por uma intervenção brutal da polícia dando aso a uma série de motins. Mas a OCP viu-se obrigada a formular o programa *OCP Skills*, através do qual abriu-se um concurso que recebeu 90.000 candidaturas de emprego (35.000 só de Khouribga, uma pequena cidade com cerca de 175.000 habitantes), foram aceites 5.800 novos recrutas e organizaram-se 15.000 estágios²¹¹.

É difícil fazer qualquer avaliação rigorosa sobre o impacto do M20F na democratização de Marrocos. É porventura ainda mais difícil definir o que queremos dizer com democratização. Mas é um facto que o M20F tem algo substancialmente diferente de todos os outros movimentos que o precederam, cujas reivindicações públicas consistiam geralmente em questões económicas e sociais: o M20F popularizou as questões políticas. Mesmo que se possa observar que o M20F, ao integrar tendências muito diferentes umas das outras, é feito mais de divergências do que de convergências.

O regime não caiu. Também não sabemos se os marroquinos estarão interessados na queda do regime nem que regime prefeririam. Mas é indubitável que o medo caiu.

210 Cf. um artigo publicado no jornal *Akhabār al-Yawm* do dia 24 de dezembro de 2012, da autoria do sociólogo Hassan Tarik, com o título مملكة الاحتجاج ("O Reino do Protesto", tradução minha).

211 Cf. http://www.khouribga-online.com/category2_12/4037-article2_2887.html, publicado a 13-5-2012 e acedido a 31-5-2013. A notícia reproduz um artigo do jornal *al-Ittihad al-Ishtirākiyy*, jornal da USFP,

Bibliografia

- ABITBOL, Mitchel (2009). *Histoire du Maroc*, Perrin, Paris
- ABU-LUGHOD, Lila (2002). "Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others", *American Anthropologist*, Vol. 104, N.º 3, Setembro, pp. 783-790
- ASAD, Talal, Wendy Brown, Judith Butler & Saba Mahmood (2009). *Is Critique Secular?: Blasphemy, Injury, and Free Speech*, The Townsend Center for the Humanities, University of California, Berkeley
- BAYAT, Asef (1997). "Un-civil society: The politics of the 'informal people'", *Third World Quarterly*, Vol. 18, N.º 1, pp. 53-72
- BAYAT, Asef (2002). "Activism and Social Development in the Middle East", *International Journal of Middle East Studies*, Vol. 34, N.º 1 (Fevereiro, 2002), pp. 1-28
- BAYLOCCQ, Cédric & Jacopo Granci (2012). "« 20 février ». Discours et portraits d'un mouvement de révolte au Maroc", in *L'Année du Maghreb*, n.º VIII, 2012, pp. 239-258, CNRS Éditions. Publicado em linha a 1 -1-2013, em <http://anneemaghreb.revues.org/1483>, acedido em 20-5-2013
- BEN 'ABD ALLĀH, al-Husayn ben 'aliyy (1996). *قصص وأمثال من المغرب - الجزء الأول من أ-خ* [Estórias e Provérbios de Marrocos - Primeira parte, de ālif a khā' (tradução minha)], مطبعة النجاح الجديدة [Gráfica an-Najāḥ al-Jadīdah], com o apoio do Ministério da Cultura [de Marrocos], primeira edição, 1996 d.C. / 1417 h., Casablanca
- BENNANI-CHRAÏBI, Mounia (1994). *Soumis et rebelles : les jeunes au Maroc*, CNRS, Paris
- BENNANI-CHRAÏBI, Mounia (1999). "L'ouverture d'une brèche — Les événements du 14 décembre 1990 et la guerre du Golf au Maroc", in Didier Le Saout e Marguerite Rollinde (dir.), *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb — Perspective comparé*, Karthala – Institut Maghreb-Europe, Paris
- BENNANI-CHRAÏBI, Mounia & Olivier FILLIEULE (2003). "Appel d'air(e)", in Mounia BENNANI-CHRAÏBI & Olivier FILLIEULE (dir.) (2003), *Résistances et protestations dans les sociétés musulmanes*, Presses de Sciences Po, Paris
- BOUAZIZ, Mostefa (1999). "Mouvements sociaux et mouvement national au Maroc", in Didier Le Saout e Marguerite Rollinde (dir.), *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb — Perspective comparé*, Karthala – Institut Maghreb-Europe, Paris
- BROUWER, Lenie (2012). "Social media and the 20th February Movement in Morocco", conferência apresentada dia 3 de maio de 2012 no Nederlands Instituut Marokko (NIMAR), Rabat.
- BUTTLER, Judith (2011). "Bodies in Alliance and the Politics of the Street", conferência proferida em Veneza a 7-9-2011, publicada em linha: <http://eipcp.net/transversal/1011/butler/en>, acedida em 7-3-2012
- CARDEIRA DA SILVA, Maria (2006). "Social Movements in Islamic Contexts: Anthropological Approaches", *Etnográfica*, Vol. X, pp. 73-83
- CASTELLS, Manuel (2009). *Communication Power*, Oxford University Press
- EICKELMAN, Dale. F. (1992). *Knowledge and Power in Morocco: The Education of a Twentieth-Century Notable*, Princeton University Press, Nova Jérícia

- EICKELMAN, Dale. F. & Jon W. Anderson (2003). *New Media in the Muslim World: The Emerging Public Sphere*, 2ª edição, Indiana University Press
- EICKELMAN, Dale. F. & James P. PISCATORI, (2004 [1996]). *Muslim Politics*, Princeton University Press, Nova Jérsea
- EICKELMAN, Dale F. & Armando SALVATORE (2006). "Public Islam and the common good", *Etnográfica*, Vol. X (1), 2006, pp. 97-105
- EL AYADI, Mohammed (1999). "Les mouvements de la jeunesse au Maroc. L'émergence d'une nouvelle intelligentsia politique durant les années soixante et soixante-dix", in Didier Le Saout e Marguerite Rollinde (dir.), *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb — Perspective comparé*, Karthala – Institut Maghreb-Europe, Paris
- GANTIN, Karine & Omeyya Seddik (2008). "La révolte du « peuple des mines » en Tunisie — Un bastion ouvrier dans le bassin de Gafsa" in *Le Monde Diplomatique* (edição francesa), p.11, julho, 2008
- GIUGNI, Marco G. (1998). "Social Movements and Change. Incorporation, Transformation, and Democratization", Marco G. Giugni, Doug McAdam & Charles Tilly, introdução de *From Contention to Democracy*, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham
- HEATH, Jeffrey (1989). *From Code-Switching to Borrowing: A Case Study of Moroccan Arabic*, Kegan Paul International, Library of Arabic Linguistics, Londres / Nova Iorque
- HIBOU, Béatrice (2012). *Le mouvement du 20 février, le Makhzen et l'antipolitique. L'impensé des réformes au Maroc*, Centre d'études et de recherches internationales (CERI), Paris, Maio 2011. Publicado em linha e acedido a 1 de junho de 2012 (http://www.ceri-sciences-po.org/archive/2011/mai/dossier/art_bh2.pdf)
- EMPERADOR, Montserrat Badimon (2007). "Diplômés chômeurs au Maroc : dynamiques de pérennisation d'une action collective plurielle" in *L'année du Maghreb*, n.º III, 2007, p. 297-311, CNRS Éditions. Publicado em linha a 1-11-2010 em <http://anneemaghreb.revues.org/376>, acedido em 2/5/2013
- KADIRI, Abdeslam (2005). "Histoire. Casablanca, le 23 mars 1965", *Telquel*, n.º 169, 26 março – 1 abril. Publicado em linha e acedido a 12/8/2012 em <http://www.telquel-online.com/archives/169/sujet1.shtml>
- LIAUZU, Claude (1985). "Les mouvements urbains maghrébins : essai de lecture historique" in Claude Liauzu, Gilbert Meynier, Maria Sgroi-Dufresne & Pierre Signoles, *Enjeux urbains au Magreb – Crises, pouvoirs et mouvements sociaux*, L'Harmattan, Paris
- MCADAM, Doug, Sidney TARROW & Charles TILLY (2001). *Dynamics of Contention*, Cambridge University Press
- MAHMOOD, Saba (2006). "Teoria Feminista, agência e sujeito liberatório: Algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito". *Etnográfica*, vol. X (1), pp. 121-158
- MELUCCI, Alberto & Timo LYYRA (1998). "Collective action, Change, and Democracy" Marco G. Giugni, Doug McAdam & Charles Tilly, *From Contention to Democracy*, Rowman & Littlefield Publishers, Lanham
- MONASTIRI, Taoufik (1973). "Chronique sociale et culturelle Tunisie", in Jean-Claude Santucci & Maurice Flory (sous la responsabilité de), *Annuaire de l'Afrique du Nord*, Centre national de la recherche scientifique (CNRS) & Centre de recherches et d'études sur les sociétés méditerranéennes (CRESM), Paris, Éditions du CNRS, 1973, pp. 429-443 , Vol. 11 (1162 p.). Disponível na Internet em <http://aan.mmsh.univ-aix.fr/volumes/1972/1972/CHRONIQUE-SOCIALE-CULTURELLE-TUNISIE.pdf>, acedido a 25-4-2013
- MOUNFIQ, Mohammed (1999). "Les émeutes de juin 1981 à Casablanca" in Didier Le Saout e Marguerite Rollinde (dir.), *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb — Perspective comparé*, Karthala – Institut Maghreb-

Europe, Paris

- OSSMAN, Susan (1994). *Picturing Casablanca. Portraits of Power in Modern City*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Londres
- PERRAULT, Gilles (1990). *Notre ami le roi* (nouvelle édition revue et augmentée), Éditions Gallimard, Paris
- RACHIK, Abderrahmane (2010). « De la protestation urbaine au Maroc » in *مجلة إلكترونية متخصصة في رباط الكتب : الكتاب وقضاياها* [Ribāt al-Kutub: Revista eletrônica especializada no livro e suas questões (tradução literal minha)], n.º 9. Acessível em http://www.ribatalkoutoub.ma/spip.php?mot92&id_rubrique=20, acedido em 9-5-2013
- RAMÍREZ, Ángeles (2006). "Paradoxes et consensus : le long processus de changement de la Moudawwana au Maroc" in *L'année du Maghreb*, n.º II, 2005-2006, p. 23-34, CNRS Éditions. Publicado em linha a 8-7-2010 em <http://anneemaghreb.revues.org/76>, acedido em 27-5-2013
- ROLLINDE, Marguerite (1999). "Les émeutes en Tunisie : un défi à l'État ?", in Didier Le Saout e Marguerite Rollinde (dir.), *Émeutes et mouvements sociaux au Maghreb — Perspective comparée*, Karthala – Institut Maghreb-Europe, Paris
- ROLLINDE, Marguerite (2004). *Le mouvement marocain des droits de l'Homme — Entre consensus national et engagement citoyen*, Éditions Karthala, Paris
- SCOTT, James C. (1990). *Domination and the arts of resistance. Hidden transcripts*, Yale University Press, New Haven, Londres
- SNOW, David A. & Robert D. Benford (1988). "Ideology, Frame Resonance, and Participant Mobilization", Bert Klandermans, Hanspeter Kriesi & Sidney Tarrow, *From structure to action: comparing social movement research across cultures*, Greenwich, JAI Press
- TILLY, Charles (1994). "Social Movements as Historically Specific Clusters of Political Performances", in *Berkeley Journal of Sociology*, n.º 38, 1993-1994, pp. 1-30
- TILLY, Charles (2004). *Social Movements, 1768–2004*, Paradigm Publishers, Nova Iorque, 2004
- VAIREL, Frédéric (2012). "« Qu'avez-vous fait de vos vingt ans ? » Militantismes marocains du 23-mars (1965) au 20 février (2011)" in *L'année du Maghreb*, n.º VIII, 2012, pp. 219-238, CNRS Éditions. Publicado em linha a 1-1-2013, em <http://anneemaghreb.revues.org/1477>, acedido em 20/5/2013
- VERMEREN, Pierre (2006) 2002. *Histoire du Maroc depuis l'indépendance* (nouvelle édition), La Découverte, Paris
- VERSTEEGH, Kees (1997). *The Arabic Language*, Columbia University Press, Nova Iorque
- YOUSFI, Hèla (2012). "Ce syndicat qui incarne l'opposition tunisienne" in *Le monde diplomatique* (edição francesa), novembro de 2012, pp. 17 e 18.
- YOUSFI, Hèla (2013en). "Social Struggles in Tunisia: A Curse or a Revolutionary Opportunity?", tradução em inglês de YOUSFI (2013ar), publicada no sítio *Jadaliyya / جدلية*, em 27/3/2013. Disponível em <http://www.jadaliyya.com/pages/index/10839/>, acedido em 7/4/2013
- YOUSFI, Hèla (2013ar) [Hālah al-Yūsufiyy]. "النضالات الاجتماعية في تونس: لعنة أم فرصة ثورية؟", publicado no sítio *السفير العربي* [As-Safir al-'arabiyy], em 13/2/2013. Disponível em <http://arabi.assafir.com/article.asp?aid=666>, acedido em 7/4/2013
- WALTZ, Susan E. (1995). *Human Rights and Reform: Changing the Face of North African Politics*. University of

California Press, Berkeley / Los Angeles / Oxford

WIKTOROWICZ, Quintan (2004). "Introduction: Islamic Activism and Social Movement Theory", Quintan Wiktorowicz (ed.), *Islamic Activism a social Movement Theory Approach*, Indiana University Press

Bibliografia complementar

- AFP (2011). "Maroc: la condamnation du journaliste Rachid Niny confirmée en appel". Notícia publicada em linha a 24/10/2011 em http://www.lexpress.fr/actualites/1/economie/maroc-la-condamnation-du-journaliste-rachid-niny-confirmee-en-appel_1044050.html, acedida em 9/6/2012
- BENJEBLI, Said (2011). "Fundador da página 20 de Fevereiro no Facebook: a monarquia parlamentar é a mínima e máxima reivindicação política que exigimos". Entrevistado por Sanaa Zouine. Jornal diário *المساء (al-Masā)*, 21/1/2011, p.7
- CHAOUKI, Najib (2011). "Najib Chaouki, um dos fundadores do Movimento 20 Fevereiro: o M20F quebrou o muro do silêncio e do medo", entrevista a Najib Chaouki, publicada pelo jornal marroquino *al-Waṭan al-ʿān* em 18-3-2011. Disponível em linha em http://www.alwatan-press.info/def.asp?codelangue=23&id_info=6958&date_ar=2011-3-18, acedido a 1/6/2012
- GANBOURI, Driss (2011). "مسيرة 20 فبراير أسقطت أحلام الذين كانوا يريدون أن يأكلوا الثوم بفتحها" [*Marcha do 20 de Fevereiro desfez os sonhos dos oportunistas*], in *المساء (al-Masā)*, p.1, Casablanca, 22/2/2011
- IER (2005). *Synthèse du rapport final (résumé)*, disponível em http://www.ier.ma/article.php?id_article=1496, acedido a 1/9/2012. (Só a versão árabe está datada), Novembro de 2005
- ISMILI, Ghita (2011). "Rachid Niny : Sa demande de libérté provisoire refusée", notícia publicada em linha a 3/5/2011 em <http://www.yabiladi.com/articles/details/5428/rachid-niny-demande-liberte-provisoire.html>, acedido em 9/6/2012
- LAKHLIFI, Oussama. "Au Maroc, le Mouvement du 20 Février maintient la pression", entrevista com Ilhem Rachidi, Internet: Rue89.com, publicado a 11/09/2011, disponível em <http://www.rue89.com/2011/09/11/au-maroc-le-mouvement-du-20-fevrier-maintient-la-pression-221483>, acedido a 11/9/2011
- MANSOURI, Abdellatif (2005). "Découverte macabre" in *Maroc Hebdo International*, n.º 679, 23-29 dezembro
- MAP (2011). "5 morts suite aux troubles de dimanche" in *Le Matin.ma*, publicado em 22/2/2012, disponível em linha (versão arquivada da "Wikiwix archive") em <http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http://www.lematin.ma/Actualite/Express/ArticlePrint.asp?id=147178&title=Al-Hoceima%20-%205%20morts%20suite%20aux%20troubles%20de%20dimanche>, acedido no dia 25 de agosto de 2012
- MLEDM (2011). "حركة حرية وديمقراطية الآن، تنوي تنظيم مظاهرات سلمية في مدن المغرب يوم 20/02/2011 البيان التأسيسي للحركة" [O Movimento Liberdade e Democracia Já tem como objetivo a organização de manifestações pacíficas nas cidades marroquinas dia 20/02/2011. Comunicado de fundação do Movimento]. Acessível via Facebook em <https://www.facebook.com/groups/MLEDM/doc/182441525128321/>, acedido em 10/2/2011.
- MLEDM (2011b). "بيان تنديدي، لما جاء في جريدة المساء حول حركة حرية وديمقراطية الآن، بالمغرب" [Comunicado de reprovação relativo às declarações do jornal *al-Masā* sobre o Movimento Liberdade e Democracia Já em Marrocos]. Acessível via Facebook em <https://www.facebook.com/groups/MLEDM/doc/182946175077856/>, acedido em 10/2/2011

- MOHAMMED VI (2011). نص الخطاب السامي الذي وجهه جلالة الملك الى الأمة / *Texte intégral du discours adressé par SM le Roi à la Nation*. Discurso preferido em 9/3/2011, Rabat. Disponibilizado no Portal Nacional de Marrocos em <http://www.maroc.ma/NR/exeres/187CF739-4DEA-47B1-AD44-02D9A7EAFAC.htm> (versão original em árabe) e <http://www.maroc.ma/NR/exeres/B77F4C81-096E-48EF-BFD6-BF50212CB101.htm> (tradução oficial para francês). Acedido em 1/10/2012²¹²
- NINY, Rachid (2011a). "الشعب يريد إسقاط النظام" [O povo quer a queda do regime], in *المساء (al-Masā)*, última página (contracapa), Casablanca, 12/2/2011
- SALIH, Abdessamad (2013) [عبد الصمد الصالح]. [Título traduzido por mim²¹³:] "20 de Fevereiro... O nascimento da versão marroquina da «primavera árabe» — Antecipação e ansiedade das reações policiais, medo da baixa adesão e corrida para desmentir o boato de cancelamento das marchas", in *المساء (al-Masā)*, 20-2-2013, disponível em www.almassae.press.ma/node/64711, acedido a 21/2/2013

212 Aquando a revisão da bibliografia apercebi-me que estas ligações deixarem de funcionar devido a uma remodelação do Portal Nacional de Marrocos. As novas ligações para o discurso de 9/3/2011 são: <http://www.maroc.ma/ar/-الخطاب-السامي-الذي-وجهه-جلالة-الملك-الى-الامة-حول-مشروع-الدستور-الجديد-خطابات-ملكية> (versão original em árabe) e <http://www.maroc.ma/fr/discours-royaux/texte-integral-du-discours-adresse-par-sm-le-roi-la-nation> (tradução oficial para francês). Datas de publicação são respetivamente 26-3-2013 e 19-3-2013. Ao título em árabe foi também acrescentada a expressão "حول مشروع الدستور الجديد" que significa "sobre o projeto de uma nova Constituição". Acedidos em 1-5-2013.

213 Por razões tipográficas transcrevo em nota de rodapé o título original:

20 فبراير.. مخاض ولادة النسخة المغربية من «الربيع العربي» — ترقب وقلق من التعامل الأمني وتخوف من أعداد المتظاهرين وسباق لنفي إشاعة إلغاء المسيرات

Videografia disponível na Internet

- 2MINTERACTIVE (2011). *Journal Télévisé 2M du 20 Février 2011*, Youtube, 20/02/2011. Acedido em 10/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/x-3JWXDI6cw>
- 9OUL (2011). *الشعب يريد اسقاط الحكومة tunis tunisie tunisia [O povo quer a queda do governo – Tunes, Tunísia]*, Youtube, 24/1/2011. Acedido em 10/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/X8Xj8gAfjol>
- ANARTIVISTE (2012). *STOP T.G.V ! ... ! حُبْسُ تِي جِي فِي*, YouTube, 7/5/2012. Acedido em 13/4/2013. Ligação: <http://youtu.be/DWrlbtLHwJE>
- BOUGARN (2007). *محاولة انتحار جماعي للمكفوفين [Tentativa de suicídio coletivo de cegos]*, Youtube, 29/3/2007. Acedido em 1/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/UKQmZbrA3Lo>
- CANADACANADA19812 (2011). *Tunisie sidi bouzid 26-01-2011 الشعب يريد اسقاط الحكومة [O povo quer a queda do governo – Sidi Bouzid 26-1-2011]*, Youtube, 26/1/2011. Acedido em 10/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/SckGJaJLW8k>
- FES00BLADI (2011). *فاس اول مدينة تهتف بسقوط النظام [Fez: primeira cidade a apelar à queda do regime]*, Youtube, 27/4/2011. Acedido em 9/6/2012. Ligação: http://youtu.be/pGQr_WSAO74
- IMIL2007 (2011). *2011-07-05 تفريق اعتصام للمعتقلين للمكفوفين بالقوة بالرباط [Dispersão violenta do sit-in dos desempregados cegos em Rabat a 5/7/2011]*, Youtube, 05/07/2011. Acedido em 1/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/zBAzut5ryM0>
- LAKOMECHANNEL (2011). *2011 مغربي يدعو إلى الاحتجاج - 31 يناير 2011 [Um marroquino apela ao protesto – 31 de janeiro de 2011]*, Youtube. O vídeo original foi publicado no Youtube por Ossama Lakhli em 31-1-2011 com o título *Um marroquino apela ao protesto*, mas foi apagado pelo próprio em data não apurada. Esta é uma reprodução do mesmo vídeo republicada pelo LAKOMECHANNEL em 23/12/2011. Acedido em 1/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/dqkkqt1k6Ps>
- MOUVEMENT20FEVRIER (2011). *Campagne 20 février: Sous-titrée – Subtitled*, Youtube, 13/02/2011. Acedido em 28/5/2012. Ligação: http://youtu.be/A_LF0JqnMzw
- MOUVEMENT20FEVRIER (2011b). *Jeunes 20 février - vidéo explicative - شباب 20 فبراير*, Youtube, 18/02/2011. Acedido em 10/6/2012. Ligação: http://youtu.be/6Y_J-2S_1m8
- SAHTOUTEE (2011). *كشف فضائح مراهقي 20 فبراير [Revelação dos escândalos dos adolescentes do 20 de Fevereiro]*, Youtube, 17/2/2011. Acedido em 10/6/2012. Ligação: <http://youtu.be/l9HHv4Lc5JU>

APÊNDICES

APÊNDICE A

Lista de slogans usados pelo “Movimento 20 de Fevereiro” em Marrocos durante 2011

Lista 1:

A grande maioria destes slogans foram recolhidos de jornais marroquinos (nomeadamente *Al-Masā'* e *Akhhār al-Yawm*) e do jornal árabe internacional editado em Londres *Ash-Sharq al-Awsaṭ*, sobretudo durante o período de 21 de fevereiro até junho de 2011.

Lista 2 e 3:

Listas de slogans elaboradas pelo comité de slogans do M20F.

Os slogans comportam principalmente duas línguas: árabe padrão, árabe marroquino, mas também alguns em árabe egípcio. Para além destes *code-switchings*, também se recorre por vezes a empréstimos do francês (ex.: *Dégage...*).

Lista 1

20 fevereiro de 2011, manifestações nas ruas de várias cidades

Rabat

1. Um rei jovem gosta da juventude

ملك شاب يحب الشباب

2. Ó rei, nós amamos-te e estas são as nossas reivindicações

أيها الملك نحن نحبك وهذه مطالبنا

3. Em Marrocos, Deus nos valha, não há saúde nem educação

هذا مغرب الله كُريم لا صحة لا تعليم

var. Em Marrocos podia ser diferente mas não há saúde nem educação

الشعب يريد تغيير الدستور

4. O povo quer a mudança da Constituição

الشعب يرفض الدستور

5. O povo recusa a [atual] Constituição

استقالات في الحين ومحاكمات في الحين

6. Destituições e julgamentos já

لا رعاية لا قداسة... يختار الشعب السياسة

7. Não à patronagem/patrocínio, não à sacralização, o povo escolhe os líderes

يا مغربي يا مغربية هاذي انتخابات المهزلة

8. Ó marroquino, ó marroquina, estas eleições são uma farsa

إذا الشعب يوما أراد الحياة فلا بد أن يستجيب القدر
ولا بد لليل أن ينجلي ولا بد للقيد أن ينكسر

9. Se um dia o povo quiser viver, o destino consentirá,

a noite dissipar-se-á e as correntes quebrar-se-ão [...] ¹

إحنا مين وهما مين؟ / إحنا آتاي دوخنا وداخ

10. Quem somos nós e quem são eles? / Nós somos aqueles que estão enjoados de apenas ter chá para viver²

هما يكلو لحم وفراخ وحنا الفول دوخنا وداخ

11. Enquanto eles comem carne de vaca e frango, nós estamos enjoados de apenas termos favas para viver³

ثلاثي الفساد والمآسي... الهمة والماجدي والفاسي

12. O trio da corrupção e da desgraça, al-Himma, al-Majidi, al-Fassi

يا شعبي يا مغوار... ليه الظلم يبقى جبار

13. Ó povo combatente, porque é a opressão tão poderosa?

لا ثقة في الوعود... شعبنا يسود

14. Não confiamos em promessas, o povo é que governa⁴

كفانا حكرة وقهرة، غشا ورشوة

15. Basta de humilhação e opressão, basta de fraudes e subornos

كفانا غلاء وقهرة غشا ورشوة

16. Basta de aumentos e opressão, basta de fraudes e subornos

نعم للتغيير، جميعا من أجل الشعب والحياة الكريمة

17. Sim à mudança, todos juntos pelo povo e por uma vida digna

كيف تعيش يا مسكين.. والمعيشة دارت جنحين

18. Como pode viver o pobre, se o sustento voa das suas mãos

Casablanca

الشعب يريد إسقاط الاستبداد

19. O povo quer a queda do despotismo

جميعا من أجل القطاع مع الاستبداد

20. Todos juntos para acabar com o despotismo

لا لجمع بين الثروة والسلطة

21. Não à junção entre a riqueza e a autoridade

Inezgane

الشعب يريد إسقاط النظام

22. O povo quer a queda do regime⁵

1 Início do poema “Quando o povo quiser viver...” de Abulcássime Xabbi (Abū-l-Qāsim ash-Shābbiyy), poeta tunisino, 1909-1934.

2 Adaptação das letras da canção “إحنا مين وهما مين؟” [Quem somos nós e quem são eles?], poema da autoria do poeta egípcio contestatário Ahmed Fouad Nejm (n. 1929) cantado por Xeque Imame (Shaykh ‘imām), cantor egípcio, n. 1918 – m. 1995. As letras originais utilizam “favas” em vez “chá”.

3 *Idem*. As letras originais utilizam “codorniz” em vez “carne de vaca”. Uma tradução mais apurada seria “aves de caça”.

4 *Yasūd*: “Governa” ou “reina” — tecnicamente pode-se traduzir *yasūd* da mesma forma que na tradução para a árabe — comumente utilizada — da fórmula que define monarquia parlamentar como um regime onde “o rei reina (*yasūd*) mas não governa (*yaḥkum*)”. Note-se que ao contrário das expressões de línguas latinas onde “rei” e “reinar” partilham a mesma raiz morfológica, tal não acontece em árabe, pois a raiz de “rei (*malik*)” remete para a ideia de “possuir”. Note-se que a mesma raiz pode comportar palavras distintas umas das outras, como acontece com as palavras “possuidor” (*mālik*), “rei” (*malik*) e ainda “anjo” (*malāk*). Este fenómeno pode acontecer quando palavras de origens diferentes foram associadas à mesma raiz na língua árabe. Outras línguas semíticas atestam a presença de palavras semelhantes para “rei” e “anjo”, como o acádio, o aramaico e o hebraico. Neste último caso, מלך (*melekh*, rei) e מלאך (*malākh*, anjo), não estando a raiz associada à ideia de “possuir”, como acontece em árabe, mas sim de “reinar”.

5 O periódico *Al-Masā’i* de 21-1-2011 menciona que a entoação deste slogan levou os participantes da manifestação a abandonarem-na.

Marraquexe

- باركا من البوليس فتحو لنا المدارس
23. Chega de polícia, escolas para todos
- الشعب يريد إسقاط الحكومة والبرلمان والمجالس المحلية
24. O povo quer a queda do governo, do parlamento e dos conselhos regionais
- الحكومة برا برا والبرلمان برا برا
25. Ó governo: vai-te embora! Ó parlamento: vai-te embora!
- عليك لآمان عليك لآمان لا حكومة لا برلمان
26. Põe-te em segurança (amān), não ao governo não ao parlamento (barlamān)
- الحقوق ستعود بالنضال والصمود
27. Os direitos adquirem-se com combate e resistência
- لا لتزوير آل الفاسي
28. Não às fraudes da família al-Fassi
- الهمة سير فحالك مراكش ماشي ديالك
29. Al-Himma vai à tua vida, Marraquexe não é tua
- باركا من البوليس فتحو لنا المدارس
30. Chega de polícia, construam escolas
- الشعب يريد إسقاط الحكومة
31. O povo quer a queda do governo
- ملكنا واحد محمد السادس
32. O nosso rei é só um: Mohammed VI
- جميعا من أجل قضاء نزيه ومستقل
33. Todos juntos por uma justiça transparente e independente
- لا لغلاء المعيشة
34. Não ao aumento dos preços
- كفى من نهب المال العام
35. Chega de pilhar o dinheiro público
- الحرية الفورية لكافة المعتقلين السياسيين
36. Liberdade já para todos os presos políticos
- لا ديمقراطية دون أمازيغية
37. Não há democracia sem língua amazighe

Oujda

- الشعب في الحرية والفاسي في الهاوية
38. O povo em liberdade (*fī-l-ḥurriyya*) e al-Fassi no abismo (*fī-l-hāwya*)

Sem referência à cidade

- الشعب يريد دستور جديد
39. O povo quer uma nova constituição
- الشعب يريد حل البرلمان
40. O povo quer a dissolução do parlamento

1 de março de 2011

Manifestações em várias cidades

Casablanca

الشعب يريد إسقاط لبيديك

41. O povo quer a queda da Lydec⁶

20 de março de 2011

Manifestações em várias cidades

الحكومة بالرشوة... البرلمان بالرشوة... الصحة بالرشوة... السكنى بالرشوة...

42. O governo e o parlamento são corruptos, saúde e habitação só com subornos se consegue⁷

Marraquexe

ساجد ديگاج

43. Sajid dégage⁸

Tânger

الشعب يريد إسقاط أمانديس

44. O povo quer a queda da Amendis⁹

الشعب يريد الرفع من الأجور

45. O povo quer aumento dos salários

Tânger, slogans atribuídos aos membros do Grupo Justiça e Caridade (*Jamā'at al-'adl wa-l-ihsān*)

التغيير أو الطوفان

46. Mudança ou dilúvio

لا تقديس إلا لله

Nada é sagrado exceto Deus¹⁰

الشعب يريد إسقاط الدستور

47. O povo quer a queda da [atual] Constituição

ليبييا كاتندج ودوزيم كنتشطح

48. Na Líbia chacina-se, na *Deuxième*¹¹ dança-se

دوزيم الفضاحة، دزيم الشطاحة

49. A *Deuxième*¹² é um escândalo, a *Deuxième* só serve para dançar

Fez

الشعب يريد إسقاط الفساد

50. O povo quer a queda da corrupção

6 A Lydec (*Lyonnaise des eaux de Casablanca*, subsidiária da *Lyonnaise des eaux / Suez Environment*) é uma empresa que em 1997 assinou um contrato de gestão municipal delegada para um período de 30 anos com as autoridades locais de Casablanca, assegurando desde então a distribuição de eletricidade e água, assim como o serviço de esgotos da Grande Casablanca. Os aumentos praticados por esta e outras empresas do mesmo setor têm sido leit-motiv de diversas manifestações.

7 Comparar com 54 e 139.

8 Referência a as-Sājīd, presidente da municipalidade de Marraquexe.

9 A Amendis (sub-grupo da *Veolia Environnement Maroc*, subsidiária da multinacional *Veolia Environnement*) é uma empresa de gestão municipal delegada que assegura a distribuição de eletricidade e água, assim como o serviço de esgotos de Tânger e Tetuão. Os aumentos praticados por esta e outras empresas do mesmo setor têm sido leit-motiv de diversas manifestações.

10 Referência à anterior Constituição marroquina de 13 de setembro de 1996, que no seu artigo 23º dispõe que “a pessoa do Rei é inviolável e sagrada”. A atual Constituição, promulgada a 1 de julho de 2011 após aprovação por referendo, reformulou esta prerrogativa no seu artigo 46º, estipulando que “a pessoa do Rei é inviolável, e respeito é-Lhe devido”.

11 A “2M” — “*Deuxième Monde*”, ou simplesmente “*Deuxième*” — é um canal de televisão marroquino. Trata-se de uma referência aos programas de entretenimento musical bastante recorrentes desta estação.

12 *Idem*.

المحكمة ها هي، والعدالة فينا هي؟

51. Aqui está o tribunal, mas a justiça onde está ela?¹³

Casablanca

من أجل الصحافة، ناضل / من أجل الحرية، ناضل / من أجل تحرير الإعلام، ناضل

52. Pela imprensa, luta / Pela liberdade, luta / Pela emancipação dos média, luta

كلنا من أجل إعلام عمومي ديمقراطي

53. Por uma informação pública e democrática

كل شي غادي بالرشوة

54. É com subornos que tudo funciona¹⁴

Escrito numa faixa:

من أجل توزيع عادل للثروة

ملكية برلمانية الملك يسود والشعب يحكم الديمقراطية

55. Pela repartição justa da riqueza

Monarquia parlamentar: o rei reina mas o povo é que governa a democracia

3 de abril de 2011

Marraquexe. Manifestação organizada pelo Conselho Nacional de Proteção do Dinheiro Público, braço de Marraquexe, onde foi apresentada uma “lista preliminar dos usurpadores do dinheiro público”, que incluía nomes como o ex-presidente da municipalidade de Marraquexe Omar Jazuli (AR: ‘omar al-Jazūliyy / FR: Omar Jazouli), o ex-wālī de Marraquexe Munir Xeraibi (AR: Munīr ash-Sharābiyy / FR: Mounir Charaibi), entre outros responsáveis locais.

نرجس برا برا، مراكش أرض حرة حرة

56. Narjisse vai-te embora, Marraquexe é terra livre [ou nobre]

الجزولي برا برا، مراكش أرض حرة حرة

57. Jazuli vai-te embora, Marraquexe é terra livre [ou nobre]

أولاد العروسية برا برا، مراكش أرض حرة حرة

58. awlād al-‘arūsiyya vão-se embora, Marraquexe é terra livre [ou nobre]

اللائحة ها هي والعدالة فينا هي؟

59. A lista já cá está, e a justiça quando virá?

Sīdī Yaḥyā al-Ġharb (FR: Sidi Yahya el Gharb)

Manifestação contra Abdeluáhide Arradi (FR: Abdelwahed Radi), primeiro-secretário do partido União Socialista das Forças Populares, acusado por alguns locais de apropriação indevida de terras.

الراضي سير فحالك، القصيبة مابقاتش دياك

60. Arradi vai à tua vida, a “qṣība” já não é tua

هذا عار هذا عار القصيبة في خطر

61. Que vergonha, que vergonha, a “qṣība” está em perigo

عبد الواخد الأراضي

62. ‘abd al-Wākhid al-‘ārāḏī — O apropriador das terras¹⁵

¹³ Entoadado ao passar em frente do tribunal.

¹⁴ Comparar com 42 e 139.

¹⁵ *lit.* o servo do apropriador de terras. Paronomásia resultante da semelhança fonética entre o nome de Abdelwahed Radi (‘abd al-Wāhid ar-Rāḏī) e ‘abd al-Wākhid al-‘ārāḏī. Este sarcasmo ficou conhecido depois do artista cómico Bziz o ter apelidado dessa forma durante um programa, em referência a várias propriedades que se tornaram suas na região do Gharb, tendo sido posteriormente reutilizado por manifestantes locais.

24 de abril de 2011

Manifestações em várias cidades

Casablanca

فلوس الشعب، فين مشات؟ في موازين والحفلات

63. Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado em festas e festivais

lit. Para onde foi o dinheiro do povo? Para o [festival] *Mawāzīn*¹⁶ e para as festas

هذا شهر، هذه سنين، باش حنا مواطنين

64. Leva meses e anos a fio para sermos cidadãos

دوزيم تاشطح وفيسبوك كايفضح

65. Na *Deuxième* dança-se mas o *Facebook* denuncia

لا حقوق لا قوانين

66. Não há leis nem direitos

تمازيغت وطنية، بغيناها رسمية

67. O [idioma] amazigue é nacional, queremos que seja oficial

Escritos em faixas

هذا مغرب الكفاءات، ماشي مغرب العائلات

68. Marrocos é/[deveria ser] um país de competências, não de famílias

النساء والرجال متساوون في الحقوق

69. Mulheres e homens têm os mesmos direitos

Rabat – Bairro Iacube Almançor (FR: Yacoub al Mansour)

شي علا وبغا يطير وشي ساكن في القصدير

70. Enquanto alguns senhores podem voar, outros vivem em bairros de lata¹⁷

باركا باركا من المعيشة في البراكة

71. Basta! Basta! (*bārakā*) De viver numa barraca (*barrākā*)

فضيحة دولية : البراكة والأمية

72. Vergonha internacional: as barracas e o analfabetismo

فلوس الشعب، فين مشات؟ في موازين والحفلات

(63.) Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado em festas e festivais¹⁸

بغينا خبزة وگوميرة، أش نديرو بشاكيرا؟

73. Queremos pão e farinha, que vamos fazer com a Shakira?¹⁹

شكون هما الخونة؟ هما هما الشفارة

74. Quem são os traidores? São eles, os ladrões [do dinheiro público]

ما في خوف ما في خوف، صوتك صار كلاشينكوف

75. Não tenhas medo, a tua voz é uma *Kalashnikov*

زيرو الأنظمة العربية وزيرو الحكومة المغربية

16 O festival *Mawāzīn – īqā'āt al-'ālam* é um dos maiores produzidos em Marrocos e realiza-se durante o verão em Rabat. *Mawāzīn* é o plural de *mīzān*, que significa “balança” ou “ritmo”. Pode-se traduzir por “equilíbrios”, por ser um festival de fusão que “equilibra” vários estilos musicais, oriundos de várias partes do mundo, ou por “ritmos”. *īqā'āt al-'ālam* significa “ritmos do mundo” (*Mawāzīn* e *īqā'āt* são sinónimos). Em francês denomina-se *Mawazine – rythmes du monde*.

17 Possível eco do provérbio “Constrói, sobe na vida, segue e deixa” (بنني وعلي وسير وحلي), cujo sentido é “por mais alto que subamos, quando morrermos deixaremos aos outros o que construímos”.

18 Ver nota na primeira entrada deste slogan.

19 A cantora Shakira participou na edição de 2011 do festival Mawazine. Ver nota ao slogan n.º 63. A palavra marroquina *gūmīra* utiliza-se para um tipo específico de “pão”, mas traduzi por “farinha” para fazer uma rima interna com “Shakira”.

76. Os regimes árabes e o governo marroquino valem zero

ما قابلينش بوسان اليديين

77. Não aceitamos o beija-mão²⁰

Slogans atribuídos aos salafistas

بالإرهاب اتهمتنا وبتجارة عذبتونا

78. Com o terrorismo acusaram-nos, em Temara torturaram-nos

جميع أنواع التعذيب في المعتقل الرهيب

79. O centro de detenção é um terror, praticam todo o tipo de torturas

أنتوما ديما كنتنغو احنا برهان احنا دليل

80. Vocês exilam-nos, mas nós somos a prova e o caminho
var. Vocês (re)negam-nos sempre, mas nós somos a prova e o caminho

أنا في حقي ما نسمح جرائمكم غادي نفضح

81. Eu tenho o direito de não permitir os vossos crimes e por isso denuncio-os

escrito em faixa

مصارييف موازين: 36 مليون و 380 ألف درهم، ما تبقى حتى براكاة في المغرب

82. Custos do [festival] *Mawāzīn*²¹: 36.380.000 dirhams, suficiente para ninguém viver em barracas em Marrocos

وزارة التجهيز والنقل: الترقية تساوي عبث وحيث وزبونية

83. Ministério do equipamento e transportes: a promoção implica bajulação, vexame e clientelismo

Al-Husayma (FR: Al Hoceïma)

الشعب يطالب بدستور شعبي وديمقراطي

84. O povo exige uma Constituição popular e democrática

دسترة الأمازيغية كلغة رسمية ووطنية

85. Constitucionalização do amazigue como língua nacional e oficial

لا لحكومة العائلات، نريد حكومة المؤسسات

86. Não ao governo das famílias, queremos um governo de instituições

الشعب يريد إسقاط النظام

22. O povo quer a queda do regime²²

Aljadida

إسقاط ألف فاسد خير من قتل 30 مليون مواطن

87. A queda de milhares de corrutos é melhor que matar 30 milhões de cidadãos

1 de maio de 2011

Manifestações em várias cidade, comemorativas do Dia do Trabalhador, oficialmente Dia do Trabalho em Marrocos

Rabat

وحدة وحدة يا عمال، ضد القمع والاستغلال

88. Uni-vos ó trabalhadores, contra a repressão e exploração

سواء اليوم سواء غدا، حقوقنا ولا بد

20 O beija mão é um ritual de deferência ao Rei de Marrocos bastante comum no protocolo real, mas visto por muitos como um sinal de cega obediência por parte dos “súbditos”, um gesto retardado ou uma sobresimbolização da deferência devida. Hoje em dia pode-se considerar que já não é “obrigatório”, mas no entanto muitos ainda o praticam.

21 Ver nota ao slogan n.º 63.

22 O periódico usado como fonte menciona que esta faixa era empunhada por um grupo isolado.

89. Hoje e amanhã, os nossos direitos sempre

علاش جينا واحتجينا؟ المعيشة غالية علينا

90. Porque viemos protestar? A comida está muito cara

كلنا رشيد نيني

91. Todos somos Rachid Niny²³

أطلقوا سراح رشيد نيني

92. Libertem Rachid Niny

الصحافة واجبها أن تتكلم، الحرية لرشيد نيني

93. O dever da imprensa é falar, liberdade para Rachid Niny

الصحافة واجبها أن تتكلم، الحرية للصحافة المستقلة

94. O dever da imprensa é falar, liberdade para a imprensa independente

Casablanca

يا عامل يا عامل ارتاح ارتاح، سنواصل الكفاح

95. Trabalhador descansa (*irtāḥ*), a luta continua (*kifāḥ*)²⁴

هذا عار هذا عار، براكا من الاحتقار

96. É uma vergonha, chega de opressão

هذا تعليم طبقي ولاد الشعب فزناقي

97. Este ensino é elitista, os filhos do povo ficam nas ruas

حقوقتي حقوقي دم في عروقي، لن أنساها ولو أعدموني

98. Os meus direitos são sangue nas minhas veias, não os esquecerei não me decapitarão

اسمع صوت الشعب والمغرب أرض حرة والفساد يطلع برا

99. Escuta a voz do povo, queremos que Marrocos seja uma terra livre [*ou* *nobre*] e a corrupção se vá embora

هذا مغرب الكفاءات، ماشي مغرب الفاميلات

68b. Marrocos é[/deveria ser] um país de competências, não de famílias²⁵

لا حيايد لا حيايد، والفساد يخوي البلاد

100. Não é possível ser neutro, a corrupção esvazia o país

لا حيايد لا حيايد، والحكرة يخوي البلاد

101. Não é possível ser neutro, a opressão esvazia o país

Slogans usados pelo GAI

الشريعة الإسلامية هي سبيل التنمية

102. A via islâmica [*ar. Ash-sharī'a al-islāmiyya*] é a chave para o desenvolvimento

بفضلك مولانا جد علينا وأهلك من طغى وتجب علينا

Nosso Senhor, agracia-nos com a tua generosidade e destrói os opressores e os tiranos²⁶

Tetuão

23 Rachid Niny é um jornalista marroquino que foi preso.

24 Reapropriação irónica — e cujo sentido contextual não é muito perceptível — do tradicional slogan “ó mártir descansa, a luta continua” (يا شهيد يا شهيد ارتاح ارتاح، سنواصل الكفاح)

25 O original em árabe deste slogan diferencia-se do n.º 68 pelo uso da palavra final *fāmilāt* (ár. mar.) em vez de *‘ā’ilāt* (ár.), ambas significando exatamente “famílias”. Apesar das duas palavras poderem ser usadas indistintamente, por vezes em certos contextos é mais provável usar uma e não a outra.

26 Slogan que usa uma construção semelhante a um “*du‘ā*” (apelo, invocação ou pedido a Deus). “Nosso Senhor” ou “Nosso Protetor” pode ser usado para invocar um soberano ou Deus.

Escrito numa faixa:

لا لإعدام الصحافة المستقلة

103. Não ao fim da imprensa independente

Marraquexe

الإرهاب برا برا، والمغرب أرضي حرة

104. Fora com o terrorismo, Marrocos é a minha terra livre [ou nobre²⁷]

يا عباس يا عباس، يا سبب المآسي

105. Ó Abbas, és a causa das desgraças²⁸

8 de maio de 2011

Manifestações em várias cidades

Casablanca

الشعب يريد إسقاط الاستبداد

19. O povo quer a queda do despotismo

الشعب يريد إسقاط لجنة المتونني

106. O povo quer a queda da comissão do Mennouni²⁹

Salé

فضحوا الشفارة، فضحوا القمارة

107. Denunciem os ladrões, denunciem os apostadores

15 maio de 2011

Manifestações em várias cidades

Casablanca

حكومة الفاسي، حكومة المآسي

108. O governo de Alfassi (*al-Fāsī*) é o governo das desgraças (*al-ma'āsī*)

هذا مغرب الجماهير، نطالب بالتغيير

109. Marrocos é das massas (*al-jamāhīr*), exigimos a mudança (*at-taghyīr*)

22 de maio de 2011

Manifestações em várias cidades

Casablanca

سلمية سلمية، لا هراوة لا جنوية

110. Pacífica! Pacífica! (*silmiyya*) Não ao bastão e aos esfaqueamentos (*janwīa*)

أش نديرو بشاكيرا، بغينا خبزة وگومييزة

73b. Que vamos fazer com a Shakira? Queremos pão e farinha³⁰

5 de junho de 2011

27 Aqui o sentido da palavra *hurra* (masc. de *hurr*) é “livre”, no entanto em árabe, tanto na sua versão padrão como marroquina, a palavra pode significar “nobre” ou “pura”, como nas expressões *عسل حر* (mel puro) ou *أنا فاسي حر* (eu sou fassi puro, i.e. os meus antepassados são da originários a 100% da cidade de Fez).

28 Abbas el Fassi ocupava na altura o cargo de primeiro-ministro de Marrocos.

29 Abdeltif Mennouni foi o presidente da comissão encarregue de redigir a proposta de nova Constituição que seria votada em referendo a 1/7/2011.

30 Igual ao 73, mas com a ordem das frases invertida. Ver nota ao slogan n.º 73.

Manifestações em várias cidades

Tetuão

الشعار اللي تخافوه قريب، قريب غادي تسمعوه

111. O slogan que receiam (*takhafūh*), em breve vão ouvi-lo (*tasm'ūh*)³¹

Casablanca

سلمية سلمية، لا حجرة لا جنوية

110b. Pacífica! Pacífica! (*silmīyya*) Não aos calhaus, não aos esfaqueamentos (*janwīa*)

واك واك على شوهة، سلمية وقمعتوها

112. Ai! Ai! Que escândalo, [a manifestação] era pacífica mas reprimiram-nos

الأستاذ كيتهان والمحامي كيتهان والأمي في البرلمان

113. O professor e o advogado são humilhados e o analfabeto é deputado

باركا من الرشوة، جيب الشعب كاع خوا

114. Chega de subornos, as algibeiras do povo estão vazias

الفيلا والبراقة، البرلمان والهراكة

115. A vivenda está para a barraca (*barraka*), como o parlamento está para a matraca (*harmaka*)

Escritos em faixas:

الديمقراطية الحقيقية: سلطة الشعب

116. A verdadeira democracia: o poder do povo

من أجل إبعاد الجلادين عن مناصب المسؤولية

117. Pelo afastamento dos carrascos dos postos de responsabilidade

من أجل إسقاط رموز الفساد

118. Pela queda dos corrutos

Beni Mellal

الشعب يريد من قتل الشهيد

119. O povo quer o assassino do mártir

عماري ارتاح، سنواصل الكفاح

120. Ammari descansa, a luta continua³²

المخزن ماشي غالط، ما بقى يخوفونا زراوط

121. O makhzan enganou-se, já não nos assustam os cassetetes

المخزن مشيتي غالط ما بقاو كيخلعونا زراوط
+ المخزن مشيتي غالط / ما بقاو اخلعونا زراوط

121b. O makhzan enganou-se, já não nos dispersam com cassetetes

يا نظام يا ملعون، الشهيد في العيون

122. Ó regime maldito, o mártir está nos nossos corações³³

دم الشهيد، ما يمشي هباء

123. O sangue do mártir não é derramado em vão

19 de junho de 2011

31 O slogan em questão é o célebre “o povo quer a queda do regime”.

32 Kammal Ammari, militante do GAI e que morreu em consequência da repressão policial desencadeada a 29 de maio de 2011 contra uma manifestação em Safim.

33 *lit.* ó regime, ó maldito (*mal'ūn*), o mártir está nos olhos (*al-'uyūn*)

Manifestações em várias cidades

Casablanca

Escritos em faixas

الشعب يريد إسقاط المخزن

124. O povo quer a queda do makhzan

لا لدستور العبيد

125. Não à Constituição dos escravos

19 de janeiro de 2012

Manifestações em várias cidades comemorativas do 1º aniversário do M20F

(يا) جماهير ثوري ثوري / على النظام الدكتاتوري

126. Revolta-te ó multidão / contra o sistema ditatorial

الشفارة هو المستشار

127. O ladrão é o deputado

السكنى في المراحيض

128. As habitações são latrinas

Lista 2

الشعب يريد إسقاط الفساد

(50.) O povo quer a queda da corrupção

الشعب يريد إسقاط الاستبداد

(19.) O povo quer a queda do despotismo

الشعب يريد دستور جديد

(39.) O povo quer uma nova constituição

لا لا للدساتير في غياب الجماهير

129. Não às Constituições onde o povo é suprimido (*lit.* Não às Constituições na ausência das multidões/massas)³⁴

المنوني كول لسيدك .. الدساتير الممنوحة فالمزابل مليوحة والدساتير المقدسة مليوحة فالبركاسة

130. Ó Mennouni, diz ao teu senhor [=rei] que deitamos no lixo as Constituições permitidas e sagradas³⁵

الشعب لا يريد دستور العبيد

131. O povo não quer uma Constituição de escravos

الشعب يريد تغيير الدستور

(4.) O povo quer a mudança da Constituição

هذا برلمان... حاشا... هذي حكومة... حاشا... هذا دستور... حاشا... هذي صحة... حاشا... هذا تعليم... حاشا...

132. O parlamento... cuidado! O governo... cuidado! A Constituição... cuidado! A saúde... cuidado! A educação... cuidado!

الهمة اطلع برا والمغرب ارض حرة

133. Al-Himma vai-te embora, Marrocos é uma terra livre³⁶

34 Possível referência ao facto do texto constitucional em Marrocos nunca ter sido redigido por uma assembleia constituinte eleita em sufrágio direto, como defendido por alguns ativistas ao longo de várias gerações, mas sim por comissões nomeadas pelo rei. Pode também ser um eco do argumento bastante usado por vários ativistas de que as várias Constituições de Marrocos contêm a palavra "rei" várias dezenas de vezes e nenhuma vez a palavra "povo" (ar. *sha'b*), apesar do slogan utilizar o termo "*jamāhīr*" (*lit.* massas, multidões).

35 Ver nota do slogan 106.

36 Ver nota ao slogan 104.

134. Al-Majidi vai-te embora, Marrocos é uma terra livre³⁷ الماجدي اطلع برا والمغرب ارض حرة
135. Al-Amri vai-te embora, Marrocos é uma terra livre³⁸ العمري اطلع برا والمغرب ارض حرة
136. Makhzan vai-te embora, Marrocos é uma terra livre³⁹ المخزن اطلع برا والمغرب ارض حرة
137. Detenção [política] vai-te embora, Marrocos é uma terra livre⁴⁰ الاعتقال اطلع برا والمغرب ارض حرة
والشفارة ها حنا جابين
138. Ó ladrões, aqui estamos nós كلشي جاي بالرشوة... كلشي غادي بالرشوة... التعليم... بالرشوة... الصحة... بالرشوة... بالرشوة...
139. Tudo vai e vem com subornos, a educação... com subornos, a saúde... com subornos⁴¹ تقاد تقاد ولا خوي البلاد
140. Em posição [de combate]! Ou então abandona o país جماهير ثوري ثوري ع النظام الدكتاتوري
141. Massas, revoltem-se contra o regime ditatorial يا نظام يا حقير عاقت بك الجماهير
142. Ó regime ó vilão, as massas bloquearam-te آ عباس يا حقير عاقت بك الجماهير
143. Ó Abbas, ó vilão, as massas bloquearam-te واك واك على شوهة الفيلا والبراكا والبرلمان والهريماكا
144. Ai! Ai! Que escândalo, as grandes vivendas e as barracas, o parlamento e as bastonadas هذا مغرب الزرواطة ماشي مغرب الكفاءة... بغينا مغرب الكفاءة ماشي مغرب الزرواطة
145. Em Marrocos há muitas bastonadas e poucas competências / Em Marrocos queremos competências e não bastonadas الجماهير تقول... والحل الوحيد... من كل الحلول... إسقاط الحكومة... حل البرلمان... تحرير الإعلام... استقلال القضاء... وتغيير الدستور... والمخزن يطلع برا... والمغرب ارضي حرة... سمع صوت الشعب... بنات الشعب... وولاد الشعب
146. As massas dizem / a única solução / entre todas as soluções / é a queda do governo / a dissolução do parlamento / a emancipação dos média / a independência da justiça / e a mudança da Constituição / e ó makhzan vai-te embora / e Marrocos é a minha terra livre / ouve a voz do povo / das filhas do povo / dos filhos do povo ماشي بعيد ماشي بعيد كازا الرباط سيدي بوزيد
147. Não estamos longe uns dos outros, Casablanca, Rabat e Sidi Buzid يا تونس تائرة يا مصر القاهرة على مين الدائرة
148. Ó Tunísia revolucionária (*thā'irah*), ó Egito vitorioso (*qāhirah*⁴²), quem é o próximo (*dā'irah*)? واحد اثنين الدور على مين
149. Um... dois... quem é o próximo? تحيا الثورة المصرية تحيا الثورة التونسية ويغينها مغربية
150. Viva a revolução egípcia, viva a revolução tunisina, queremos uma [revolução] marroquina اعتقالات بالمجان من طبيعة النظام وهذا لفقو لو تهم محاكمات صورية
151. Detenções gratuitas são a natureza do regime e os julgamentos fictícios o seu camuflado

37 *Idem.*

38 *Idem.*

39 *Idem.*

40 *Idem.*

41 Comparar com 42 e 54.

42 Jogo de palavras, pois *al-Qāhirah* é o nome em árabe da cidade do Cairo.

الله عليك يا مغرب والحالة ما هي حالة السكنى فالمراحيض والموتى فالقوارب

152. Deus te valha ó Marrocos, a situação é tão má, as habitações são latrinas e morremos nos barcos [a tentar atravessar as águas do mediterrâneo e do atlântico para chegar clandestinamente à Europa]

var. Vejam bem como está a situação, as habitações são latrinas e morremos nos barcos

بالوحدة والتضامن لي بغيناها إ يكون يكون

153. Unidos e solidários, o que queremos será será

لا سلافي لا وهابي المخزن وهو الإرهابي

154. Nem salafista, nem wahhabista, o makhzan é o terrorista

محاكمة شعبية لجلادي القضية

155. Julgamento popular para os carrascos da causa

يا سلام عليها يا سلام ديمقراطية ماروكان الجوع أوكان...

156. Ó que coisa esta, democracia marroquina é passar fome e mais nada

الماجدي سير بحالك المغرب ماشي ديالك

157. Majidi vai passear, Marrocos não é teu

المغرب يا جوهرة خرجوا عليك الشفارة

158. Marrocos meu amor [lit. Marrocos ó pérola], saíram-te só ladrões

هذا مغرب الله كريم لا صحة لا تعليم

(3.) Em Marrocos, Deus nos valha, não há saúde nem educação

var. Em Marrocos podia ser diferente mas não há saúde nem educação

المناضلين فالقبور والخونة في القصور

159. Os militantes estão nos cemitérios e os traidores nos palácios

الجزيرة كتفضح ودوزيم كتشطح

160. Na al-Jazira revelam os escândalos, na *Deuxième* dança-se⁴³

الفايسبوك كيفضح ودوزيم كتشطح

65b. No Facebook revelam os escândalos, na *Deuxième* dança-se⁴⁴

و المخزن مشيتي غالت مابقاوش إخلعوا لزاوط

121b. O makhzan enganou-se, já não nos dispersam com cassetetes

اعتقالات استشهادات توجج النضالات

162. Detenções e mártires só servem para alimentar a luta

معتقل ارتاح ارتاح سنواصل الكفاح

162. Detido descansa, a luta continua

طلبة معطين فلاحين وعمال اتحدوا في النضال ضد القمع والاستغلال

163. Estudantes, desempregados, agricultores e trabalhadores, uni-vos na luta contra a repressão e a exploração

النساء والرجال فالنضال بحال بحال

164. As mulheres e os homens, na luta são iguais

بغينا خبزة وكوميرا اش نديرو بشاكيرة

(73.) Queremos pão e farinha, que vamos fazer com a Shakira?

فلوس الشعب فين مشات؟ فموازين والحفلات...

(63.) Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado em festas e festivais

lit. Para onde foi o dinheiro do povo? Para o [festival] *Mawāzīn*⁴⁵ e para as festas

فلوس الشعب فين مشات؟ فالجتسكي والحفلات...

165. Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado em festas e no jet ski⁴⁶

43 Ver nota ao slogan n.º 48.

44 *Idem*. Slogan igual ao 65 mas com a ordem das frases invertidas.

45 Ver nota ao slogan 63.

166. Para onde foi o dinheiro do povo? Foi esbanjado na polícia e nas suas carrinhas⁴⁷

حكومة الفاسي حكومة المآسي

(108.) O governo de Alfassi (*al-Fāsī*) é o governo das desgraças (*al-ma'āsī*)

القمع لا يرهبنا والموت لا يفنينا الجماهير الشعبية تحيي النضال فينا

167. A repressão não nos aterroriza, a morte não nos extingue, as massas populares dão vivas à nossa luta

Lista 3

عشريني، عشريني، عشريني، الزرواطة كاع ما تزريني

168. Febraísta, Febraísta, Febraísta, os bastões não me assustam

لا تراجع لا استسلام الحركة إلى الأمام

169. Não recuamos, não nos rendemos, avante o movimento

صوت العزة والكرامة من طنجة للمنامة

170. A voz do respeito e da dignidade vai de Tânger a Manama

حركة العشرين صوت الفقير والمسكين

171. O Movimento 20 [de Fevereiro] é a voz dos pobres e desfavorecidos

تا واحد ما شاف فينا والحكومة نازلنا علينا / حتا واحد ما سمع لينا والمخزن كيجمع فينا / رياضال تشفر فينا والمال والضو غالي علينا

172. Ninguém nos deu atenção e o governo cai em cima de nós [= reprimiu as manifestações] / Ninguém nos ouviu e o makhzan reprime-nos / A Redal rouba-nos e a água e eletricidade custa-nos os olhos da cara

سمع صوت الجماهير الشعب راه ختار التغيير / سمع لصوت الجماهير براكا من التزوير

173. Escuta a voz das multidões, o povo escolheu a mudança / Escuta a voz das multidões, basta de falsificação

ستين عام وحنا صابرين / ستين عام وحنا ساكتين / ستين عام د الحكومات / ستين عام د البرلمان / ستين عام د الفساد / براكا عيقتو واش باقي ما شبعو

174. 60 anos e somos pacientes / 60 anos em silêncio / 60 anos de governos / 60 anos de parlamento / 60 anos de corrupção / basta, já tiveram tanto, será que ainda não estão satisfeitos? [*interpelando os membros do governo e deputados, entoado em frente do parlamento*]

الملك فالقصر تايعين الوزراء والعسكر فتازة كينفد فالجزرة

175. O rei no palácio nomeia os ministros e o exército em Taza executa uma chacina⁴⁸

يا شباب سمع لي فاتك بليلة، يا شباب هاد الحكومة غير حيلة

176. Ó juventude, escuta quem te precedeu⁴⁹, ó juventude este governo é só astúcia

يا شعبي يا مقهور غوت ورتاح هاذا جيل الثورة جيل الكفاح

177. Ó povo, ó oprimido, grita e descansa esta é a geração da revolução, esta é a geração da luta

ارحل ارحل يا مخزن // دم الشهداء الأحرار النظام عليها مسؤول // ارحل ارحل يا مخزن // يا شباب الحق باين // لي يقتل شعبو خاين // ارحل ارحل يا مخزن

178. Vai-te embora, vai-te embora ó makhzan // O regime é o responsável pelo sangue dos mártires da liberdade // Vai-te embora, vai-te embora ó makhzan // Ó juventude a verdade está à vista // Quem mata o seu povo é um traidor // Vai-te embora ó makhzan

يا نساء يا شباب النظام هو الكذاب // قتلونا عدمونا والله (بي) ما تخلعوننا

46 Em Marrocos é do conhecimento público que o desporto preferido do rei é o jet ski

47 No original *stāfētāt*, pl. de *stāfēt*. São as carrinhas furgonetas usadas pela polícia e que servem para transporte das forças de ordem e dos detidos. A palavra foi introduzida no árabe marroquino possivelmente devido ao facto de antigamente se usar modelo da Renault com o nome “Estafette”, produzido entre 1959-1990.

48 Referência à intervenção brutal do exército em Taza para controlar a revolta popular.

49 = quem tem mais experiência.

179. Ó mulheres, ó juventude, o regime é mentiroso // Mataram-nos e despojaram-nos, juramos que não nos dispersam

فين غادي بيا المخزن فين غادي بيا 2x // دستور مورا دستور زيدها انتخاب // الهممة مستشار المغرب في خطر

180. Onde me levas ó makhzan, onde me levas? X2 // Constituição atrás de Constituição mais eleições // Al-Himma é o conselheiro que põe Marrocos em perigo⁵⁰

50 Baseado numa conhecida canção de Nas el Ghiwane “Onde me levas meu irmão?”.

APÊNDICE B

Letras e traduções de duas canções de Lhaqed

Tradução: Youness Belghazi / Hugo Maia

Os cães do Estado (por Lhaqed e Khibrator)

كُلاب الدولة

Okacha Family...

عكاشة فاميلي

[Lhaqed:]

Que cartão vou apresentar?
o meu focinho mostra a minha identidade
encontreste o dá cá toma lá [= a corrupção]
este charro destrói a minha saúde
e ajuda a economia de Ketama¹
por acaso apanhaste-me a gamar?
ó sr. guarda, prendeste os fassis² que despojaram o país?
será que o grande chefe te disse:
traz-me um grande maço [de dinheiro]
se não queres uma transferência de posto
e envio-te para Feguig [= despromoção]
com o dinheiro dos pobres
circulam nos carros patrulha
e quando falamos dos nossos direitos
respondem-nos da pior forma possível
mas eu relembro-te
que ganhas um salário para proteger os outros
não para coletares os bens do povo e levá-los
levá-los ao grande chefe
que leva o grande bolo
e nada sobra, divide-o bem dividinho
com os grandes senhores

أش من لاكارط غا نجيد
الهوية باينة من كمارتي
ولفتي شد مد
وهذا جوان هالك ليا صحتي
كنعاونو بيه الإقتصاد الكثاماتي
وياكما لقيتيني تانگريسسي
تا شد فاسا لي قسمو البلاد آ السبي البوليسي
وياكما گاليك الشاف الكبير
سير جيب شي ماصو كبير
ولا غادي ندير ليك التغيير
نسيفطك لفگيگ
بفلوس الناس المزاليط
كتسيركيليو فوق الصطافيط
و ملي كانديوو على حقنا
كتردونا مساخيط
و باش تعرف
كتشد صالير باش تحضي
ما شي تجمع رزق الشعب او تدي
تدي لشاف لي
كيديها مگمحة
قسم ردم
مع الريوس الكبار

1 A região de Ketama é a zona principal de produção de haxixe e kif em Marrocos.

2 Relativo ao clã *al-Fāsiyy*, proveniente da cidade de Fez (*fās*) e que é um dos clãs mais importantes em Marrocos, com grande poder político e económico. O primeiro-ministro de 2007 a 2011, Abbas el Fassi, é um exemplo entre muitos. Esta canção terá sido escrita em 2009.

donos das fortunas a sério
com o que roubaste tens agora com que te mostrar
e a tua cara revela bem a pessoa podre que tu és
juntaste a podridão do mundo [=dinheiro]
e vives entre cadáveres
talvez as minhas palavras te pareçam feias e rudes
mas ó chefe
esta é a realidade amarga e espero um dia
que me trates como um marroquino livre
em vez de me reprimires
em vez de estares sempre a tentares impor-te
em nome da polícia humilhas-me usando os teus galões
— Lhaqed é filho dos pobres e não do alcaide

[diálogo:]

Relaxem e passem lá essa ganza... que foi?
— Os cães vêm aí... Os cães vêm aí...

[khibrator:]

Siga lá dar de frosques
antes que o cassetete te siga
cuidado que ele te apanha
bate-te nas mãos e deixa-te mesmo mal
— que estás aqui a fazer? Vamos ao importante
tens haxixe, dinheiro ou uma pistola?
— Não tenho nada chefe, não me revistes
fica onde estás e não te aproximes de mim
— Miúdo maroto, estás a tentar impor-te e vais ouvi-las
ou uma ou duas, ou durmo em casa ou desfaço-te
sabes com quem estás a falar ó vadio?
uma só palavra no walkie-talkie basta para seres preso e
levares porrada
— Sei bem com quem estou a falar
com um humilhador e um gatuno
em nome do povo que está no meu coração, descarrego a
minha fúria sobre vocês ó descrentes

— Hoje vamos cercar-te
e não te digo
o que te vamos fazer
quando te levamos prá comissaria
— Sei que estás com medo
quando paraste para falar
depois da tua confusão racionaste
e disseste para sair de casa
— Não tenho que te dizer
tens muita auto-confiança
mas estás tramado
a tua cabeça vai explodir
os teus molares vão voar

صحاب اللعاقه الصحيحه
الخطيف بان عليك
و كحالت ليك السيفه
جمعتي خنز الدنيا
وليتي فحال الجيفه
يمكن نجيك فكلامي خايب والا مخزز
ولاكن آ الشاف
هادا هو الواقع المر و كنتمنا شي نهار تعاملني
كمغربي حر
ماشي تقمعني
تخرج فيا عينيك
بسمية البوليس تحتقني تلعب عليا بدوك الكرايد
— الحاقد ولد البوقري ماشي ولد القايد

تاريخ، خلينا نتكيفو... تمالك؟
— الكلاب جاين... الكلاب جاين...

يالا دردك
قبل ما المينوط يطردك
عنداك يشدك
يضربو فيدك غادي يمرضك
آش كادير هنا يالاه نيداو فالمفيد
واش عندك حشيش فلوس ولا فردي
ما عندي والو آ شاف بلاما تفاييني
غير فبلاصتك وقف بلاما تحادينني
كتخرج عينيك آ البرهوش آش باغي لمك
وحدة من جوج يا نبات فدارنا ولا نقسمك
واش عارف راسك معامن كدوي هاداك البعلوك
غير كلمة وحدة فالطولكي ندخلوك و نسلخوك
عارف راسي معامن كندوي
معا حگار سفار
باسم الشعب لي فكلبي نخويه عليكم آ الكفار

اليوما نتجمعو عليك
ماغاديش نكول ليك
آش غا نديرو ليك
لكوميسارية ملي نديوك
عارفك تزيتي
ملي وكفتي و دويتني
من بعد حرتي و نويتني
كلتي نخرج على بيتي
ما عندي ما نتسالك
حافظ سوارك
و لكن دار لك
فرگع ليك راسك
طيح ضراسك

e o teu pai vai ter de emigrar ilegalmente
— Ok, vieram todos em peso
agora afastem-se daqui
aquele que se julgar especial aproxime-se
hoje irei suprimi-lo.

وباك يحرك
وخا تجمعتو كاملين
كلشي يبعد لهيه
لي فيكم مرضي يقرب عندي
اليوما غادي نحيه.

[interlúdio]

A todos aqueles que não gostam da polícia
ah ah, esqueci-me que quero dizer os cães.
Arre...Khibrator
A todos os homens que nunca perdem a sua coragem

فخاطر كُاع الناس لي معندوش مع البوليس
هاها نسيت... الكلاب حُا.
يخ يخ خباطور
راك عارف فخاطر الرجال وديما رجال

[Refrão, Lə-ḥāqəd e Khibrator]

Polícia — não tenho nada para apreenderes
Polícia — humilhas, abusas e roubas
Polícia — levas os nossos bens e dás porrada

اللازمة:
بوليس ما عندي والو ما تسيزي
بوليس تحُغر تتعفر او تُكُريسي
بوليس يدي ليك رزقك او يبليسي

[interlúdio]

Dedicado aos peões da polícia, daqui o comando Lhaqed

ديديكاس لبيادق ديال البوليس، معاكم العسكري لحاقد

O meu país

بُلادي

O meu país tornou-se uma viúva
desprotegida dos abusos, podem fazer-te o que quiserem
viva o povo
e viva o meu país livre
dedico esta canção a todos os marroquinos livres
que estão em desacordo com esta vergonha

بلادي، وليتي بحال شي مرا هجاله
غير لي دار كيدير فيك حالة
ياو عاش الشعب
و عاشت بلادي حرة
فخاطر كُاع لمغاربة لحرار
لي مارضاوش بالعار

Nasci no meu país e encontrei
uma bandeira vermelha com uma estrela verde
inconscientemente empunhei-a mas aqueles que fizeram
esta bandeira

بلادي تزايدت لقيت
راية حمرة و فيها نجمة خضرة
و بلامانحس هزيتها لفوق، و خا لي صاييوها

são os mesmos que te fizeram pobre
ó meu país, violam-te e fazem-te o que querem
aumentam a tua pobreza
deixaste-os levarem tudo e construírem na tua terra
ah pois! Eles são a causa das tuas desgraças
empobreceram o povo e venderam-nos ao ocidente
tudo está bem no meu país, tudo é dele [=do rei]

هو ما لي فقروك
بلادي غير لي جا يغتاصبك، و يدير ما بغا
و يزيد يفقرك
خليتيهوم يديو خليتيهوم بينيو فوق أرضك
ياك هو ما سباب مرضك
فقرو الشعب و باعونا للغرب ياك
بلادي فيك لمزيان، كلشي ديالو

só há aldrabões, trata lá de agarres o melhor tacho
o meu dinheiro está no bolso dele
ó meu país, venderam o mar e as sardinhas aumentaram
de preço
construíram mais palácios em tudo o que é cidade
tudo roubaram ao desgraçado
os filhos dos povo ficaram sem roupas enquanto eles lá
no topo continuam a saquear tudo
o nosso irmão [=o rei] condecora-os e põe-os do seu lado

Ó meu país, reguei-te com lágrimas
a minha força interior foi atacada pela fome
não recuo nem desisto
deem-nos os nossos direitos
isto não é o tempo de nos ajoelharmos
no meu país tudo aumenta de preço, a habitação
e o custo de vida
deixam-nos só o sofrimento
o pobre fuma o seu haxixe
ó meu país, não fales de política
senão partem-te os dentes
eles falam no amor à pátria
eles mentem-nos
não sabem fazer melhor do que ser um demónio amigo
dos americanos
ó meu país, chorei e o meu coração ficou destroçado
ao ver aquela mulher no passeio à espera de clientes ou a
servi-los nos bares
ou aquelas que venderam o seu marido para ir trabalhar
no estrangeiro
o meu país ficou afundou-se no crédito e o povo pobre é
que tem de pagar
os partidos representam uma peça de teatro e o nosso
irmão [= o rei] é o autor do texto
meu país, prometo que não permitirei que continuem a
fazer-te mal e que vou regar-te com a
minha força interior

و ماكين غير النصيب، و شاد أحسن منصيب
حيث فجيبو مالي
بلادي، باعو البحر غلاو علينا سردين

زادو بناو فكل مدينة قصر
جراو على المسكين
ولاد الشعب تقربو.. و هوما لفوق مزال كينهبو
خونا علق ليهوم لوسام و دارهوم فجنبو

بلادي سقيتك بالدموع
و حري قاتلو الجوع
لا تراجع لا رجوع
عطونا حقنا
مشا زمان الركوع
بلادي غلاو السكنى
غلاو العيشة
خلاونا فالمحنة
كمي درويش حشيشها
بلادي متهدريش فالسياسة
أيريبو ليك سنان
كألو حب الوطن
كذبو علينا
لمخير فيهوم شيطان لحاس ديال لميريكان

بلادي، بكيت و فقلبي تكويت
على لي واقفة فطوطوار، و لي كا تسربي فلبار
و على لي باعو سيدهم لسواعدة بدولار

بلادي غرقو فلكريدي، و الشعب مسكين يخلص
الأحزاب كيتمثل علينا مسرحية، و خونا كاتب النص
بلادي والله مانسمح فيك، بالدم الحار غدي نسقيك

APÊNDICE C

Primeiro comunicado do MLEDM (27/1/2011)

Tradução em francês¹

Déclaration du mouvement Liberté et Démocratie Maintenant, au Maroc²

Dans le cadre des développements accélérés à l'échelle mondiale, ayant tendance à restaurer la dignité des peuples, et rendre prioritaires la démocratie, la liberté, et la volonté populaire, nous annonçons notre initiative d'organiser des manifestations pour exiger que l'institution royale apporte les modifications nécessaires dans le système politique, de manière à permettre aux Marocains de s'autogouverner, de réaliser une rupture avec le passé de manière tangible et irrévocable, de bénéficier des ressources du pays, et de parvenir à un vrai développement. Nous avons décidé d'organiser des manifestations le 20 Février 2011 dans toutes les villes marocaines, devant les municipalités, et les institutions représentant les autorités. Le système royal, à travers son nouveau roi, au début de son règne, avait exprimé son intention de moderniser la société marocaine, et avait lancé des initiatives dans ce sens, en examinant la période connue sous le nom des années de plomb, en élargissant remarquablement la marge des libertés, et en adoptant un nouveau langage pour répondre aux demandes des Marocains. Mais il y

1 Fonte: Página Facebook do MLEDM, secção "ficheiros", publicado por Rachid Spirit-Zata em <https://www.facebook.com/groups/MLEDM/doc/183295448376262/>, acedido em 10/2/2011.

2 O título da versão francesa não corresponde ao árabe, cuja tradução, feita por mim, seria: "O Movimento Liberdade e Democracia Já tem como objetivo a organização de manifestações pacíficas em cidades marroquinas no dia 20 de fevereiro de 2012 — Comunicado fundador do Movimento".

a eu un point de discontinuité dans ces initiatives, pour ne pas dire un point de régression totale et une abstinence complète de traiter les vrais problèmes de l'autorité au Maroc. Les voix libres au Maroc ont appelé à une séparation claire entre les pouvoirs, la nécessité de lier l'autorité à la responsabilité politique et juridique, et d'abolir le système des loyers qui accumule les richesses dans les mains d'une minorité, sans un réel bénéfice en retour à l'économie, ce qui a uniquement contribué à la paupérisation du peuple marocain, d'où le sentiment général de frustration et de désespoir, et la tendance à l'extrémisme religieux. Pour toutes ces raisons, et d'autres, nous annonçons la naissance du mouvement «Liberté et Démocratie Maintenant", sur la base des revendications suivantes:

- Annuler la Constitution actuelle, et nommer une commission fondatrice parmi des compatriotes intègres et qualifiés, qui établirait une nouvelle Constitution remettant la royauté à sa place naturelle.

- Dissoudre le Parlement, le gouvernement et les partis politiques qui n'ont contribué qu'à la corruption politique.

- Prendre des mesures concrètes et tangibles pour soulager les souffrances du peuple marocain, et créer un fonds d'urgence pour compenser le chômage.

- Libérer tous les détenus politiques.

- Nommer un gouvernement intérimaire qui ferait les tâches de gestion temporairement, en attendant la mise en place de la Constitution et le consensus des factions non corrompue et des institutions sur les mesures à prendre, dans le cadre du nouveau contrat social entre la royauté et la société.

Une autre déclaration sera publiée pour donner des précisions et détailler les actions concrètes.

حركة حرية و ديمقراطية الآن، تنوي تنظيم مظاهرات سلمية في مدن المغرب يوم 20/02/2011
البيان التأسيسي للحركة

في إطار التحولات المتسارعة العالمية التي تتجه الى إعطاء الشعوب المكانة التي تستحقها، و تكريس أولوية الديمقراطية والحرية و الإرادة الشعبية و ، نعلن عن مبادرتنا في تنظيم تظاهرة عارمة من أجل مطالبة المؤسسة الملكية بإحداث التغييرات الضرورية في النظام السياسي بما يمكن فئات الشعب المغربي من حكم نفسها، و إحداث قطيعة حقيقية و نهائية مع ممارسات الماضي. و الاستفادة من خيارات البلد و تحقيق التنمية الحقيقية. نحدد كتاريخ لتنظيم هذه المظاهرة يوم 20/02/2011 في كل المدن المغربية أمام العمال أو الولايات و تمثيلات السلطة المركزية.

إن النظام الملكي بملكه الجديد قد إعرّب في بداية حكمه عن نيته في تحديث المجتمع المغربي و قام بمبادرات في هذا الاتجاه من قبيل التحقيق في ما يسمى بسنوات الرصاص و توسيع هامش ملحوظ في الحريات، و تبني لغة جديدة في التعامل مع متطلبات الشعب المغربي، لكن هاته المبادرات بقيت دون استمرارية، إن لم نقل حدثت ردة حقيقية و هروب الى الأمام من طرح الإشكالات الحقيقية للسلطة في المغرب.

لقد نادى الفعاليات الحرة في المغرب بضرورة تمييز واضح للسلط، و ضرورة ربط ممارسة السلطة بالمسؤولية السياسية و القانونية، و القضاء على نظام الربيع الذي يراكم الثروة لدى فئات دون أن تقدم مقابلا حقيقيا في الإقتصاد مما ساهم دوما في مزيد من إفقار الشعب المغربي و دفعه الى اليأس و ظهور نزعات التطرف الديني.

لكل هذه الأسباب و غيرها نعلن ميلاد حركة "حرية و ديمقراطية الآن" على أرضية المطالب التالية :

— إلغاء الدستور الحالي و تعيين لجنة تأسيسية من كفاءات هذا البلد النزيهة لوضع دستو جديد يعطي للملكية حجمها

الطبيعي

— حل البرلمان والحكومة و الأحزاب التي ساهمت في ترسيخ الفساد السياسي

— القيام بإجراءات فورية حقيقية و ملموسة للختيف عن معاناة الشعب المغربي و إحداث صندوق عاجل للتعويض عن

البطالة

3 Fonte: Página Facebook do MLEDM, secção "ficheiros", publicado por Hicham Ahella em <https://www.facebook.com/groups/MLEDM/doc/182441525128321/>, acedido em 7/2/2011.

— إطلاق سراح كافة المعتقلين السياسيين

— تعيين حكومة مؤقتة تقوم بالتدبير المؤقت في انتظار وضع الدستور و توافق الهيئات و الفعاليات النزيهة من كافة فئات

الشعب على ما يجب القيام في إطار العقد المجتمعي الجديد بين الملكية و المجتمع

و سيصدر بيان لاحق من أجل مزيد من التوضيح و تفعيل الإجراءات العملية

27/01/2011